

ELIZABETH BEZERRA

CACADA *Gris*

LIVRO III
NOS BRAÇOS DA MÁFIA





CAÇADA
GRIS

CAÇADA GRIS

Nos Braços da Máfia
Livro 3

Elizabeth Bezerra

Copyright ©2020 Elizabeth Bezerra

Título: *Caçada Gris*

Revisão Inicial: Márcia Leão

Revisão Final: Vânia Nunes

Capa: Denis Lenzi

Esta é uma obra de ficção. Seu intuito é entreter as pessoas. Nomes, personagens, lugares e acontecimentos descritos são produtos da imaginação da autora. Qualquer semelhança com nomes, datas e acontecimentos reais é mera coincidência.

Esta obra segue as regras da Nova Ortografia da Língua Portuguesa.

Todos os direitos reservados.

São proibidos o armazenamento e/ou a reprodução de qualquer parte dessa obra, através de quaisquer meios — tangível ou intangível — sem o consentimento escrito da autora.

A violação dos direitos autorais é crime estabelecido na lei n°. 9.610/98 e punido pelo artigo 184 do Código Penal.

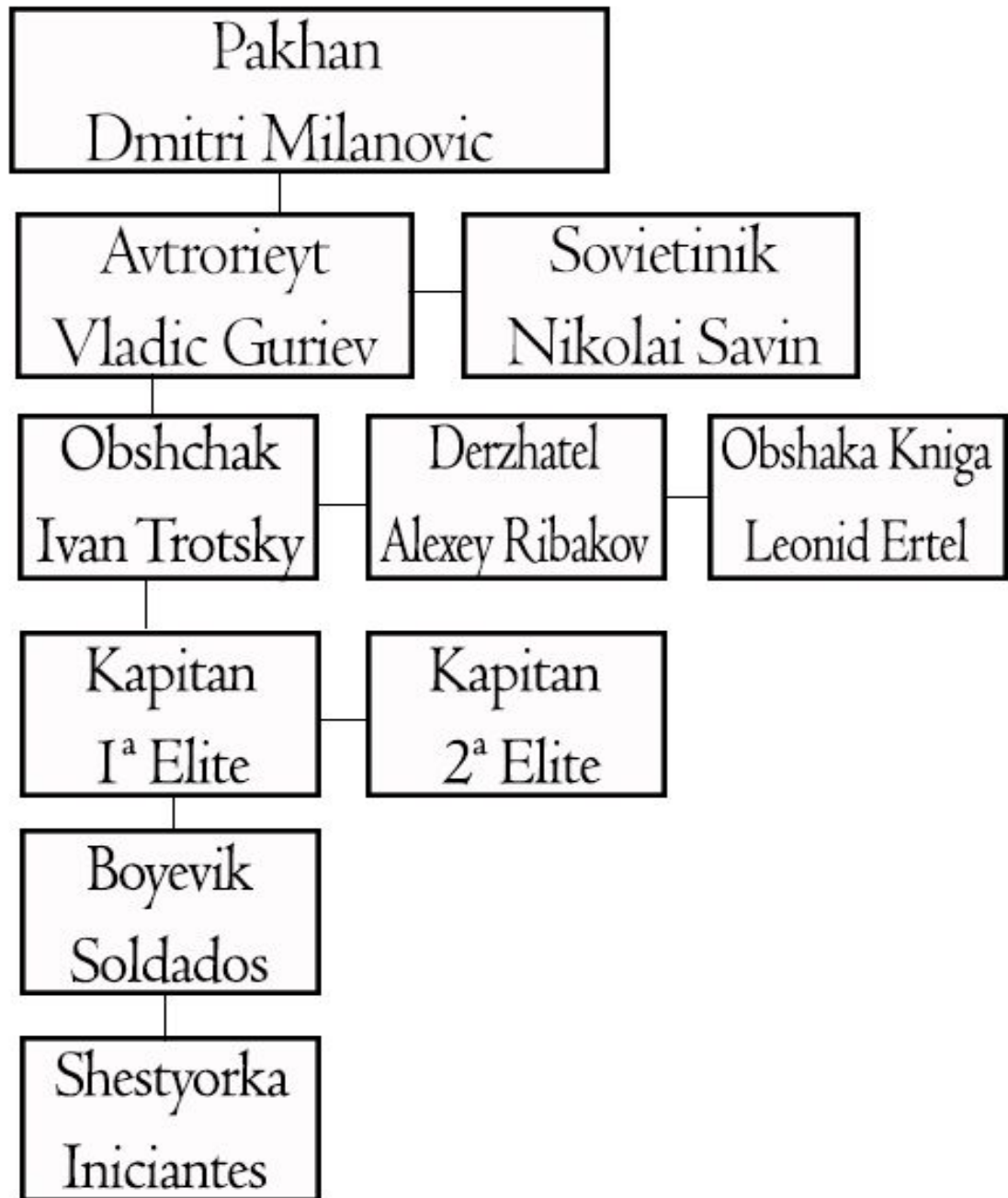
Disclaimer

Está é uma obra de ficção apenas com o intuito de entreter o leitor. Falas, ações e pensamentos de alguns personagens não condizem com os da autora. O livro contém **descrições eróticas explícitas, cenas gráficas de violência física, verbal e linguajar indevido**. Indicado para **maiores de 18 anos**.

Como a história se passa na Rússia, o significado das palavras estrangeiras encontra-se num glossário oferecido no início do livro.

Sobre *trademark* TM, a autora reconhece aos legítimos donos das empresas e marcas citadas nesta ficção o devido crédito, agradecendo o privilégio de citá-las pelo grau elevado de importância e credibilidade no mercado.

Personagens e sua ordem de importância



As famílias importantes no livro:

Milanovic

Mikhail Milanovic - Otets

Nathasha Milanovic - Mat'

Dmitri Milanovic - Sinochek

Guriev

Vera Guriev - Mat'

Vladic Guriev - Sinochek

Kamanev

Fjodor Kamanev - Otets

Olenka Kamanev - Mat'

Boris Kamanev - Sinochek

Sonya Kamanev - Doch

Smirnov

Aslan Smirnov - Otets

Lara Smirnov - Mat'

Kyara Smirnov - Doch

A Irmandade acima de tudo



Glossário

Otets: Pai.

Mat': Mãe.

Brat: irmão

Sestrá: irmã

Beret: Boina.

Blagadaryú: Agradeço.

Daragáya: Querida.

Mílaya: Querida (sentido romântico).

Míley: Querido.

Bratstvo prezhde vsego: *A Irmandade acima de tudo*
(Juramento e lema da irmandade)

Kheruvim: querubim

Suka: Cadela (**suki:** cadelas)

Zavtrak: Café da manhã.

Ne: Não

Da: Sim

Sinochek: Filho.

Doch: Filha.

Bolotnik: Uma besta imunda que vive no pântano, disfarçada de monte, devorando suas vítimas.

Svolach: Idiota.

Vot eto pizdets: *Que droga!*

Pizdets: *Droga!*

Idi na hui: *Vá se foder!*

Mudak: Homem que se comporta de forma imprudente

Gandon: A palavra é usada em referência a uma pessoa desagradável; bastante vulgar, pode ser usada como nome de rua para preservativos.

Zhizn 'ebet meya: *A vida está fodendo comigo.*

Ye-bat: *Porra!*

Suchka: Cadela, ou uma forma carinhosa das mulheres se xingarem tipo: 'Sua cretina'. A palavra é mais usada entre as mulheres.

Gavno: *Merda!*

Pakhan: Chefe/Papa

Avtoriyet: Segundo em comando.

Sovietinik: Conselheiro

Derzhatel: Apoio

Obshchak: Grupo de segurança.

Obschaka kniga: secretário/livreiro.

Boyevik: Guerreiros/soldados

Shestyorka: iniciantes/associados

Pidoras: gay

Kisca: gatinha

Sirniki: sobremesa, a massa pode ser frita ou assada, recheada com queijo cottage.

Chak-chak: É feito com massa de farinha de trigo e ovos crus em forma de palitos e bolas. Os chak-chaks

prontos são colocados em um prato e regados com um xarope quente feito à base de mel.

Blini: um tipo de massa de panqueca.

Ti krassívaia: *Você é linda.*

Ya skuchal po tebe: *senti sua falta*

Ya lyublyu tebia: *eu te amo*

Króchka: Migalha de pão, palavra carinhosa que se usa para mulher no sentido de pequena.

ÍNDICE

Disclaimer

PRÓLOGO

CAPÍTULO 2

CAPÍTULO 3

CAPÍTULO 4

CAPÍTULO 5

CAPÍTULO 6

CAPÍTULO 7

CAPÍTULO 8

CAPÍTULO 9

CAPÍTULO 10

CAPÍTULO 11

CAPÍTULO 12

CAPÍTULO 13

CAPÍTULO 14

CAPÍTULO 15

CAPÍTULO 16

CAPÍTULO 17

CAPÍTULO 18

CAPÍTULO 19

CAPÍTULO 20

CAPÍTULO 21

CAPÍTULO 22

CAPÍTULO 23

CAPÍTULO 24

CAPÍTULO 25

CAPITULO 26

CAPITULO 27

CAPÍTULO 28

CAPÍTULO 29

CAPÍTULO 30

CAPÍTULO 31

CAPÍTULO 32

CAPÍTULO 33

CAPÍTULO 34

CAPÍTULO 35

CAPÍTULO 36

CAPÍTULO 37

CAPÍTULO 38

CAPÍTULO 39

CAPÍTULO 40

CAPÍTULO 41

CAPÍTULO 42

CAPÍTULO 43

CAPÍTULO 44

CAPÍTULO 45

CAPÍTULO 46

CAPÍTULO 47

CAPÍTULO 48

Epílogo

IVAN TROTSKY

Agradecimientos

PRÓLOGO

Moscou, Rússia - Anos antes

MIKHAIL MILANOVIC

A manhã estava bonita. O sol brilhava no céu. Pássaros voavam e cantavam ao redor das árvores cobertas por vários tons de verde. Flores da estação coloriam cada canto que meus olhos conseguiam alcançar. Era o início da primavera.

Para a maioria das pessoas, este seria apenas mais um dia belo e comum. Para o garotinho entre mim e Nikolai, segurando firme as nossas mãos, enquanto seguíamos o caixão em direção ao grande buraco aberto no chão, esta seria uma data que o marcaria para sempre.

Nenhuma criança deveria passar pelo trauma de enterrar um dos seus pais, ainda mais sendo tão pequeno como Vladic, mas ele era um garoto forte e muito corajoso. Vera, de onde estivesse, sentiria muito orgulho do filho, do *nosso* filho.

Meu filho.

Ainda via isso com choque. Desde que terminei o meu caso com Vera, ao ter me apaixonado pela mulher que agora era a minha esposa, não tive contato com minha ex-amante. Vera havia partido da Rússia alguns dias depois do meu casamento.

Pensei que ela tinha retornado à sua terra natal e reconstruído sua vida, se casado com outro homem. Até ter notícias dela e Vladic há algumas semanas e que ambos viviam em condições miseráveis nos Estados Unidos. Primeiro, enviei Nikolai, a quem eu tinha total confiança para que investigasse e verificasse, através de exames, a paternidade, e quando confirmada, ordenei que ele trouxesse os dois à Rússia. Infelizmente, a saúde de Vera apenas piorou e ela veio a falecer alguns dias depois. E em seu último sopro de vida, me pediu duas coisas. A primeira, que eu nunca abandonasse o menino, e a segunda, que ela fosse enterrada em Moscou para que Vladic sempre pudesse visitá-la em seu túmulo. O segundo pedido foi fácil de realizar. Já o primeiro, vinha tirando o meu sono.

A minha esposa, a única mulher que amei em toda a minha conturbada vida, por quem me apaixonava a cada dia mais e com loucura, enfrentava uma gestação muito difícil, após várias outras tentativas que terminaram em aborto.

Eu não sabia como ela reagiria à existência de um filho meu fora do casamento. Nathasha era doce e compreensiva com a vida que eu era obrigado a levar como *pakhan* e a

arrastava comigo, mas quando se tratava de Mikhail Milanovic, o homem, seu marido, a mulher era ciumenta e possessiva como o diabo. Citar uma amante do passado e um fruto disso, quando nós nem sabíamos se o nosso bebê conseguiria sobreviver até o parto, possivelmente poderia ser algo que ela não conseguiria lidar. Eu não podia contar a ela sobre Vladic, não por enquanto.

E eu meditava sobre toda essa complicação que tinha se tornado a minha vida quando senti os dedos frágeis apertarem os meus.

— Senhor? — Os lábios de Vladic tremeram ao me chamar — Vai doer?

Encarei os pequenos e lacrimejantes olhos fixos em mim. Vladic se referia ao momento que o caixão finalmente fosse coberto pela terra e a mãe dele nos deixasse para sempre.

— Não, Vladic — guiei-o até o monte de terra que logo cobriria o caixão — Não vai doer.

Com a criança ao meu lado, ajoelhei, pegando um punhado de terra. Depois, abri seus pequenos dedos e deposei uma parte em sua mão.

— A terra é como se fosse um cobertor quentinho — fechei seus dedos em volta dela — Você se lembra quando a sua mãe o colocava para dormir?

Ele assentiu, abrindo um breve sorriso. Perder a mãe estava sendo duro para ele, mas sempre existiriam os

momentos felizes como lembrança.

— Quando jogarmos a terra, será exatamente isso que estaremos fazendo — o conduzi até o caixão onde o coveiro aguardava o sinal para começar — Vamos dar a Vera um cobertor bem quentinho. Ela nunca mais vai sentir dor ou frio. Vamos fazer isso juntos?

— Sim, senhor.

Esticamos as mãos e juntos, jogamos os primeiros punhados de terra sobre o caixão. Depois, assistimos em silêncio o restante do trabalho a ser feito. Quando concluído, Nikolai entregou uma rosa para cada um de nós, que colocamos em frente ao túmulo.

— Vamos, querido? — A enfermeira que tinha sido contratada para cuidar de Vera, surgiu alguns minutos depois e pegou a mão do menino, guiando-o em direção à saída e até o nosso carro.

Para a minha mulher, disse parte da verdade. Vladic era filho de um velho amigo, que no leito de morte pediu que eu zelasse pela criança. Nathasha ficou tocada demais com a história da criança órfã, e tinha partido dela a sugestão de levá-lo para nossa casa, onde ele poderia ser criado em um lar seguro e feliz.

— Não precisa ter medo, Vladic — voltei a ficar na altura de seus olhos ao notar o rosto assustado encarando a grande mansão — Seu lugar agora é na Bratva. Esse será o seu lar. E eu tenho planos grandiosos para você.

— Bem-vindo ao lar, Vladic — disse Nikolai, recitando nosso juramento em seguida — *Bratstvo prezhdde vsego!*

A Irmandade acima de tudo.

Neste momento, ele era pequeno demais para entender a importância disso e que a Bratva seria tudo em sua vida.

— Você vai guiá-lo, Nikolai?

— Como se fosse o meu próprio filho.

Não esperava menos do meu grande amigo e *Avtoriyet*.

Assenti e seguimos para dentro da casa. Atravessamos a sala ampla e quando chegamos às escadas, parei em frente ao menino.

— Vladic. Há alguém que desejo que conheça e que está muito ansiosa para vê-lo. Tudo bem?

Havia receio em seu olhar, mas bravura também. Com toda certeza, ele era o meu filho, pensei com orgulho.

Abri a porta e segui na frente. Fui recepcionado pelo sorriso mais caloroso e olhar gentil do mundo.

— Como está, meu amor?

Beijei sua testa, depois, sua boca, que senti grande falta.

— Sem você? — A ponta do meu lábio tocou a do nariz dela e seu sorriso fez seu rosto formar uma careta graciosa — Ficar neste quarto é sempre tedioso, Mika.

Já nas últimas semanas de gravidez, permanecer na cama, como tinha sido orientado pelo médico, era um grande sacrifício para Nathasha. Eu tentava passar a maior parte do

tempo com ela, mas sempre havia momentos que eu precisava me ausentar, como nesta manhã.

— Ele já está aqui? — Ela indagou em um tom ansioso — Quero vê-lo, Mika.

Então, tentou olhar através do meu corpo a miniatura humana escondida atrás de mim.

Desde que acordamos que Vladic viria para nossa casa e seria criado por nós, ela tinha ficado muito animada e ainda mais curiosa sobre ele. Talvez, assim como eu, temesse secretamente não conseguir trazer nosso bebê ao mundo e via no menino sua última chance de ser mãe.

— Vladic — afastei-me um pouco — Esta é a minha esposa. A pessoa que todos os dias ilumina e enche de calor a minha vida.

Aguardei e assisti em silêncio, enquanto os dois inicialmente se olhavam de longe.

— Ah, Mika — os lábios de Nathasha tremeram e a ponta do nariz começou a ficar vermelha, indicando que começaria a chorar — Ele é tão pequenino.

Ela passou a mão no ventre abaulado. A gravidez de risco sempre a fazia se perguntar o que de pior poderia acontecer durante o parto. Com certeza, pensava neste momento que nosso bebê poderia ter o mesmo destino de Vladic, perder a mãe.

Minha esposa não sabia disso, mas eu tinha dado ordens bem claras e rígidas ao seu médico que, em caso de

escolha, ele deveria priorizar pela vida dela, sempre. Eu não conseguia imaginar o meu mundo sem Nathasha. Eu queria muito o nosso bebê, mas ela era o meu tudo. Uma vida sem ela seria como a morte para mim.

— Vem aqui, meu amor — a ouvi dizer a Vladic, esticando a mão para ele — Não tenha medo.

Ele encarou Nikolai, que assentiu com a cabeça, depois, olhou para mim. Confirmei que ele poderia se aproximar dela.

— Você também está doente? — questionou ele ao encarar a barriga abaulada.

Nathasha sorriu, afastou um pouco a coberta e pegando a mão dele, levou ao seu ventre redondo.

— Não. Aqui dentro tem um bebezinho. Opa — o sorriso alargou ainda mais — Sentiu isso?

— Você *tá* com fome? — Vladic indagou meio perdido — A minha barriga ficava assim quando dormia com fome.

Um nó se formou em minha garganta. Não conseguia entender que o orgulho de Vera a impedira de me procurar em busca de ajuda e isso os tivesse colocado em uma situação tão precária.

— É o bebê. Está se mexendo — explicou ela com carinho — Isso quer dizer que gostou de você. Ele quer ser seu amigo. Gostaria de ser amigo dele, Vladic? Não, melhor ainda. Gostaria de ser como o seu irmãozinho mais velho?

Desviei rapidamente a minha atenção da interação entre os dois e encarei Nikolai. Ele fez um sinal para que eu o acompanhasse para fora do quarto.

— Vai me ajudar a cuidar dele, não vai, Vladic? — ouvi a pergunta de Nathasha, enquanto eu saía.

— Eu vou, sim.

A voz infantil foi a última coisa que escutei antes de fechar a porta, deixando-os sozinhos.

— Ela já se apaixonou por ele — destacou Nikolai.

Como *Pakhan*, eu tinha que ser frio, rígido e implacável. Nathasha era exatamente o oposto de mim. Sua alegria e forma suave de ver e encarar o mundo tinha feito com que me apaixonasse perdidamente. Ela trazia suavidade à minha vida.

— Antes mesmo de conhecê-lo, Nikolai.

— E quando vai contar a verdade a ela? Aos dois?

Se tinha um defeito em Nathasha era o ciúme. Essa era a única coisa que abalava nosso casamento, principalmente pela minha fama de ter me relacionado com muitas mulheres, às vezes com várias delas ao mesmo tempo.

Uma coisa era saber que eu acolhia em nosso lar um órfão necessitando de abrigo, outra, era esse menino ser meu filho com outra mulher.

— Quando estiverem prontos. Se algum dia estiverem prontos.

Isso não agradava a Nikolai. Também não soava certo para mim, mas enquanto a saúde de minha esposa estivesse em risco, não deixaria que nada viesse a afetá-la.

— Nem sempre fazer o que parece certo é o caminho, meu amigo — não era a primeira vez que me via diante de decisões que não me agradavam — Se a criança vier a nascer e for um menino, como minha esposa acredita, ele se tornará o novo *Pakhan* e Vladic estará ao lado dele. É só o que posso afirmar agora, Nikolai.

Como irmãos ou como amigos?

Só o tempo poderia dizer.

De uma coisa eu tinha total certeza.

Eu cuidaria para que os dois sempre estivessem juntos.

CAPÍTULO 1

IRINA NOVITSKY

Sinto muito, Irina...

Foram as últimas palavras de Kyara antes que eu saísse correndo de sua casa.

Elas não saíam da minha cabeça. E eu não pensei em mais nada a não ser em Vladic, em vê-lo, que nem ao menos verifiquei com o casal para qual hospital ele tinha sido enviado, me dando conta do equívoco somente quando o meu motorista indagou para onde deveria me levar.

— Só um minuto.

Atordoadada, saquei o meu telefone e com os dedos trêmulos, liguei para a primeira pessoa que me veio à cabeça, a mesma que havia me dado há algumas horas a terrível notícia de que Vladic tinha sido gravemente ferido.

— Tigran? Onde ele está?

Ele era esperto o suficiente para saber de quem eu estava falando. Só havia uma pessoa no mundo que

conseguia me desestabilizar desta maneira, Vladic Guriev.

Enquanto meu companheiro de laboratório passava a localização do hospital, eu tentava fazer com que meu coração se aquietasse no peito. Cada minuto que passei na casa do *Pakhan*, aguardando notícias de Vladic, deixei que a minha mente, sempre prática, fantasiasse as coisas terríveis que poderiam acontecer a ele. E quando Kyara surgiu chorando, lamentando o ocorrido, tornei-me ainda mais irracional.

Eu tinha uma relação de amor e ódio com o *Avtoriyet*. Mais de guerra do que de paz. Ele era convencido demais, prepotente, exageradamente sarcástico, frustrantemente machista e o desgraçado nunca perdia a oportunidade de me provocar, levando-me à mais extrema irritação. Que, bem, eu tinha o imenso prazer em revidar sempre que possível. Juntos, geralmente causávamos muito aborrecimento a Dmitri.

Só que eu era obrigada a confessar, Vladic também despertava em mim algo que nenhum outro homem, em toda a Rússia, conseguia: um desejo irrefreável por ele. O problema era que era muito difícil ignorar os músculos, sua presença marcante e o olhar selvagem que sempre parecia estar me despindo e as promessas silenciosas que faziam todo o meu corpo ferver.

Sim, eu o detestava a maior parte do tempo, mas mesmo nos momentos em que ele me levava à fúria louca,

nunca cheguei a desejar que Vladic tivesse esse fim. Morrer por culpa de alguém tão desprezível como Boris Kamanev.

Claro que o trabalho dele dentro da Bratva vinha acompanhado de muitos perigos. Ele era o homem de confiança do *Pakhan*. Colocar a vida em risco por ele era o esperado, mas Vladic era um guerreiro, o melhor em toda a nossa organização, eu arriscava dizer, até melhor que Dmitri, então, não conseguia aceitar que o fim de Guriev fosse assim, abatido por uma bala maldita que não foi direcionada a ele. Morrer pelas mãos do desgraçado do Boris por um segundo de estupidez.

— Chegamos, Srt^a Novistky.

Desci do carro de forma automática. Minhas pernas tremiam da mesma forma de quando Kyara falou comigo. Mas eu me forcei a caminhar, embora mal percebesse as pessoas e o resto à minha volta, que eu não enxergava mais do que um borrão, passando por mim.

Você não pode morrer, Guriev!

Eu repetia isso mentalmente a cada passo que eu dava em direção à UTI.

— Senhorita? Posso ajudá-la?

Uma mulher com uniforme de enfermeira interpelou meu caminho assim que atravessei a porta dupla.

— Guriev — disse a ela com pressa — Preciso ter notícias sobre o Sr. Vladic Guriev. Ele foi encaminhado até aqui com um ferimento à bala.

Ela assentiu e indicou com a mão o local que eu deveria seguir. Avistei em frente a uma porta o Dr. Kushin conversando com outro médico. A enfermeira seguiu na minha frente e o médico da família Milanovic veio até mim assim que me notou estacada no corredor.

— Ele está vivo, não está?

Eu me recusava a ter uma resposta diferente do que positiva.

Contudo, para o meu redobrado desespero, o Dr. Kushin em vez de me responder como eu esperava, segurou o meu braço e me guiou até algumas cadeiras, onde se sentou, obrigando-me ao mesmo.

— Noto que se preocupa muito com ele, não é mesmo?

De uma forma que Guriev nunca deveria saber.

Não conheci a minha *mat'*, ela morreu ao me dar à luz. Meu pai, embora tenha passado todos esses anos tentando esconder seus sentimentos, nunca tinha superado a morte dela. Eu admirava e, ao mesmo tempo, temia um amor tão forte como o deles, um sentimento que nem a morte conseguia apagar.

Já tinha sido duro demais crescer sabendo que eu tinha trazido alegria e dor ao meu *otets'*, roubando dele a pessoa que mais amava. Por isso, eu não queria me apaixonar. Eu não queria me casar com um *Kapitan* ou um *Vor*, cuja vida estaria em constante perigo. Eu não desejava ter em meus

olhos a mesma tristeza que via em meu pai sempre que falava ou admirava uma foto da falecida esposa.

Durante toda a minha juventude, não me preocupei, como as outras meninas, em me tornar uma garota bonita, que atraíam olhares masculinos e buscavam fazer um ótimo casamento. Dediquei-me a estudar, em me destacar como cientista e fazer com que as mulheres fossem vistas na Bratva como mais do que criaturas reprodutoras ou bonecas enfeitadas que os homens adoravam desfilar.

Eu tinha respeito por ser uma Novistky, uma das famílias mais importantes da Rússia, por ter a confiança e apoio de Dmitri, o *Pakhan*, e a cada dia provar minha competência como cientista. Mas o que ninguém sabia era que por trás de toda essa frieza e olhar de gelo, como alguns homens tinham o atrevimento de destacar, existia apenas uma garota temendo desesperadamente ter o coração quebrado.

E se Vladic, que apenas despertava atração em mim, levava-me a essa angústia inexplicável, como suportaria perder alguém que se tornasse a outra parte do meu coração?

— Não mais do que qualquer pessoa que eu conheço — respondi à pergunta do Dr. Kushin, tentando mostrar alguma indiferença e, pelo que via no olhar dele, falhava miseravelmente.

— Certo, eu vou dizer o mesmo que disse ao *Pakhan*. O Sr. Guriev é um homem muito forte, mas o local que a bala

atingiu foi muito grave, colocando sua vida em risco. Além disso, ele perdeu muito sangue a caminho daqui. Foi uma cirurgia longa e delicada. Fizemos todo o possível, Srt^a Novistky. Viver ou não, agora, só depende dele. A qualquer momento ele pode acordar ou...

— Ele não vai morrer — murmurei com uma certeza que não sabia dizer de onde vinha.

Ou eu apenas precisava acreditar nisso.

A minha vida sempre foi do preto ao cinza. O céu sempre esteve nublado. Até Vladic riscar esse céu como um trovão trazendo mais claridade e barulho. Agora, estava preto e cinza de novo e com um silêncio difícil de suportar.

— Posso vê-lo agora?

Ele assentiu e tornamos a ficar de pé.

— Por alguns minutos, apenas.

Acompanhei o Dr. Kushin e fiz todos os procedimentos para que minha visita não representasse nenhum risco a Vladic.

— Quinze minutos — ouvi o sussurrar do médico enquanto eu avançava para dentro do quarto.

Minha mão tremia quando levei os dedos à boca, pressionando os meus lábios. Um nó se formou em minha garganta. Se não fosse a palidez excessiva e os fios ligados ao corpo imóvel, que garantiam que ele continuasse respirando e vivo, quando não podia fazer isso por si mesmo, eu poderia dizer que Vladic era o mesmo de sempre. O

guerreiro lutando para continuar se mantendo de pé. Porque era isso que Guriev era, um guerreiro.

Lutei com as minhas lágrimas o máximo que pude, mas elas acabaram vencendo ao me aproximar de sua cama.

— Que grande estupidez você fez, Guriev? — não consegui resistir e fui em busca da mão dele esticada ao lado de seu corpo imóvel — É a pessoa mais teimosa que já conheci. Então, não me desaponte, ouviu? Você tem que voltar.

Uma lágrima furtiva caiu sobre os dedos dele.

— Tem que voltar para o lado de Dmitri porque ele precisa de você. A Bratva precisa de você.

Quando baixe a cabeça, por um segundo, mesmo com a visão turva, achei ter percebido os dedos mexerem sob os meus.

Devem ter usado uma dose cavalgar para mantê-lo anestesiado durante a cirurgia, possivelmente ele nem chegou consciente ao hospital, portanto, era impossível que Vladic estivesse me ouvindo e menos ainda reagindo ao meu chamado.

Mas, uma parte tola de mim, a da garota sonhadora que eu mantinha escondida de todos, e até de mim mesma durante exaustivas horas de pesquisa e trabalho, insistia em acreditar que sim. Ele podia me ouvir e respondia ao meu pedido angustiado.

— A Kyara precisa de você — inclinei-me sobre ele, sussurrando cada vez mais perto de seu ouvido — E eu...

Apesar da maior parte do tempo preferir me manter discreta, quase invisível às outras pessoas, nunca tive problema em dizer o que eu pensava. Para me destacar no mundo predominantemente masculino, era preciso ter firmeza e a inteligência deveria prevalecer mais do que a força. Com Vladic, eu me sentia perdida, fugiam-me as palavras e o respondia atacando-o de volta.

— Você tem que voltar porque eu...

Encarei seus olhos fechados pronta para dizer o que não tive coragem de dizer nem mesmo a mim.

— Eu...

— Senhorita — a voz feminina, mas firme, fez com que eu me erguesse rapidamente, assustada —, o tempo de visita acabou.

Afastei suavemente a mão de Vladic da minha. Foi como tirar uma luva quentinha dos meus dedos. E não apenas eles que pareceram frios, mas todo o meu corpo, conforme eu me afastava.

Duas semanas haviam-se passado sem qualquer sinal de algum progresso de Vladic. O médico que o acompanhava

afirmava que o fato de ele não ter piorado era um excelente sinal. Ele estava lutando, dizia ele.

As visitas dos familiares, dos amigos e todos que queriam seu bem, que falassem com ele e o instigassem a reagir, de alguma forma o faziam continuar agarrado à vida.

Eu vinha todos os dias e ficava alguns minutos a cada hora que me permitiam. Falava sobre o meu trabalho, que no momento deixava aos cuidados de Tigran. Sobre os meus pais. De como tinha sido meu crescimento quase que solitário. Até cheguei a conversar das vezes que o via buscar Dmitri no colégio, e que secretamente eu também fui uma das muitas garotas que sentiam borboletas no estômago sempre que ele passava pelos corredores. No cantinho, escondida nas pilastras, evitando ser notada por todo mundo.

— Vladic... — bati suavemente em seu peito — Você tem que acordar, Guriev!

Algumas vezes, como agora, eu perdia a paciência com sua demora em finalmente reagir e abrir os olhos. E nem me importaria se sua primeira frase fosse algo que me irritasse.

Desde a primeira visita, eu nunca mais tinha conseguido chegar perto de dizer a ele a bagunça que eram os meus sentimentos.

Irina Novtsky, a garota cinza e sem graça, que não tinha problema algum em sempre dizer o que pensava, quando era preciso, se acovardava diante de um homem inconsciente, mas que tinha um poder gigantesco sobre ela.

— Irina?

— Kyara.

Abraçamo-nos assim que eu entrei em sua casa.

Durante esses dias, trocamos mensagens de textos, falamos por telefone e nos esbarramos outras vezes no hospital. O clima era tenso e triste demais, tornando praticamente impossível mantermos uma conversa prolongada. Mas Kyara tinha feito com que eu jurasse ir vê-la esta tarde, quando minha visita a Vladic terminasse.

— Como ele está?

Ela fazia suas visitas pela manhã quando Dmitri a levava e, às vezes, à noite. Ele fazia vigília tanto quanto eu, mas havia coisas urgentes que o *Pakhan* precisava resolver, como continuar caçando Boris, por exemplo.

Pela segurança de Kyara, do bebê que eles iriam ter e para vingar o que Kamanev tinha feito a seu melhor amigo, Dmitri não descansaria até encontrá-lo.

Como forma de aliviar um pouco tanta pressão, eu tinha garantido ao *Pakhan* que ficaria de olho em qualquer mudança no quadro de Vladic. Não o tranquilizava totalmente, mas tornava menos pesado ter que cumprir suas obrigações como chefe da Bratva.

— Nenhuma evolução, mas também nenhum retrocesso — respondi quando me guiou até uma mesa preparada para o chá.

Darya surgiu em seguida para servir o *póldinik*. No carrinho, ela trazia uma variedade de pãezinhos e bolinhos confeitados. Entreguei a minha xícara de porcelana para que ela levasse até a samovar e o chá quente surgiu pela torneira dourada. Retribuí seu sorriso acolhedor e aguardei enquanto servia Kyara também, deixando-nos sozinhas depois.

— Todos estamos inconsoláveis com o que aconteceu — murmurou Kyara enquanto observava o líquido escuro e fumegante em sua xícara — Mas o Dmitri...

— Se sente culpado — completei por ela.

Não diria a ela, mas uma ou duas vezes cheguei a culpá-lo. Pelo pouco que tive conhecimento, e o próprio havia confessado, Vladic só tinha se colocado em risco porque Dmitri havia ignorado as normas de segurança e invadido o castelo, ao ter avistado Kyara na janela.

— Não é apenas por isso, Irina — seu rosto se ergueu e pude notar os lábios tremerem, enquanto seus olhos ficavam ainda mais marejados — Os dois são irmãos. Não de coração como sempre afirmaram, mas de verdade, entende?

Para ser sincera, eu não entendia. Dmitri e Vladic eram irmãos de sangue? Como isso era possível?

— Filhos do mesmo pai — continuou ela — Vladic confessou isso, nos braços de Dmitri enquanto acreditava que iria morrer. E Nikolai revelou o restante.

Ainda atordoada, ouvi Kyara contar que Vera Guriev, a mãe de Vladic, tinha sido a última amante de Mikhail

Milanovic, o antigo *Pakhan*, antes que ele se casasse. Até boa parte da infância, Vladic tinha sido criado pela mãe nos Estados Unidos e o *Pakhan* só soube da existência do filho quando a Sra. Guriev adoeceu, morrendo alguns dias após eles terem retornado a Moscou.

— Mas como...

— Até a adolescência, Vladic não sabia de nada. Depois, tanto o pai quanto o filho não quiseram mexer nessa história — esclareceu Kyara — O Dmitri estava sendo preparado para ser o *Pakhan*...

Ela tornou baixar o olhar antes de concluir.

— O que por direito deveria ser o Vladic — disse por ela.

Apesar de ele ser um fruto fora do casamento, se o *Pakhan* tivesse o assumido, perante todos, nada impediria Vladic de reivindicar o posto por ser o mais velho.

— Não sei como consolá-lo. Dmitri está feliz pelo bebê. Mas o pouco que convivi com os dois, vi como se amavam e se respeitavam. Era uma relação bem diferente da que tive com os...

Kyara sacudiu levemente a cabeça, forçando-se a afastar lembranças dolorosas. Fazia apenas alguns dias que ela tinha sido libertada do cativeiro onde Boris a tinha trancafiado, com a ajuda da cobra da Sonya Kamanev, ambos irmãos adotivos que deveriam tê-la amado e protegido.

— Dmitri passou a vida toda admirando Vladic. Querendo deixá-lo orgulhoso ao se tornar o *Pakhan*, mas agora, sente que não é digno disso, entende? E com essa dúvida, vem o temor de perder o irmão.

— Mas o Vladic não quer ser o *Pakhan*. Se fosse a intenção dele, teria lutado por isso.

Ele tinha abdicado disso pelo amor que sentia por Dmitri. Ele não era só músculos e muita ignorância, como eu costumava dizer para provocá-lo.

— Tenho certeza disso, mas isso é algo que só Vladic poderá dizer ao irmão e, quem sabe, tentar convencê-lo.

A irmandade acima de tudo, este era o lema mais respeitado na Bratva. Pelo visto, para Vladic, o homem que sempre achei um grosseirão insuportável, existia algo acima disso.

A família.

— Você ama o Vladic, não é mesmo, Irina?

Kyara poderia ter feito perguntas mais fáceis de responder.

Eu detestava Vladic?

Sim.

Ele me irritava?

Muitas vezes.

Sentia uma atração incontrolável por ele?

Era impossível negar, pelo menos para mim.

Eu o amava?

— Eu... eu... — as palavras prendiam-se à minha garganta o suficiente para me fazer sufocar.

Kyara era minha melhor amiga. Eu poderia ser completamente honesta com ela, certo?

— Eu...

Quando eu dissesse isso, sentia que tudo iria mudar. Não haveria mais volta.

— Humm... eu acho que...

— Srt^a Kyara!

Darya surgiu esbaforida na sala, carregando o telefone contra o peito.

— Ligaram do hospital. O Sr. Guriev abriu os olhos.

Enquanto Kyara saltava até Darya e praticamente arrancava o aparelho das mãos dela, ambas dando gritinhos felizes, cobri o meu rosto com as mãos, permitindo que toda a tensão e desespero dos últimos dias finalmente caíssem sobre mim como uma avalanche.

Vladic estava bem.

Ele estava vivo.

CAPÍTULO 2

VLADIC GURIEV

Se havia algo que eu tinha herdado de Mikail Milanovic, meu *otet's*, com certeza era o insaciável interesse sexual pelas mulheres. Não importava a origem familiar, posição dentro da Bratva, o tipo físico ou inteligência. A dama só precisava despertar o mínimo interesse para que meu pau quisesse levá-la para a minha cama, ou eu caísse na dela. E com a mesma rapidez que chegávamos a um quarto, eu saía dele.

Sexo bom e um *nos vemos em algum momento*, geralmente eram suficientes. Relacionamentos longos estavam fora das minhas prioridades. E o último caso mais longo que tive foi alguns meses antes de o antigo *Pakhan* começar a adoecer e me chamar em seu quarto para ter uma conversa em particular.

Mikhail Milanovic queria me dar a oportunidade de ser reconhecido como seu filho e reivindicar o direito de ser o futuro *Pakhan*. Para isso, eu teria que lutar com Dmitri, que tinha sido preparado a vida inteira tanto por mim, como pelo nosso pai e Nikolai para assumir esse papel. Não que eu tivesse receio de perder para meu irmão mais novo, e

também não menosprezava todo o trabalho dele, acreditando que seria fácil vencê-lo. Nós o preparamos muito bem, sempre exigindo o máximo empenho dele.

Contudo, eu sabia que o momento que chegasse aos ouvidos de Dmitri que éramos irmãos de sangue e não apenas de coração, como ele costumava dizer nos raros momentos que deixava seu lado emocional vir à tona, geralmente levado por situações que nos colocávamos em risco ou pela grande quantidade de vodka ingerida, ele decidiria por nós dois.

Conhecia Dmitri mais do que qualquer pessoa, até mais que nosso falecido pai. Ele aprendeu como agir como um homem frio a quem muitos deveriam respeitar e temer, mas ele era justo e tinha um grande coração. Sua lealdade e respeito a mim fariam mais alto e ele abdicaria do comando. E eu não poderia permitir isso. Se havia alguém nascido para ser o *Pakhan* e merecia isso mais do que qualquer pessoa em toda a Rússia, era Dmitri Milanovic. Fiz um juramento que enquanto eu vivesse, ele seria o chefe da Bratva.

E estava tudo bem, eu me sentia feliz levando a vida que tinha. Era a segunda autoridade dentro da Bratva, tendo o respeito dos *Vors* e *Kaptany*. Também não podia me queixar que ser o *Avtorieyt* trazia grandes vantagens com as mulheres. Bom, exceto uma, Irina Novitsky.

Sempre que eu encarava os seus lindos olhos azuis e me deparava com o desejo que ela fazia o possível para fugir, como agora, era suficiente para que eu mandasse toda a minha racionalidade para o inferno.

— Você me enlouquece, Novitsky — confessei o que há meses, talvez até muito mais, essa suka de língua afiada vinha fazendo comigo.

Puxei-a para mim, e antes que ela tivesse qualquer chance de protestar, coleí minha boca na dela e movimentei os meus lábios forçando os seus a se abrirem, enquanto a invadia com a minha língua.

Ouvi o gemido rendido, e quando seus braços se descruzaram e ela apoiou as mãos em meu peito, puxei-a mais de encontro ao meu corpo.

O beijo foi se tornando mais apaixonado e mais intenso. Como se eu pudesse absorver sua alma para dentro de mim, como se eu necessitasse me alimentar disso, me alimentar de Irina, e parecia que eu tinha uma fome feroz.

— Vladic — ela ronronou quando abandonei seus lábios e percorri com os meus o seu pescoço.

Ela cheirava a flores do campo. Irina conseguia ser forte e delicada ao mesmo tempo. Essa mistura mexia comigo mais do que eu queria admitir.

Cobri seus seios com as mãos, apertando-os para testar a maciez e volume e isso a fez fechar os olhos e tombar a cabeça para trás. Mordí seu pescoço e fui subindo

minha boca até encontrar seus lábios mais uma vez, puxando o inferior com os dentes, de leve.

Os dedos de Irina agarraram a minha camisa e eu impulsionei meu quadril contra ela e esfreguei meu pau, cada vez mais rijo e ansioso por fodê-la.

— Onde você esteve, Irina? — Sussurrei em seus lábios.

Minha mão percorreu toda a lateral de seu corpo e isso a fez tremer contra mim.

— Eu estive aqui. Sempre aqui. O tempo todo, Vladic — O sussurrar entre meus lábios fez com que eu emitisse um gemido e voltasse a beijá-la com fervor. — Esperando...

— Por isso? — Enquanto a beijava, descí minha mão pelo seu ventre e, sem aviso, a enfiei por dentro de sua calça jeans. — Só eu posso tocar sua boceta. Entendeu?

Havia um brilho colérico em seus olhos. Irina não era o tipo que recebia ordens e isso era o que mais me fascinava nela. Eu era o Avtorieyt, mas ela nunca teve receios em me peitar.

Afastei suas pernas com o meu joelho para dar mais acesso à minha mão e encontrei o seu clitóris. Circulei o dedo sobre ele, colocando e suavizando a pressão conforme a acariciava.

— De quem é esta boceta, Irina?

Ela mordeu os lábios se recusando a dizer o que nós dois já sabíamos. Eu ficaria o resto da vida aqui até fazê-la

confessar, não apenas que sua boceta me pertencia, mas todo o resto.

— Ohh...— Ela gemeu e tremeu em meus braços quando deslizei meus dedos até a boceta começando a ficar molhada.

Umedeci os dedos e voltei a acariciar o clitóris cada vez mais inchado e sensível ao meu toque.

— Fale! — Ordenei e a conduzi de costas. — Estou esperando, mílaya.

Suas unhas cravaram em minha pele, mas isso não me incomodou. Ver a forma que Irina se derretia em meus braços e como tentava resistir confessar que me pertencia, conseguia muito mais da minha atenção. Meu pau parecia que ia explodir dentro da calça e eu só desejava socá-lo dentro de sua boceta apertada e molhada.

— Vladic. — Ela implorou quando belisquei seu clitóris com os dedos. — Ohh, Vladic.

Ye-bat! Essa cadela estava acabando comigo.

— Fale, Irina!

Friccionei meus dedos mais uma vez, levando-a a se contorcer. Seus olhos embaçados pelo desejo cada vez mais incontrolável fixaram nos meus. Com euforia, vi seus lábios se movimentarem lentamente, pronta a confessar que eu era o único no mundo capaz de foder com seu corpo e mente da forma que ela desejava.

Vladic? Vladic?

— Vladic? Está me ouvindo?

Como se tivesse sido envolvido por uma manta de fumaça, a vi pouco a pouco desaparecer. No lugar do sorriso atrevido e cheio de promessas sensuais, visualizei o rosto de Dmitri.

Sua expressão aterrorizada me indicava que algo não estava bem. E sangue que via em suas mãos, uma grande e alarmante quantidade de sangue, rapidamente me colocou em alerta.

— Dmitri? O que... onde estamos?

— *Por que nunca me contou nada? — Havia cobrança no questionamento dele, mas uma inegável tristeza também. — Por que não me disse?*

Ele sabia, eu via isso em seus olhos. Ele sabia de tudo.

— Dmitri...

— *É tarde demais, meu irmão — Ele encarou as mãos vermelhas e quando tornou a me olhar, notei que todo o sangue nele, na verdade, jorrava de mim.*

— *Sinto muito, Dmi. Eu sinto muito.*

Eu tinha tantas coisas a dizer a ele. Já não estava mais trocando carícias com Irina no escritório do Pakhan e nem no castelo onde, com Dmitri e Ivan, fomos resgatar Kyara das mãos sujas e cruéis de Boris Kamanev. Eu estava envolto por uma imensa escuridão com a qual não conseguia lutar. Ela me puxava e me vi novamente sozinho.

— Não!

Eu não queria voltar para a escuridão. Eu já tinha saído dela. Precisava e lutaria contra ela. Venci uma vez e venceria de novo.

— Vladic? — Essa voz. A voz que esteve o tempo todo em minha cabeça, falando comigo enquanto eu me via perdido em escuridão — Vladic, acorde!

Doce. Calma. Mas sempre exigindo que eu abrisse os olhos. E impulsionado pelo pedido fervoroso e angustiado, foi exatamente o que fiz. Abri os meus olhos e depois de alguns segundos tendo-os cegos pela claridade, finalmente, voltei a me deparar com a imensidão azul.

Os olhos dela.

Mas, desta vez, não era um sonho. Ela estava mesmo aqui. Comigo.

— Irina...

CAPÍTULO 3

IRINA NOVITSKY

Fiquei atordoadá demais para compreender o que Kyara conversava com Dmitri ao telefone. Logo após ela ter recebido a notícia de que Vladic tinha despertado do coma, fiz como na vez que fui informada de seu grave estado de saúde, deixei a casa apressadamente. Como alguém que se dedicou, e ainda dedicava, boa parte da vida à ciência, eu era o tipo de pessoa que precisava ver para crer.

Por isso, fui a primeira a chegar ao hospital e procurar uma das enfermeiras que assistia Vladic em busca de esclarecimentos.

— Como foi informado na ligação, ele despertou por alguns minutos — explicou a enfermeira quando apoiei contra a porta, logo que o percebi inconsciente na cama — Mas estava agitado demais, então, o doutor ordenou uma leve dosagem de sedativo.

Fechei os olhos tentando fazer com que o meu coração, que batia tão forte, e minha respiração acelerada voltassem à normalidade.

A senhora tocou o meu ombro com delicadeza.

— Não se preocupe — a ouvi, e quando voltei a encará-la, me deparei com seu sorriso encorajador, provavelmente procedente do meu olhar decepcionado — Ele deve voltar a acordar a qualquer momento.

Assenti e iniciei uma caminhada lenta até a cama. Estive tantas vezes e por tantas horas neste quarto que acho que poderia indicar cada pequena bolha de tinta na parede, quantos passos da janela até a outra extremidade no cômodo e todas as demais coisas que eu fui capaz de calcular, quando eu não estava conversando com Vladic ou exigindo que ele despertasse de uma vez.

Apesar de Kyara ter sido resgatada, os dias na Bratva andavam nuvíosos. Tanto por Dmitri, reagindo sombriamente ao que aconteceu ao irmão, como por todos na irmandade que admiravam Vladic e torciam por sua recuperação.

— Não!

Ouvi o protesto através da voz grave e vi o corpo enorme sacudir na cama. Vladic tornou a urrar e se agitar de uma forma que começava a me deixar preocupada. Eu me perguntava, inclinando sobre ele, se deveria esticar o braço até o botão de ajuda ao lado da cabeceira, sair em busca da enfermeira que deveria estar no seu posto, ou apenas tentar acalmá-lo, quando seus dedos longos e fortes agarraram meu pulso com uma força admirável para um homem que ficou tantos dias na cama, inconsciente.

— Vladic? — chamei tocando seu peito — Vladic, acorde!

Observei seu rosto contorcer, as pálpebras tremeram um pouco e lentamente os olhos foram se abrindo. Ele piscou algumas vezes, sem dúvida alguma devido à sensibilidade à claridade e, então, com meu coração parecendo dar batidas cada vez mais falhas, o vi focar toda a atenção em mim.

— Irina.

Vladic Guriev era o tipo de homem que não precisava dizer muito, seu olhar penetrante era suficiente para fazer corações e corpos femininos derreterem. Comigo não acontecia diferente, embora eu sempre buscasse em mim todo o autocontrole para mostrar a ele que seu poder de sedução não me afetava.

— É você mesma? — O tom, levemente rouco e sexy, causou um frisson em mim — Ou ainda estou sonhando com a última vez que estive em meus braços? Que beijei, acariciei e a fiz gemer em meus braços. Há quanto tempo estou aqui?

— Cerca de duas semanas — articulei baixinho.

Felizmente, ou talvez para o meu desespero, Vladic ainda me mantinha caída em seu peito, enquanto sussurrava as lembranças daquele dia.

— Vladic... — mordi o lábio inferior e vi que ele acompanhava o gesto com os olhos.

Um gemido escapou de sua boca entreaberta e eu fui puxada ainda mais rente ao seu peito musculoso.

Eu estava errada. Homens como Vladic sabiam bem como olhar, falar e tocar uma mulher de um jeito que mesmo sendo mais racional, como eu, perdia a direção. Ele me fazia sentir como se caminhasse às cegas em um labirinto.

— Só há uma maneira de saber se é mesmo real ou ainda estou preso no maldito sonho, Irina.

Antes que eu pudesse emitir algum protesto, sua boca cobriu a minha. Apenas pressionando os lábios nos meus, mas foi o suficiente para o vulcão dentro de mim, assim como aconteceu com Vladic, acordar.

Foi tão rápido e impactante que mesmo após ele ter me soltado, encarando-me com o olhar e sorriso provocantes, não consegui reagir.

— Sim. É real. E pela forma que ainda responde ao meu toque, vejo que foi tão real para você quanto para mim — provocou ele, o maldito arrogante — E se eu não estivesse me sentindo como um gambá fedorento por ter passado tanto tempo preso a esta cama... Nada me impediria de terminar o que iniciamos naquele dia.

O brilho em seus olhos, principalmente a determinação em seu rosto duro, me comprovava que Vladic não estava apenas fazendo mais uma de suas provocações comigo.

E ele não tinha com que se preocupar. Mesmo desacordado, a sua higiene e cuidado com as necessidades

fisiológicas foram mantidos com toda atenção. Eu cheguei a ajudar algumas enfermeiras com o banho no leito, bem, apenas o rosto, braços, peito e pernas, sempre que chegava às partes íntimas, eu saía apressada do quarto.

Mas eu não deveria estar pensando no quão limpo Vladic estava, tampouco que dificilmente seria capaz de resistir se ele levasse a promessa sexual adiante. O velho e conhecido Guriev estava de volta. Tirando toda a minha paz e serenidade.

— O que é real — lutei para me soltar até conseguir me afastar dele, enquanto ouvia sua risada — é que ser um idiota continua sendo uma especialidade sua.

Recuei até minhas costas baterem contra o parapeito da janela. Vladic deslizou pela cama. Pareceu meio zozzo no primeiro momento, mas, depois, conseguiu se sentar.

— A sua boca afiada também não. É assim que recebe de volta ao mundo um moribundo? Achei que tivesse sentido muito a minha falta, *mílanya*.

Já tinha escutado Vladic me chamar de cientista maluca, mulher de gelo, nerd insuportável e até mesmo de *suka*, mas *querida* era a primeira vez. E não, eu não me deixaria levar pela expressão carinhosa.

— Não mais do que sentiria de meu motorista ou um *Vor* qualquer que já conheci.

Será que voltaríamos a isso? Ele me provocando até que eu perdesse a paciência e revidasse sem pensar?

— Eu não sei muito bem o que aconteceu enquanto estive fora da ativa — disse ele —, mas de uma coisa eu tenho certeza...

A perna que não foi afetada saiu para fora dos lençóis e não consegui evitar notar como era musculosa. Engoli, salivando como alguém admirando doces em uma vitrine.

— A voz. Eu a ouvia — confessou ele, tocando o canto da testa — Falava comigo e me dizia para voltar. Era você, não era, Irina?

Todos os dias, dentro e fora deste maldito hospital. Eu pedi, implorei e exigi que Vladic continuasse lutando pela vida.

— Foi você... — seu olhar intenso e hipnotizante me mantinha no lugar enquanto ele continuava a se mover pela cama — Você me trouxe de volta, não foi?

Todos que o visitaram falaram com ele. O médico dizia que era bom. Mas foi a minha voz, os meus pedidos para que ele reagisse, que Vladic lembrava.

Isso significava alguma coisa, não significa?

Ele tentou se levantar, mas a perna operada, e que ele tinha esquecido ter ferido, o fez urrar de dor.

— Vladic!

Fui até ele preocupada. Toquei em seu rosto contorcido e a expressão agonizante desapareceu. Então, suas mãos se fecharam em volta de minha cintura e após me puxar para mais perto dele, Vladic uniu nossas testas.

— Era você, Irina? O tempo todo?

Minhas mãos trêmulas caíram contra seu peito. Tínhamos o mesmo ritmo de respiração acelerada.

— Vladic...

Eu tinha fugido da curiosidade de Kyara em relação ao que sentia por Vladic, evitado questionamentos de Dmitri sobre o mesmo assunto, mentido e negado a mim mesma, mas conseguiria continuar ocultando os meus sentimentos a Vladic?

— Irina... — ele sussurrou, a boca se aproximando vagarosamente da minha.

Inevitavelmente fechei os meus olhos. Os lábios macios roçaram os meus. Senti a ponta de sua língua me acariciando e eu abri a boca ansiando pelo momento que seria devorada pela sua.

— Vladic!

Foi como um trovão partindo o céu. A voz de Dmitri me fez saltar assustada e me afastar rapidamente. Não antes de ouvir Vladic grunhir baixinho e com a ponta dos dedos tentar me manter no lugar.

Dmitri estava eufórico demais ou talvez realmente não se importasse de ter interrompido este pequeno momento de intimidade entre nós.

— Imaginei que teria vindo até aqui — Kyara, que havia entrado logo após Dmitri, sussurrou ao se colocar ao meu lado.

Ela trazia no rosto um sorriso travesso que não fazia questão alguma de esconder.

— Eu tinha esquecido uma coisa.

— Hum-hum — se Kyara não fosse a minha melhor amiga, eu, com certeza, estaria a odiando neste momento — Eu sei muito bem o que você esqueceu.

Olhamos juntas para Vladic e Dmitri socando e xingando um a outro. Não a ponto de se machucarem, mas daquela forma ridícula que amigos ou “irmãos” que se amavam muito faziam.

Sabendo toda a história por trás desses dois, não tinha como não se emocionar ao vê-los juntos. E pela forma que Kyara fungava ao meu lado, eu não era a única.

— *Daragáya!* — Vladic finalmente olhou para ela quando Dmitri se afastou um pouco — Não sabe como fico feliz em vê-la bem.

Vladic esticou a mão em direção a ela, que chorando, correu até ele.

— E esse pequeno *Pakhan*, como está?

Kyara levou a mão dele até o ventre e iniciou um dos assuntos preferidos do casal, a gravidez. Era uma linda cena de reencontro familiar. E foi usando-a como pretexto, e sem que o casal percebesse, que comecei a recuar em direção à porta.

Mas enquanto Vladic balançava a cabeça e sorria para o casal animado, seus olhos estavam focados em mim. Ele

me dizia que nosso assunto ainda não estava encerrado. Ele queria respostas.

Por ora eu podia continuar a mantê-las apenas comigo.

CAPÍTULO 4

VLADIC GURIEV

Eu recordo quase com perfeição o dia que o casal Milanovic tinha trazido para casa dentro do cobertor azul felpudo um bebezinho silencioso e sonolento. Nathasha tinha segurado minha mão no início da escada e juntos, tendo o *Pakhan* atrás de nós, fomos mostrar ao pequeno garoto o seu novo lar.

— *O nome dele é Dmitri. — Ela sussurrou colocando-o em seu berço e se ajoelhou ao meu lado tocando meu ombro. — Ele será seu irmãozinho mais novo porque eu serei como a sua mãe. Você irá amar e cuidar dele e eu irei amar e cuidar de você.*

Eu nunca esqueceria de Vera Guriev, a mulher que tinha me trazido ao mundo e me amado em cada dia que teve de vida. Mas a Sra. Milanovic me oferecia, além de um lar, um amor de uma mãe. Carinho que toda criança sonhava e merecia ter.

— *Você aceita isso, Vladic? — Encarei com grande atenção seu rosto cheio de amor. — Sermos a sua família?*

Naquele momento, eu era novo demais para entender a responsabilidade desse pedido, mas eu sentia, ao enfrentar os olhos carinhosos de Nathasha, a grande confiança que estava sendo depositada em mim.

Agarrei-me à grade do berço e nas pontas dos pés assisti o bebê dormir.

— *Eu vou cuidar dele. — Respondi a Nathasha. Não pelo que ela me ofertava de volta, mas porque nada pareceu tão certo como essa promessa.*

E foi assim, em cada dia que crescemos juntos, amigos que se sentiam como irmãos, agora, irmãos que eram muito mais do que amigos.

— Você nos deu um susto danado, sabia, Vladic? — A palavras de Kyara tinham mais um tom de repreensão do que de questionamento.

Apenas sorri e encarei Dmitri parado atrás dela. Já tínhamos trocado desde palavras emocionadas de reencontro a provocações sem sentido. Eu tinha muitas perguntas a fazer e notava que ele queria dizer muitas coisas a mim.

— Então, depois que eu fui, digamos, surpreendido, o que rolou?

Eu me recordo de ter visto Boris surgir de uma passagem secreta na escada, apontando uma arma para Dmitri; protegi meu irmão com meu corpo, mas por azar, acabei sendo atingido na perna.

Na perna!

Eu, um soldado altamente treinado, quase sucumbi à morte por causa de um ferimento que se não tivesse pegado em um lugar crítico, apenas me manteria alguns dias longe da ativa.

— Boris conseguiu fugir de barco logo após ter atirado em você.

Notei que citar o irmão adotivo fazia Kyara estremecer. Dmitri a envolveu mais com seus braços, mostrando a ela que não havia mais o que temer. Agora, ela estava protegida.

Não conseguia nem imaginar toda tortura que ela deve ter passado nas mãos e mente deturpada do desgraçado do Kamanev. Dmitri me colocaria a par de tudo depois.

— Como ele fugiu? Pensei que estivesse cercado.

Ivan tinha mapeado o lugar e garantido que não haveria forma de Boris escapar do nosso ataque.

— Tinha um barco camuflado debaixo da ponte — esclareceu Dmitri — E a única forma de alcançá-lo era de helicóptero.

Que foi utilizado para me trazer para o hospital. Entre perseguir seu inimigo e salvar a minha vida, Dmitri não pestanejou em escolher a segunda opção, assim como não pensei duas vezes antes de levar o tiro por ele.

— Onde esse desgraçado está agora?

Teria o imenso prazer de, com as minhas próprias mãos, dar cabo ao infeliz. Não por mim, mas por Kyara, Dmitri e o novo Milanovic a caminho.

— Sendo caçado dia e noite — a determinação que via nos olhos de Dmitri, a frieza com que disse isso, me fez relaxar.

Não era Dmitri Milanovic falando, mas sim o *Pakhan*. Esse, Boris deveria temer muito mais.

— E Sonya Kamanev?

Algo sombrio passou rapidamente pelos olhos de Kyara. Ela tentou aparentar indiferença, mas consegui notar a breve tristeza que a abateu.

A minha cunhada sempre teve carinho pela irmã adotiva, mas não teve o mesmo afeto de volta.

— Sonya teve exatamente o que mereceu — respondeu Dmitri.

E não precisei que ele entrasse em detalhes.

— *Mílaya*, por que não se senta um pouco? — Dmitri virou Kyara para ele.

Notei pela respiração dela que estava prestes a protestar. Claro que era o lado protetor e apaixonado dele falando, mas assim como eu sabia, ela percebeu que a conversa entre mim e meu irmão seria no mínimo interessante.

Assim que ela se acomodou em uma poltrona próxima à minha cama e ele deu um sorriso meloso para ela, seu olhar, questionador e magoado fixou em mim.

— Por que nunca me contou, Vladic?

Eu esperava esta pergunta e achava estar preparado para ela, até agora.

— Descobri a verdade na minha formação. Até o último momento acreditei que Nikolai era o meu pai e...

— Essa parte já foi esclarecida por Nikolai — ele cruzou os braços — Quero saber por que você nunca me disse nada. E se não tivesse achado que iria morrer naquele dia, desconfio que levaria esse segredo por anos, ou até o túmulo.

Dmitri não estava errado. Era que, quando nos víamos em uma situação de quase morte como eu vivi, muitas coisas deixavam de ter importância, principalmente segredos. Eu não poderia partir continuando a negar a ele o direito à verdade.

— Eu sempre o considerei meu irmão, Dmi, antes mesmo de saber que realmente era e nunca duvidei que sentisse o mesmo por mim — deslizei pela cama até encostar minhas costas contra a cabeceira e senti a perna enfaixada repuxar, mas ignorei a dor — Então, que importância tinha isso?

Ele balançou a cabeça exasperado e começou a andar pelo quarto. Dmitri tinha sido preparado para não deixar suas emoções transparecerem. Tudo isso estava sendo foda demais para ele.

— Importa porque tudo o que eu sou, tudo o que fiz, pertence a você.

— Não era isso que o papai queria...

Pelo menos, em boa parte da nossa existência.

— Foda-se o papai e as mentiras dele. Você é o mais velho. Você deve ser o *Pakhan*.

Força. Dever. E honra.

Durante toda a sua existência, Mikhail, Nikolai e eu passamos esses ensinamentos a Dmitri. Eu só não previ que ele usaria contra mim. Na verdade, ao meu favor.

— Você é o *Pakhan*, Dmitri. E não é pelo sangue — destaquei, exaltado —, mas porque foi preparado para isso. Dizer o contrário é afirmar que Boris Kamanev tinha razão, e você pode ter certeza, não estaria ao seu lado se não acreditasse que merece estar onde está.

— Você foi tão bem treinado quanto eu. Que droga, Vladic! Me deixa fazer a coisa certa.

— Eu nunca quis ser o *Pakhan*, meu irmão. E não porque me foi negado esse direito. Fazer você chegar lá era o meu objetivo. Chegar até aqui com você conclui metade do meu trabalho — minhas palavras alcançavam o objetivo delas, tocar Dmitri — A outra parte vem com estar ao seu lado seja lutando ou dando a minha vida pelo *Pakhan* e a Bratva.

Dmitri e Kyara, que me encarava com olhar choroso, poderiam achar que eu me movia carregado de altruísmo, mas sendo sincero comigo, estava sendo um pouco egoísta e pensando mais em mim do que no meu irmão. Muitos

queriam o posto de *Pakhan*, mas a maioria não tinha a mínima ideia de todas as responsabilidades que o cargo trazia. Poucos homens teriam culhão para carregar uma organização tão grande e tão poderosa como a nossa.

Dmitri era esse cara e eu tinha muito orgulho dele.

— Certo. Se é assim que você quer, assim será feito — disse ele e quando comecei a respirar aliviado, notei seu olhar argucioso — Com uma condição.

Eu deveria saber que ele não deixaria o assunto morrer, não completamente.

— Você será reconhecido como um Milanovic.

Abri a boca para alertar que isso tudo não passava de uma grande babaquice quando ele ergueu a mão, ordenando que me calasse. Sendo mais velho ou não, ele ainda era o chefe da Bratva.

— É isso ou abduco o posto e qualquer imbecil assumirá o meu lugar.

— Você aprendeu mesmo a barganhar, garoto — destaquei, sorrindo.

— Com o melhor.

Mikhail Milanovic. O homem que a partir de hoje eu poderia publicamente chamar de pai.

— Vladic Guriev Milanovic — murmurei e encarei Kyara, que neste momento já não fazia esforço algum para segurar a emoção — O que acha? Soa bem, não é mesmo, *daragáya*?

Ela buscou a mão de Dmitri em seu ombro e deu a ele um grande olhar apaixonado antes de se voltar para mim.

— Eu acho que não muito longe você só será o tio Vlad.

— E eu mal posso esperar por isso, querida.

Levar um tiro que me deixou muitos dias fora de circulação, mudou bastante a forma com que vinha encarando a minha vida, mas podia dizer agora que essa mudança vinha acontecendo sempre que via Kyara e Dmitri juntos. Chegava um momento na vida de um homem que ele precisava encontrar uma bela parceira e aquietar.

A parte mais chata de hospitais era quando todos iam embora e você se via sozinho. Eu tinha garantido a Dmitri que ficaria bem e exigido que levasse sua esposa grávida e cansada para casa. Bastou juntar as palavras *esposa* e *gravidez* para ele ser rapidamente convencido.

Fazia quase três horas que eles tinham partido e apesar de nesse tempo ter sido paparicado pelas enfermeiras, jovens, maduras, senhoras, solteiras ou não, o ócio era algo que me aborrecia.

Kyara tinha trazido alguns dos meus pertences e entre eles, meu celular. Não havia nenhum tipo de jogo instalado nele, não perdia meu tempo com essas coisas. Também não ligaria para o casal. Se os conhecia bem, deveriam estar

debaixo dos lençóis, transando até a exaustão antes e depois de terem feito novos planos para o casamento.

Nikolai tinha ligado assim que Kyara e Dmitri saíram. Eu podia agora, a pedido de Dmitri, carregar o sobrenome Milanovic, mas por boa parte da minha juventude acreditei que Savin tinha sido meu pai. Para ser justo, ele ainda exercia esse papel.

Pensei em ligar para Ivan, mas ele estava coordenando a caça a Boris Kamanev e enquanto eu ainda não podia ajudar a colocar as mãos no maldito, também não iria atrapalhar ou retardar as investigações.

Girei o telefone em meus dedos, pensativo. A verdade era que no fundo, eu só buscava justificavas para que minha ligação fosse para uma única pessoa.

— Irina?

Novitsky achava mesmo que eu não tinha notado a sua fuga estratégica?

Se Dmitri não tivesse chegado no momento errado, provavelmente me fazendo sentir na pele todas as vezes que o interrompi sem querer com Kyara, eu teria feito aquela boca atrevida confessar que sim, apesar de negar aos quatro ventos, Irina respondia e desejava meus beijos, minhas carícias e muito mais.

Se no passado tivessem me perguntado o meu tipo de mulher ideal, teria respondido: dócil, silenciosa e submissa ao

marido. Exatamente tudo o que Irina Novitsky não era. Ainda assim, ela me atraía como ninguém.

Só que Irina não era uma das garotas que eu encontrava no cassino ou uma casada infeliz na relação. Ela era filha de um *Kapitan* de Primeira Elite. Herdeira de um dos homens mais ricos da Rússia. Não era o tipo de fogo que eu poderia brincar.

Ainda assim, mesmo desejando e detestando-a na mesma medida, não conseguia resistir a ela.

— *O que você quer, Guriev?* — Ela bocejou — *Sabe que horas são?*

— Oito horas. Até mesmo boas meninas não vão para cama tão cedo.

A menos que ela estivesse...

Não. Afastei esse pensamento para longe. Irina não era dessas que quase beijava apaixonadamente um homem e horas depois caía na cama de outro. Ela era uma mulher da ciência, completamente racional, toda a Bratva sabia disso.

— *Não dormi bem esses últimos dias.*

— Sofrendo por mim, *mílaya?*

Pelo silêncio prologando que se seguiu, achei que ela tinha encerrado a ligação até ouvir seu pigarrear.

— *Preocupada com a Kyara. Afinal, o Boris ainda está solto por aí.*

— Eu sempre a achei petulante, Irina, mas mentirosa...

— *E eu, que você é um arrogante convencido.*

Em uma conversa com muitas rodadas de vodka, e eu confessando que a boca afiada de Irina me deixava com um puta tesão, Dmitri afirmaria que eu estava maluco. Mas era exatamente isso que essa *suka* fazia comigo.

— Um dia farei algo bem mais produtivo com essa sua boca — avisei a ela e apenas a imagem de ter seus lábios em volta de meu pau o fez engrossar.

Maldita Novitsky!

— *Vladic?*

Sua respiração soava pesada e acelerada ao telefone.

— *Boa noite!*

Ela desligou. Mantive o aparelho no ouvido enquanto esfregava os meus dedos em meu pau rijo. Eu estava me tocando pensando em Irina. Relembrando cada momento quente que tivemos juntos.

— Ohh...

Um gemido gutural escapou da minha garganta e no mesmo momento que liberei meu prazer debaixo do lençol, uma enfermeira abriu a porta, encarando-me com uma expressão horrorizada

— Ops!

Novitsky iria me pagar por isso. Era uma promessa.

CAPÍTULO 5

IRINA NOVITSKY

Foi a minha primeira noite de sono tranquila que tive em dias. E para deixar a minha manhã ainda mais perfeita, também era fim de semana. Significava que eu teria dois dias para me dedicar a mim antes de voltar a mergulhar toda a minha atenção no trabalho.

E apesar de Tigran ter sido de grande ajuda e suporte, dado continuidade a algumas pesquisas que eu vinha me dedicando, com toda certeza havia muitas tarefas acumuladas que necessitavam da minha atenção no laboratório. Principalmente em relação ao aprimoramento dos chips rastreadores, que Dmitri ordenou que fossem implantados, inicialmente, nos membros mais importantes da Bratva, e depois, em toda a irmandade. E do novo programa espião que nos permitiria invadir os principais sistemas do governo russo, sem sermos detectados.

Foi graças ao chip que implantei em Kyara, como teste, que conseguimos encontrá-la. Eu esperava ter o mesmo sucesso com INE-19. Se conseguíssemos ter o governo

russo em nossas mãos, teríamos o mundo inteiro aos nossos pés, e Dmitri ansiava por isso. Ele confiava em mim, em minha capacidade profissional e, mesmo com a descrença do antigo *Pakhan* e de alguns *Kapitany*, tinha investido uma pequena fortuna no projeto. E eu não me permitiria falhar nessa missão.

O trabalho era importante para mim porque me fascinava imaginar e criar coisas, mas também porque eu tinha o privilégio e oportunidade de mostrar nesse mundo tão masculino que as mulheres tinham tanto poder quanto os homens.

Abri mão de festas, viagens com amigas, tardes no shopping e fins de semanas em centros de estéticas e caça a maridos perfeitos para que outras mulheres com o mesmo desejo que eu de serem vistas por quem eram, tivessem alguma inspiração. Assim como minha mãe, uma grande professora e pesquisadora universitária, havia me inspirado. Que se ela estivesse viva, sentisse orgulho de mim.

Essa sempre foi a minha meta. Eu sempre me orgulhei de ter sido uma pessoa compenetrada e não podia deixar nada nem ninguém mudar isso. E quando falo alguém, sim, refiro-me a Vladic Guriev, cujo único objetivo comigo é me provocar.

Enquanto era conhecida em nosso meio por ser fria e sem graça, que preferia os livros a pessoas, Vladic era

admirado por suas qualidades como *Vor* e imensa fila de mulheres suspirando por ele.

Mulheres que conheciam bem a sua cama, mas não o conheciam de verdade. Não como eu. Mas isso não importava. Pensar em nós dois juntos chegava a ser cômico. Claro que existia uma atração sexual que eu já não podia mais negar, contudo, excluindo isso, éramos tão diferentes como água e óleo, impossível de se misturar.

Eu, lutando arduamente todos os dias para que as mulheres tivessem mais visibilidade e poder dentro da Bratva; Vladic, um machista que acreditava que as mulheres eram frágeis e preciosas como cristais, com único objetivo de serem protegidas.

Meu pai ficaria radiante com um compromisso entre nós, mas como um casal viveríamos em um inferno. Eu jamais baixaria a crista para Guriev e ele passaria cada minuto tentando me dobrar.

Agora, como um futuro Milanovic, a quantidade de pretendentes dóceis e submissas dispostas a serem vistas e escolhidas por Vladic com toda certeza iria aumentar. Pois bem, ele que escolhesse uma delas e me deixasse em paz.

Eu nem estaria pensando em Vladic, fazendo todas essas considerações, se o imbecil não tivesse ligado a noite anterior para me provocar e invadido meus sonhos logo em seguida.

E eu precisava manter a mente na realidade. Estava me concentrando nesse novo plano quando ouvi uma batida na porta.

— Bom dia, Srt^a Irina — cumprimentou Yulia, a empregada, assim que autorizei sua entrada em meu quarto — Uma visita a aguarda lá embaixo.

Meu coração deu uma leve disparada e a primeira pessoa que me veio à cabeça foi Vladic, até me dar conta que seria cedo demais para ele ter recebido alta, se bem que, tratando-se dele, nada do que fizesse me espantaria.

— Uma visita?

— A Srt^a Smirnoff.

Alívio e felicidade deveriam ser os únicos sentimentos em mim, mas não foram.

— Diga a ela que desço em quinze minutos, okay?

Eu não acreditava que Kyara trazia algum tipo de notícia ruim, ela teria ligado imediatamente, mas algo me avisava que sua presença significava mais do que uma visita social.

Saí rapidamente da cama. Escovei os dentes e os cabelos, troquei o pijama por uma das várias calças cinzas que tinha no closet e uma camisa branca. Como ficaria em casa, optei por deixar os cabelos soltos.

Encontrei Kyara na sala de visitas, trocando mensagens no celular que, pelo sorriso que ela emitia, deveria ser com

Dmitri. Atrás dela, no sofá, estava um homem, usando um terno escuro, em sentido de alerta.

— Ah, Irina — ela se levantou assim que me viu entrar — Eu não queria ter acordado você.

— Não se preocupe, não me acordou. Já havia despertado quando chegou. Para ser sincera, nunca acordei tão tarde assim.

— Foram dias difíceis — recordou Kyara.

Desde o momento que ela foi sequestrada até o que Vladic chegou ao hospital.

— Já tomou café da manhã?

— Lamento dizer que sim.

— Pelo menos, me acompanha no chá?

Ela assentiu e fomos juntas à mesa preparada para mim. Assim que Kyara se acomodou à minha frente, encarei o *boyevik* em posição atrás dela. Dei um insistente olhar alertando-o que poderia se retirar, mas o homem me ignorou e permaneceu fixo no lugar.

— Desculpe — Kyara se inclinou, buscou a minha mão sobre a mesa e sorriu, constrangida — Foi uma exigência de Dmitri. Depois de tudo o que aconteceu...

— Eu entendo. Até o Boris ser... — Calei-me rapidamente, citar esse verme sempre deixava minha amiga tensa e no estado dela isso não era bom — Até tudo isso acabar, todo cuidado é pouco.

E, em se tratando da mulher que amava e o filho deles no ventre dela, o *Pakhan* seria extremamente cauteloso e protetor.

Se eu algum dia pretendesse viver uma história de amor, excluindo a parte obscura e dramática, gostaria que fosse tão intensa como a de Kyara e Dmitri.

— Mas eu consegui a promessa de Dmitri que, se não fosse algo que colocasse a minha segurança em risco, nada do que eu não quisesse expor a ele, seria especulado — alertou ela, animada — Então, será como se Kirill não estivesse aqui.

Se Dmitri tinha dado a palavra a ela, eu poderia confiar.

— Então, não que esteja lamentando a visita inesperada, mas estou curiosa.

Aguardamos um instante enquanto Yulia nos servisse com a samovar.

— Você sabe que por Dmitri, nós teríamos casado no mesmo dia que voltei — explicou ela enquanto eu servia meu prato com *blini* e ovos cozidos — Mas eu não podia fazer isso. Não sem Vlad.

— E, agora, com ele fora de perigo...

— Consegui mais tempo com Dmitri, mas ele exige que a cerimônia seja realizada antes do bebê nascer.

Faltava no mínimo ainda sete meses para que essa criança tão aguardada chegasse ao mundo, mas eu duvidava que Dmitri suportaria esperar mais que dois meses.

— Por mim, seria uma coisa bem íntima. Eu só quero me casar com o homem que amo — confessou ela — Dmitri até cederia ao meu pedido se insistisse nisso. Mas Nikolai alertou da importância de eu ser apresentada à Bravta, como *Koroleva*. Com o triplo da segurança da primeira vez, é claro.

Uma das partes ruins em Dmitri ser o *Pakhan* e Kyara se unir a ele em matrimônio eram os protocolos que se precisava seguir na Bratva. Eu entendia mais do que nunca Vladic ter abdicado do direito em ser o chefe da Máfia. O irmão dele tinha poder, mas ele, a liberdade.

— E você quer minha ajuda?

— Mais do que nunca agora.

Algo me dizia que não era apenas isso. Ela planejava alguma coisa.

— Você sempre poderá contar comigo, Kyara.

— Eu sei. Somos amigas. Melhores amigas. E amigas contam tudo uma para outra, não é verdade?

Ah, Deus! Eu sabia onde essa fala mansa e sorriso doce iriam chegar.

— Então, você e Vladic...

— Não existe Vladic e eu.

— Você passou todos os dias naquele hospital — acusou ela — Conversando com Vladic, xingando ou chorando por ele. Então, existe Vladic e Irina, sim. Existe e é muito real.

Enquanto eu era uma mulher guiada pela ciência, Kyara se levava pelo coração. Ela não estava errada, só não era capaz de enxergar quão trágica poderia ser essa relação que idealizava.

— Você se lembra quando fui enviada à casa de Dmitri contra a minha vontade?

Os *boyevik* a tinham confundido com Sonya Kamanev e depois de descoberta a verdade, Dmitri estava encantado demais com Kyara para deixá-la partir.

— Eu dizia o tempo todo que o odiava. Que eu odiava o nosso mundo. Mas eu também me sentia fascinada e atraída por Dmitri — seguiu ela com o discurso acalorado — Você me ajudou a enxergar o quanto estava sendo tola. Essa atração virou amor e, hoje, temos o melhor presente de todos.

— É diferente, Kyara. Você e Dmitri são como peças que se encaixam. Ele é todo força e poder e você, calma e suavidade. Guriev e eu somos como duas rochas que se chocam. Não trocaríamos alianças, mas sim, tiros.

— Você nunca poderá saber se não seguir o seu coração.

— Não tenho um coração. É o que dizem por aí, inclusive o Vladic.

O que mais não suportava nas pessoas era quando me davam um olhar piedoso como Kyara fazia agora.

— Ah, Irina — o lamento me fez sentir desconcertada — Acho que é uma das pessoas mais determinadas e inteligentes que já conheci. Mas nunca imaginei que fosse covarde. Não receie entregar seu coração, você teme perdê-lo.

Durante todos os torturantes e exaustivos dias, pude sentir uma parcela de cada ano de sofrimento do meu pai, após ter perdido minha mãe, quando ela morreu dando vida a mim. Vladic era um soldado. A vida dele sempre estaria em risco. Eu não sabia se conseguiria viver com isso.

Kyara não estava errada, de todos os receios e medos que eu tinha, nenhum era maior do que esse.

VLADIC GURIEV

Por minha vontade, teria deixado o maldito quarto de hospital no mesmo dia que acordei. Mas Dmitri e o Dr. Kushin, aliados ao que atendia meu caso, proibiram com severidade. Eu poderia ter facilmente ignorado cada um deles, mas pelo meu irmão, que já tinha muita merda para lidar, decidi concordar com a decisão.

Mesmo que isso significasse dias longos tediosos suficientes para me fazer enlouquecer e nenhum contato com Irina. Ela não tinha retornado ao hospital para uma visita, não

respondia acidamente como eu esperava as minhas mensagens e parou de atender minhas ligações.

A maldita estava me ignorando e isso era algo que nunca tinha lidado com uma mulher.

Foda-se a Novitsky!

Eu tinha coisas bem mais importantes para me preocupar, como prestar atenção no que o médico me dizia antes de finalmente me dar alta.

— Irá precisar fazer fisioterapia e se dedicar a ela — voltei a prestar atenção no homem, após a explicação da parte técnica da operação ter sido encerrada — Ainda assim, é cedo demais para ter uma conclusão sobre as sequelas e...

— Espere um minuto! — O interrompi bruscamente — O que você disse há pouco é que vou ser inválido para sempre?

— Muletas, Vladic — corrigiu Dmitri, mas eu via no rosto dele que essa informação jogada como uma bomba na minha cabeça também o afetava — Por um tempo.

— Cadeiras de rodas, muletas, aleijado ou mancando. Foda-se tudo isso! — exaltei espalhando as folhas de exames sobre a mesa até irem ao chão — Eu sou um lutador. Um guerreiro. Nada dessa merda vai me parar. E você está errado, doutor.

Levantei-me mais rápido do que minha perna ferida permitiria. A dor foi intensa o suficiente para me cegar, mas eu era mais forte que ela. Eu era mais forte do que todos eles

poderiam imaginar. E não seria a bala de Boris Kamanev a me tirar de combate.

Eu era um guerreiro. Fui um guerreiro a minha vida toda.

Sem isso, o que mais me restava?

Eu só percebi o lugar para onde tinha sido levado quando o carro parou e desconectei dos pensamentos sombrios que me abateram depois de ter abandonado a sala do médico. Dmitri e eu não trocamos uma única palavra desde que ele se uniu a mim, escorado contra a parede, no corredor.

— Por que você me trouxe até aqui? — indaguei, raivoso — Eu quero ir para casa.

Pela forma que ele me encarava e eu reagia a esse olhar, ninguém diria que eu era o irmão mais velho. Admitia estar reagindo irracionalmente, mas qualquer *Vor* com o futuro ameaçado faria o mesmo em meu lugar.

— Aquele apartamento minúsculo que você chama de casa não é o seu lar — disse Dmitri — Seu lar é onde a sua família está. Para apoiar você em cada minuto.

O apartamento minúsculo que ele se referia era nada menos que uma bela cobertura no centro de Moscou, mas se

comparado à mansão dos Milanovic, não era nada.

Eu ficava grato pela preocupação e atenção de Dmitri, mas durante a minha recuperação, preferia estar sozinho, bem longe de olhares cheios de piedade.

— Agradeço a oferta, mas vou para o meu ridículo apartamento.

E se Dmitri quisesse brigar sobre isso, eu estava pronto para a batalha.

— Muito bem — ele começou a afrouxar os punhos do paletó e um sorriso mal disfarçado surgia no canto dos lábios — Então, vai entrar e dizer pessoalmente a Kyara porque não irá ficar no quarto que há dias ela vem preparando para você.

— *Ya ub' yu tebia!* ^[1] — Rugi para ele.

Eu podia cair na porrada com Dmitri ou enfrentar todos os guerreiros juntos da Tambovskaya, a segunda máfia mais importante do país, mas lidar com uma grávida com os hormônios cada dia mais em ebulição?

Nem o homem mais corajoso se atreveria a isso.

CAPÍTULO 6

IRINA NOVITSKY

O trabalho era a melhor forma de me desconectar do mundo. Eu poderia ficar horas, dias, semanas focada e perdida em meio às fórmulas, que as necessidades mais básicas e importantes, como comer e dormir, geralmente ficavam negligenciadas até que meu corpo exigisse a devida atenção.

A verdade era que a sala de pesquisa e tudo à minha volta faziam mais sentido para mim do que as pessoas. Números eram bons. Pessoas eram ruins. E não apenas dentro da Bratva.

Eu lidava com estatísticas, probabilidades, acerto e erro, não havia lugar para o meio-termo. Cada objetivo que eu queria alcançar, dependia de quanto empenho e dedicação eu colocava nas pesquisas.

Nesse lugar, temido por muitos e desprezado por outros, eu tinha o controle de tudo. Bem diferente da minha quase inexistente vida social e, principalmente, amorosa. Para a primeira, nunca liguei muito, comparecia apenas aos

eventos que me eram colocados como obrigatórios, fosse os ligados aos negócios da família, acompanhando o meu pai, fosse os de trabalho. Já na segunda, conseguia ser muito pior que a anterior. Especialmente se envolvesse uma pessoa em especial.

E foi nessa minha confusão organizada de anotações, cálculos e projeções computadorizadas que ouvi as insistentes batidas na porta, que me arrancavam a concentração.

— Kyara?

Afastei-me da mesa de teste ao vê-la e, claro, sua segunda sombra parada atrás dela. Nosso último encontro tinha acontecido há... duas semanas?

Eu não queria ter que checar no calendário e provar o quão relapsa em nossa amizade eu poderia ser, ainda mais quando tinha me prontificado mais uma vez a ajudá-la a organizar o casamento.

— Se a minha melhor amiga não vai até mim — ela esticou os braços —, aqui estou.

Apesar do afetuoso sorriso que me dirigia, não consegui deixar de me sentir culpada. A meta era deixar Vladic, e tudo o que ele representava, distante, mas Kyara nunca tinha sido incluída nesse plano.

— Não diga isso. Me faz sentir uma pessoa horrível e má — tomei posse da melhor expressão de cachorrinho abandonado que pudesse ensaiar e dei a ela — Eu tenho

que agradar o *Pakhan* de uma forma bem diferente de você, se é que me entende.

Após o casamento dentro dos próximos meses, o casal teria finalmente a tão sonhada lua de mel na Suíça. O pedido de Dmitri era que não apenas o satélite que ligaria os microchips estivessem funcionando, como os principais membros na organização fossem marcados.

— Pobrezinha. Eu posso falar com ele. O *Pakhan* sempre tem ouvidos atentos a mim — ela piscou o olho, marota — Se é que me entende.

— Estou bem. Eu só preciso...

— Ter uma agenda e anotar encontros com pessoas dentro dela?

Totalmente errada ela não estava. Obviamente que eu tinha uma agenda, lotada de compromissos profissionais. Não havia rabiscos com ‘pausas para cafezinhos’ ou ‘uma tarde de compras com as amigas’.

— Você tem toda razão — respondi, tirando o jaleco branco por sobre o conjunto de calça e camisa cinza que eu usava — Eu sou completamente sua.

Enquanto Kyara parecia um lindo sol radiante em seu vestido amarelo sensual, com os cabelos soltos parecendo flutuar a cada passo que dava, eu estava mais para um dia cinza e chuvoso, os cabelos presos em um coque severo eram como nuvens encobrindo o sol.

Não menosprezava a mim como poderia aparentar. Dias chuvosos também eram bons, principalmente para ficar na cama tendo um bom livro com uma fumegante xícara de chá, ouvindo as gotas baterem na janela como músicas.

— O que tem em mente?

— Compras.

Eu temi essa resposta, mas fiz enorme esforço para não demonstrar. Não era porque as que fui, a pedido de meu pai, com as filhas de alguns amigos que ele tinha negócios, saíram fracassadas que minha tentativa com Kyara terminaria drasticamente. Primeiro, porque ela não era naturalmente má e nem me faria sentir inadequada em qualquer peça que escolhesse vestir.

— Você não faz ideia de como o quadril de uma gestante muda em semanas — ela riu e nos unimos na porta — Além disso, como você sabe, quero estar muito bonita para amanhã à noite e fazer Dmitri lembrar porque se apaixonou por mim.

— Amanhã à noite?

Kyara parou em frente a mim antes que pudesse esticar o braço para chamar o elevador.

— Você não se lembra, não é verdade?

— Claro que eu me lembro.

Sim, eu tinha esquecido completamente. Não do jantar ou do porquê era o evento, mas o dia que aconteceria.

— As boas-vindas ao Guriev.

— Milanovic. Agora ele é um Milanovic.

Para mim, ele sempre seria o velho e irritante Guriev.

— A documentação já foi finalizada junto com o aviso oficial do *Pakhan* — esclareceu ela dando espaço para que eu chamasse o elevador — Mas eu quero que Vlad se sinta bem recebido em casa, na família e com os amigos.

Dmitri Milanovic, ou melhor, o *Pakhan*, não poderia ter encontrado companhia melhor. Kyara tinha esse dom de querer unir as pessoas e fazer com que se sentissem bem e acolhidas.

Se eu tivesse sido a escolhida de Dmitri, como meu pai esperava em sua breve busca por uma *Koroleva*, teria sido terrível. Normalmente eu afastava as pessoas com minha sinceridade ácida ou fazia as conversas ficarem mais frias do que geleiras.

— Vladic não é do tipo que precisa de tapinha nas costas, Kya.

Ele era como a combinação de metais, recentemente descoberta por cientista, o HfN0.38C0.51^[2], difícil de derreter.

— E depois do que o médico disse, ele anda meio...

— Espera. O que o médico de Vladic disse a ele?

Foi totalmente aceitável seu olhar reprovador a mim. Eu tinha essa estranha mania de lincar qualquer assunto importante à ciência. Não que Vladic fosse alguém importante a mim.

— Pode haver sequelas na perna atingida pela bala.

Toda a situação foi inesperada e ridícula se eu ousasse dizer. O projétil atingiu a veia femoral, e apesar do sangramento que poderia tê-lo matado em vinte minutos, ter sido contido a tempo, de acordo com o que o médico disse a mim, parte do osso e alguns músculos na perna de Vladic tinham sido afetados.

— Pensei que com fisioterapia e o tratamento devido tudo ficaria bem — disse a ela.

— Ele vai voltar a andar, mas talvez não como antes. Mas está tudo bem, não é? — indagou Kyara, indisfarçadamente preocupada — Ele não é um homem de frente e as coisas agora estão calmas.

Em partes sim. Ainda havia a questão do Kamanev. Mas Boris estava mais para um ratinho tentando se esconder do que representar um perigo real. Só que havia um inimigo direto à nossa organização: a Tambovskaya.

Há algum tempo, o acordo de paz selado quando o pai de Dmitri assumiu o comando da máfia, vinha sendo colocado em prova pelo outro lado. E para atender ao meu pedido e trazer Tigran até a Rússia, Dmitri podia ter mexido no vespeiro. Se uma guerra iniciasse, as habilidades de Vladic poderiam ser exigidas.

Ele era um soldado acima de tudo. E foi a vida toda treinado para isso. Eu não sei como me sentiria se em algum momento surgisse a ameaça de me tirarem do laboratório.

— Sim, Kya. Está tudo bem.

Não adiantava preocupá-la antes da hora e certamente Dmitri me mataria se eu fizesse isso. Kyara foi criada no meio da máfia, mas eu podia apostar que Fjodor a havia protegido dele. Assim como ela acreditou, eu também tinha certeza de que ele a teria deixado partir se o próprio filho não tivesse tirado a vida dele.

Meu *otets'* havia me criado de forma completamente oposta.

Esse é o nosso mundo, Irina, duro e cruel, mas eu vou ensiná-la a ser forte dentro dele.

Foi um dos grandes ensinamentos de meu pai, por anos.

Mas Kyara não precisava lidar com o lado ruim da Bratva o tempo todo. Manter a suavidade e bondade dentro dela era o que amenizava a parte dura do *Pakhan*. Ela era a balança mantendo o equilíbrio das coisas.

— Vamos às compras, agora?

Foi uma deliciosa surpresa saber que fazer compras poderia ser algo realmente divertido. Normalmente eu pedia que a costureira entregasse as mesmas peças de sempre a mim, quando precisava.

Branco, cinza e preto. Essas cores por pelo menos uma década me definiram. Não que eu tivesse me tornado uma aventureira no quesito moda, em um surto repentino, mas Kyara me fez provar e comprar tons de rosa e prateados em vez de chumbo, além de ousar em alguns decotes e

comprimentos de saias. Nada que eu me sentisse diferente do que eu realmente era.

— Que pena você não ter ficado com o segundo vestido vermelho. — lamentou Kyara assim que saímos da loja que ela prometeu ter sido a última do dia — Sei de alguém que não teria olhos para mais nada além de você.

Eu tinha me sentido realmente diferente com ele. Como se uma força poderosa e confiança surgissem de mim. Ou, como Kyara havia dito ao me ver em frente ao espelho: — Linda.

Mas bastou imaginar como a “pessoa” de quem ela se referia olharia para mim, foi suficiente para me fazer correr de volta ao provador, sentindo o rosto acalorado.

— Não faz meu estilo.

Eu nunca tinha me preocupado ou, durante as passagens de ano, havia me deixado importar em me vestir para agradar alguém. Acreditava sinceramente que nenhuma mulher deveria se sentir na obrigação disso. Mas as poucas horas com Kyara me fizeram ver que ficar bonita vinha primeiro como um estado de espírito, com a necessidade de agradar a si mesma. E isso refletia em todas as pessoas à nossa volta. Seu corpo começava a mudar devido à gravidez, mas ela usava suas melhores qualidades a seu favor.

— Mas o azul ficou lindo e combina perfeitamente com os seus olhos — ressaltou ela entregando outra de nossas sacolas ao segurança.

Além dele, havia outros espalhados à espreita.

De acordo com ela, carregar nossas compras era uma das vantagens de ter o homem colado nela a cada lado que fôssemos.

— Deveria usá-lo no jantar.

A peça que ela se referia tinha alças bem finas e delicadas, decote modesto, mas para compensar, a seda envolvia perfeitamente o meu corpo como uma segunda pele e deixava as costas inteiramente à mostra. Ousadamente sensual, sem ser vulgar.

— Usarei o prata.

Com mangas mais largas e apenas alguns dedos da saia acima do que costumava usar, era uma escolha elegante e simples.

Claramente minha escolha causou sua decepção. Ela chegou a abrir os lábios pronta a um discurso fervoroso o suficiente para me fazer mudar de ideia, mas acho que no fundo ela percebeu que eu tinha saído bastante da minha zona de conforto para uma primeira tentativa dela.

— Vai ficar lindo também — sua mão acolheu a minha — Você é linda de qualquer forma.

Estava aí a diferença entre sair para um dia de compras divertido com Kyara e as outras garotas que sempre me fizeram sentir péssima e deslocada. Ela enxergava a mim e não a quem eu deveria tentar agradar, tampouco se eu

poderia ficar mais bonita e atraente que alguma delas. Ela não precisava me fazer sentir um nada para se sentir alguém.

Eu finalmente abri espaço em minha agenda para uma rotina social. E por mais que tenha mergulhado no trabalho no dia seguinte, mantive-me atenta ao relógio. Até havia declinado o convite de Tigran e outros colegas para um *happy hour* por estar comprometida com o evento de Kyara.

Mas isso não tinha me impedido de, pela primeira vez, em toda minha vida, atrasar vergonhosamente para um compromisso importante. Isso porque tinha passado mais da metade do tempo provando e retirando todas as roupas do meu guarda-roupa sem me sentir satisfeita, até agora.

— *Irina?* — liguei o viva-voz do telefone em cima da cama e deixei a voz de Kyara soar enquanto tentava calçar os sapatos — *Por acaso você e o Vladic estão em algum plano secreto de me enlouquecer?*

— Hum... — procurei o par de brincos que eu tinha colocado em alguma parte da penteadeira — O que exatamente o Vladic fez?

— *O que ele não fez, você deveria perguntar* — pela primeira vez em algum tempo sentia Kyara aborrecida — *Vocês dois deveriam estar aqui há mais de uma hora.*

Passei os últimos minutos recebendo mensagens dela questionando quando eu iria chegar, mas jamais tinha me passado pela cabeça que Vladic havia fugido do jantar em homenagem a ele tão cuidadosamente organizado por Kyara.

— Onde ele está? O que o Dmitri disse sobre isso?

Enquanto aguardava a resposta dela, após um longo suspiro, olhei no espelho e cheguei à conclusão que não teria alternativa além de fazer um Coque Pun, deixando alguns fios caindo na lateral do rosto.

— *Ele disse que está tudo bem e que não devo me preocupar. Mas eu o vejo falando com Nikolai escondido.*

Ou seja, nem mesmo Dmitri fazia ideia onde o imbecil do irmão havia se escondido. E desconfiava que se Vladic não aparecesse nesse jantar, seria a primeira desavença importante entre os dois.

— Ouça, Kyara. Eu sinto muito por mim. Eu...

Deveria confessar a ela que no fundo existia dentro de mim um desejo secreto que, ao menos por essa noite, os olhos daquele *certo alguém* fossem apenas meus.

— Vou achar o Vladic nem que seja a última coisa que eu faça nessa vida e vou levá-lo para o seu jantar.

— *Mas você não sabe...*

Desliguei antes que ela pudesse continuar. Havia algo em mim muito mais poderoso do que qualquer microchip rastreador. Eu tinha a minha intuição e iria segui-la.

Só havia uma coisa perturbando Vladic e eu sabia bem onde ele poderia estar.

— Vladic Guriev!

O meu grito foi alto o suficiente para vibrar em toda a sala, com pouca clareza, e fazer seu rosto perturbado procurar o meu.

Não me surpreendeu encontrá-lo ali. O que me surpreendeu foi o que o via fazer.

— Irina?

KYARA SMIRNOV

Eu tinha um plano.

Unir Vladic e Irina como um casal. Uma coisa óbvia para todo mundo e que apenas os dois não viam, que por trás de todas as provocações e birras, uma grande atração entre eles existia. Eles só eram teimosos e turrões demais para aceitar.

Eu devia confessar que com Vladic, meus esforços em uni-los surtiram efeito tão rápido quanto um foguete cruzando o céu. Ele era homem e como tal, tendia a se achar fodão e esperto, mas quando o assunto chegava ao coração, tornava-se um garotinho e ficava perdido.

Irina. Essa sim, tornava o meu trabalho maior e mais interessante. Irina não se achava esperta, ela era. Bem mais

difícil de lidar. Com Irina, descobri que eu precisava de sutileza e apenas pressioná-la no momento certo.

O jantar de hoje, por exemplo, seria o início fenomenal. Até tinha conseguido fazer com que ela fosse às compras comigo e a instiguei a ousar. Não tinha mentido para Irina quando afirmei que a achava linda, do jeito que era. Sua naturalidade sem artifícios, unida à sua sagacidade e inteligência que tinham instigado e atraído Vladic. Ele se encantou com sua personalidade antes de por sua aparência física, embora ainda se negasse a admitir.

Como Dmitri, eu sentia uma felicidade indescritível em ter Vladic de volta às nossas vidas. O evento desta noite, mesmo tendo segundas intenções, significava isso, mas não havia nenhuma regra me impedindo de unir o útil ao agradável.

Acreditava nisso até notar meus planos desmoronarem ao notar que todos os convidados estavam presentes, menos os dois personagens principais.

Irina passou os últimos minutos se desculpendo por estar atrasada, afirmando que iria aparecer. Já o ilustre homenageado, eu não tinha visto desde o café da manhã.

Vladic andava arredio e solitário. Esse não era o mesmo homem que Dmitri e eu conhecíamos e amávamos tanto. Eu pensava que um novo desafio pudesse fazê-lo relaxar um pouco, e não havia nada mais desafiador do que conquistar o coração de uma garota atrevida.

Mas os dois não estavam aqui! E esse sentimento de frustração estava me deixando maluca. Por sorte eu poderia jogar toda culpa dessa ebulição de hormônios na gravidez.

— Somos um time, certo? — sussurrei tocando o ventre e sorrindo para o bebê.

— Quem é um time? — com a pergunta, senti os braços de Dmitri me envolverem e seu peito largo bater contra as minhas costas.

Ele se inclinou sobre mim e recebi um beijo carinhoso no ombro que rapidamente fez minha pele arrepiar antes de ser virada para ele.

— Nossa família — mexi na gravata dele, escondendo meus olhos e, principalmente, o sorriso travesso que facilmente ele conseguiria identificar.

— Kyara?

Droga. Dmitri conseguiria me ler até mesmo de olhos fechados.

Ele não queria que eu me aborrecesse com nada. Não apenas pelo perigo que existia lá fora. Pelo meu futuro marido, eu seria colocada num vaso de cristal, ainda mais depois de tudo que eu havia passado.

— Teve notícias de Vlad?

Desta vez o encarei e me deparei com sua expressão aborrecida.

— Ordenei que vasculhassem o apartamento, o cassino e alguns bares que costumávamos ir.

— Não tem problema. Irina me garantiu que irá encontrá-lo.

— Irina?

— Se há uma pessoa capaz de encontrar alguém, mesmo que seja no fim do mundo, é ela. — respondi a ele.

Eu tinha sido uma prova viva disso, não fazia muito tempo.

— Agora, vamos manter nossos convidados entretidos. — unindo as nossas mãos, puxei-o para fora do nosso quarto.

O objetivo de colocar Vladic e Irina no mesmo ambiente seria alcançado. Como e onde, já não importava mais. Eu só tinha dado o empurrãozinho inicial.

— A gente podia pular essa parte — sugeriu Dmitri, e antes que eu pudesse sugar e soltar o ar em meus pulmões, fui pressionada contra a porta — E fazer algo bem mais interessante.

Seu corpo imenso cobriu o meu.

— Dmitri! — deveria ter sido um aviso de protesto, mas soou como um gemido rendido quando suas mãos começaram a se introduzir em meu vestido.

— Kyara... — O olhar intenso e o sorriso pervertido foram as últimas imagens que tive antes de fechar os olhos, ao ter sua boca faminta cobrindo a minha.

Ok. Os convidados poderiam esperar alguns minutos. Afinal, essa era só uma das inúmeras vantagens de ele ser o

Pakhan.

CAPÍTULO 7

VLADIC GURIEV

Eu estava irritado. Não, sentia-me furioso. Não por ter levado o tiro para salvar a vida do meu irmão, pelas semanas que tinha passado desacordado no hospital, muito menos com os resultados negativos do ferimento em minha perna.

O que me enfurecia era a forma que as pessoas encaravam e tentavam se dirigir a mim. Com um olhar compreensivo ou palavras de conforto que eu não precisava. Como se tudo estivesse perdido.

Iria para a guerra se necessário e lutaria com o mesmo empenho e dedicação de qualquer soldado, mesmo se não tivesse uma das pernas ou os dois olhos. Fui treinado para o combate e morreria assim.

Então, não, eu não precisava de uma reunião de boas-vindas onde todos se colocariam diante de mim, agindo como se nada tivesse acontecido e eles acreditassem que minha carreira havia acabado. Existiam duas coisas que eu desprezava: fraqueza e piedade.

O que eu precisava era de tempo e de espaço. Tempo para curar o meu corpo e fazer com que ele voltasse ao

normal e espaço para conseguir lidar com a situação, caso isso não acontecesse.

Por isso, assim que me vi livre por alguns minutos, tratei logo de desaparecer. Ir para o meu apartamento, os cassinos, clubes e bares que costumava frequentar seriam os primeiros lugares que me caçariam quando notassem a minha ausência. Além disso, não estava no clima para me dirigir a nenhuma das opções.

Só havia um lugar que eu me sentiria bem e dentro de minhas condições físicas, possivelmente ninguém imaginaria que eu tivesse me refugiado.

O Centro de Treinamento e Luta.

Nas primeiras horas, apenas circulei, com auxílio das muletas, pelo imenso lugar, perdido em lembranças. Na primeira vez que tinha pisado aqui tendo a companhia de Nikolai e meu pai. Minhas primeiras lições. As horas que tinha ficado treinando exaustivamente. As lutas que tinha vencido. Quando trouxe Dmitri para as suas aulas iniciais. As vezes que nós caímos no porre escondidos, ao avançar da madrugada, sentindo cada osso do corpo doer. Todas as vezes que gritaram meu nome enquanto eu estava no ringue lutando ou fazendo alguma demonstração de habilidade com armas.

Foi aqui que pela primeira vez ao vencer um dos maiores e mais antigos soldados da Bratva, vi o olhar orgulhoso de Mikhail Milanovic. Não o *Pakhan* satisfeito com

o seu *Vor* de mais alta posição, mas um pai feliz com as realizações de seu filho. Naquele dia, trocamos algo que ninguém mais poderia entender e que para mim deixava todo o resto para trás.

E depois de tantas lembranças e uma garrafa de vodca, encontrava-me no octógono, as muletas no chão, perna boa, sustentando a ruim, enquanto ensaiava desajeitadamente alguns passos de luta.

— Vladic Guriev!

Bem, eu achei que ensaiaria alguns movimentos quando a voz estridente, invadindo a sala em penumbra, me fez estacar no lugar.

— Irina?

Certo, eu tinha bebido, algo que não deveria por causa dos remédios que eu tomava, mas, sinceramente, era preciso bem mais do que isso para me fazer começar a ter alucinações.

— O que você pensa que está fazendo, Guriev?

Eu tinha deixado claro a Dmitri que ao aceitar o nome Milanovic, não deixaria de lado o sobrenome de minha mãe, isso foi tudo que me restou dela. Contudo, bastou a notícia se espalhar para que todo mundo se dirigisse a mim de forma diferente. Não apenas como o *Avtoriyet*, mas um Milanovic e irmão do *Pakhan*.

Mas claro que para Irina isso não tinha a menor importância. E isso a fazia se destacar de todos os demais.

— Milanovic — corrija-a, apenas porque provocar Irina era algo que eu simplesmente não conseguia resistir — Agora sou um Milanovic.

Embora não conseguisse ver o seu rosto, as formas que os ombros subiram e desceram quando ela respirou profundamente, soube que a tinha atingido no alvo. E ela ficava sexy pra cacete com as bochechas rosadas e olhos soltando fogo. Isso me excitava muito.

— Isso não me interessa.

— É mesmo? — apoiei as costas contra a pilastra no octógono e cruzei meus braços — E o que tanto a interessa?

Com o sorriso no rosto que apenas aumentava e que certamente estaria fazendo seu sangue ferver, a vi puxar a barra do vestido e marchar como um soldado furioso em minha direção. Ela puxou a corda mais baixa e com uma agilidade que me deixou impressionado logo estava sobre o octógono e a alguns metros de mim.

Desta vez, a iluminação estava focada nela.

Ye-bat!

Quem havia pegado a velha e sem graça Irina e colocado essa réplica deslumbrante e sensual?

Eu não sabia definir exatamente o que, de repente, me deixou sem palavras. O vestido azul colado a cada curva de seu corpo curvilíneo e sensual, que também fazia os seus olhos claros brilharem como duas esferas cintilantes; os lábios vermelhos que me faziam ter ideias nem um pouco

decorosas, do que eu queria fazer com sua boca ou o novo e elegante penteado que me levou a fechar forte os meus dedos, devido ao insano desejo de esticar minhas mãos até ela e bagunçá-lo.

No fim, concluí que era a somatória de todas essas coisas. Era Irina completamente, dos fios de cabelo caindo em seu rosto, beijando o pescoço delgado de um jeito que eu gostaria de estar fazendo, às pontas dos dedos dos pés escondidos pelo sapato bicudo, fazia com que todo o meu corpo reagisse a ela.

Se tinha algo em mim que não foi de forma alguma afetado pela minha momentânea limitação física, sem dúvida alguma era o meu pau. E a cada passo que ela dava para mais perto, um pouco mais rígido ele ficava.

— Porra — blasfemei baixinho.

Diziam que pensar em situações trágicas, ajudava a conter impulsos sexuais. Eu tinha visto e presenciado muita merda na Bratva para testar essa teoria. No entanto, não ajudava em nada ter o perfume floral de Irina me envolvendo ainda mais.

— O que me importa é saber que você além de imbecil, é irresponsável — acusou ela, completamente alheia à bagunça que fazia comigo.

— Como?

— O que está fazendo aqui, Vladic? Querendo arruinar todo o trabalho que os médicos fizeram em sua operação? —

Ela apoiou as duas mãos na cintura e isso fez com que seus seios empinassem suavemente em minha direção.

Gavno! Eu supostamente estava indo em direção a uma nova e acalorada discussão com a Srt^a Atrevida, mas tudo o que eu conseguia pensar era o quão furiosa a deixaria se eu puxasse as finas alças dos seus ombros e me deleitasse com a visão do par de seios cobertos pelo bonito, mas maldito vestido.

— Vladic!

Balancei a cabeça buscando sair dessa névoa que me fazia agir como um idiota e decidi encarar seu rosto em vez de partes do corpo que fodidamente me distraíam.

— Eu só estava...

— Usando a testosterona ao invés do seu cérebro, como sempre. Você sabia que está tendo um jantar em homenagem a você?

Droga!

A porra do jantar. Eu não tinha vontade alguma de participar desse evento, mas Kyara – a quem eu me sentiria muito babaca em deixar decepcionada e triste comigo – o organizou, e Dmitri – que arrancaria meu fígado por aborrecer sua futura e grávida esposa – apoiou, então, eu pretendia ir.

— Pare de agir como um menino chorão e emburrado e faça o que é certo.

Eu precisava admitir, nos últimos dias lambendo minhas feridas, tornei-me alguém intragável a quem todos temiam se aproximar. A única corajosa o suficiente era Kyara e pelo que eu via, bufando para mim, agora, Irina.

Ninguém em toda Bratva, além de Dmitri, ousaria falar assim comigo.

— Você não é a única pessoa no mundo a ter problemas, sabia? Acha que é fácil para mim? Todos os dias ter que me impor nesse mundo onde apenas os homens têm direito a uma voz? — se tinha algo que Irina fazia melhor que seu trabalho era lutar para ter uma voz dentro dele, e embora eu nunca demonstrasse isso, a admirava — Eu levanto todos os dias para uma batalha diferente. Não é apenas com músculos e armas que se vence guerras, sabia?

E ela tinha provado muito bem isso durante o resgate a Kyara. A ajuda de Irina e seu chip rastreador foram peças fundamentais para o sucesso da missão.

— Eu disse à minha amiga que o levaria nem que fosse amarrado — seu queixo empinou e o rosto lindamente exaltado aproximou-se mais do meu — Não vou permitir que por ser um imbecil...

— *Mílaya* — o breve sorriso que abri logo se desfez quando, sem que ela pudesse se esquivar, agarrei sua nuca e coleí minha boca sobre a dela.

Ninguém poderia negar que eu tinha resistido bravamente até onde pude. Não me irritavam as palavras de

Irina. Na verdade, era muito bom que alguém tivesse peito o suficiente para me enfrentar. Mas existia algo sobre isso. Sobre ela me desafiar o tempo inteiro que excitava.

Nunca imaginei que uma mulher irritada pudesse parecer tão sexy. Ou talvez fosse apenas Irina furiosa a mexer comigo.

Eu tinha uma sede por ela que por mais que bebesse de seus lábios, não conseguia saciar. Beijamo-nos como se o mundo fosse acabar em alguns minutos. Com fome. Com tesão, uma paixão que a fazia enfraquecer em meus braços e meu pau engrossar ainda mais dentro da calça.

Firmei-me mais contra o apoio às minhas costas e puxei Irina mais para mim.

— Vladic — ela gemeu quando dos seus lábios corri minha boca até seu pescoço e cravei meus dentes ali, dando uma suave lambida depois.

Com uma das mãos, percorri a lateral de seu corpo, chegando aos seios perfeitos. Ela tombou a cabeça para o lado. Percorri minha outra mão pelo seu ombro até chegar a uma das alças do vestido, baixando-a lentamente e um gemido rouco escapou de mim ao ter a visão do mamilo endurecido que eu necessitava desesperadamente provar.

Curvei-me em direção a ela, mas meu movimento foi mal calculado e brusco, fazendo com que a perna recentemente operada protestasse. Infelizmente a minha

perna foi mais forte que todo desejo que, segundos antes, fez o meu corpo arder.

— Meu Deus! — Irina se afastou assustada, levando os dedos à boca — Vladic.

Ela parecia indecisa se deveria se aproximar ou se afastar enquanto eu lidava com as fisgadas na perna até que começaram a diminuir ou eu a me acostumar à dor.

— Eu sinto muito — os olhos marejados confirmavam a sinceridade no que dizia.

Vê-la por um momento fragilizada em vez da fortaleza que sempre se mostrava, acabava comigo.

— Tudo bem — estiquei-me o suficiente para buscar sua mão — Não foi sua culpa. Eu sempre me esqueço desta maldita perna.

Ergui minha mão até o seu rosto. Apenas uma leve carícia com meu polegar em sua bochecha rosada. Irina fechou os olhos e meu único desejo foi trazê-la de volta para os meus braços, e nem que arrancassem minhas duas pernas a deixaria escapar.

— Humm... — ela murmurou, voltando a olhar para mim antes de começar a se afastar — Nós temos que ir.

Alguma coisa tinha passado por sua mente inquieta. E não era algo que me deixaria feliz. Cheguei a essa conclusão ao notar como seu corpo ficou rígido e os olhos perderam a chama anterior.

— Irina...

— Kyara está nos esperando — proferiu apressadamente antes de dar as costas a mim.

Eu atormentava e assustava Irina ao ponto de sempre tentar fugir de mim?

Que tirávamos a paz um do outro com provocações sem sentido era de conhecimento universal. Mas, também, nos desejávamos, isso ficou claro tanto quando nos agarramos na casa de Dmitri como agora. E eu não podia esquecer o fato de que ela me visitava constantemente no hospital, pedindo que eu reagisse. Irina se preocupava, mesmo fazendo o possível para negar.

— Vladic? Você vem?

Mais do que mancar em direção a ela, eu iria descobrir quais segredos Irina Novistky tentava esconder.

O caminho foi marcado por um silêncio pesado enquanto ela dirigia. Ambos tínhamos nossos próprios pensamentos sombrios para nos ocupar.

— Eu não iria faltar — avisei assim que percebi a mansão Milanovic surgir.

— O quê? — Ela me encarou brevemente confusa.

— Ao jantar da Kyara. Não tinha intenção de magoá-la — confessei soltando o cinto — Perdi a noção do tempo e....

— Eu acho que sobre isso posso compreender. Não fui uma pessoa pontual esta noite.

— Como você sabia que eu estaria ali?

O carro parou e eu finalmente tive sua atenção de volta.

— Quando alguma coisa me angustia, aborrece ou me deixa irritada é o trabalho que me acalma. Eu só tive um palpite.

Ou talvez ela me conhecesse mais do que ousava admitir. E estava prestes a ressaltar isso quando ela abruptamente abriu a porta e desceu, buscando as minhas muletas no banco de trás.

Irina.

— Vou pelos fundos e chegarei à sala de jantar assim que estiver devidamente apresentável. Você avisa a Kyara?

Irina assentiu, sorrindo, e eu fiz provavelmente a última tolice da noite, ou, ao meu ver, a coisa certa, puxei-a para um beijo rápido, mas suficientemente apaixonado para nos deixar sem chão.

— Vejo você lá dentro, Novitsky.

Seu olhar sonhador e lábios entreabertos e inchados foram minha última visão antes de seguir pelo caminho escuro.

Eu estava colocando a gravata quando Dmitri surgiu no quarto. Apesar de aparentar calma, por dentro, eu sabia que ele estava enfurecido. Ele era meu irmão e eu não tinha dúvidas dos seus sentimentos por mim, mas Kyara era a mulher por quem ele era completamente apaixonado.

Não havia nada no mundo acima dela e como tal, ele a protegeria tanto física como emocionalmente.

— Eu sei que pisei na bola — ergui as mãos em sinal de desculpa — E se te ajuda saber, não tive intenção alguma de magoar a Kyara.

— Eu não ligo para esse jantar. Você não liga. Mas ela se importa com você.

— Sei disso.

E eu realmente sentia muito. Dmitri notou isso e começou a relaxar.

— Onde você estava?

— No Centro de Treinamento.

Esperei pelo momento que, assim como Irina, ele levantaria acusação de como eu tinha sido irresponsável, mas a pergunta foi completamente diferente.

— Você e Irina passaram o tempo todo juntos? Porque ela também não chegou no horário.

Isso era novidade.

— Apenas na última hora. — O que fazia Irina antes de se encontrar comigo?

— E como Novitsky sabia onde você estava?

Cruzei os braços e o encarei com divertimento.

— É o *Pakhan* que quer saber ou a mulher dele?

Pela expressão em seu rosto, eu o tinha pego de jeito.

— Irina é uma mulher inteligente. Me encontrar não seria algo difícil para ela.

— Eu ouvi mesmo isso? — Dmitri indagou em um tom provocador — Você elogiando a Irina?

Uma das promessas que Dmi sempre me fez quando o provocava em relação a como ele amolecia perto de Kyara, se transformando em tolo apaixonado, era que um dia a carapuça se viraria contra mim. Embora eu não tivesse uma definição clara do que sentia por Irina, ele deveria estar se deliciando com este momento.

— Eu nunca duvidei da inteligência dela, apenas a achava uma nerd irritante.

— Achava? — seus olhos estreitaram cheios de humor.

Ya ub' yu tebia!

— Enfim, alguém que fode com sua cabeça, não é, Vladic? — Dmitri não perdeu a oportunidade de provocar mais uma vez enquanto saíamos do quarto.

— Não só com a minha cabeça — admiti.

Durante o jantar e até após ele, quando fomos conduzidos por Kyara para o salão social, não tive oportunidade de me aproximar outra vez de Irina, não da forma que eu gostaria. Ela passou o tempo todo concentrada e controlando o pai.

Fugia de mim como uma garotinha correndo de monstros dentro do armário.

Isso me divertia. Uma das coisas que um *Vor* bem disciplinado aprendia era ter paciência e agir no momento certo.

Procurei-a pelo salão após encerrar uma conversa com Savin e peguei seus olhos grudados em mim antes que ela tivesse tempo de desviar como nas vezes anteriores.

Não há para onde fugir, mílaya. Eu esperava que meu sorriso e, principalmente, o olhar, estivessem dizendo isso.

E pela forma que seu queixo empinou em direção a mim, com desafio claro em resposta, a mensagem tinha sido captada.

Caçar era um dos meus esportes favoritos.

CAPÍTULO 8

IRINA NOVITSKY

O tempo tinha passado muito rápido e antes que eu pudesse perceber, o grande dia para Kyara e Dmitri chegou. Desta vez, a segurança tinha sido mais do que reforçada, a mansão Milanovic foi preparada para se transformar em uma verdadeira fortaleza.

De qualquer forma, nenhum *Kapitan*, fosse de Primeira ou Segunda Elite, um soldado ou qualquer membro dentro da Bratva, ousaria desafiar o *Pakhan* novamente. As lutas que aconteceram na arena há alguns meses foram um aviso claro do que Dmitri seria capaz de fazer em represália a uma nova traição.

Nos últimos meses, eu tinha mergulhado de cabeça no trabalho. Um prédio inteiro, voltado para segurança e monitoramento, foi erguido. Metade dele continha as máquinas gigantes onde cada microchip que estava sendo produzido deveria ser monitorado. E novos satélites foram espalhados no céu, tendo como foco diversas partes do mundo.

O projeto ainda não estava cem por cento concluído. Com Tigran e o restante da equipe me auxiliando, tentava reparar pequenas falhas que eu tinha detectado há alguns

dias, mas já estava impressionantemente melhor do que quando testei em Kyara. E paralelo a isso, o INE-19 seguia a todo vapor. Esses dois trabalhos importantes mantiveram a minha cabeça o mais ocupada possível e meu corpo exausto para chegar em casa todas as noites, tomar banho e desmaiar na cama.

Eu ainda pensava muito em Vladic, isso eu não conseguia evitar, por mais desafiantes que fossem as coisas no laboratório. Quando eu não estava com a mente divagando no que Vladic estaria fazendo, e com quem, ficava, como Tigran dizia para me aborrecer: sonhando acordada com cada momento que tivemos juntos.

Nos meses que se passaram, eu quase não tinha esbarrado em Vladic, e quando acontecia sempre que visitava Kyara, fosse para vê-la ou auxiliar em algo relacionado ao casamento, nosso contato era rápido demais, e ao menos que estivesse ficando maluca, via nos olhos dele promessas que faziam a minha pele arrepiar.

Inicialmente fiquei curiosa, decepcionada, brava e perdida sobre o distanciamento de Vladic em relação a mim. Kyara, notando minha angústia visivelmente indisfarçável, ou apenas tentando agir como cupido, informava que ele estava completamente focado em sua recuperação. E eu constatei isso quando o vi atravessar o jardim alguns dias atrás, tendo apenas o auxílio de uma bengala, ao invés das muletas.

Vladic era determinado e teimoso. Nunca duvidei de que sairia dessa adversidade mais forte do que tinha sido jogado nela. E hoje, eu poderia ver melhor todo o progresso que ele vinha fazendo de perto, diferente das vezes que de longe assisti em ação, quando aparecia escondida no Centro de Treinamento.

Eu me encontrava perdida nessas divagações, enquanto me olhava através do espelho, no lindo vestido que Kyara havia escolhido para a cerimônia, e quase não ouvi as batidas insistentes na porta.

Papai surgiu no quarto logo após a minha permissão para que ele entrasse. Ele estava elegante e deslumbrante em um smoking azul marinho. Apesar dos seus quase sessenta anos, ainda era um homem incrivelmente charmoso e sedutor, que me fazia entender por que minha mãe havia se apaixonado por ele, apesar do casamento deles ter sido um arranjo de negócios entre as famílias.

Em quase todos os casamentos da Bratva era assim. Nas uniões consideradas mais importantes, o enlace era visto apenas como mais uma transação de negócios. Os pais escolhiam os cônjuges para os filhos, que não lhes restava alternativa, além de aceitar.

Eu tive muita sorte de, até o momento, meu *otets'* manter os olhos fechados para isso e ter permitido que eu estudasse e me dedicasse ao meu trabalho como eu

desejava, mas eu sentia que ele começava a ficar impaciente.

— Você está linda, *daragáya* — papai espalmou a mão em meu rosto e o afagou com carinho — Cada dia mais parecida com a sua mãe.

A emoção que via em seus olhos comprovava que o elogio foi sincero e isso me deixou extremamente feliz. Nas centenas de fotos que tinha da minha *mat'*, via que ela tinha sido uma mulher lindíssima.

— E eu quero que você fique com isso — ele ergueu a mão onde carregava uma caixa preta e quadrada de veludo.

— É uma das joias da mamãe — destaquei, emocionada.

No cofre, no escritório dele, existiam dezenas de peças muito valiosas, que pertenceram à minha *mat'*. Eu recebi uma pulseira de perolas quando fiz dezesseis anos. Um par de brincos de safiras aos dezoito e um colar feito de ouro branco com pedras de quartzos incrustadas quando me formei com mérito na faculdade.

Papai dizia que as outras peças seriam dadas a mim quando eu me casasse.

— Mas por quê?

Era o casamento do *Pakhan*, dos meus melhores amigos, um momento que eu estava feliz em compartilhar com eles, mas não era uma data que marcava um dia especial exclusivamente para mim, como nas anteriores.

— Este será o dia mais esperado por Kyara e Dmitri e se não fosse pela sua ajuda...

— Papai, eu só localizei a Kyara, os *boyevik*, Dmitri, Vladic e Ivan que fizeram todo o trabalho difícil.

— Foi o seu chip que localizou onde ela estava. Eles poderiam estar procurando até agora se não fosse isso — disse ele, claramente não iria permitir que eu menosprezasse a minha participação na missão — E sabe lá o que Boris teria feito com a pobre moça e se é que nós a encontraríamos com vida.

Pensar nessa possibilidade causou um grande aperto em meu peito. Embora Kyara tivesse sido o mais honesta possível com Dmitri em relação a tudo que ela havia passado nas mãos de Kamanev, teve coisas que Kyara só confessou a mim. Algo que só uma mulher contaria à outra.

— Mas nós a encontramos, papai — sacudi a cabeça, afastando esses pensamentos ruins — E, hoje, é um dia para comemorar.

— E também para você se mostrar mais linda do que já é — ele tirou a joia da caixa e me fez virar — Tenho gostado da sua mudança, querida.

Eu usava o cabelo solto, com apenas as laterais presas por transas fininhas, por isso, tive que erguê-lo para que ele colocasse a joia em mim. A mudança da qual meu pai se referia estava no meu novo e diversificado guarda-roupa, que tinha ganhado um pouco mais de cor. Alguns tons de azul,

rosa e quase inexistentes de amarelo. Ainda não me sentia confortável com cores fortes e preto, branco e cinza predominavam.

Mas às vezes eu acordava sentindo vontade de tentar algo novo e mais alegre. E a mudança foi percebida não apenas pelo meu pai. De repente, alguns homens no Centro de Pesquisa, como nos jantares que o acompanhei, queriam estar em minha companhia e saber a minha opinião sobre qualquer assunto, mesmo ciência que era algo que sempre os afastou em todas as vezes que tentei me unir a um grupo no passado.

— Perfeita — murmurou papai.

Eu fiquei meio na dúvida se ele se referia a mim ou à joia se destacando em meu pescoço. Era uma peça muito bonita. Diamantes e topázios azuis, admirei a joia através do espelho.

— E já que estamos falando em mudanças e casamentos... — iniciou ele.

— Papai!

Eu sabia onde ele iria chegar e não queria estragar o meu dia, que estava apenas começando com isso.

— Irina — papai segurou os meus ombros e me fez virar para ele — Mais do ninguém, sabe o orgulho que eu tenho de você, mas estou ficando velho, minha filha.

Às vezes, principalmente quando chegava tarde do trabalho e o encontrava sozinho em seu escritório, admirando

uma foto de mamãe, eu me sentia culpada negando algo que ele mais desejava, me ver casada. Por outro lado, também não conseguia me enxergar presa a uma relação nascida através de um acordo de negócios.

— Somos uma das famílias mais importantes da Rússia. Você é a herdeira de tudo isso — ele lembrou algo que eu evitava pensar — Eu quero que você esteja bem protegida e amparada quando eu finalmente partir.

— Isso levará muitos e muitos anos, pai.

A segunda coisa que eu não conseguia pensar, além de me ver casada com um *Kapitan* qualquer, era o dia em que meu pai me deixasse sozinha no mundo. Ele era a única família que me restava. Eu nunca soube como lidar muito bem com a morte.

— Não é o que o Dr. Kovsky alertou em minha última consulta.

— O que o Dr. Ian disse? — indaguei, alarmada.

Ele respirou fundo e soltou meus ombros antes de responder.

— Não tenho muito tempo, filha. Dois anos, três? Possivelmente nem isso — a sua confissão me deixou paralisada — E eu desejo vê-la casada e bem. Não quero ou vou permitir que, num futuro, algum aproveitador a engane.

— Pai... — balbuciei com as lágrimas enchendo os meus olhos.

— É por isso que hoje, além de ser um dia especial para os seus amigos, também será importante para você. Terá oportunidade de olhar todos os *Kapitany* e os filhos deles — eu ainda estava atordoada demais com a notícia anterior para conseguir acompanhar com clareza o raciocínio dele — E te darei um tempo para que faça a escolha ou me unirei ao *Pakhan* e a farei por você. E isso é uma ordem, Irina.

Eu estava completamente perdida e não sabia se chorava ou ficava furiosa com o meu pai. Ele não podia simplesmente jogar a notícia de que estava morrendo e esperar que eu saísse feliz pela festa de casamento buscando um bom partido.

— Mas, o que você tem, papai? — A vontade de chorar venceu e o restante ficou em segundo plano — Deve ter alguma alternativa. Se não na Rússia, vamos para os Estados Unidos, ou...

— Não há nada a ser feito, querida. Você não pode consertar tudo — ele usou o lenço dele para secar as minhas lágrimas — Agora se recomponha porque não podemos atrasar a cerimônia.

Algumas pessoas poderiam julgar que foi crueldade demais do meu pai revelar sua condição de saúde justamente hoje. E talvez tenha sido mesmo, mas na Bratva, dias bons andavam lado a lado com os ruins. E qual a melhor

forma de me fazer pensar sobre o assunto do que em uma ocasião como essa?

Fiz o possível para prestar atenção em cada momento da cerimônia religiosa e na linda declaração que Kyara e Dmitri fizeram durante os seus votos. Mas eu não conseguia deixar de pensar no meu pai e como seria minha vida sem ele.

— Irina?!

Não sei por quanto tempo Tigran esteve me chamando, mas pelo seu ar incomodado parecia ter sido bastante.

— Desculpe? O que disse?

Meu rosto tinha ficado voltado para a pista onde Kyara e Dmitri abriam a dança, mas não estive prestando realmente atenção neles.

— O que o Milanovic fez dessa vez? — indagou Tigran.

Franzi a testa, confusa, e, novamente olhei para o casal. Dmitri dirigia um olhar nada menos que apaixonado a Kyara, que estupidamente linda, em seu vestido de noiva, retribuía com um sorriso radiantemente feliz.

— Ele se casou — respondi à pergunta óbvia.

— Não esse Milanovic — ele indicou a direção oposta com sua taça quase vazia, exatamente onde Vladic se encontrava, conversando com Ivan e meu pai.

Parecia prestar atenção no que eles diziam, mas os seus olhos estavam focados em mim.

— Eu me refiro àquele Milanovic. O que ele fez para te deixar aborrecida?

Eu ainda não tinha me acostumado a me dirigir a Vladic assim. Não por achar que ele não merecia usar o sobrenome Milanovic, e todo peso que ele trazia. É que para mim, ele sempre seria Vladic Guriev, ou apenas Vladic. O homem que conseguia abalar as minhas estruturas apenas com o olhar intenso que me dava.

Qual seria a reação dele quando eu dissesse que possivelmente, em breve, eu iria me casar? Como *eu* me sentiria casando com outro homem? Vladic estaria na igreja como hoje?

— Não quero falar sobre isso, Tigran — respondi com pressa e me levantei — Será que podemos dançar? A pista foi liberada.

Kyara e Dmitri haviam sumido para algum lugar, mas as pessoas enchendo o local reservado para dança, pensavam apenas em beber e se divertir.

Tigran apoiou as mãos em minha cintura e eu, os braços nos ombros dele. Não fazia muito tempo que só o fato de meu companheiro de laboratório, e agora podia afirmar, amigo, apenas respirar o mesmo ar que eu, irritava o *Avtorieyt*.

Quando giramos na pista e procurei por Vladic de novo, pude perceber mesmo de longe e pela forma que seu rosto continha uma expressão dura, que isso ainda o desagradava.

Eu nunca entendi o ciúme dele em relação a Tigran. Aliás, o ciúme de qualquer homem comigo já era uma grande surpresa, vindo do braço direito do *Pakhan*, era ainda mais inacreditável.

— O quanto as minhas mãos são importantes para o trabalho?

Encarei Tigran e me deparei com sua expressão de divertimento.

— Muito importante, por quê?

Estávamos em uma posição agora que tornava impossível continuar a olhar para Vladic.

— Eu acho que você terá que ter argumentos muito bons sobre isso, quando elas estiverem para serem arrancadas de mim.

Sua careta de medo me fez rir mais do que o absurdo de suas palavras.

Nós nos tornamos bons amigos no decorrer dos meses de trabalho juntos. Principalmente, quando um dia após o expediente, saímos para beber em um pub. No final da noite, ele me levou meio alta para casa e, por impulso, eu o beijei. Com isso, tive certeza sobre dois fatos importantes. Eu não sentia atração alguma por Tigran, por mais lindo que ele fosse, e ninguém beijava como o desgraçado do Vladic.

Agora, depois da bomba que meu pai havia jogado sobre a minha cabeça, eu começava a divagar se não deveria reconsiderar a minha decisão.

Tigran não seria o par ideal aos olhos do meu pai, porque ele só era metade russo e tinha passado muitos anos morando nos Estados Unidos. Mas se eu fosse me casar sem amor, que fosse, pelo menos, com alguém que eu tivesse um sentimento de amizade. E nós tínhamos algo muito importante em comum, o amor à ciência.

— Com licença, rapaz — meu pai surgiu diante de nós e bateu exageradamente forte no braço de Tigran — Será que posso ter esta dança com a minha filha?

— Claro, Sr. Novitsky.

Vi Tigran se afastar mais rápido que o tiro de um canhão, e alguns pares de olhos femininos, animados, o seguirem.

— Aproveitando a festa, *daragáya*?

— Apesar da notícia terrível que tive há poucas horas? Acho que sim.

— Não seja dramática, minha menina. Nunca combinou com você.

Eu também achava que me casar não combinava, mas como podia continuar ignorando o pedido de meu pai, sabendo que poderia ser o último em vida?

— Analisando suas possibilidades?

Eu amava e odiava esse velho casamenteiro na mesma medida, neste momento.

— Para sua felicidade, sim.

Claro que eu não revelaria que a única possibilidade que me veio à cabeça tinha sido Tigran. Se eu fosse mesmo seguir por esse caminho, precisava de tempo para infiltrar essa ideia na mente do meu pai.

— Pois olha só como as coisas são — murmurou ele, rodando-me na pista — Soube por fontes bastante seguras que assim como o *Pakhan* fez no início, o *Avtoriyet* irá procurar uma noiva muito em breve.

Vladic iria se casar?

— Não é uma coincidência incrível? Você procura um marido e ele procura uma esposa.

— O senhor está querendo insinuar que eu e o Vladic...

Não era a primeira vez que meu pai levantava um absurdo desses.

— Depois do *Pakhan*, ele é o melhor partido em toda a Bratva — papai continuou, enquanto eu procurava desesperadamente Vladic com o olhar por todo o salão — Você sempre esteve no topo da lista.

E após dizer isso, ele me girou em torno dele e me soltou em seguida. A alguns metros, abrindo caminho entre as pessoas que se afastavam rapidamente enquanto ele passava, apoiado na bengala escura, com detalhes em prata,

que mais me lembrava um guerreiro carregando uma lança, eu o observava se aproximar.

Vladic estava marchando até mim, com um olhar impressionantemente determinado, enquanto eu me mantinha estacada na pista, sentindo o coração bater furiosamente em meu peito.

CAPÍTULO 9

VLADIC GURIEV

Eles estavam casados!

Meu irmão finalmente tinha nos braços dele a mulher que amava como sua esposa e companheira até os últimos dias de vida deles. Enquanto observava o casal dançar, notei o que era visível a todos, Dmitri estava feliz e Kyara, radiante em seus braços, encarando-o com um olhar apaixonado.

Durante o momento mais emocionante da cerimônia, quando eles recitaram seus votos, eu renovei o juramento que fiz ao nosso pai, com algumas atualizações. Eu seguiria não apenas zelando pela segurança de Dmitri, mas, agora também, pela de sua mulher e o filho que nasceria.

O *Pakhan* era a Bratva e nossa Irmandade estava acima de tudo.

— Algo me diz que essa será uma longa e interessante lua de mel — ouvi o murmúrio ao meu lado e direcionei meu olhar para Ivan — Você tem algum conselho para me dar durante esses dias, Milanovic?

— A única coisa que posso dizer é que em alguns momentos você lamentará não ter nascido surdo.

O apetite sexual de Dmitri e Kyara não tinha diminuído devido à gravidez dela e parecia que os dias que ficaram separados multiplicaram a atração que sentiam um pelo outro. Eu nutria um pouco de pena de Ivan. Como eu não estava completamente recuperado, seria ele a zelar pela segurança e tranquilidade do *Pakhan* e sua esposa durante a lua de mel.

Isso significava que ele precisaria estar sempre alerta, e como eu fiz no passado, ter uma boa dose de paciência para aguentar a maratona sexual do casal, com seus sussurros, gemidos e gritos empolgados pela casa ou qualquer lugar que eles achassem adequado para arrancarem a roupa.

Só que Ivan, como Dmitri não perdia a oportunidade de dizer, apenas para me provocar, lidaria com o trabalho facilmente e de forma mais silenciosa possível. O que novamente tornaria tudo pior para ele. O casal se esqueceria de sua existência e se sentiria mais livre.

— Eu realmente não tenho inveja de você, Trotsky.

Voltamos nossa atenção para o casal que finalizou a dança dos noivos e outros pares se formaram na pista. Um deles em específico chamou a minha atenção.

Irina e Tigran Voronov.

Eu estava em dívida com o iaque por ele ter ficado ao meu lado até o Dr. Kushin chegar e, juntos, me levarem até o helicóptero, impedindo que eu sangrasse até a morte.

Excluindo a minha conversa com Dmitri, em que revelei nossa ligação como irmãos de sangue, a última coisa de que me lembro antes de perder a consciência, foi ter agarrado o colarinho de Voronov e o proibido de se aproximar de Novitsky, mesmo se eu chegasse a morrer.

Por isso, não me agradava em nada ver o imbecil com as duas mãos grudadas nela como se fosse um polvo, mesmo se tratando de uma dança aparentemente inofensiva. E pela forma que Irina me encarou de volta, a minha ira estava bem expressa na carranca que eu fazia.

No entanto, havia algo mais importante do que a raiva que estava sentindo do cientista. Algo que vinha tirando meu sono e só uma pessoa além de Dmitri, a quem não quis incomodar por alguns dias, poderia responder.

— Quais as atualizações que você tem sobre o ataque ao comboio de armas da última semana?

Este não era o local ideal para cobrar de Ivan essa informação, mas algo nisso me deixava inquieto.

Durante os primeiros meses em que eu trabalhei em torno de minha recuperação, Dmitri não apenas insistiu, como ordenou, que eu mantivesse o foco na fisioterapia e treinamento.

Eu sabia por alto tudo o que acontecia dentro e fora da nossa organização, assim como as atualizações sobre o paradeiro de Kamanev. Por mais que Dmitri não quisesse me aborrecer com assuntos que, aparentemente, estavam sob

controle, ele sabia que não podia me deixar totalmente no escuro.

Por isso, sempre após o jantar, quando Kyara se retirava primeiro em direção ao quarto, para cuidar de seus assuntos femininos antes de dormir, Dmitri e eu permanecíamos alguns minutos a mais na sala, tomando o último drinque da noite, enquanto ele me atualizava sobre o seu dia.

Boris já tinha sido localizado, mas meu irmão queria brincar de gato e rato com ele antes de lhe dar o castigo final. Esse era um assunto que sempre que citado deixava Kyara tensa, ao ponto de Savin e eu sugerirmos a Dmitri, que, apesar de todos nós termos sede de uma vingança sangrenta e cruel contra Boris, deveria repensar sobre a tortura pública, pois, o bem-estar de sua futura esposa e do seu filho no ventre dela vinha primeiro.

Kyara cresceu em nosso meio, mas ela foi bem protegida para não assistir o quão duro e sanguinário nosso mundo poderia ser. E isso era algo que como a nova *Koroleva*, cada vez mais ela teria que enfrentar e lidar, principalmente com nosso maior inimigo à espreita.

Enquanto Dmitri se divertia em encurralar Boris, fazendo-o rastejar, no que tinha se tornado sua miserável vida, a cada dia eu me preocupava mais com os ataques que vínhamos recebendo por parte da Tambovskaya.

Ameaças sutis, ao ponto de não percebermos de imediato de onde tinham surgido. Pequenas explosões, que num primeiro momento pareciam acidentais, depois, vieram os roubos de cargas e ataques a diversos estabelecimentos que tínhamos na cidade, como Cassinos e Casas Noturnas.

E em cada um dos lugares atacados foram encontradas imagens do *valknut*^[3], que eram o desenho de três triângulos interligados e a principal tatuagem usada pelos membros da Tambovskaya.

A mensagem que o símbolo transmitia era a de que os homens que optassem por tatuá-lo não tinham medo da morte, encarando o tema de forma natural. Era conhecido também como *nó dos enforcados* ou *nó dos escolhidos*.

— Não levaram nada dessa vez, mas os homens que tentaram nos encurralar acabaram abatidos — relatou Ivan — Todos eles tinham o *valknut* no peito.

Dmitri afirmava que estava tudo certo. Ele se reuniria com o *Pakhan* da Tambovskaya logo após seu retorno da lua de mel, e assim como o nosso pai fez no passado, tinha certeza de que conseguiria firmar um novo acordo de paz e de negócios com eles.

— Isso tem a ver com o que fizemos há alguns meses, não?

Eu sempre soube que tirar a garota da Tambovskaya não tinha sido uma boa ideia. Aparentemente, ela deveria ser mais importante para eles do que Tigran tinha nos contado.

Ou nossos *amigos* apenas aguardavam silenciosamente um motivo para atacar e voltarmos a entrar em guerra.

— Pelo que averigui, antes mesmo da garota. Na verdade, iniciou com Boris.

— Boris?

Que o Kamanev queria roubar o lugar de Dmitri, era de conhecimento de toda a Bratva, mas seu envolvimento com a Tambovskaya era algo totalmente novo para mim.

— Não diretamente. Você acha mesmo que o Dembinsky iria cair nos planos ridiculamente audaciosos de Boris? Ele só o usava para desestabilizar Dmitri enquanto fazia jogo duplo com o outro lado.

— E ele conseguiu — disse sentindo um amargor em minha boca — Ao menos por um tempo.

Eu nunca tinha visto Dmitri tão transtornado como quando tiraram Kyara dele.

— Então, o *Kapitan* Dembinski vinha sendo duplamente um traidor.

No que se referia a Boris e a Tambovskaya.

— E agora que um está morto e o outro, seguindo para o mesmo caminho...

Ivan não precisou concluir. Sem um espião ou o garotinho mimado para fazer o jogo sujo, deixando nossa Irmandade mais fraca, eles decidiram nos atacar abertamente.

— Dmitri sabe disso? — olhei na direção onde ele e Kyara se dirigiram após a dança, mas eles já não se encontravam lá.

Não era preciso ser muito inteligente para imaginar onde e para o que os dois tinham fugido.

Ao voltar a encarar Ivan, tive a resposta à minha pergunta. Nada ficava fora dos olhos e ouvidos do *Pakhan*.

— Por que ele não me disse nada antes?

Novamente cheguei a essa resposta sozinho. A minha recuperação. Dmitri queria que eu me dedicasse unicamente a isso. Foi exatamente o que fiz, e ainda existia um duro caminho pela frente.

— Ele pediu que o alertasse no momento certo. Você é o *Avtorieyt*. A pessoa certa para manter as coisas sob controle enquanto o *Pakhan* estiver ausente com sua *Koroleva*.

Era claro que Ivan, como um excelente *Obshchak*, deixaria toda a sua equipe em alerta, de prontidão, e também havia Savin que poderia auxiliar em qualquer emergência, mas na ausência de Dmitri, eu era a autoridade máxima.

Agora, eu entendia perfeitamente por que Dmitri me manteve no escuro, para que eu não perdesse o foco em minha recuperação. Eu não poderia ser considerado fraco por ninguém.

— E o filho da mãe precisava escolher justamente hoje para me colocar a par de tudo.

Ivan sorriu. Apesar de parte de mim querer matar Dmitri, a outra ficava feliz que sua fé em mim nunca esteve abalada, como cheguei, algumas vezes, a cogitar durante os momentos mais difíceis da minha recuperação.

— Vocês têm uma forma bem peculiar de escolher as melhores ocasiões para as revelações — provocou Ivan.

Sobre isso eu não podia contestar.

Só que meu breve sorriso se apagou quando tive novamente Irina em meu campo de visão.

— Ivan? Em tudo isso, há algum risco para a Novistky?

Ele me encarou surpreso. Não sabia dizer se devido a pergunta ou para quem minha nova preocupação se dirigia.

— Irina é só uma cientista. Como eu disse, não é só pela garota de Tigran como pensávamos.

Eu esperava mesmo que Ivan tivesse razão, mas alguma coisa nessa história não me cheirava bem.

— De qualquer forma, eu vou ficar de olho na Irina — avisei a ele.

Ela era uma das pessoas, se não *a* pessoa, mais inteligente que eu conhecia e muitas vezes eu usei isso para provocá-la, na maior parte para chamar sua atenção em relação a mim. Mas assim como Kyara, quando se tratava de ficar cara a cara com o inimigo, Irina era indefesa. Ela não era uma guerreira e, portanto, precisava ser protegida.

— Exatamente em que sentido ficará de olho em minha filha, Milanovic?

Ye-bat!

Além das minhas condições físicas, acho que também precisava voltar a cuidar da audição, por exemplo, eu não tinha percebido o *Kapitan* Novitsky surgir sorrateiramente atrás de nós.

— Sobre o chip — encarei Ivan e não precisava dizer que, o que ele tinha revelado deveria ser mantido em segredo, pelo menos por enquanto — Dmitri está empolgado em relação a ele, mas eu sinceramente não sei se estou interessado que saibam cada um dos meus passos, inclusive quando eu for cagar.

Ivan cuspiu a bebida que tinha acabado de levar à boca e o Sr. Novitsky soltou uma gargalhada alta o suficiente para fazer algumas pessoas nas mesas mais distantes olharem para nós com curiosidade.

— Minha garotinha é muito inteligente, não é mesmo, Vladic? — ambos olhamos em direção a ela, que ainda dançava com Tigran, mas tinha um ar interrogativo para nós três — O homem que se casar com ela terá muita sorte.

Se existia algo que nunca tinha conseguido imaginar era Irina se casando. Quando Dmitri cogitou escolher uma noiva para um casamento Bratva, ela esteve no topo da lista e eu poderia confessar que isso não me deixou nada feliz. Então, ele conheceu Kyara e o assunto foi esquecido.

— E eu fico muito feliz que ela já esteja analisando os possíveis candidatos — continuou ele e sua revelação cada

vez mais fazia algo ferver dentro de mim — Logo terei os netos tão desejados. Me diz uma coisa, Vladic, acha que Voronov seria um candidato à altura?

Irina e Tigran trabalhando juntos já era algo que me deixava bastante incomodado. Os dois unidos por um compromisso para toda a vida? Eu nem conseguia expressar em palavras minha indignação em relação a isso.

— Nunca! — praticamente cuspi minha aversão à possibilidade — O iaque é só um vira-lata.

— Hum... — *Kapitan* Novitsky alisou a barba rala, enquanto olhava com atenção — A sua mãe não era russa, era?

Fiquei surpreso pela inquisição e sequer tive oportunidade de responder. O pai de Irina afastou-se de mim e seguiu em direção onde a filha estava. Enquanto eu meditava sobre o questionamento, observei-o afastar Tigran e começar a dançar com ela.

Eu sempre usei o fato de Tigran não ser complementemente russo contra ele. Mas eu também não era cem por cento. Minha mãe foi uma das artistas levadas para trabalhar no cassino antes de se tornar amante de Mikhail Milanovic.

Só que havia uma grande diferença entre mim e Tigran: tirando os primeiros anos de infância, passei todo o restante da minha vida aqui. Eu era o filho do antigo *Pakhan* e irmão do atual. E eu tinha feito meu juramento à Bratva e ao

Pakhan. Esse sempre foi o meu mundo e fui criado dentro e para ele.

E se Irina queria essa coisa ridícula de se casar, que fosse ao menos com um homem à altura dela. Já que o *Kapitan* Novitstky não tinha pulso suficiente para fazê-la entender isso, pois bem, como *Avtorieyt* eu iria ter.

Com a bengala em mão, ajudando-me a manter passos mais acelerados e firmes, segui abrindo caminho entre as pessoas, rumo à pista de dança, onde Irina, agora sozinha, me encarava com olhos assustados.

Medo?

Não Irina.

O que eu queria que ela sentisse era o mesmo que fazia minha pele arder.

Desejo.

CAPÍTULO 10

IRINA NOVISTKY

Uma vez, Tigran me mostrou uma foto engraçada onde um cachorrinho ilustrava a cena de expectativa e realidade. Minha expectativa, devia ser muito honesta, era ter Vladic me tirando para dançar, mesmo com meu protesto inicial, e após finalmente relaxarmos com alguma música e ele se desfazer da cara de poucos amigos que o via se aproximar, ele confessaria que esse tempo todo escondeu sentimentos fortes por mim.

Realidade?

Bem, foi muito diferente do que eu tinha imaginado durante o quase um minuto que ele levou para chegar até mim.

— Vem comigo — com o comando, ele agarrou o meu pulso e rapidamente fui arrastada para fora da longa tenda armada para a festa de casamento.

Eu nunca gostei de desnecessariamente chamar a atenção das pessoas, mas com Vladic, agindo como um neandertal, praticamente me arrastando pelos cabelos, ficava muito difícil não ter os olhares curiosos dos convidados sobre nós.

— O que você... — balbuciei quando chegamos do lado de fora.

Vladic nos conduziu na direção oposta onde havia vários pontos de luz fazendo caminho para os convidados e logo percebi que seguíamos em direção à estufa.

Entre mostrar toda minha revolta com ele e tentar enxergar para que os saltos finíssimos não entrassem em algum buraco ou pedras cravadas no chão, preferi manter meu pescoço no lugar, evitando um acidente.

Quando entramos na estufa, eu consegui me soltar, fugindo do seu toque e caminhei cegamente sentindo sua presença atrás de mim.

— Vladic! — parei e o encarei demonstrando toda a minha indignação através dos meus olhos chispando raiva — Que diabos você pensa que está fazendo? Me envergonhou na frente de todas aquelas pessoas.

— O que diabos você está fazendo? — Ele bateu a bengala contra o chão e me encarou igualmente colérico — Sério? Casamento? Que bobagem é essa?

Sua pergunta me pegou de surpresa por um momento.

— Quem te contou isso? — ainda trêmula, balbuciei a pergunta.

Só existiam duas pessoas que sabiam sobre isso, meu pai e Kyara, a quem confessei sobre o assunto enquanto a ajudava com os detalhes finais antes do casamento.

Pelo sorriso debochado que Vladic me deu em resposta e alguns *flashbacks* durante minha dança com Tigran, soube rapidamente a resposta.

Meu pai.

— O que você tem a ver com isso?

Pelo que eu sabia, o *Avtorieyt* também estava em busca de uma esposa perfeita.

— Você... você nunca pensou em se casar — apontou ele.

Isso era verdade. Mas nos últimos meses muitas coisas haviam mudado, inclusive nós. Antes, queríamos apenas nos matar, agora, desejávamos arrancar as roupas um do outro sempre, o desejo ficando mais forte que a provocação.

— As pessoas mudam de ideia — dei de ombros em uma fingida indiferença — Isso se chama crescer.

No meu caso, estava mais para pressão psicológica mesmo, que meu pai tinha jogado em minha cabeça e eu ainda tentava assimilar.

— Deveria tentar, Vladic — o encarei com provocação — Crescer, sabe.

Ele não caiu em minha tentativa de desviar o assunto sobre mim ao atirá-lo.

— Você é uma cientista, Irina — ele passou a mão nos cabelos, exasperado — Tem obrigações dentro da Bratva. *Gavno!* Grandes expectativas foram colocadas em você.

Sério? Ele queria mesmo falar sobre expectativas?

Justo Vladic, que sempre fez um discurso machista para me irritar.

— Eu estudei mais do que qualquer pessoa que você conheça. Todos os dias eu preciso provar o quanto sou competente no que faço. Mais do que o Tigran ou qualquer outro homem dentro ou fora da Irmandade. E sabe de uma coisa? Nada disso interessa. Meu pai, Dmitri e toda a porra da Bratva... — respirei fundo, encarando-o com amargura — a única expectativa que eles têm é que eu me case e produza herdeiros.

Porque esse era o destino das mulheres dentro da máfia. Eu tinha criado asas, mas não podia voar acima das nuvens.

— *Ye-bat!* — o meu descontrole não refreou o dele, que com apenas um largo passo estava diante de mim — Danem-se as pessoas! Você nunca ligou para o que elas pensavam.

Não era completamente verdade. Sobre o meu trabalho, eu realmente era audaciosa. E na vida pessoal, eu só levava, mantinha uma vida discreta para que ninguém tivesse motivos para me apontar ou fazer julgamentos, como os que muitas vezes me feriram no passado. Mas esse escudo apenas me fez parecer durona.

A mulher de gelo, como ouvia me chamarem pelas costas.

Mas essa não era eu, não completamente, era apenas um muro que ergui por um longo tempo na tentativa de me

proteger.

— Ou será que... — Vladic fixou seus olhos escuros nos meus.

Algo mudou na expressão dele. E eu senti pela primeira vez como se alguém pudesse enxergar a minha alma.

Nunca permita que vejam suas fraquezas ou elas serão usadas contra você.

Esse foi um dos sábios conselhos do meu pai, quando ao dar uma festa do pijama, ao completar quinze anos, nenhuma das alunas de minha sala, convidadas, havia comparecido. Sonya Kamanev e suas amigas tinham, no último momento, organizado em sua casa uma festa na piscina. Claramente, eu não tinha sido incluída. Nenhuma delas queria a esquisitona filha do diretor por perto. E eu só fiquei sabendo porque Kyara, a única que se importou em dar um presente ao me visitar, desculpando-se por não poder passar toda a noite comigo, acabou por revelar o motivo da ausência de todas as outras.

Eu passei o restante da noite com o meu pai, vendo fotos da minha mãe. Após a dor inicial da rejeição, ficou tudo bem. Eu tinha ao meu lado a pessoa no mundo que mais me importava, o meu *otets'*.

— Tem razão, Vladic — desviei meu olhar para o chão, eu não queria ou podia baixar minha guarda — Eu não ligo.

Não com Vladic. Ele já bagunçava o meu mundo o suficiente.

— Você pode desejar se casar com Voronov e mentir para todo o restante, *mílaya* — senti a ponta dos seus dedos segurar o meu queixo e me fazer voltar a encará-lo — Mas não para mim.

Nos encaramos. Vladic sempre conseguia invocar duas reações em mim: fazia com que me sentisse muito forte ao me deixar irritada, ou fraca demais, como agora, vendo seus olhos fixos em mim com tanta intensidade. Um lago escuro e profundo que eu deveria temer mergulhar, mas que, em vez disso, me atraía.

— Eu vejo você — Vladic agarrou minha cintura, puxando-me para ele — Eu sei quem você é, Ira. O que você quer.

Seria mesmo que dentre todas as pessoas à minha volta, as que rotulavam e fingiam me conhecer, Vladic era o único a realmente enxergar além de mim, de me decifrar? Ver que existia a força, mas também a fragilidade que eu estava cansada de ocultar através de uma máscara de indiferença?

— Eu... — murmurei atordoada, enquanto seus dedos traçavam os meus lábios, suavemente.

O som do baque seco da bengala caindo deveria ter sido suficiente para me despertar desse transe e impedir de embarcar nessa loucura chamada Vladic, mas com ele, quando suas mãos fortes e firmes me seguravam com tanta possessividade, todo o resto perdia a importância.

— *Ti krassívaia!* ^[4] — ele sussurrou antes de sua boca sedenta cobrir a minha.

A menos que eu estivesse começando a sofrer de alucinações, Vladic tinha confessado que me achava linda. A declaração e o beijo sensual que trocávamos rapidamente fizeram meu coração pulsar em uma batida mais acelerada.

E, de repente, tínhamos nossos corpos se chocando. O de Vladic grande e musculoso. E ele me dominava de um jeito que eu queria ser dominada. Eu nunca tinha pensado em ser assim com alguém, até ele surgir.

Ele me procurava com suas mãos, tateava, e eu fazia o mesmo com ele. Tocava seu peito por cima da camisa e queria sentir sua pele quente sob meus dedos. Havia tecido demais entre nós e ambos nos angustiamos com isso.

— *Ye-bat!* — ele praticamente rosnou para a peça lilás cobrindo todo o meu corpo — Eu pensei que vestidos deveriam ter o papel de facilitar o caminho.

Não o modelo longo e justo ao corpo que eu usava e que Kyara havia escolhido para o casamento. O jeito mais rápido de me livrar do vestido seria puxando as mangas de cima para baixo. Vladic chegou nessa mesma conclusão, mas sua mão era grande demais e brusca também. No segundo seguinte, encarava atônita o tecido sendo rasgando.

Eu deveria ficar furiosa? Com certeza, mas no momento que a mão dele cobriu um dos meus seios, perdi o ar tombando a cabeça para trás.

— *Nina!*^[5]

Eu era Srt^a Viktorova Novitsky em situações mais formais; Irina para pessoas mais próximas; Ira, carinhosamente para os familiares e amigos íntimos, mas *Nina*, esta forma terna de se referir a mim, apenas o homem a quem eu trocava intimidades tinha autorização de me chamar.

Tornei a abrir os olhos me deparando com a paixão que os dele irradiavam. Vladic buscou a minha boca. Eu me ofereci inteira a ele. A cada movimento sensual de seus lábios, cada centímetro de minha pele arrepiada. Ele puxava meu lábio inferior com os dentes, depois, passava a língua delicadamente e isso fazia todo o meu corpo vibrar. Sentia-me perdendo as forças e me agarrava nos braços dele para continuar em pé.

Ele segurava firme minha nuca e invadia ainda mais minha boca com sua língua. Ela era como uma cobra serpenteando dentro de mim. Deixei que Vladic se alimentasse de mim, pois, era assim que me sentia, sendo devorada por ele. Entre minhas pernas ficando molhada, sentia a sua ereção, cada vez mais rija, esfregando contra mim e isso me trazia outra dose de vertigem.

— Nina — ele se afastou no momento que eu tinha certeza de que morreria de desejo ou por falta de ar.

Vladic me encarou. Sua mão acariciando meu seio, seguindo em uma tortura deliciosa. Mas ele continuava a me

olhar.

— Ahh... — a carícia em meu mamilo causava um calor que ia do meu ventre até o meio entre as minhas pernas e eu fechei os olhos, soltando um gemido.

Sua boca vorazmente tornou a cobrir a minha. Vladic me apertava. Meu corpo se moveu alguns centímetros e me vi presa entre o corpo dele e uma pilastra de madeira.

Afoitamente, corri com minhas mãos dos seus braços fortes até o peito cheio de músculos. Ansiosa, puxei a camisa e quando meus dedos passaram por baixo do tecido, os lábios de Vladic comprimiram mais os meus. Um gemido selvagem escapou dele quando toquei sua pele e o arranhei com minhas unhas curtas.

Vladic segurou meu rosto. Nos encaramos. Apaixonados. Famintos.

Lentamente sua mão deslizou por meus seios, ventre, abaixando mais o vestido. Mordi os lábios e queimava por dentro tamanho o desejo para que ele me tocasse. Precisando de mais, meus olhos silenciosamente pedindo que ele continuasse.

— Irina?

Ira?

Levei tempo demais e foi preciso um xingamento frustrado de Vladic para me dar conta de que a voz que invocava meu nome não era dele.

— Kyara! — murmurei e encarei-o assustada.

Enquanto eu paralisava de pavor, Vladic parecia querer tentar controlar a fúria.

— Você está aqui? — indagou ela. O chamado estava cada vez mais próximo.

Eu mal consegui empurrar Vladic e o colocar de frente a mim antes de Kyara surgir.

— Oh... — a interjeição parecia de surpresa, mas como não podia enxergar o seu rosto, ficava impossível dizer se eu estava correta — Eu não sabia que também estava aqui, Vladic.

Apesar de ele ser quase três vezes maior do que eu e de suas costas largas, Kyara não era boba e deveria imaginar muito bem o que eu estava fazendo escondida atrás de Vladic.

Senti minhas bochechas queimarem e pigarreei antes de me dirigir a ela.

— Eu tive um problema com o vestido, sabe — finalmente consegui dizer e dar a volta no grandalhão à minha frente para encarar minha amiga.

— Ah, eu sei bem — seus olhos divertidos e o sorriso que mal conseguia esconder correram de mim a Vladic — Tive um... problema... com meu vestido de noiva também.

Precisava de muito para me fazer querer enfiar a cabeça debaixo da terra, e Kyara sabia me cutucar tão bem quanto Vladic.

— Mas se eu estiver interrompendo algo...

— Tá de brincadeira — reclamou Vladic, eu o encarei furiosa, dando alguns passos em direção a Kyara.

— Não. Você não interrompeu nada importante — eu menti descaradamente e o grunhido atrás de mim confirmou — Eu tive mesmo um problema com o vestido.

Mostrei o ombro descosturado a ela. Antes que viessem perguntas inconvenientes sobre como o tecido havia chegado neste estado, tomei o braço dela.

— Eu acho que Darya conseguirá me ajudar. Mas o que você precisa?

— Dmitri quer partir para a lua de mel.

— Mas já?

Normalmente nossas festas duravam dias. Uma comemoração como o casamento do *Pakhan* poderia durar a semana toda se eles quisessem.

Ouvimos o resmungar de Vladic, mas nenhuma de nos deu devida importância.

— Eu preciso jogar o buquê antes disso e você precisa estar lá — anunciou Kyara tão feliz como uma noiva poderia estar — Será a próxima a se casar.

Casamento. Meu pai. Vladic. De repente, foi como se a realidade trágica da minha vida viesse como um balde d'água gelada sobre a minha cabeça.

— Ah, claro — balbuciei, permitindo que a animação de minha amiga me guiasse.

Não ousei encarar Vladic enquanto deixávamos a estufa. Mas quando Kyara se afastou para pegar o buquê e ir para o palco convocar todas as solteiras ansiosas em mudar o status, senti sua mão forte segurar firme o meu braço.

— A nossa conversa não terminou — afirmou ele e olhos escuros e profundos fixaram nos meus.

— Conversar foi a última coisa que fizemos, Vladic.

Brigamos e nos agarramos, como sempre.

— Senhoritas — a voz de Kyara ecoou através do microfone — Este é o seu momento. Três... dois... e...

Eu não prestava atenção na noiva ou nas mulheres gritando animadas para ela. Estava conectada a Vladic e foi com o seu mesmo olhar de surpresa que vi o buquê surgir.

Girando e caindo nas mãos... dele.

— Vladic — balbuciei, tentando esconder o sorriso, que rapidamente morreu quando o grupo de mulheres agitadas separaram nós dois e ele rapidamente virou o centro das atenções.

Se já era de conhecimento de todos que o *Avtorieyt* procurava uma noiva, eu não sabia dizer, mas pelos olhares e insinuações das jovens mais atrevidas, rapidamente a sugestão seria levada à tona.

Vladic poderia se orgulhar de ser um guerreiro resistente e habilidoso, mas poucos homens sabiam lidar com uma manada de mulheres afoitas com planos românticos. Ele certamente não sabia.

Por outro lado, a fúria gigantesca crescendo dentro de mim só me fazia desejar pegar cada uma delas pelos cabelos e gritar a quem quisesse ouvir que esse homem era meu.

A surpresa de quão intensos eram esses pensamentos me deixou em choque. E o olhar igualmente confuso de Vladic foi a última coisa que vi, antes de fugir desnorteada da festa.

CAPÍTULO 11

TAMBOSVKAYA

Eu polia a minha adaga, o primeiro instrumento que usei como arma e ganhei de Alek, meu irmão mais velho, ao completar nove anos, quando o *boyevik* surgiu na antessala do meu quarto trazendo atualizações sobre o plano sendo executado esta noite.

— Quanto tempo? — fiz a pergunta sem me virar para ele, continuando a lustrar o metal.

— O *Pakhan* acabou de seguir para os seus aposentos, senhor — avisou ele — Estamos apenas aguardando suas ordens.

Alek Pavlovich Khomiakov foi o *Pakhan* da Tambovskaya por longos trinta anos, desde que nosso pai foi pego e assassinado em uma emboscada, próximo ao rio que circulava as nossas terras. Eu contava com apenas oito anos quando isso aconteceu e meu irmão mais velho não passava de um jovem de vinte e cinco anos.

— E Vasiliev?

Yuri Markovich Vasiliev tornou-se o *Sovietinik* de meu irmão há um pouco mais de dois anos, quando o seu pai, o conselheiro anterior, veio a falecer. Marko Vasiliev serviu

nosso pai por dez anos e ao meu irmão até seus últimos dias de vida.

Assim como o seu pai, Vasiliev era respeitado por suas habilidades como *Vor*, fidelidade à Tambovskaya e ao *Pakhan*. Graças a essas qualidades que me fizeram enviá-lo a uma missão fora da organização há três dias e que, por enquanto, garantia que Yuri permanecesse vivo, para que no futuro eu viesse a testar se sua lealdade também se estenderia a mim.

Por ora meu foco estava em concluir os meus planos e começar a mudar o futuro da Tambovskaya.

— Vamos — ordenei ao *boyevik* parado na porta e o segui enquanto ele a abria e estudava se o caminho estava seguro para mim.

A porta foi aberta. Minha primeira visão ao entrar no quarto foi das cortinas pesadas, em tons escuros de vinho, cobrindo as janelas. Os móveis, quadros e esculturas antigas combinando com o restante da decoração, transmitiam a importância de a quem pertencia o recinto.

Na cama *king size* com dossel estava o homem que todos os membros da irmandade deveriam se curvar, inclusive eu. Para todos os outros, o *Pakhan*. Para mim, o homem que havia me ensinado tudo e grande parte do que eu sabia sobre o nosso mundo.

— Slavik — seus olhos astutos caíram sobre a adaga que eu carregava, depois, focaram-se em mim — Então, era

mesmo verdade. Você vai mesmo me trair, irmão.

Traição? Não. Se algo útil eu havia aprendido com meu irmão era ir atrás do que eu queria e o conquistar.

— A Tambovskaya está ficando velha e fraca como você, irmão — aproximei-me mais de sua cama — Não posso permitir isso. Chegou o momento de mostrar quem realmente somos. A primeira e única.

Alek foi um *Pakhan* digno, mas ele não trazia em sua alma o mesmo espírito guerreiro de nosso pai e nossos ancestrais, principalmente no que se referia à irmandade comandada pelos Milanovics, a quem eu considerava concorrentes diretos. Paz e bons acordos de negócios. Eu almejava a supremacia. O comando de toda a Rússia entre outros pontos em todo o mundo. Fazer o nome da Tambovskaya novamente brilhar e ser temida.

— Que a sua ambição seja a glória, irmão — murmurou ele com sua voz abatida e fraca — E não o seu fim.

— O meu triunfo começa com o seu fim — decretei, posicionando a adaga ao me curvar sobre ele — Que os mortos o recebam, irmão.

Foi um golpe rápido e letal. Em segundos, o sangue jorrou, borbulhando de sua garganta cortada e a chama de vida em seus olhos apagou.

— Senhor...

Não sei por quanto tempo permaneci olhando o corpo imóvel e o sangue cobrindo o lençol branco, mas devia ter

sido mais do que deveria. Estava acabado. Fiz o que era preciso pelo meu comando como novo *Pakhan* e a Tambovskaya. Depois disso, nada mais ficaria em meu caminho, nem ninguém.

— Siga com o planejado — ordenei a ele.

As coisas ficariam um pouco tensas enquanto as pessoas assimilavam a perda de Alek e aceitassem a ascensão do novo *Pakhan*, principalmente com as novas mudanças a caminho. Eu tinha alguns obstáculos a cruzar até chegar em Dmitri Milanovic, e quando esse dia chegasse, iria destruí-lo.

IRINA NOVITSKY

Um pouco mais de uma semana tinha se passado desde o casamento de Kyara, desde que saí correndo da festa, para ser mais clara. Como sempre acontecia, mergulhei no trabalho e nas pesquisas, desejando me manter desconectada do mundo.

Frustrantemente, as coisas não funcionavam assim. A culpa de tudo isso era dele, Vladic. O homem infernal e irritante me fez ganhar um novo apelido, devido às minhas constantes alterações de humor: *A fera*.

Eu não conseguia esquecer o grupo de mulheres em volta dele como abelhas e nem evitar de ruminar o aviso de meu pai, alertando que o *Avtorieyt* estava em busca de uma

esposa. Nem de me torturar no dia seguinte, no outro e todos os dias que vieram, se ele estaria colocando o objetivo em prática, convocando as possíveis candidatas.

Combinado ao fato de que eu não conseguia entender o Guriev. Quando estávamos juntos, em uma situação íntima, ele me fazia sentir como se eu fosse a única mulher do mundo com quem ele gostaria de estar. E quando não, sumia por dias.

Sei que deveria levar em conta que com Dmitri viajando com a esposa em lua de mel, Vladic assumia todas as responsabilidades do *Pakhan*, mas isso nunca o impediu antes de ao menos enviar mensagens para se fazer presente e me provocar.

E Kyara amava afirmar que não havia nada no mundo mais incrível do que se apaixonar. Não que eu estivesse caindo de amor pelo grosseirão do Vladic. A relação que tínhamos já era confusa o suficiente para me permitir ir tão longe.

— Aqui estão os chips — Tigran ocupou a cadeira do outro lado de minha mesa e entregou as cápsulas — Do Vladic, Nikolai, do seu pai e o seu.

Todas as falhas tinham sido corrigidas e um dia antes do casamento, eu mesma substituí o de Kyara e implantei o de Dmitri.

— Quer que eu leve até o Milanovic...

— Não! — interrompi Tigran, um pouco efusiva demais e pelo sorriso que ele mal tentava disfarçar, ele tinha notado também.

Sem Kyara na casa, eu não tinha motivo algum em visitar a mansão e, quem sabe, esbarrar nos corredores com o *Avtorieyt*. Agora, eu tinha o motivo justo para procurar Vladic sem parecer uma tola migalhando atenção.

— Como você sabe, Vladic não está nada feliz em ser monitorado. E se nem o *Pakhan* e Savin tiverem conseguido fazê-lo enxergar a importância disso, acho que eu mesma terei que fazer.

— Boa sorte — disse ele se espreguiçando sobre a cadeira e cruzando as mãos atrás da cabeça — Tenho certeza de que será bem interessante.

Eu diria que estava mais para uma guerra desnecessária, mas que se fosse preciso eu iria enfrentar.

— Vejo você na segunda.

Guardei a caixinha na mala com os outros utensílios que eu iria precisar e tirei o jaleco branco.

O motorista e segurança abriu a porta do carro assim que me viu saindo do prédio. Avisei a ele onde deveríamos ir. Durante todo o trajeto, mergulhei em lembranças, Vladic, nós dois na estufa, cada minuto que passamos lá dentro como dois inconsequentes apaixonados e, principalmente, em onde teríamos chegado se Kyara não tivesse nos interrompido.

— Desculpe, senhorita. O Sr. Milanovic não está em casa.

Levou alguns segundos para cair a ficha de qual Milanovic Darya se referia.

Se o empenho de Vladic em sua recuperação seguia a mesma rotina de sempre, eu tinha uma ideia de onde ele poderia estar neste momento.

— Deseja que eu chame o Sr. Savin?

— Não se preocupe, Darya — sorri para a atenciosa empregada — Acho que faço ideia de onde Vladic está.

Não era a primeira vez que eu me dirigia ao local.

— Para o centro de treinamento, Andrew.

Se o prédio onde ficava meu laboratório de estudo e pesquisa parecia um parque de diversões para mim, o grande complexo onde estava instalado o Centro de Treinamento deveria ser como a *Disney*, de jovens sendo preparados aos homens seguindo um treinamento duro e rigoroso.

Havia as áreas para aperfeiçoamento de habilidades com armas de fogo, espadas, arco e flecha e medievais. Treinamentos estratégicos, incluindo militares, lutas marciais, boxe e seus derivados.

Como eu esperava, encontrei Vladic no ringue. Nunca fui muito fã de esportes violentos, mas havia alguma coisa nele, na forma como se mexia e atacava seu oponente que me impedia de desviar o olhar, e pelas pessoas em volta

assistindo e cochichando entre si, eu não era a única a me sentir enfeitiçada por sua performance marcante.

Assisti, amparada pela parede atrás de mim, os minutos finais em que ele avançou sobre o homem quase tão musculoso quanto ele, mas alguns centímetros mais baixo. Mesmo ainda visivelmente limitado pela perna que não se encontrava completamente curada, Vladic ganhava a luta e levou o oponente a cair desacordado, quando o treinador deu a luta por encerrada, afastando Vladic do homem desorientado à frente dele.

Continuei observando quando ele recebeu uma garrafa d'água, à qual ele abriu e levou à cabeça, fazendo com que o líquido gelado escorresse de seus cabelos, rosto e descesse como o trajeto de um rio, molhando ainda mais o peito suado.

Mordi meu lábio, involuntariamente, e senti uma espécie de calor se concentrando entre as minhas pernas. Se um homem podia ser sensual, mesmo sem esforço algum, esse era Vladic. E para minha total vergonha e desconcerto, fui pega no flagra quando seus olhos escuros me encontraram.

Recebi um sorriso sexy e ele descaradamente passou a mão pelo peito exatamente como eu gostaria de estar fazendo com a minha língua.

— Pare com isso! — resmunguei baixinho.

O pedido era para mim, por ficar tendo devaneios eróticos com um convencido e arrogante como Vladic.

Espantosamente ágil, deixou o ringue para vir em minha direção. Só percebi a bengala elegante em um canto quando ele fez uso dela.

— *Mílaya* — murmurou ele parando a apenas alguns centímetros de mim.

Ele não deveria me chamar de sua ‘querida’ e nem mesmo, Nina, como da outra vez, mas eu sentia tolamente como se ninguém tivesse esse direito.

— Veio terminar a nossa conversa, ou melhor... — ele se inclinou um pouco mais sussurrando em meu ouvido — terminar o que começamos desde o escritório do Dmitri?

Vladic estava perto demais para que eu conseguisse raciocinar com clareza e dar a resposta atrevida que ele merecia.

Droga. Ele deveria estar no mínimo fedorento com tanto suor que havia liberado durante todas as horas de treinamento, mas ele tinha um cheiro de homem, misturado à colônia masculina que eu começava a eleger como a minha favorita. E isso não era justo. Parecia que o único defeito em Vladic era seu ego colossal.

— Eu trouxe o chip — consegui murmurar, dando alguns passos para trás.

Não apenas por precisar colocar uma distância segura entre nós, mas para também conseguir respirar sem sentir que ficaria mole como gelatina perto dele.

— Não quero usar essa merda.

Minha melhor arma contra Vladic era a boca dele. Ela conseguia me levar à loucura quando me beijava ou acariciava meu corpo, como a insanidade e vontade de querer estrangular seu pescoço, com a mesma eficiência.

Era por isso que, como casal, seríamos como água e óleo. Ele era um ogro de mente fechada e eu, inteligente demais para alguém como ele.

— Vladic...

Estava pronta a iniciar todo o discurso que havia preparado para fazê-lo enxergar o quanto estava sendo turrão e estúpido, quando seu dedo tocou minha boca.

— Mas estou disposto a ouvi-la durante o jantar — avisou ele, abrindo um sorriso traiçoeiro — Hoje à noite.

— Eu posso explicar agora... — tentei dizer, mas o polegar acariciando minha boca tornava raciocinar algo muito difícil.

— Sei que pode. Mas prefiro ouvir o que tem a dizer tomando um bom drinque e — disse ele e seu olhar correu todo o meu corpo de um jeito bastante cretino — comendo.

Apenas uma garotinha tola não notaria as segundas intenções em suas palavras.

— Vejo-a mais tarde, então.

Ele deslizou o dedo pelo meu queixo e com um toque mais firme, fechou meus lábios, chocados.

— Vladic!

Chamei-o quando deu a volta em mim, seguindo em direção à saída.

— *Papa* para você, *mílaya* — avisou ele, seguindo andando — E, Irina, esta é uma ordem do *Pakhan*.

Ao menos que eu estivesse completamente insana, o que não estava muito longe de Vladic me deixar, ignorar a ordem do *Papa* seria uma falta gravíssima.

Maldito!

Ele descaradamente usava o poder que tinha para manipular.

— Como quiser, *Papa* — um sorriso enorme se formou em meu rosto — Como você quiser.

Ele não precisava saber, mas eu ficaria contando os minutos por isso.

CAPÍTULO 12

IVAN TROTSKY

Vladic adorava provocar as pessoas, mas eu precisava admitir que o desgraçado tinha razão ao afirmar que eu desejaria ter nascido surdo ao cumprir minha missão de zelar pela segurança e bem-estar do casal Milanovic, durante a sua lua de mel.

Eu exercia meu trabalho de forma impecável, tornando-me invisível sempre que o casal precisava de privacidade e antecipava de forma ainda mais discreta cada uma de suas necessidades e desejos. Colocar em prática a primeira etapa, tornava as coisas um pouquinho mais complicadas porque eu não era cego, muito menos surdo.

Sexo para mim era algo natural. Algumas pessoas fumam, bebem ou vão para uma sauna para aliviar o estresse, eu preferia transar. Mas o *Pakhan* e sua senhora conseguiam levar sua maratona sexual em um patamar bem elevado. Eles sempre encontravam lugares e momentos nem sempre ideais para transformar a faísca de desejo que tinham um pelo outro, e que parecia cada vez mais incontrolável, em incêndio.

Por tudo que eles tinham passado nos últimos meses, o sequestro da Sra. Milanovic, o ferimento à bala de Vladic,

que quase o levou à morte e a caça incansável a Boris Kamanev, eu conseguia entender que eles não desejavam perder um único minuto juntos. Contudo, o que eu muitas vezes presenciava poderia deixar cada uma das garotas que o *Kapitan* Avdeev mantinha no puteiro de queixo caído.

No momento, a casa estava um pouco mais calma. Fazia quase uma hora que o casal se mantinha silencioso no quarto, o que me permitiu dar uma nova conferida na agenda para a semana e ter atualizações sobre o Kamanev.

Em nosso mundo, tudo estava sempre mudando. Nada era seguro ou completamente certo. Por isso, eu me dedicava arduamente em ser o melhor em minha função. Mas Boris Kamanev tornou-se uma mancha, e pegá-lo era mais do que o cumprimento do meu dever como *Obshchak*, era uma questão de honra.

A ratoeira estava sendo armada. O cerco contra ele estava se fechando e eu não abriria mão de estar presente quando o desgraçado finalmente caísse.

Pelo *Pakhan*, por Kyara, para vingar Vladic, dar o exemplo a todos que cogitassem trair a Bratva, e por mim, que desejava cada gota de sangue de Kamanev. Jurei a Dmitri pegá-lo e eu nunca quebrava uma promessa.

IRINA NOVITSKY

Um encontro. Não foi exatamente assim que Vladic se referiu ao jantar dessa noite, mas eu não conseguia

encontrar uma palavra melhor para definir isso, mesmo tendo sido nada menos que uma imposição.

E cada minuto correndo no relógio, fazia com que eu ficasse ainda mais ansiosa. Eu já tinha arrancado todos os vestidos do closet e não conseguia me decidir por nenhum. Enviar uma mensagem a Kyara, com as duas opções que mais me atraíam foi algo que fiz por impulso, agora, ao ver o telefone tocar, me perguntava se tinha sido uma boa ideia.

— Eu não queria interromper sua lua de mel — lamentei assim que a atendi — Desculpe, Kya.

— *Está tudo bem* — Kyara soltou um suspiro preguiçoso que só mulheres apaixonadas, ou bem-amadas, conseguiam — *E não posso falar muito tempo, ok. Tenho que aproveitar que Dmitri está dormindo.*

— Dormindo? Dmitri está dormindo? Eu pensei que a gestante fosse você.

Eu não conseguia imaginar o *Pakhan* tirando sonecas ainda estando tão cedo.

— *É porque a gente...*

— Não, não, me poupe dos detalhes, querida — a interrompi rapidamente e sentei-me com as pernas cruzadas sobre a cama — Vladic me fez um relato da primeira vez que estiveram aí, que eu ainda quero esquecer.

Recordar aquela ligação inoportuna de Vladic me fez pensar em como e quantas coisas tinham mudado desde então. Kyara estava grávida, casada com Dmitri, e eu, a

garota que tinha jurado nunca entregar a vida a um homem da Bratva, não apenas me via seguindo esse caminho, como também, secretamente sonhava que fosse o único, que pouco a pouco, infiltrava-se cada vez mais em meu coração. Mesmo que cada parte racional em mim e o medo de me machucar avisassem do quão louco isso parecia ser.

— *Tivemos um dia bem agitado, foi o que quis dizer* — ela completou com um risinho e eu não precisava tê-la ao meu lado para notar que, descaradamente, mentia — *Mas foi bom você ter enviado a mensagem. Há algo que venho pensando muito e até conversado com Dmitri e, sabe... Eu não quero ser vista apenas como a bela e recatada esposa do Pakhan.*

Esse era um grande impasse, pois, seria exatamente assim que ela seria vista. Esposas, principalmente de *Kaptany* ou alguém mais importante como o *Pakhan*, só eram enxergadas como adornos, que os homens adoravam exibir uns aos outros.

— *Quero fazer algo mais e você é um exemplo disso.*

— Eu? — quase me engasguei de surpresa.

— *Tanto eu, como Darya, Anatoli e muitas mulheres na Bratva, com ou sem voz expressiva, a admiramos, Irina* — confessou ela algo que eu nunca teria imaginado — *Jovens e mulheres que gostariam de tentar ser algo mais, entende? Como ser uma boyevik, por exemplo.*

Se eu não estivesse ouvindo isso da própria Kyara, diria a quem me contasse que essa era uma invenção absurda.

— Kya, tem noção do que está me dizendo?

Não era proibido que as mulheres estudassem, se seus pais e maridos permitissem, para serem médicas, professoras, engenheiras ou cientistas como eu, mas ser um soldado? Isso jamais seria aceito ou levado a sério. Era um mundo muito machista.

— *Eu vou ter um bebê* — exaltou ela.

Para o desespero de Dmitri e divertimento de Kyara, em todas as vezes que eles foram fazer o exame, o futuro Milanovic manteve as perninhas fechadas. Havia outras maneiras de saber o sexo do bebê, como através do exame de sexagem fetal, mas Kyara estava amando a ideia de ser uma surpresa.

— *Se for uma menina, quero que ela saiba que pode ser ou fazer o que quiser* — anunciou ela, bastante determinada, precisava dizer — *Inclusive lutar ou ser uma cientista como a tia Ira. Eu quero que ela saiba se proteger.*

Sua declaração final causou um nó em minha garganta.

— E o Dmitri — pigarreei, controlando a emoção — Ele concordou mesmo com isso?

— *Bem... ele disse que pensaria no assunto.*

Isso não era algo muito animador. Normalmente, pensar no assunto era a forma mais amena de recusar um pedido.

Por mais que Dmitri a amasse, e isso não era segredo para ninguém, havia lugares dentro da Bratva que mulheres não eram bem-vindas. O Centro de Treinamento era um deles.

— Já é uma grande coisa, Kya — tentei soar bastante positiva.

Eu não queria ver minha amiga magoada.

— *Sim, é* — ouvi seu suspiro e fez-se um breve silêncio após isso — *Então? Para onde vai e com quem?*

Humm. Droga.

— Faz diferença?

Eu estava protelando o assunto e, com isso, só deixaria Kyara ainda mais curiosa.

— *É com o Vladic, certo?* — indagou com uma empolgação como se fosse ela, convidada a sair pelo homem que amava.

Um minuto. Ninguém aqui estava falando de amor. Existia uma forte atração sexual entre Vladic e eu, mas eu não me permitiria navegar por esse mar, como uma daquelas jovens tolas e sonhadoras que o rodearam na festa de casamento.

— *Aposto que é com ele* — insistiu Kyara.

— É só um jantar. Apenas para falar de trabalho. Do meu trabalho, no caso.

— *Sei. Desde quando Vladic entende alguma coisa sobre o seu trabalho, Irina?*

Como ele estava no lugar do *Pakhan*, facilmente eu poderia alegar que ele desejava atualizações sobre meus avanços no laboratório. Mas até mesmo Kyara sabia que, geralmente, Vladic gostava de me importunar em relação a isso, em quão nerd eu conseguia ser. Ele sabia sobre ciências biotecnológicas o mesmo tanto que eu entendia sobre lutas. Absolutamente nada.

— É sobre o chip — brinquei com alguns fiapos da barra de uma saia que estava sobre a cama, enquanto fingia indiferença — Acho que será um trabalho árduo fazer esse homem entender a importância disso para todos nós.

— *Achei que o assunto já estivesse resolvido antes mesmos de viajarmos. Dmitri me falou que ele só estava esperando o seu sinal.*

Estranho... Se Vladic já não via mais problema em ter o chip implantado nele, esse não poderia ser o motivo para me obrigar ir ao jantar com ele, hoje à noite.

— Talvez ele tenha mudado de ideia — sugeri — Ou está fazendo isso apenas para me irritar, como sempre.

— *Se você quiser, eu posso falar com Dmitri e...*

Seu discurso foi abruptamente interrompido pelo som de um estalido, depois, eu ouvi risos e sussurros.

— Não se preocupe — avisei apressadamente, escutando sua risada mais alta, misturada à voz de Dmitri — Consigo resolver sozinha. Kya, nós nos falamos mais tarde, ok?

— *Ahh...* — ouvi seu grito feliz antes que eu desligasse
— *Use o vestido vermelho. Você tem pernas lindas.*

Ninguém é tão linda quanto você, querubim, ouvi Dmitri dizer segundos antes de afastar o telefone do meu ouvido.

Eu não me senti ofendida. Ele olhava Kyara com os olhos de um homem apaixonado. E mesmo que não fosse assim, eu não tinha problema algum em admitir o quanto a minha amiga era bonita, não apenas por fora.

Saltei da cama recolhendo todos os vestidos que não iria usar, deixando apenas um estendido sobre ela. O vermelho era ousado demais para mim, tanto na cor como no comprimento, mas foi exatamente esse que escolhi.

Eu ainda tentava identificar em mim a garota sexy e atrevida que via em frente ao espelho, quando a empregada bateu na porta, anunciando que Vladic havia chegado e estava me aguardando no *hall*. Tanto as minhas mãos ao pegar a bolsa, como minhas pernas ao sair do quarto, tremiam.

Eu o notei primeiro, de costas para mim, olhando um retrato na parede. Era a fotografia que eu mais gostava. Nela, estavam meus pais e eu, dentro do ventre da minha mãe, em uma linda tarde durante um piquenique.

Segurei no corrimão, usando-o como apoio para descer os degraus, enquanto eu não conseguia desgrudar minha atenção das costas largas, cobertas pelo terno escuro. Eu chegava à metade da escada quando, inesperadamente, Vladic se virou e seus olhos de águia caíram sobre mim.

Estaqueei no lugar, não para que ele me devorasse como o via fazer, mas porque sentia-me fraca para seguir adiante.

Encaramo-nos por um longo tempo. Envolvendo-nos assim, apenas com o olhar. Movi-me sem ao menos perceber. Vladic caminhou lentamente até mim. Apenas um degrau de distância, mas que me permitia encarar sem dificuldade seus olhos escuros.

— Irina.

Ele avaliou como uma máquina de Raio-X, da cabeça aos pés, para depois voltar a se concentrar em meu rosto, nitidamente corado.

— Você está...

— Bonita? — sugeri, tentando segurar um sorriso.

Vladic passou a ponta da língua entre os seus lábios, e a forma intensa que me encarou fez um calor se espalhar em mim.

— Diferente — disse ele.

A resposta foi como um balde de gelo caindo sobre a minha cabeça. A antiga Irina, a que se escondia do mundo, estaria pouco se lixando para o que qualquer cara pensaria

sobre suas roupas discretas e nada atrativas, mas esta nova mulher, a que vinha nascendo em mim a cada novo dia, esta, sim, se importava e muito, não com a opinião de um homem qualquer, mas a daquele que fazia uma verdadeira bagunça dentro de mim.

— Não me acha bonita, mas... — a intenção era soltar uma resposta ácida, exatamente a que Vladic merecia, mas quando ele tocou o meu queixo com as pontas dos dedos e a outra mão fechou em minha cintura, fazendo-me descer o último degrau ao me puxar para ele, toda a minha capacidade de fazer algo tão simples como falar, fugiu de mim.

— Você é linda, Ira. Sempre foi, não importa o que esteja usando — ele murmurou e eu fazia o impossível para não me deixar me perder pelo movimento sexy dos seus lábios atraentes, enquanto, mesmo sem querer, me via derretendo pela declaração — Mas vestida assim, meu Deus, não sei se conseguirei agir racionalmente com outros imbecis te olhando, vendo-a da forma que eu vejo. Não é o que você usa, *mílaya*, mas quem você é.

Eu nunca tinha sido, pelo menos que tenha percebido, alvo do desejo, ciúme e possessividade de alguém. Era estranho e, ao mesmo tempo, incrível.

E confuso. Confuso demais.

— *Mílaya*... — seu rosto se aproximou mais do meu — Você tem ideia do que quero fazer com você?

O perfume amadeirado, com uma leve nota de sândalo, rapidamente atíçou meus sentidos. E o calor vindo dele, com o toque de sua pele na minha, deixava-me fraca, amolecida.

— Beijar? — apoiei a mão trêmula contra seu peito e a outra, segurou em seu braço.

Recebi um sorriso sexy, meio de lado, e que me fez apertar uma perna na outra.

— Só para começar — murmurou ele e sua boca logo cobriu a minha.

Se me perguntassem como eu achava que era fazer amor, diria que exatamente como o beijo que Vladic me dava. Lento na medida certa, sensual e intenso o suficiente para sugar as minhas energias.

Eu praticamente caí sobre o peito de Vladic, quando interrompeu o beijo para que pudéssemos fazer algo tão essencial como respirar. Quando estávamos assim, entregues nos braços um do outro, eu acreditava que não existia mais nada tão certo quanto isso.

— *Ye-bat!* — ele se afastou um pouco mais, pegando meu braço com firmeza, mas com delicadeza também — É melhor irmos ou...

Vladic não concluiu e eu fui guiada para fora. A minha mente estava confusa demais para qualquer reação. O que este homem causava em mim não parecia ser algo normal. Ele me tirava o chão e me virava de ponta cabeça.

Quando chegamos ao seu carro, um segurança e o outro, também exercendo a função de motorista, me saudaram educadamente; o *boyevik* próximo à porta a abriu para que entrássemos. Vladic aguardou que eu fizesse isso primeiro, e quando me acomodei, notei que ele tinha o celular no ouvido.

— Mudanças de planos. Sim, pode cancelar — ainda meio perdida, ouvi-o dizer em um tom seco — Não. No endereço de sempre.

Eu não sabia como reagir à conversa de Vladic ao telefone, mas a pergunta saiu assim que ele desligou: — Você cancelou a reserva no restaurante?

Assisti-o guardar o telefone tranquilamente no bolso antes de me encarar e responder. Vladic me olhava seriamente. De um jeito duro até.

— Eu não estava blefando quando disse que seria bem complicado lidar com alguns imbecis babando sobre você — lembrou ele, fazendo-me balançar a cabeça, abismada — Mas não é a única coisa que me preocupa.

Encarei-o chocada. Eu deveria dar mais ênfase à segunda parte do que ele disse, com toda certeza. No entanto, a primeira me chocava muito mais. Quando ele fez a declaração, achei empolgante a forma possessiva com que ele me via. Agora, eu não conseguia enxergar como nada menos que surreal.

— Mas você percebe o absurdo que está dizendo? — indaguei — Ao menos sabe as pessoas que estariam lá. Poderia ter mulheres, casais, famílias...

— Homens! — rebateu ele — Lembra o que eu disse no escritório do Dmitri? Enquanto meus dedos tocavam sua...

— Não se atreva! — cobri sua boca com a minha mão e o encarei com olhos estreitados. — Não se atreva a dizer isso, Vladic.

Senti seus lábios se moverem, enquanto ele abria um sorriso cínico.

— A quem você quer tanto enganar, *kiska*^[6]? — ele puxou minha mão e deu uma suave lambida em meu pulso, que senti acelerar ainda mais — A mim ou a você mesma?

Eu me lembrava exatamente o que Vladic tinha falado aquele dia, na primeira vez que nos tocamos, que ele me tocou com tanta intimidade.

Sua boceta é minha.

Ele exigiu que eu admitisse isso. Ainda agora, essas palavras tinham grande poder sobre mim. Eram vulgares, mas tão Vladic, que chegavam a soar natural. E como antes, eu lutava bravamente, tentando resistir à confissão de que sim, não havia outro homem no mundo a quem eu desejasse me entregar dessa forma.

Só que eu estava em um problema muito maior agora. Eu estava cansada de lutar.

— Do que você tem mais medo, Irina? — Vladic se inclinou, sua mão pousou em minha coxa, deslizando em minha pele, ardendo, e sua voz era como carícia em meu ouvido — Do que eu a faço sentir ou de você mesma?

Para ser completamente sincera, comigo e com ele, eu tinha mais medo de mim, de quem eu me tornava com Vladic, do que ao contrário. Só que não fazia a menor diferença. Eu já tinha feito uma escolha e esperava sinceramente não me arrepender.

CAPÍTULO 13

VLADIC MILANOVIC

Eu não me sentia feliz em ter cada passo dado sendo monitorado, mas Dmitri tendo como coro o pedido fervoroso de Kyara, usou argumentos suficientes para me convencer que seria benéfico, não apenas para a nossa segurança, mas como para toda a irmandade.

Dmitri também garantiu que existiria uma rede de controle diferenciada, essa seguiria comandava por Ivan, e que as informações relacionadas à nossa localização seriam reveladas apenas quando solicitada e em caso de emergência. Mas o mesmo benefício não se estenderia ao restante da organização; *Kapitany* e membros abaixo deles continuariam a ter seus passos ainda mais vigiados que antes. O *Pakhan* não permitiria que algum traidor, como Kamanev, se virasse contra ele.

Eu não estava contra Irina e sua importante invenção, mas a fiz acreditar que sim quando nos encontramos no Centro de Treinamento. E ainda usei seu projeto como razão principal de nos encontramos esta noite durante o jantar.

Com nenhuma outra mulher eu precisava usar subterfúgios. Eu tinha a garota que queria, quando queria,

isso era um fato. Com Irina, tudo fugia do controle, desde minha necessidade inexplicável de provocá-la a reagir a mim, que fosse apenas levada pela raiva, ao desejo, cada vez mais incontrolável, que despertávamos um no outro.

Quando eu descobri que a queria, não sabia ao certo dizer, mas o momento que tive a certeza, foi há alguns meses, naquele maldito castelo nas montanhas, onde eu tinha uma bala cravada na perna e a incerteza se sobreviveria à hemorragia ou não. Foi a voz dela e o toque de suas mãos nas minhas que me trouxeram de volta.

E eu estava aqui. Eu enxergava a garota que ela tentava ocultar do mundo e gostava pra cacete de cada faceta nova que ela vinha mostrando. Mais do que eu deveria e muito além do que conseguia resistir.

E não me sentia mais fraco por admitir que Irina me interessava mais do que uma boa foda que meu pau ansiava ter. Já o mesmo não acontecia com ela. Eu notava seu receio. O medo de apenas fechar os olhos e saltar nessa aventura sem paraquedas.

A minha pergunta não foi respondida, deixei que ela passasse o restante do trajeto meditando sobre isso, mas eu já tinha uma resposta cada vez mais clara. Irina tinha mais medo dela mesma do que de mim. Isso estava claro em seus olhos. Era como um coelhinho receoso, mas curioso em sair de sua toca.

— Irina — murmurei, puxando-a pela cintura quando paramos em frente à porta.

Ela me encantava e seduzia de uma forma que era incapaz de imaginar. Vê-la me olhar como uma garotinha assustada revirava algo dentro de mim.

— Não é você, Vladic — se não estivesse completamente focado nela, eu mal teria ouvido o seu sussurro — Nunca foi. E eu...

A mão delicada tocou o meu rosto e a confiança que via em seus olhos foi suficiente para mim.

— Não tenho medo — o sorriso, caramba, ah, esse sorriso — Não mais.

Se eu fosse me deixar guiar apenas pelo instinto animal rugindo dentro de mim, em questão de minutos estaríamos nus no meio do corredor e meu pau finalmente teria o que há tanto tempo desejava, conhecer o calor e a maciez de sua boceta. Mas Irina não era como as jovens trazidas pelo *Advee* ou alguma melhor que eu buscava no cassino. Ela merecia mais e eu desejava dar a ela.

— Vamos ao jantar, *mílaya*.

Sem desviar meus olhos dos seus, deslizei sua mão delicada pelo meu rosto até chegar aos meus lábios onde a provoquei com um beijo. O mesmo calor que fazia sua face rosada, queimava em seus olhos.

— A noite só está começando.

Era uma promessa que eu estava mais do que determinado a cumprir.

Ser *Avtorieyt*, e atualmente o *Pakhan* no lugar de Dmitri, me dava muitos poderes, mas não o de fazer as pessoas desaparecerem como num passo de mágica. Claro que se eu realmente quisesse, com um olhar e uma única palavra minha conseguiria fazer com que os garçons e os dois seguranças em um canto da sala fugissem como carneirinhos.

E eu me controlava muito para não fazer isso enquanto os pratos eram servidos. Cada vez que olhava para Irina e a notava ficar mais relaxada, fosse pelo vinho que degustava ou por ter dominado o medo e finalmente aceitado o inevitável entre nós, obrigava-me a ser paciente.

— Você mentiu para mim — acusou ela, colocando a taça suavemente de volta à mesa — Por que, Vladic?

Passei tanto tempo vendo-a com o óculos, cabelos rigidamente presos e o corpo escondido em um jaleco branco e roupas discretas, concentrei-me tanto, sempre que nos encontrávamos, em provocá-la em relação à sua profissão e inteligência acima da média, que não percebia detalhes sutis.

Ela era uma dama bem-educada. Via isso pela forma que manuseava os talheres, usando o específico para cada

prato. No jeito que segurava a taça e secava delicadamente o canto dos lábios. Até na forma que sorria e agradecia o serviço dos garçons. A verdade tinha que ser admitida, se Kyara não tivesse surgido na vida de Dmitri e ele tivesse levado adiante o plano de se casar com alguma filha de *Kapitany*, Irina teria sido a escolha ideal. Ela exerceria bem a função de esposa do *Pakhan*, pelo menos socialmente.

O que tinha me desagradado na época não era a falta de química entre os dois, mas o fato de meu irmão, mesmo eu não admitindo, tomar posse da mulher que eu mais desejava.

— Vladic?

— Eu nunca menti para você, Novitsky.

Não chegava a ser completamente verdade, e eu considerava que passei um bom tempo mentindo para mim mesmo do que para ela, mas pela forma que via seu queixo atrevido se erguer, chegava à conclusão de que estava prestes a me encrencar por outros motivos que não tinham qualquer relação com minha atração por ela.

— Não? Você disse que não usaria o chip — seus olhos provocadores fixaram em mim — Quando eu soube ainda essa tarde por Kyara que esse era um assunto completamente resolvido pelo *Pakhan*.

Ela literalmente estava com a faca na mão. Isso me divertia e eu não conseguia evitar responder a provocação à altura.

— Não — levei o meu copo à boca, ganhando tempo e me deliciando com sua tentativa de se controlar — Se pensar bem no que eu disse, irá recordar que avisei que eu não queria, mas estava disposto a conversar sobre o fato.

— Ou seja, você mentiu. Só para jantar comigo, me ouvir falar como uma boba e o meu discurso não faria a menor diferença quando a decisão já havia sido tomada.

Não sou um homem de impulsos, então, quando estiquei minha mão sobre a mesa, buscando a dela, enquanto me mantinha firme encarando seus olhos, era exatamente isso que queria fazer.

— Ok. Talvez eu tenha mentido — admiti — E você não é boba. E nada do que diz é irrelevante para mim.

Sempre que discutíamos e que na maioria dos casos ela irritantemente me colocava no devido lugar, a única forma que via me imaginando calá-la seria cobrir sua boca com a minha. Pela maneira que ela abria e fechava os lábios, eu tinha encontrado uma nova maneira de deixá-la sem reação.

— Agora, se quer mesmo saber a verdadeira razão do jantar — acariciei sua mão com o polegar enquanto dizia — No escritório do *Pakhan*, Savin. No hospital, Dmitri. Na estufa, Kyara.

Estas foram todas as vezes infernais que alguém tinha nos interrompido.

Então, inclinei-me um pouco mais para frente e trouxe sua mão até a minha boca.

— Entenda uma coisa sobre mim, Ira — deslizei meus lábios suavemente em sua pele, percebendo-a arrepiar — Não deixo nada inacabado pelo caminho.

Desviei o olhar rapidamente para um dos garçons posicionados à porta, depois, para o segurança. Foi um sinal claro e suficiente para que eles comessem a se retirar silenciosamente.

Apenas a música tocando baixinho e o quase imperceptível som de nossas respirações aceleradas, ressoavam.

Ela me olhava... Eu a encarava. Milhares de perguntas. Algumas coisas precisavam ser sentidas. Apenas vividas em sua plenitude.

— Por que o jantar, *mílaya*? — indaguei ficando de pé e nem mesmo o barulho da cadeira tombando atrás de mim desviou nossa atenção um do outro — Eu quero você.

Contornei a mesa e a fiz se erguer, colocando-a na minha frente.

— Inferno! — cobri seu pescoço com a minha mão e enquanto a acariciava com o polegar, trouxe seu rosto para mais perto do meu — Desejo pra cacete.

Tomei posse de sua boca, cobrindo seus lábios com os meus. Eu estava preso em um deserto e a única forma de beijá-la era como se fosse alguém que sentisse sede.

CAPÍTULO 14

IRINA NOVITSKY

Eu estava presa a Vladic. Não porque sua mão imensa segurava firmemente a minha nuca e a outra, apertava minha cintura, colando nossos corpos cada vez mais, ou pelo beijo faminto que parecia roubar minhas forças. Ele me mantinha cativa porque eu simplesmente tinha entregado meu coração.

A melhor parte de mim e também a mais frágil. Isso seria motivo para assustar e afugentar qualquer pessoa, principalmente alguém como eu, que temia fortemente se entregar ao amor e se machucar no processo. Mas nos braços dele, a cada carícia que recebia e fazia minha pele ferver, Vladic fazia com que me sentisse mais forte, para enfrentar os meus medos, as inseguranças, o mundo inteiro se fosse preciso.

— *Króchka* ^[7] — murmurou ele quando sua boca pesarosamente deixou a minha.

Meu coração sempre derretia quando ele usava palavras carinhosas para se referir a mim.

— Essa é a última chance, querida — a profundidade do desejo em seu olhar não ofuscava o carinho que via em seu rosto — Qual a sua escolha?

Ele resvalou o polegar em meu dedo e um carinho gentil quase me levou a fechar os olhos com prazer do seu toque.

— Ir embora ou ficar comigo?

Existia no mínimo meia dúzia de maneiras nas quais poderia lhe dar a resposta. Eu me guiei pela qual achava mais certa no momento. Firmei as minhas mãos em seu peito, me coloquei nas pontas dos pés, tornando a unir nossos lábios.

Vladic grunhiu, apertando-me mais forte. Meu beijo tímido logo foi transformado por ele em um apaixonado. As suas mãos moveram-se rapidamente pelas laterais de meu corpo e cobriram minha bunda, puxando-me cada vez mais para ele, enquanto seu quadril esfregava contra o meu.

Sempre que eu sentia o volume duro dentro de sua calça raspar entre as minhas pernas, provando que sua excitação era tão intensa quanto a minha, meu corpo vibrava inteiro e a vertigem causada pelo prazer impulsionava-me em direção a Vladic.

— *Ye-bat!* — ele grunhiu quando a falta de ar foi mais forte que o desejo de continuar nos devorando com o beijo.

Ele deslizou a boca pelo meu queixo e raspou os dentes em meu pescoço, a carícia fez um gemido escapar de minha garganta e precisei me escorar ainda mais em Vladic porque a sensação que tive era que iria cair. De fraqueza,

pois, era assim que ele me deixava, e pelo desejo que a cada toque dele parecia intensificar dentro de mim.

— Tem ideia do quanto a desejo, *mílaya*?

Seus olhos eram puro aço derretido.

Vladic me queria e isso estava explícito em seu olhar.

— Então me mostra — murmurei e fiquei espantada com minha própria ousadia.

Foi como atizar um touro bravo. Outra vez, sua mão fechou em volta de meu pescoço e se, há segundos, ele não tivesse confessado o quanto me desejava, neste momento, eu descobriria. Entreguei-me a este beijo como se meu mundo todo dependesse disso.

Vladic pousou suas duas mãos enormes em minha bunda, apertando-me contra ele e quando esfregou sua ereção mais uma vez em mim, o calor entre minhas pernas começou a aumentar.

Com um movimento rápido, ele me ergueu do chão e fez as minhas pernas rodearem sua cintura. Seguimos em direção a um corredor. Vladic pressionou minhas costas contra a porta quando chegamos ao quarto.

Os dedos apertavam firme minhas coxas, enquanto seus lábios, em meu pescoço, faziam-me tremer. Senti os dedos correrem por minha pele até chegarem à calcinha molhada. Ele me acariciou por cima do tecido, fazendo círculos com os dedos, que me levaram a gemer cada vez mais alto.

Novamente, sua mão fechou em volta do meu pescoço, mas desta vez para me obrigar a encará-lo, o que estava ficando cada vez mais difícil, principalmente agora que seus dedos passaram a barreira da *lingerie* e ele os esfregava em minha boceta.

— Vou perguntar mais uma vez — ele começou a deslizar lentamente um dedo para dentro de mim.

Embora eu estivesse muito molhada, nada, além do meu próprio toque, quando tive coragem suficiente para isso, esteve ali. E os dedos de Vladic eram longos e grossos. Não causava dor, ele me tocava com delicadeza e sensualidade, mas eu sentia cada centímetro dele dentro de mim.

— De quem... — exigiu com uma voz rouca e terrivelmente sensual — é esta boceta?

Vladic avançou um pouco mais, tocando exatamente onde o meu prazer se concentrava e girou o dedo de uma forma que simplesmente me deixava louca.

— Sua. Ela é sua.

Ele me encarou, satisfeito. Um sorriso presunçoso surgiu em seu rosto. Eu queria bater em Vladic, mas queria ainda mais que ele continuasse a me tocar de forma tão habilidosa.

— Agora que as coisas ficaram claras — ele raspava as pontas dos dedos num ponto que fez minha vagina contrair e começar a pulsar —, vou mostrar como eu cuido bem do que me pertence.

— Ai, Vladic! — tombei a cabeça para trás e sua outra mão buscou um dos meus seios, esmagando-o sob o vestido.

Nossos corpos faziam uma dança sensual. Era como se precisássemos nos fundir, um ao outro.

A porta foi aberta, a luz, acesa, clareando o quarto. Tudo que consegui observar, enquanto Vladic seguia com seus beijos e carícias apaixonados, era que a decoração extremamente masculina combinava com ele.

Ele me colocou no chão e, com os olhos, me devorou dos cabelos bagunçados à ponta dos meus sapatos.

— Linda demais — ele cobriu minha bochecha com sua mão e com o polegar fez uma suave carícia em minha pele.

Fechei os olhos e movi o rosto contra a palma em minha pele. Esses dois lados de Vladic, o selvagem e o carinhoso, faziam uma verdadeira bagunça emocional dentro de mim. Ele conseguia ser duro como aço e tão delicado quanto uma pena ao me tocar.

— Eu preciso ver você inteira — sussurrou, impaciente e logo toda a sua atenção estava em meu vestido.

Como garras, seus dedos envolveram as alças e lentamente foi baixando-as pelos meus ombros. Eu não usava sutiã, o modelo não exigia, e quando seu olhar caiu sobre os meus seios, agora livres para ele, vi sua expressão ficar ainda mais perturbada.

Meu corpo queimava por Vladic e cada centímetro de tecido que ele tirava me causava uma espécie de alívio e

desejo. A peça caiu aos meus pés. Observei fascinada ele ficar de joelhos. As mãos correram por minhas pernas até chegarem ao tornozelo. Ergueu meu pé esquerdo tirando o sapato e com uma suave carícia me fez descobrir que até ali eu era sensível a ele. O mesmo se repetiu com o outro pé. Cada movimento de Vladic produzia um efeito em mim muito difícil de explicar. Ele me deixava maluca com um único toque.

A calcinha, desta vez com um pouquinho de pressa, teve o mesmo destino que o resto, montando uma pilha no chão. Vladic começou a se reerguer, com a língua percorrendo a minha pele, como se eu fosse seu sorvete preferido.

Ele me beijou quando ficamos de frente. Inicialmente apenas lambendo meus lábios, depois, sua língua invadiu a minha boca, tomando tudo.

As mãos cravaram em minha cintura e fui jogada sobre a cama. Ele inclinou sobre mim. Sua boca veio sedenta em meu seio, ele sugou o mamilo, fazendo com que o prazer pulsasse forte em minha vagina. A mesma carícia torturante se repetiu no outro mamilo. Com sua boca e suas mãos, ele me fazia contorcer, febrilmente implorando por mais. A cada minuto ele me fazia desejar mais.

Buscava uma lufada de ar quando Vladic agarrou firme os meus joelhos e escancarou minhas pernas. Eu nunca estive assim, tão intimamente exposta. Mas Vladic não me

dava tempo para pensar ou sentir receio de nada. Ele agia, e quando a ponta de sua língua tocou meu clitóris, foi como se uma parte do meu cérebro tivesse se desligado e só a que se concentrava nele, no que ele fazia comigo, parecia existir.

— Humm... — um gemido cheio de prazer escapou dos meus lábios quando suas lambidas passaram a ser mais constantes e precisas.

Sempre ouvi dizer que sexo era bom e, por isso, algumas pessoas faziam certo tipo de loucura. Vladic me mostrava que sexo era mais do que bom, era maravilhoso. Incrível. Nada no mundo conseguia ser tão glorioso quanto isso.

— Vladic! — gritei e soltei um gemido ao ter sua língua dentro de mim — Ah, Vladic.

O que ele fazia com sua língua dentro de mim não poderia ser normal. Chupadas, lambidas profundas, ele me fodia com sua boca e eu só conseguia choramingar para que ele não parasse. Nunca. Não enquanto o meu prazer parecia crescer como uma onda gigante dentro de mim.

Agarrei o edredom cobrindo a cama e meus dedos fecharam forte em volta do tecido.

— Ai... assim... — supliquei, fechando os olhos.

Sendo arrastada pela explosão que iniciara em minha cabeça e vibrava por todo o meu corpo, levando-o a tensionar.

Eu tentava me recuperar lentamente, mas a língua de Vladic, lambendo suavemente minha vagina inchada e sensível, dificultava bastante.

— Gostosa — ele finalmente ergueu o rosto, limpando os lábios com a língua e me dando um sorriso pervertido.

Eu tinha gozado na boca dele e Vladic tinha tomado cada gota como se fosse sua vodca preferida. Que homem era esse?

No momento seguinte, para meu prazer ou aumento de desespero, eu o observei se erguer. Eu ainda me sentia fraca e usei essa desculpa para vê-lo começar a se despir.

Ele tirou o paletó jogando-o no chão ao seu lado, depois, apressadamente arrancou a camisa, revelando o peito e abdômen cheio de músculos. Seus braços eram tão grandes e fortes que eu não me segurei e lambi os meus lábios, sedenta.

— Quer ter as honras?

Minhas mãos tremiam por isso, e tirando forças de nem onde sabia existir, fiquei de joelhos na cama. Espalmei as mãos em seu peito largo e fui descendo com a ponta dos dedos. Sentia como se sua pele ardesse e o seu calor intensificava o meu.

Quando cheguei ao botão da calça, senti-me um pouco nervosa. A mão de Vladic cobriu a minha e ele me fez encará-lo.

— Não pense, apenas sinta, querida.

Assenti, empurrando todos os temores para bem longe da minha mente. Abri o botão e revestida de nova coragem, desci o zíper. Vladic sentia urgência, por isso, ele mesmo tirou a calça e a boxer ao mesmo tempo.

Só notei que preendi o ar ao vê-lo se erguer mostrando todo seu esplendor, quando a respiração pesada ecoou de mim.

— Ficou sem palavras, *mílaya*? — murmurou, passando a ponta dos dedos em meus lábios abertos.

Eu fiquei foi completamente sem rumo. Vladic era lindo e perfeito em cada centímetro dele que meus olhos percorriam. E sim, o seu grande e impressionante instrumento me deixou alarmada.

— Lembra todas as vezes que disse que um dia usaria a sua boca atrevida de forma bem mais apropriada? — ele esfregou o pau de cima para baixo com suavidade e foi a coisa mais sexy que já o vi fazer — Eu a quero aqui. No meu pau. Agora.

Se o comando exigente não tivesse o poder suficiente para me fazer atendê-lo, o olhar intenso que me dava conseguiria.

Busquei seu pau, duro, apontando em minha direção, e meu toque o fez estremecer. Ver essa reação em Vladic me trouxe de volta a confiança por um instante perdida, e até arrisquei um sorriso para ele antes de levar a cabeça de seu pau à minha boca. Um pouquinho de cada vez, até ter a

certeza de que não caberia mais nada. Movi minha língua para ajustá-lo dentro da boca, isso o fez fechar os olhos e gemer.

Comecei a chupá-lo da única forma que uma garota inexperiente como eu saberia fazer, deixando que seus gemidos e pedidos carregados de desejo me guiassem. Rapidamente, peguei o jeito e comecei a mover a cabeça para frente e para trás, deslizando minha boca pelo seu pau, primeiro devagar e, em seguida, cada vez mais rápido.

— Caralho! — Vladic urrou e seus dedos enroscaram em meus cabelos, quando ele impulsionou o quadril em direção a mim.

Agora, ele controlava os movimentos me conduzindo. Agarrando suas coxas, eu o sentia tremer a cada vez que engolia e deslizava minha boca por seu pau.

Eu abalava Vladic da mesma maneira que ele fazia comigo e não existia poder no mundo melhor do que esse.

— Ahh... porra — ele se afastou, bruscamente.

O brilho feroz que via em seus olhos me fez estremecer. Vladic me empurrou de volta à cama e cobriu meu corpo com o seu. O beijo me tirou o ar seguidas vezes. Suas mãos me acariciando, apertando, correndo por minha pele, fazendo-a arder.

Então, ele me olhou. Longa e profundamente.

— Sou o primeiro, não sou?

Balancei a cabeça, admitindo. E o gesto foi suficiente para que um brilho brutal surgisse em seus olhos.

— O primeiro — confessei, tímida — O único.

O último. Porque depois de Vladic, mesmo se eu desejasse, estaria marcada para os outros homens.

Arcaico?

Bastante. Na Bratva, as coisas funcionavam assim. Boas filhas de *Kapitany* eram criadas para se manterem puras e serem entregues a quem oferecesse mais: dinheiro, influência e poder.

Eu não me importava porque o que eu vivia com Vladic, neste momento, me parecia certo. Eu sentia isso do fundo de minha alma.

Ele me beijou e foi com tanto sentimento, que vi todos meus pensamentos se afastarem até que a única coisa que eu pensasse fosse ele. Em todo prazer que me fazia sentir. E quando Vladic se afastou por um momento, procurando algo na gaveta ao lado da cama, quase cheguei a protestar o abandono. Ele rapidamente retornou carregando com ele uma embalagem de preservativo, que rasgou e colocou em seguida, enquanto eu o observava, fascinada.

Encaixou-se entre as minhas pernas e buscou minha boca para um beijo lânguido. Depois, Vladic introduziu sua mão entre nossos corpos e começou a acariciar meu clitóris, cada vez mais sensível aos seus toques.

Humm. Que delícia.

Não levou muito tempo e estava encharcada, implorando por Vladic, buscando algo que nem mesmo sabia o que era, mas eu precisava.

Ele abriu mais as minhas coxas. Senti minha carne abrir pouco a pouco para recebê-lo. Em uma parte da investida prendi o ar e tentei segurar o gemido de dor. Vladic percebeu e parou de se mover. Seus olhos fixaram nos meus. Ele acariciou o meu rosto, despejou uma trilha de beijos por meu pescoço, pondo-se a devorar minha boca com a sua. O beijo tinha tanta paixão que quando voltou a se mover para dentro de mim, a dor ficou quase esquecida. Ele me completava. Eu estava totalmente preenchida dele.

Soltei um gemido quando começou a se mover. Sentia que ele se contraía, tentando se controlar. Passei as minhas pernas ao redor dele e movimentei o quadril para frente. Ele podia perder o controle assim como eu. Desejava isso.

A dor já nem existia mais e só sentia prazer. Vladic me encarou, me embalou, estocando mais fundo. O calor começou a me dominar.

Estremecia e suas investidas ganhavam mais velocidade. Ele precisava disso, se libertar, mas eu sentia que eu precisava muito mais.

— Oh, Nina... — sussurrou, sem um único segundo desviar os olhos de mim, apertando-me contra ele — Caralho!

Vladic tentava se segurar, mas seu lado mais duro e indomável, a cada gemido que eu emitia, ganhava a batalha. Ele segurou meu pescoço e começou a me penetrar cada vez mais forte e voraz.

— Vladic! — gritei por ele.

Atordoada, cravei as minhas unhas em suas costas, liberando outros gemidos enquanto ele batia os quadris em minha direção.

Como era gostoso, a única coisa que conseguia pensar, além de sentir. O calor foi subindo. Vladic se afastou e me penetrou fundo, fui incapaz de resistir ao orgasmo chegando forte. Era devastador. Ele urrou, me puxou e juntos nos entregamos ao intenso prazer que dávamos um ao outro.

Quando ele caiu sobre mim, jogando levemente o peso do corpo contra o meu, sentia-me exausta. Após um ou dois minutos, ele rolou de lado, puxando meu corpo para o seu abraço. Alisou meu rosto e afastou as mechas molhadas, grudadas em minha bochecha.

— Você está bem?

Bem? Eu estava ótima. Sentia-me ainda no céu em seus braços.

Um tanto manhosa, apenas movi a cabeça afirmando que sim e me agarrei mais a ele. Estava fraca demais para qualquer outra coisa.

— Desculpe — ele lamentou parecendo chateado consigo mesmo — Perdi o controle, Nina.

Eu amava que Vladic me chamasse assim. *Nina*. Ninguém mais no mundo poderia fazer isso. Era algo nosso.

— Você me faz perder o controle. Sempre fez.

— Isso é ruim?

Porque Vladic também me fazia perder o controle, a diferença que agora era algo incrível. Até mesmo difícil de descrever.

— A melhor coisa que poderia ter me acontecido.

Sorri para ele e por isso recebi um beijo na ponta do nariz e outro mais demorado nos lábios. Suspirei satisfeita e fechei os meus olhos.

— Foi incrível. Maravilhoso — alisei seu peito com os meus dedos — Quase não posso esperar para você perder o controle de novo.

Ousada? Talvez. Mas estava sendo totalmente honesta e sem medo de admitir isso.

— Descansa, Nina — o ouvi dizer e minha cabeça foi encaixada em seu pescoço — Estamos apenas começando.

Vez ou outra, provoquei Kyara em relação à obsessão dela e Dmitri por sexo. Mas se todas as vezes que Vladic e eu fizéssemos amor fosse desse jeito, acho que roubaríamos o posto dos dois de maiores fodedores da Rússia. Não que fosse uma competição, mas eu não iria reclamar nem um pouco se acontecesse.

Com esse pensamento malicioso rondando minha cabeça e um sorriso satisfeito no rosto, adormeci nos braços

de Vladic.

CAPÍTULO 15

VLADIC MILANOVIC

Em todas as vezes que provoquei Irina e a deixei irritada comigo, sentia que por baixo da grossa camada de gelo que ela fazia questão em manter, existia uma tigresa que só precisava do homem certo para surgir. E mais uma vez provei que estava no caminho certo. A garota era pura dinamite sexual. E sua inexperiência não foi empecilho algum, como provavelmente deveria ter acontecido; ao contrário, sua curiosidade e forma como se entregou a este momento, roubou todo o meu autocontrole.

Eu deveria ter sido mais delicado, mais cuidadoso, mas a forma com que ela bagunçava os meus sentidos, vi-me apenas deixando-me ser guiado pelos instintos mais primatas. Desde o desejo que deveria ter sido saciado após o sexo, como sempre acontecia com todas as outras que já estiveram em minha cama, ao instinto inexplicável de mantê-la comigo e protegê-la, que havia se intensificado agora. E isso só poderia significar uma coisa.

Eu estava FODIDO.

E olhando para a linda mulher dormindo tranquilamente, agarrada ao meu peito, não existia conclusão mais clara do que essa. Nada mais seria como antes, e porra, isso não me

preocupava nem um pouco. Eu estava pronto para mergulhar de cabeça. Com Irina, para ela.

A primeira coisa a fazer, depois de fodermos de novo, obviamente, era que eu deveria ter uma urgente e importante conversa com o Sr. Novitsky. Deixar esclarecido que essa ideia absurda de colocar a filha à caça de um bom partido dentro da Bratva acabava aqui. Novitsky era minha agora e eu só precisava fazer com que ela enxergasse isso.

Eu já não era mais um garoto em busca de orgia e diversão, se a pessoa certa surgisse. Era possível ter tudo o que se desejava com uma única mulher, esse era o constante discurso de Dmitri. E nunca me pareceu tão certo como agora.

Irina e eu éramos muito diferentes? Sim. Mas eu também podia afirmar que eram essas diferenças que nos atraíam. Eu apreciava sentir que cada minuto ao lado dela era uma surpresa. Me divertia com sua língua afiada, inteligência e sagacidade. E no sexo, provamos esta noite que éramos mais do que compatíveis, incendiávamos a cama.

As lembranças de nosso momento juntos começavam a se manifestar em mim, mas a chamada inesperada em meu telefone obrigou-me a me afastar delas.

Afastei as mãos e rosto de Irina de mim com cuidado suficiente para não a despertar e fui em busca do telefone no chão com o restante de minhas roupas.

— Rurik? — atendi apressadamente e fui em direção à janela.

Apesar de eu estar ocupando o lugar de Dmitri até que ele retornasse de sua viagem de lua de mel, e Rurik, cobrindo Ivan em Moscou, essa não era uma ligação usual e ele sabia que só deveria me interromper se fosse algo realmente muito importante.

— *Um dos carros no estacionamento da base de controle do Kapitan Kireev foi atacado há alguns minutos — informou Rurik e a informação rapidamente me colocou em alerta — Mas não se preocupe, agora está tudo sob controle. Ninguém saiu ferido e os cofres não chegaram a ser encontrados ou abertos.*

Kapitan Kireev era responsável por manter ativo nossa célula de lavagem de dinheiro e ele era um dos principais *Kapitany* de Primeira Elite e um dos homens mais importantes na Bratva. Quem quer que tivesse o atacado estava mandando um recado.

— Kamanev?

Eu duvidava que fosse Boris. Esse estava sendo bem vigiado e fugindo pelo país como o rato que era.

— *Continua no mesmo lugar* — respondeu ele.

— Não o percam de vista — ordenei a ele — Façam uma varredura na base de Kireev e avisem sobre qualquer coisa que encontrarem.

Se minhas suspeitas estiverem corretas, em algum lugar surgiria imagens do *valknut*, símbolo usado pela Tambovskaya.

— Como quiser, *Papa* — assentiu Rurik respeitosamente antes de desligar.

Permaneci em frente à janela, observando a noite da cidade, tentando ligar todas as informações que Dmitri e Ivan haviam me dado desde que eu acordei, com o ocorrido desta noite.

Meu irmão acreditava que conseguiria restaurar, através de uma amigável reunião de negócios, o velho acordo de paz com Khomiakov, o *Pakhan* da Tambovskaya. Mas o que ele não tinha conhecimento ainda, e eu soube apenas esta tarde, ao regressar do Centro de Treinamento, através de uma fonte segura, era que Alek tinha se juntado aos mortos. E no lugar assumira seu irmão mais novo, Slavik Pavlovich Khomiakov.

Não foi uma morte natural. Slavik fez da forma antiga e bárbara, como a própria Tambovskaya. No momento era impossível saber quais os passos o novo *Pakhan* daria após a morte do irmão, mas uma coisa era evidente, não foi Alek que iniciou os ataques contra nós ou eles teriam cessado com a morte dele. O ataque de hoje foi um aviso. Eu lamentava ter que interromper Dmitri em suas merecidas semanas de paz, mas agora mais do que nunca precisávamos estar em alerta.

— Vladusik?

Tanto o chamado como o toque suave em minhas costas tomaram a minha atenção. Primeiro, eu fui em busca de seu reflexo no vidro da janela.

Ye-bat! Linda e tentadora como só o diabo poderia fazer.

— *Vladusik?* — indaguei ao me virar para ela.

Nua e sem consciência alguma do que sua imagem perfeita fazia a mim.

— Você me chama de Nina — Irina apoiou as mãos na cintura e isso fez com que os bicos dos seios apontassem em minha direção — Acho justo.

Ela era sexy até quando se atrevia a me desafiar.

— Muito justo — estiquei minha mão até um dos mamilos e brinquei com eles com meus dedos, vendo-os endurecer — Ninguém nunca me chamou assim.

Na Rússia, patronímicos tinham um papel vincado na composição dos nomes. Quando o filho nascia primeiro era escolhido o nome, seguido do patronímico que vinha do nome do pai e, em seguida, da família. Ela era Irina Viktorova Novitsky e eu tinha me tornado Vladick Mikhailovich Milanovic. Os apelidos que nos diferenciava poderiam variar de acordo com o grau de intimidade.

Nina e Vladusik. Namorados, noivos, marido e mulher.

— Eu gosto como soa dos seus lábios, Nina — busquei o outro seio, cobrindo-o com minha mão e a carícia levou-a a

morder o canto da boca de um jeito malditamente sexy.

Com um passo, encurtei ainda mais nossa distância e me inclinei até seu ouvido.

— Mas sabe qual é o som que eu realmente curto? — sussurrei, arrancando dela um gemido que fez meu pau endurecer ainda mais.

Rapidamente levei minhas mãos até sua bunda e a ergui, fazendo com que suas longas pernas abraçassem minha cintura.

— Eu gosto de te ouvir gemer, *baby*.

Seus gemidos eram como melodia para os meus ouvidos e poderia passar a madrugada toda me empenhando a tê-los ecoando pelo quarto. E, inferno, isso era exatamente o que eu pretendia.

IRINA NOVISTKY

Não sabia há quanto tempo ele estava fora da cama, mas assim que meu corpo notou a ausência dele, acordei. Sentia-me meio perdida ao abrir os olhos e quando o vi ao telefone em frente à janela, as batidas erráticas em meu coração normalizaram.

Por um momento, quis apenas me deleitar com a bela visão que eu estava tendo. Com as costas e ombros largos, braços musculosos, o traseiro ondulado e as pernas masculinas mais incríveis que eu já vi.

No entanto, toda a minha apreciação não demorou muito tempo, assim que ouvi o desprezível nome Kamanev e notei como Vladic parecia tenso, senti que algo estava errado. Infelizmente me aproximei quando ele já encerrava a ligação, então, se eu quisesse saber o que acontecia, teria que perguntar diretamente a ele.

Minha intenção ao tocá-lo e chamá-lo por Vladusik era deixar o clima menos tenso. Só que com Vladic nada nunca é simples. Via em seu olhar incendiando que eu havia acordado o predador.

Eu tinha algo importante para perguntar a Vladic, mas quando senti suas mãos em mim e fui encaixada em seu colo, tudo o mais deixou de existir, principalmente quando sua boca tomou a minha de um jeito nada menos do que voraz.

Ainda estava perdida em seu beijo profundo e apaixonado, quando ele começou a caminhar. Soltei um gritinho de surpresa quando o vi me erguer ainda mais e colocar minhas pernas em volta de seu pescoço.

— Vladic? — indaguei, assustada.

Recebi em resposta um sorriso pervertido, logo, ele curvou a cabeça e sua boca estava em minha vagina. Na

primeira chupada, gritei e agarrei seus cabelos com força, enquanto sentia a língua me penetrar profundamente.

— Toque seus seios, *baby* — ordenou ele e eu faria qualquer coisa para que Vladic não parasse o que estava fazendo.

Apertei meus seios e mamilos exatamente como ele tinha feito comigo e a sensação de me acariciar e Vladic me comer com sua boca era quase tão boa como quando ele me fodeu e me fez ansiar exatamente por isso.

— Ah — além da língua, ele usava os dedos para acariciar meu clitóris — Vladic!

O prazer corria em mim, como ondas vindo em direção à praia. Eu ondulei o quadril em sua direção, pressionando em seu rosto enquanto ele seguia me fodendo com a sua boca, fazendo os meus gemidos ecoarem cada vez mais altos pelo quarto.

Então, ele me penetrou ainda mais fundo e mexeu o rosto sobre mim. Fodendo-me e fodendo-me com a língua sem parar. Cruzei meus pés em suas costas e, fora de mim, joguei a cabeça para trás. Rendi-me ao prazer, tremendo em sua boca enquanto era tragada pelo orgasmo que ele me dava.

Eu ainda tentava de alguma forma voltar a mim, quando voltei a deslizar pelo seu corpo e meus pés tocaram o chão. Ele me agarrou pela nuca e trocamos um longo beijo sensual.

Depois, ele levou meus seios à sua boca, chupando-os forte, agarrou minha cintura e me fez girar.

Vladic buscou meus pulsos, me fez inclinar e apoiar as mãos contra a parede à minha frente e com os joelhos, afastou um pouco mais as minhas pernas.

— Fique assim — sussurrou e o tapa que deu em minha bunda fez um estalido ressoar pelo quarto, antes de se afastar — Não se mexa.

Apesar da posição me deixar totalmente exposta e inicialmente envergonhada, agradecia ter onde me apoiar, minhas pernas ainda tremiam pelo orgasmo que ele acabara de me dar.

Eu mal concluí esse pensamento quando lambidas, como pinceladas em minha vagina, voltaram a me fazer contorcer. Suaves e molhadas chupadas que me empurravam cada vez mais em direção a ele. E quando pensava que não poderia mais suportar, seu pau veio como uma lança quente dentro de mim.

Perdi o ar por alguns segundos. Foi como ser dividida ao meio, mas acompanhado de um prazer indescritível.

Suas mãos agarraram meus seios, seus dedos brincaram e deixaram meus mamilos, ao seu toque, ainda mais duros.

A cada estocada de Vladic, eu sentia minha vagina fechar ainda mais forte em volta de seu pau, pulsando em busca do prazer que ele fazia nascer em mim.

— Oh, que porra — ele gemeu, sua mão fechando em volta do meu pescoço — Ninaaa...

Eu me sentia largueada e preenchida por Vladic. Suas arremetidas profundas, além de invocar meus gemidos, roubavam o ar, davam-me o prazer que nunca imaginei poder existir.

— Aiii... — eu perdi o controle ou, talvez, nunca o tivesse.

Não com Vladic.

— Isso, *mílaya* — suas arremetidas ficaram um pouco mais lentas e sensuais, mas não menos profundas — Amo quando geme para mim.

A sua mão fechou ainda mais em volta de meu pescoço e eu o tinha todo sobre mim. Numa lentidão enlouquecedora que pouco a pouco foi ganhando mais velocidade.

Da minha garganta saíam gemidos lamuriosos. Eu estava perto, muito perto, perto...

— Vem — a estocada me jogou para frente contra a parede — Goza comigo, Nina.

Em seu movimento seguinte, o orgasmo irradiou pelo meu corpo.

Forte. Intenso. Explosivo.

Assim como era Vladic.

CAPÍTULO 16

IRINA NOVISTKY

Despertar com a sensação de que meu corpo estava em chamas era algo completamente novo para mim. Mas acontecia exatamente assim, e a cada beijo, combinado com a ponta úmida da língua de Vladic correndo sobre a minha pele, fazia-me incendiar ainda mais.

E quando sua boca caiu faminta entre as minhas pernas, que ele colocou ainda mais abertas para ele, meus olhos saíram de órbita. Foram incontáveis lambidas e chupadas em meu clitóris que me fizeram agarrar forte os lençóis e meu corpo se ondular.

Quando sua língua grossa e talentosa penetrou em mim, movendo-se, tocando em pontos de prazer que jamais imaginei existir, fui incapaz de continuar a ter controle e gozei na boca de Vladic, enquanto sussurrava baixinho e desesperadamente por ele.

Foi como se eu tivesse levado uma surra, sentia meu corpo todo mole, até minha cabeça parecia incapaz de funcionar devidamente. Estava tão sugada física e mentalmente que nem percebi quando Vladic se moveu pela cama em busca de proteção, dando-me conta apenas

quando seus dedos acariciaram minha vagina molhada e seu pau, lentamente começou a deslizar para dentro de mim.

— Vladusik — pranteei e finquei minhas unhas nos braços dele, encarando-o com um pouco de preocupação.

Não sentia que seria capaz de lidar com o mais que ele estava determinado a arrancar de mim. Outra dose de prazer como senti há poucos minutos e sentia que todo meu ser iria desintegrar, desaparecer como uma nuvem de fumaça.

— Está tudo bem, Nina — ao afirmar isso, ele se inclinou, passando a ponta do nariz em minha bochecha e impulsionou o quadril para frente, entrando em mim completamente.

O prazer foi tão intenso que imediatamente qualquer receio que eu pudesse ter sentido, desapareceu.

— Sua boceta... — ele deslizou lentamente para fora de mim e com a mesma lentidão deliciosa voltou a me penetrar — é tão quente... — outra vez para fora e novamente dentro de mim, me preenchendo toda — e apertada.

Eu não conseguia escapar dos olhos ardentes de Vladic, dos seus toques, da sua voz rouca dizendo sacanagens, que apenas me excitavam ainda mais e, principalmente, de todo prazer que ele, cada vez mais, me fazia sentir.

Desta vez, com toda a minha atenção em seu rosto se contorcendo a cada estocada que me dava, percebia que era mais do que sexo, fazíamos amor e nunca teria sonhado que

pudesse ser tão ou até mais intenso do que a primeira vez que ele me tomou.

— Nina... — ele enterrou mais fundo e o prazer começou a se espalhar por mim como bolhas pipocando por todo o meu corpo.

— Aii.... — a cada arremetida lenta, mas cheia de pressão, pequenos orgasmos foram explodindo em minha cabeça — Vladic.

Senti seu corpo enorme sacudir sobre o meu no mesmo momento em que um orgasmo mais intenso e forte que os anteriores me sacudiu inteira.

Tive seu corpo sobre mim por algum tempo, depois, Vladic rolou pela cama, levando-me com ele. Ficamos assim, aguardando nossas respirações normalizarem e que nossas mentes conseguissem voltar à razão.

Parcialmente recuperada, pois meu corpo ainda estava sensível, ajeitei-me nos braços de Vladic de forma que pudesse encarar o seu rosto completamente. Ontem, quando transamos na parede e outra vez embaixo dos lençóis, ele fez com que eu esquecesse o motivo de me fazer ir procurá-lo na janela. Não que minha mente estivesse melhor agora, principalmente depois de termos feito amor de forma sublime, mas a calma de um novo dia e esta paz que sentia sendo aninhada por ele, trouxe-me as lembranças de volta.

— Ontem à noite você estava ao telefone — iniciei, enquanto fazia círculos com o dedo em seu peito — Era algo

sobre Boris?

Como eu esperava, vi seu corpo ficar tenso e sua mão pousada em minha coxa, apertou mais a minha pele.

— Não apenas sobre ele... — respondeu Vladic, mas acabou se calando subitamente.

Mais zangada do que curiosa, apoiei meu cotovelo no colchão e olhei duramente.

— Sério isso, Vladic? Vai bancar o imbecil comigo?

— Esse é um assunto da Bratva, Irina.

Percebia através de suas narinas dilatando como um touro bravo que era um assunto que ele se aborrecia em ter que tocar. Sentei-me na cama completamente indignada.

Esse era só um dos motivos que antes me fizeram ter receio em assumir meus sentimentos por Vladic. Ele era um homem das cavernas, que achava que mulheres precisavam ser protegidas e que havia assuntos para damas e senhores. Não importava quantas vezes eu já tivesse mostrado que nem sempre era assim.

— Você só se esquece que se o meu trabalho for necessário, em qualquer coisa que vier a acontecer, eu vou ficar sabendo cedo ou tarde. Então, seria bom se fosse por você.

Aguardei pacientemente que ele finalmente começasse a ceder e quando vi que seria mais fácil um meteoro cair sobre nossas cabeças, comecei a me levantar da cama.

Que se dane!

Dmitri ou Kyara me colocariam a par do assunto. Só que me chateava muito ver Vladic agindo assim, como o imbecil de sempre. Eu queria arremessar algo na cabeça dele e ele tinha sorte de minha especialidade não ser ciências biológicas.

— Espera! — Vladic segurou meu braço antes que meus pés tocassem o chão — *Ye-bat*, Irina!

Debati-me contra ele. Eu o detestava neste momento.

— Tudo bem — provando que tinha mais força e músculos, ele me jogou contra a cama, cobrindo-me com seu corpo.

O sorriso de menino brincando com o ratinho e se divertindo muito com isso deveria me irritar ainda mais, mas céus, este homem era lindo de tirar o fôlego, pelo menos para mim. Comparando os irmãos Milanovic, Dmitri tinha uma beleza clássica, quase que perfeita, mas Vladic tinha aquele jeito de homem másculo, forte, um verdadeiro macho alfa que fazia o coração de qualquer mulher disparar, e comigo não era diferente.

— Você tem razão — sua expressão voltou a ficar seria. Admitir isso para Vladic era como enfiar uma lança afiada em seu peito, mas ele parecia disposto a passar por cima disso — Eu vou te contar, nervosinha.

Eu quis esconder minha satisfação em ter vencido essa batalha, mas o sorriso foi ganhando força em meu rosto e para amenizar minha comemoração vitoriosa, nada louvável,

passsei as minhas pernas em volta de sua cintura e lhe dei um beijo apaixonado.

— Se era isso que iria receber, deveria ter começado por aí, *mílaya*.

— Não faço barganhas. É só um prêmio de consolação, Vladuski.

— Me excita pra caralho quando me chama assim, sabia?

Com a pergunta, seu quadril moveu sobre o meu e senti seu pau esfregar em minha vagina, me fazendo gemer.

Belisquei sua bunda e um sorriso surgiu em seu rosto perfeito.

— Para de trapacear e, principalmente, de me distrair, Milanovic — acusei-o.

Voltamos a rolar pela cama e, desta vez, ele se sentou me colocando por cima dele.

— Certo — ele iniciou passando a mão delicadamente por minhas costas — Sobre Boris, não tem que se preocupar com ele.

Como eu não iria me alarmar com esse verme ainda à solta? E eu odiava o Kamanev com todas as minhas forças. Além de todo o terror que fez com Kyara, ele quase tirou a vida do único homem por quem me apaixonei e toda experiência indescritível que vinha tendo com ele.

— Dmitri só precisa decidir quando dar o fim a ele — concluiu Vladic.

Mesmo os Kamanev tendo sido horríveis com Kyara, pelo menos para ela, por longos anos, os considerou como família, principalmente Sonya a quem sempre tentou proteger. Kyara era boa demais. Eu era mais resistente porque trabalhava diretamente com esses homens duros, o meu pai era um *Kapitan* e vi de perto muitas coisas acontecerem na organização.

— Eu sei que Kamanev merece o pior fim do mundo e provavelmente Dmitri está pensando sobre isso — ajeitei-me melhor em seu colo e não foi uma boa ideia, pois seu membro resvalou em mim, causando um pequeno prazer que me fez estremecer.

Foco, Irina!

— Mas eu acho que Kyara já absorveu demais dessa família. Ela só quer ter uma gravidez tranquila. Metam logo uma bala na cabeça dele, como fizeram com Sonya e assunto resolvido.

Eu não tinha nenhum tipo de remorso em desejar esse fim ao Boris, o que ele tinha feito a Kyara, não apenas o sequestro, mas a tentativa de abusar sexualmente dela, era imperdoável. Acho que algo como isso marcava uma mulher por um bom tempo, mesmo agora ela estando segura e protegida ao lado do homem que amava.

— Foi o que Nikolai e eu já dissemos a Dmitri, que se concentrasse na esposa e no bebê por nascer. Agora, fazer o

verme sofrer um pouco mais antes de dar um fim a ele, é um direito que não posso tirar do meu irmão.

Soava um pouco estranho ver os dois se referirem assim, mas pensando bem, eles sempre se comportaram dessa forma, como irmãos. E me fazia lembrar uma coisa, se algo acontecesse a Dmitri, Vladic ocuparia o seu lugar.

— Quando o destino de Boris for decidido, será de uma forma que Kyara não ficará ainda mais marcada.

— Então, se não era por causa de Boris, o que o deixou tão tenso?

A primeira resposta veio com suas mãos apertando mais forte a minha cintura. Esse era um assunto que incomodava tanto Vladic, que ele nem percebia que colocava força demais em seus dedos sobre a minha pele.

Só havia na Rússia um oponente que poderia nos incomodar.

— A Tambovskaya — disse ele dando voz à resposta que eu já tinha conseguido mentalmente.

— Mas Dmitri tem uma reunião com o *Pakhan* assim que voltar da lua de mel.

— Não. Ele não tem.

— Khomiakov cancelou?

Notei seu olhar escurecer ainda mais e imediatamente percebi que as notícias não seriam boas.

— Ele está morto, Nina.

O choque foi tão grande que nem soube o que dizer, apenas encarei Vladic com incredulidade.

— Morto? — sussurrei.

— O irmão assumiu o comando e não se sabe o que poderá acontecer. Ontem à noite o *Kapitan* Keeriv foi atacado.

— Você acha que foram eles?

— Eu tenho certeza. Os sinais de sempre estavam lá, recebi uma foto de Rurik com um dos símbolos marcados no chão. Isso me fez chegar à única conclusão plausível, Khomiakov não estava agindo em retaliação ao que fizemos a pedido de Tigran...

— E meu — nunca fugi das minhas responsabilidades e não faria isso agora.

Quando pedi que Dmitri realizasse o pedido de Tigran e resgatasse da Tambovskaya alguém importante para ele, tinha assumido os riscos que fôssemos atacados de volta.

— Se ele morreu e os ataques continuaram, não tinha sido ele antes.

— Pelo que me lembro na época, Ivan garantiu que foi um ataque bem articulado e que provavelmente não iriam descobrir que fomos nós a resgatar a garota — o relembrei.

Então, vieram os primeiros ataques e soubemos que algo na missão tinha dado errado. Por isso Dmitri queria se encontrar com o *Pakhan* e tornar a fazer um acordo de paz entre as máfias.

— Você acredita que o novo *Pakhan* não terá intenção de uma aliança conosco?

— Veremos em alguns dias quando Dmitri retornar.

A resposta correta seria que Vladic não acreditava em um acordo de paz. Isso poderia significar apenas uma coisa, que uma guerra poderia estar prestes a acontecer. Uma daquelas que as duas organizações não tinham visto ser travada há muito tempo.

O que eu mais temia no mundo era ver as pessoas que eu amava machucadas e tendo suas vidas colocadas em risco.

Mas que inferno!

Vladic tinha acabado de voltar. Voltar para mim, e conhecendo-o bem, seu lado guerreiro já estava se preparando para a batalha.

— Está tudo sobre controle, *mílaya* — ele segurou meu rosto com as duas mãos e sorriu — Somos mais fortes que eles.

O desgraçado sorriu. Eu me torturando por dentro, pensando nas inúmeras tragédias que poderia acontecer e Vladic lidava como se fosse disputa boba entre meninos.

Garotinhos não brincavam com armas e nem faziam as coisas explodirem. Além disso, toda essa atividade poderia chamar atenção do governo e das pessoas não envolvidas em nosso mundo, que acreditavam que nossa organização havia acabado há muitos anos.

Por isso eu estudava e aprimorava o INE-19. O programa espião que invadiria áreas e arquivos secretos do governo, tanto para descobrir o que eles sabiam sobre nós, como para monitorar cada passo a nosso favor.

— Ei, nada vai acontecer a você — seus lábios roçaram nos meus — Eu prometo, Nina.

— Isso é algo que você não pode fazer, Vladic.

Porque na máfia o jogo era desleal. Seu oponente pegava o ponto mais fraco e usava contra você. Era uma questão de quem matava ou morria primeiro. Um jogo sangrento e mais cruel do que as pessoas poderiam imaginar. E enquanto a Bratva comandada por Dmitri cada vez mais investia em tecnologia e informação para ter vantagens e progredir, a Tambovskaya vivia do modo antigo, seguindo a filosofia dos nossos ancestrais vikings.

— A última vez que jurou que ficaria tudo bem — disse a ele —, eu o reencontrei no hospital.

— *Ye-bat!* — ele rosnou invocado, eu tinha colocado o dedo na ferida e jogado sal em cima — Aquele foi um descuido do Dmitri e não meu.

Nisso ele tinha razão. Dmitri ficou tão perturbado ao avistar Kyara na janela do quarto onde estava presa, que se esqueceu de todas as normas de segurança. Isso fez com que Boris tivesse vantagem e atirasse nele, se não fosse Vladic entrando na frente do irmão, desviando-o do tiro, neste

momento Kyara estaria grávida, chorando a morte do homem que amava, em vez de curtindo a lua de mel.

— Para mim não importa — avisei no mesmo tom perturbado — E acho que penso cada vez mais como Kyara. Mulheres deveriam ter mais ação dentro da Bratva. Uma *Vor* faria menos estupidez que vocês.

O sorrisinho cínico voltou e Vladic tinha sorte que nele ficava extremamente sensual.

— Kyara disse isso? Nunca iria acontecer. Dmi jamais iria aceitar um absurdo desses.

Homens. Achavam que dominavam o mundo, mas esqueciam que uma mulher determinada tinha muitas maneiras de conseguir o que queria.

— Bom, eles vão ter um bebê e pode ser uma menina.

— Que ensinarei a lutar e se defender. Sou de acordo com isso, mas se tornar um soldado? Esqueça isso, *mílaya*, e ajude a Kyara tirar essa ideia maluca da cabeça. Já disse, o *Pakhan* nunca irá concordar.

Uma coisa sobre Vladic era verdadeira, ele realmente nos fazia perder a cabeça, fosse no sexo incrível ou em uma discussão como esta. Possessa com ele, pulei de seu colo antes que ele pudesse me impedir.

— Pois saiba que ele disse a Kyara que iria pensar.

Avisei e saí em busca das minhas roupas pelo quarto. Sentia seu olhar predador fixado em meu corpo nu, e apesar de causar o efeito em mim que não deveria permitir, desta

vez fui mais forte que o desejo e o encarei furiosa enquanto colocava a calcinha.

Vladic bufou e me encarou sério.

— Foi quando estava com o pau dele dentro ou fora da boceta dela?

— Ah... — eu queria socar o seu peito — Como você é cretino, Vladic.

— Sou realista, querida. Nenhum homem na Bratva irá aceitar isso.

Fui à caça do meu vestido no chão. Eu não sabia como podia amar e detestar Vladic na mesma medida. Não era para terminarmos assim, algo que até há alguns minutos tinha sido perfeito. Deveríamos estar indo para o banho, fazermos amor outra vez, termos um delicioso café da manhã juntos e discutirmos qual futuro daríamos à nossa nova relação. Mas Vladic conseguiu, em tempo relâmpago, me deixar mais irritada que o de costume.

— Vão se for uma ordem direta do *Pakhan*, e se quer saber — me curvei para pegar os sapatos — Vou ajudar a Kyara nisso.

— *Gavno!* — Ele pulou da cama e cada passo que dava em minha direção me fazia recuar outro — Jamais neguei o quanto você é inteligente, querida, bem mais inteligente do que eu.

Humm... Como ele conseguia ser tão ogro e fofo ao mesmo tempo?

— Mas é tão inocente quanto a Kyara em achar que isso daria certo. Dmitri nunca arriscaria perder o respeito dos seus homens, ainda mais em uma situação como essa. Com uma guerra prestes a explodir.

Retiro o que disse, Vladic era um ogro do momento que acordava ao que fechava os olhos. Mas, em partes ele estava certo. A máfia, pelo menos a nossa, e eu não conhecia nenhuma outra que fosse diferente, sempre foi um campo exclusivamente masculino. Por séculos fomos considerados a Organização Criminosa mais perigosa e cruel do mundo. Remodelar essa história levaria anos a fio.

— Bom, temos que começar de algum lugar e em algum momento.

Por todas as partes e em vários campos, mulheres ganhavam voz. Como cientista e pesquisadora, eu enxergava que o mundo vivia em constante mudança e estava na hora da Bratva começar a ver isso também.

— Isso é loucura e não espere que eu ajude as duas com isso, Irina. As coisas vão ficar feias e não podemos perder tempo brincando com garotas.

— Mulheres não precisam que homens as ajudem, seu *Bolotinik* — o encarei furiosa antes de achar a minha bolsa e seguir pisando duro — Precisamos que nos respeitem. E parece que isso você é incapaz de fazer.

Eu não era tão inocente erguendo bandeiras e acreditando que seria fácil, na verdade, conseguirmos dobrar

Dmitri e Vladic tendia ser menos árduo que toda uma comunidade machista que foi criada para pensar da mesma maneira, ainda assim, fazê-los entender o propósito e a importância do projeto de Kyara exigiria de nós empenho, firmeza e um longo caminho pela frente.

— Onde você pensa que vai? — ele me alcançou assim que escancarei a porta e saí marchando para fora do quarto — Irina, nós não terminamos essa discussão.

Por um breve momento a situação me divertiu um pouco. Nunca imaginei um homem de seu tamanho e porte físico me seguindo, visivelmente atormentado e nu.

— Neste momento, eu só sinto vontade de fazer duas coisas, Vladic — virei abruptamente para ele e nossos corpos se chocaram, fazendo com que sentisse uma carga elétrica correr por nós dois — Socar a sua cara ou transarmos até a exaustão.

Sem desviar os olhos acalorados dos meus, Vladic abaixou a cabeça colando nossas testas uma na outra. Suas mãos deslizaram da cintura até a minha bunda e isso me fez sentir seu pau ficando cada vez mais duro.

— Que porra, mulher — sussurrou, esfregando-se mais em mim — Você me faz perder a cabeça em todos os sentidos.

Que bom que a recíproca era verdadeira. Com um sorrisinho cínico despontando em meus lábios, fiquei na

ponta dos pés e com os sapatos ainda em minhas mãos, as apoiei no peito dele e o beijei como nunca tinha feito antes.

Ao me afastar, quase sem forças para isso, notei que ele ficou tão abalado quanto eu.

— Mas o que vou fazer mesmo é deixar que reflita sobre tudo o que disse.

Com seu olhar confuso, abri a porta e corri, ignorando o elevador. Não teria forças para resistir se Vladic me alcançasse e fizesse comigo o que sua expressão prometia.

— Irina! — meu nome foi como um trovão me seguindo até a escada.

Continuei a correr até chegar ao próximo andar onde uma senhora tinha acabado de chamar o elevador.

— Mantenha aberta.

Eu estava sendo boba, deveria admitir, mas agora era tarde demais para me arrepender, principalmente quando Vladic, nu e com um olhar furioso, surgiu em frente ao elevador, que fechou segundos antes de ele alcançar a porta.

— Oh, meu Deus! — ouvi o sussurro alarmado da senhora antes de encostar na parede e fechar os meus olhos — Tudo bem, querida?

Senti o toque delicado em meus ombros e olhei para senhora preocupada.

— Na verdade — mordi meus lábios —, estaria melhor se eu não fosse tão boba.

Eu não mudaria de ideia sobre Vladic ter que evoluir em sua forma de pensar, mas eu poderia ter continuado a enfrentá-lo, e com um pouco mais de maturidade, e o andamento do dia acontecer exatamente como desejei. Em vez disso, saí com o corpo palpitando e deixando o homem excitado e fora de si.

— Consigo compreender — ela deu um sorriso mal disfarçado e eu senti minhas bochechas arderem.

Quando chegamos ao *hall*, eu travava um dilema em minha cabeça: voltar à cobertura de Vladic ou continuar fugindo.

— Srt^a Novitsky? — dois seguranças surgiram à minha frente — O *Papa* ordenou que a levássemos em segurança para casa. Podemos ir?

Não era uma escolha. Ninguém desobedecia a uma ordem do *Pakhan*.

Acho que pelo menos esse round tinha empatado.

CAPÍTULO 17

RAÍSSA GUSYEVACH

Tambovskaya, algumas semanas antes

Estávamos em perigo e eu não precisava pressionar Yuri para compreender isso. Soube no momento que ele surgiu em meu pequeno e aconchegante chalé no meio da noite, ordenando que pegasse apenas o necessário para mim e para o meu filho, que o perigo nos rondava.

— Para onde estramos indo, *brat*^[8]? — desviei a atenção da criança que adormecera há pouco tempo em meu colo, na parte de trás da carroça e concentrei no homem controlando os cavalos à nossa frente.

Yuri não era meu irmão de sangue, éramos primos na verdade, mas eu o considerava assim por tanto tempo que já não o enxergava de outra maneira. Meus pais faleceram há alguns anos, quando sofreram um ataque durante uma viagem de negócios realizada a pedido do *Pakhan*. Eu tinha quatorze anos quando isso aconteceu e meu tio, Marko Vasiliev, me levou para morar com ele e seu único filho, Yuri.

— Segurança — ouvi alto e forte.

Ele não era um homem de muitas palavras, ter alguma resposta deveria me deixar satisfeita. Só que eu tinha o coração apertado demais para me contentar apenas com meia dúzias de palavras mal exploradas.

— Segurança do que, *brat*? — mesmo sentindo que não teria uma resposta imediata — De quem?

Yuri inclinou a cabeça levemente para trás e pelo seu olhar firme, deixou-me claro que no momento não adiantaria insistir.

Aconcheguei meu menino ainda mais forte contra o meu peito enquanto observava as costas enormes diante de mim.

Pelo que me lembrava sobre Yuri, ele sempre foi um garotinho introspectivo. Em nossos primeiros anos de convívio, acreditei que isso era reflexo por ter presenciado a fuga e abandono da mãe, que partiu deixando marido e filho que mal tinha três anos.

Eu nunca cogitaria a ideia de me ver abandonando meu pequeno. O mesmo não aconteceu com Sra. Markovich, que não suportou a vida que levava na Tambovskaya, raras mulheres nascidas fora da máfia conseguiriam isso.

Na juventude, Yuri se mostrou ainda mais taciturno, dedicando-se à exaustão aos treinamentos para se formar como um excelente *Vor*, e se tornou o melhor de todos. Ninguém dominava a arte das facas e espadas como ele,

além de ter um porte físico acima da média, era invencível durante duelos corpo a corpo. Nunca o vi perder no ringue. Yuri era respeitado e temido por todos na mesma medida. Bom, não exatamente todos. Seu rosto marcante e os longos cabelos claros, que ele mantinha presos em um rabo de cavalo, arrancavam muitos suspiros e cochichos femininos sempre que passava.

Apesar de seu tamanho, excesso de músculos e a capacidade de entrar e sair dos ambientes de forma silenciosa e estratégica, foram a inteligência e lealdade dele que atraíram a atenção do *Pakhan*, quando ele ainda servia e estava sendo preparado pelo pai, tornando-se *Avtoriyet*, amigo e homem de confiança de Alek Khomiakov, o *Papa* e homem a quem eu tinha me entregado de alma e coração.

Minha história com Alek não tinha começado como um conto de fadas, onde a linda plebeia se apaixonava pelo príncipe. Por muito tempo, temi e odiei o *Pakhan*, pois o culpei pela morte dos meus pais. Ele também não tinha olhos para a garotinha arredia, sobrinha do seu conselheiro. Até que um dia o destino se encarregou de nos unir ao ser obrigada a cuidar do *Pakhan* quando se machucou durante a caça em uma de suas visitas às nossas terras.

A cada dia tratando sua ferida, conhecendo-o sem a armadura e arrogância de poder com que desfilava perante todos, descobri um homem divertido e romântico e que o lobo mal só tinha existido em minha cabeça. E que grande parte

de suas decisões e castigos quando precisavam ser aplicados, marcavam muito mais a ele do que a quem os recebia. E descobri que sacrificar sua alma era uma forma de impedir que homens mais cruéis realizassem barbaridades piores, homens frios como seu irmão Slavik, a quem eu temia mais do que qualquer pessoa no mundo.

Por isso, nossa relação, a meu pedido e principalmente após nosso filho nascer, foi mantida em segredo, por nossa segurança e paz. Alek e Yuri fizeram um chalé para nós próximo às margens do rio, longe o suficiente do castelo, residência oficial do *Pakhan*, e de toda a comunidade, para que tivéssemos privacidade.

Foram quatro anos felizes vivendo ali. Ter que deixar nosso lar às pressas como fugitivos sem honra, não apenas partia meu coração como me deixava completamente em pânico.

— Yuri? — chamei-o assim que comecei a sentir a carroça parar.

Eu mal conseguia ver algo à nossa volta quando Yuri saltou, tínhamos avançado muito para dentro da floresta.

Ele arrancou a lanterna a gás que tinha prendido para nos iluminar e ainda sem dizer uma única palavra, pegou Curl de meu colo. Soube que deveria descer e segui-os quando eles já estavam a uns dez passos à minha frente.

Seguimos avançando pela vegetação espessa até que vi uma cabana, aparentemente de caça, surgir.

— É aqui que vamos ficar? Onde está Alek? — agarrei com firmeza a barra de sua camisa — Por que você não me diz o que está acontecendo, Yuri?

Ele se virou para mim. Eu queria ser capaz de conseguir ler sua expressão, nunca fui capaz disso, acho que ninguém, algum dia, tenha conseguido.

— Alek pediu que os trouxesse aqui com segurança — entregando a lanterna a mim, ele usou a mão livre para abrir a porta rústica — É só o que posso dizer.

Enquanto iluminava o caminho para que eles avançassem, dei uma rápida olhada no local. Havia uma mesa de madeira, quadrada, duas cadeiras, uma cama de solteiro com um colchão e cobertas gastas, duas espingardas penduradas nas paredes, que me pareceram antigas, um fogão a lenha e todo o resto se resumia a isso.

Voltei minha atenção para Yuri quando colocava meu filho com cuidado na cama. Ele ficou por alguns segundos observando-o dormir. Devo me corrigir, existia uma pessoa que conseguia chegar a ele, meu pequeno Curl. Meu irmão era mais falante com ele, um garotinho de quatro anos, do que com qualquer pessoa que nós conhecêssemos.

— Quanto tempo ficaremos aqui, *brat*?

Ele se ergueu. Seu olhar me respondia o suficiente. Até quando fosse necessário e seguro.

— Vou buscar a comida e o restante das coisas — foi sua segunda frase mais longa após tantas e exaustivas horas

de viagem dentro da carroça.

Após várias viagens trazendo tudo o que achava que precisaríamos, Yuri espalhou outros lampiões pela cabana. Acho que mais para que Curl não se assustasse caso acordasse no escuro, do que para o conforto de nós dois. Somente depois de me ver acomodada ao lado do meu filho que ele estendeu uma manta no chão próximo à nossa cama onde se deitou.

— É por causa de Dmitri Milanovic? Vão mesmo entrar em guerra contra nós?

Por um tempo, nem Alek e Yuri acreditavam que a paz selada há muitos anos com Mikhail Milanovic fosse quebrada pelo novo *Pakhan*, filho dele. Mas isso era algo que Slavik vinha afirmando há alguns meses, que precisávamos atacar antes que isso acontecesse conosco.

— O perigo está mais perto, *sestrá* ^[9] — respondeu ele.

Se Dmitri Milanovic e a Bratva não eram o nosso maior problema, só existia alguém que eu temesse muito mais.

— Slavik — sussurrei.

Os olhos estreitos e o rosto endurecido de Yuri eram toda a confirmação que eu precisava. Meu coração gelou dentro do peito e eu olhei para o rostinho inocente ao meu lado. Manter-nos escondidos foi a única forma que consegui imaginar para proteger o futuro *Pakhan* da Tambovskaya.

O que aconteceria com a gente? Quando eu veria Alek de novo? O momento que eu mais temia no mundo poderia

estar se aproximando?

Encarar a face mais cruel de Slavik.

CAPITULO 18

VLADIC MILANOVIC

Se a meta dessa garota não era me enlouquecer, eu não poderia imaginar qual poderia ser. Eu tinha saído correndo com todas as minhas partes de baixo à mostra, possuindo apenas as mãos para tentar esconder o quão forte Irina mexia comigo.

E parecia que ser flagrado por velhinhas, enquanto meu pau estava erguido como um mastro de navio, tornara-se rotina em minha, cada vez mais complicada, vida. Apesar de me encontrar furioso com Novitsky ao alcançá-la, segundos antes da porta do elevador fechar, sorria como um paspalho alguns segundos depois. A primeira mulher no mundo que me fez correr por ela conseguiu isso comigo completamente nu e insano.

— Falin? — disparei assim que minha ligação foi atendida — Leve a Srt^a Novitsky para casa e não desgrudem os olhos dela para nada.

Até que eu soubesse qual o nosso futuro em relação a Tambovskaya, eu não deixaria ninguém que fosse importante para mim, com um alvo certo na cabeça.

— Sim, senhor.

A ligação foi encerrada e não foi o frio que me manteve congelado no lugar, ou a certeza que minha ordem a deixaria furiosa, foi que eu tinha acabado de admitir que Irina me importava.

E, cacete! Importava muito.

— Você foi realmente programada para me enlouquecer, Novitsky — murmurei comigo mesmo olhando da janela da cobertura.

Nós tínhamos muito que conversar ainda, mas eu daria tempo a ela para que se acalmasse e assimilasse as coisas. No momento, eu tinha duas coisas importantes para resolver, como *Pakhan* e como homem. A primeira opção vinha sempre em primeiro lugar.

Depois de um banho e me vestir adequadamente, segui para o escritório do *Pakhan*, onde Rurik já me aguardava na porta.

— Tudo preparado? — indaguei assim que entrei.

— Estava apenas esperando a sua chegada para iniciar a videochamada.

Dirigi-me à cadeira de espaldar alto em frente à mesa onde estava o computador, abrindo alguns botões do terno antes de me acomodar.

— *Irmão* — chamou Dmitri assim que surgiu na tela.

Pelo que eu percebia, ele estava no porão, e como esperado, Trotsky estava ao seu lado.

— Onde está Kyara?

— *Tirando um cochilo. Você sabe, esses hormônios de gravidez...* — respondeu ele.

O que eu sabia era que ele não sabia como manter as mãos longe das saias da esposa, e isso acontecia mesmo antes de ela ficar grávida.

Mas eu, especialmente agora, não era o cara certo para julgar isso, não quando a maior parte dos meus pensamentos, durante o trajeto até aqui, tinha sido quando e de que diferentes maneiras foderia Irina de novo.

— *Então, peço que seja breve* — disse Dmitri — *Pois logo ela irá acordar e sentir minha falta.*

— Serei objetivo. Lamento informar, mas sua reunião com Khomiakov terá que ser cancelada.

Vi a expressão de Dmitri endurecer levemente, outra pessoa que não o conhecesse tão bem, possivelmente não teria notado.

— *Ele voltou atrás com a palavra?*

— Alek está morto, Dmitri.

— *Acidente ou...* — Ivan, que até o presente se mantivera calado, se pronunciou.

— *Assassinado. Da forma antiga.*

— *Sangue pelo sangue* — murmurou Dmitri.

Não foi há muito tempo que algo similar tinha acontecido na Bratva, quando um filho matou o próprio pai em busca de poder. Foi assunto entre as pessoas por algum

tempo, não pela crueldade da ação, mas porque a prática não acontecia há alguns anos.

— *Eu sei que essa não é a única coisa que deseja me contar* — disse Dmitri.

Eu não desejava arruinar sua lua de mel, mas ele era o *Pakhan*, uma informação como essa não poderia ser omitida.

— Mesmo após a morte de Khomiakov, os ataques seguiram. O último foi com o *Kapitan* Kireev. Deixaram os sinais de sempre, o *valknut*.

— *Se as ofensivas não findaram com a morte dele...*

— *Significa que, possivelmente, não foi Khomiakov que ordenou os primeiros* — Ivan concluiu por Dmitri.

Nós três chegávamos à mesma conclusão, uma guerra poderia estar prestes a estourar.

— *Vou voltar para Moscou* — informou Dmitri, colocando-se de pé.

— Dmi... — iniciei, mas seu olhar determinado rapidamente me fez calar.

— *Eu me preocupo com a Bratva, mas acabei de recuperar a mulher que amo e nosso bebê no ventre dela* — disse ele em um tom firme e duro — *Confio em você, meu irmão, mas eu não vou permitir que novamente outra ameaça os tire de mim.*

Eu entendia e nem ficava chateado que ele encurtasse a viagem. Um homem honrado cuidava e protegia sua família.

— *Eu vou cuidar de tudo, Papa* — avisou Ivan antes de sumir atrás do computador.

Sabia que para o bem de todos, Dmitri primeiro tentaria um acordo de paz como nosso pai fez há muitos anos com Alek Khomiakov, mas se o irmão dele, e agora *Pakhan*, recusasse a oferta, eles poderiam vir com tudo, estaríamos prontos para a batalha.

— O que mais você tem a me dizer, Rurik?

Concluía todas as obrigações como *Pakhan*, eu tinha uma questão bem pessoal a resolver.

IRINA NOVITSKY

Ainda segurava os sapatos, mantendo-os em meu colo, quando o carro estacionou em minha casa. No caminho de volta, reconstruí cada segundo que tive com Vladic, desde o momento que ele me avistou descendo as escadas, quando veio me buscar para o jantar, até o nosso último contato visual no elevador.

Era inacreditável como esse homem tomava posse de meus pensamentos de uma forma que eu não conseguia evitar, sequer explicar. Agora, mais do que nunca, porque eu não ficava mais imaginando como seria estar nos braços dele, de me entregar e nos tornarmos um. Já não era preciso

mais sonhar em como me sentiria ao permitir que Vladic me guiasse pelo mundo do sexo e do prazer. Eu sabia e tinha cada detalhe gravado tanto em minha cabeça como em meu coração e alma.

— Senhorita? — O motorista, que mantinha a porta aberta por algum tempo enquanto eu viajava em recordações, chamou por mim.

— Ah, sim, desculpe — oculteí minhas bochechas ardendo ao agachar para colocar os sapatos.

Como eu imaginava, o segurança me seguiu até a porta e ficou me aguardando entrar, o que fiz rapidamente, apoiando as costas contra ela assim que a fechei.

Eu nunca imaginei que seria uma dessas garotas que voltava para casa após uma aventura romântica, com um sorriso bobo no rosto. E ter brigado com Vladic já nem fazia importância agora. Teríamos todo tempo pela frente para ajustar nossas diferenças.

Com o coração aquecido e como se tivesse borboletas no estômago, senti-me caminhando em direção à escada.

— *Doch?*

Putá. Merda. O meu pai.

— *Pápa* — virei para ele sustentando um sorriso inocente no rosto.

— Está chegando agora?

Fui sempre a boa menina ao ponto de meu pai esquecer que eu já era uma adulta.

Assenti com a cabeça e não passou despercebido ele ter escondido as mãos fechadas no bolso da calça.

— Fico feliz que saia um pouco para se distrair, *daragáya*, mas espero mais ainda que não se esqueça de quem é ou o que é esperado de você.

Me casar e ter filhos. Além de me manter pura até o casamento. As duas primeiras opções eu ainda poderia cumprir, mas se quisesse conquistar um *Kapitan* de importância, o assunto virgindade perdida seria um grande empecilho.

Mas meu pai tinha me dado o direito de escolher o homem com quem pretendia passar todos os dias restantes da minha vida. Só dois passaram por minha cabeça: Vladic, por quem meus sentimentos viviam em ebulição, e Tigran, que considerava um grande amigo. Eu tinha certeza de que com nenhum dos dois, e principalmente o primeiro, eu já não ser mais uma donzela seria um problema.

— Papai, sobre isso, eu gostaria de dizer...

Meu discurso foi interrompido quando ele se inclinou e iniciou uma tossida prolongada.

— Desculpe, querida. Não amanheci muito bem. Terminamos esta conversa mais tarde.

— Mas, papai... — impotente, o observei subir a escada — Devo chamar o médico?

— Não, não. Eu só preciso descansar — ele seguiu murmurando — Só espero que dê tempo...

Os minutos de felicidade que havia sentido desapareceram como em um estalo, ao vê-lo sumir ao chegar ao corredor. Meu pai, a pessoa que esteve ao meu lado nos bons e maus momentos, o primeiro a me incentivar e acreditar que eu era capaz de tudo, estava prestes a me deixar. Eu não conseguiria viver com esse vazio. Alguma coisa precisava ser feita, decidi buscando o telefone.

— Dr. Kovsky?

— *Srt^a Novitsky? Há algo errado com o seu pai ou você?*

Ian Kovsky era o médico da família há muitos anos. Foi dele que recebi a ligação no laboratório, avisando que meu pai tinha sofrido um princípio de infarto há quase um ano. Aquela tinha sido a primeira vez que me vi frente ao temor desesperador de perder alguém que amo.

— Eu acho que sim. Quer dizer, isso é o que gostaria de saber, doutor, o senhor pode vir até aqui ainda hoje?

— *Bem, estou no hospital prestes a fazer uma cirurgia, irei assim que acabar, tudo bem?*

— Obrigada, doutor.

No decorrer do dia, tentei manter minha cabeça ocupada o máximo possível. Mas assim que o médico chegou ao cair da tarde, um milhão de perguntas sobre o estado de saúde do meu pai pipocavam em minha cabeça, indagações que Dr. Kovsky fugia a cada uma delas.

— Irina, eu já disse que não posso compartilhar a ficha médica do meu paciente.

— Mas eu sou a filha dele. E o senhor é o quê? Um padre? — indaguei exasperada.

— Seu pai está protegido pelo sigilo médico-paciente — ele repetiu outra vez a justificativa que não me convencia nem um pouco.

— Se é tão grave assim, tenho o direito de saber, não importa o que meu *otet's* tenha falado ao senhor ou ameaçado — lágrimas vieram aos meus olhos e pisquei forte para impedi-las — Procurar tratamentos alternativos, quem sabe.

Ele colocou a mão em meu ombro e quase cedi ao conforto que me oferecia.

— Tudo o que é possível já está sendo feito. Mas se quer saber mesmo o que acontece, não é a mim que deve pressionar — o discurso apenas me deixou ainda mais confusa do que eu já estava — Agora, vou ver o meu paciente.

Meu desejo era prender o médico na cadeira e torturá-lo até que me contasse o que realmente estava acontecendo com o meu pai.

Entre o desespero e o pânico, agi conforme meu coração me guiava.

— Vladusik? — O chamei assim que fui atendida.

— *Nina?*

Acho que minha voz soou emocionada o suficiente para que a preocupação soasse na dele.

— *O que aconteceu?*

— O meu pai... — tentei respirar fundo, mas isso só fez com que um soluço escapasse de minha garganta — Ele... ele...

— *Fique calma, mílaya. Estou indo até aí.*

Apenas isso e a ligação foi encerrada. Não sei por quanto tempo fiquei no escritório tentando me recuperar, mas assim que entrei no quarto do meu pai e presenciei a conversa entre mais do que médico e paciente, mas sim, amigos de longa data ser interrompida quando me viram chegar, uma suspeita começou a fomentar em minha cabeça.

Não!

O meu pai não teria coragem de fazer algo assim comigo, teria?

CAPÍTULO 19

VLADIC MILANOVIC

Depois de ter todos as questões burocráticas resolvidas, chegou o momento de resolver um dos assuntos pessoais que há bastante tempo vinha me incomodando. Muito antes de eu ter passado longos dias desacordado em uma cama de hospital e das semanas e meses me recuperando.

— Chegamos, senhor — fui avisado alguns segundos após o carro parar e os *boyevik*, que estiveram nos acompanhando na retaguarda, descessem, formando um meio-círculo em volta de mim, garantindo minha proteção. Longe das minhas obrigações como *Pakhan*, substituindo Dmitri, e das funções como *Avtorieyt*, geralmente não tinha tantos homens fazendo a segurança. Mas as coisas estavam instáveis, toda medida preventiva precisava ser respeitada.

Assim que descí, informei a Felin a quem e qual apartamento iria visitar. Me aborrecia ter cada passo controlado, mas fazia parte do protocolo. Aguardei que um grupo de *boyevik* fizesse a leitura do território antes que pudesse avançar.

O elevador foi facilmente preenchido por mim e os quatro seguranças que ficaram na retaguarda. Assim que chegamos ao sexto andar, havia dois soldados a postos em cada lado da extremidade e mais dois na porta.

— Deixe que eu faço isso — avisei a Felin quando ele esticou a mão em direção à porta.

Eu era capaz de tocar o inferno de uma campainha. Eu nunca chegaria a invejar a vida que Dmitri levava. Seguir regras e protocolos a cada minuto do meu dia não era comigo. Como braço direito do *Pakhan*, eu tinha um certo grau de liberdade e apreciava isso. Por isso, eu admirava e sentia orgulho de Dmitri, ele lidava com a pressão, obrigações e expectativas jogadas sobre ele com inteligência e frieza. Eu só o vi perder a cabeça uma vez...

— Olá.

Meus pensamentos foram interrompidos pela jovem assustada que abriu a porta. Eu a tinha visto através de fotos e vídeos que Ivan entregou em relatórios a Dmitri. Eu não sabia definir no momento se seus olhos arregalados se deviam aos *boyevik* espalhados pelo corredor ou por me reconhecer. No fim, concluí que era uma mistura dos dois.

— Voronov está? — questionei a ela.

Após assentir rapidamente com a cabeça, ela afastou-se da porta dando espaço para que eu e os dois *boyevik* ao meu lado entrássemos.

— Vou chamá-lo — o aviso saiu tão fraco e trêmulo que não me restava dúvida que ela se sentia aliviada em poder fugir de minha presença.

Não me insultava, eu geralmente assustava ou atraía a maioria das mulheres.

— Podem sair — virei-me para Felin.

— Mas, *Papa*...

— Esperem na porta — ordenei — É um assunto particular.

Eu ainda não confiava completamente em Tigran Voronov, mas duvidava que ele fosse surgir do interior do apartamento descarregando uma arma.

— Como quiser, senhor.

Eles saíram silenciosamente e enquanto aguardava Voronov surgir, olhei ao redor da pequena sala.

— Vladic?

Observava três adolescentes sorridentes em uma foto no porta-retrato na estante, Voronov, a jovem assustada e um rapaz desconhecido, quando Tigran surgiu.

— Para você, *Pakhan* — virei-me para ele com uma expressão dura — Ou, em último caso, Milanovic.

Tigran tinha salvado a minha vida controlando a hemorragia em minha perna que poderia ter me levado à morte. Eu devia uma a ele e não gostava de ficar em dívida com ninguém, mas não era por isso que nos transformaríamos em grandes amigos. Principalmente

quando ele nunca escondeu cobiçar o que era meu. E não havia mais nada tão claro do que isso: Irina Viktorova Novitsky era minha.

— Pensei que tínhamos passado disso — murmurou ele com um sorriso dando sinais em seu rosto.

Sobre uma coisa Tigran e eu éramos parecidos, sabíamos o quanto era divertido tirar as pessoas do sério. O bom gosto pelas mulheres também, eu deveria admitir. Mas a minha visita não era para socializar e sim, deixar as coisas completamente esclarecidas.

— Quem é você, Voronov?

A pergunta fez o ar debochado desaparecer em segundos.

— Como?

— Você chegou aqui, ganhou a amizade de Irina. A confiança de Dmitri...

— Menos a sua — destacou ele.

Com dois passos largos, ficamos cara a cara.

— Eu não sei quem você é — acusei, enfrentando-o com o olhar.

— Meu pai...

— Conheço a sua história — o cortei, pelo menos o que Ivan tinha conseguido averiguar — Mas quem você realmente é? Por que ainda está aqui se não fez seu juramento à Bratva?

Ele já tinha a garota pela qual arriscamos abrir uma guerra com a Tambovskaya. Por que continuar na Rússia quando tinha passado a última metade da sua vida nos Estados Unidos?

— Fui liberado por Dmitri a partir quando quisesse, você sabe... — ele olhou em direção à minha perna, meu irmão tinha dado esse direito a ele como forma de agradecimento pelo que Tigran fizera a mim — Mas se você quer saber, farei o juramento assim que ele voltar da lua de mel. Pela Nadia, e porque estamos seguros aqui, eu vou ficar.

— O que ela significa para você?

Pela sua expressão, ficou claro que eu tinha tocado em um assunto delicado.

— É complicado — limitou-se a responder e a menos que eu usasse tortura, não seria hoje que conseguiria uma resposta.

— Então, podemos continuar a protegê-la da Tambovskaya e em troca jurará fidelidade a nós?

E quando o inimigo não fosse mais um problema? Ele se viraria contra nós mordendo a nossa mão como um cão sarnento?

Não tinha apenas uma implicância gratuita com Tigran, mas ele não cresceu ou foi educado em nosso mundo. Dever e honra. Ser um *Vor* de respeito nunca foi o objetivo dele.

— Não apenas por isso — disse ele colocando as mãos nos bolsos de trás da calça antes de dar alguns passos para

longe de mim — Gosto do meu trabalho com Irina. É desafiador.

Agora, ele tinha chegado no ponto que realmente me importava. Mais do que tudo. Novitsky.

— Vou repetir uma coisa e espero que seja pela última vez — iniciei, cruzando os meus braços — Ela não seria sua nem com a minha morte.

Passional demais? Talvez. Mas o que me era importante, eu protegia e cuidava contra qualquer um.

— E o pai dela sabe disso? Porque pelo que me contou, tem planos de que ela se case muito em breve.

O próprio Viktor tinha contado isso na festa de casamento de Kyara e Dmitri.

— Isso não é um problema seu, Voronov. Tudo o que precisa saber é que Irina nunca será sua ou de qualquer outro imbecil dentro ou fora da Bratva. Ficou claro?

— Feito água — disse ele — Mas está claro para ela? Porque vocês dois vivem em pé de guerra. Então, acho que você deveria...

Antes que ele pudesse finalizar e eu dar-me conta do que fazia, minhas mãos agarraram o colarinho em sua camisa e eu o ergui do chão.

— Isso não é da sua conta — o aviso saiu através de meus dentes rangidos — Ela é minha e eu já a marquei.

Joguei-o sobre o sofá. Não era o *Pakhan* ou o *Avtoriyet* falando, mas um amante enfurecido.

— Tipo gado? — o tom debochado impregnado na pergunta não me passou despercebido.

Ye-bat! Esse ianque realmente não tinha amor à vida.

— Mantenha. Suas mãos. Longe.

Fechei os meus punhos e Tigran abriu as mãos em um pedido de paz.

— Já entendi, Milanovic. Nada além do profissional. E eu sei que ter salvado a sua vida não nos transformou em melhores amigos — ele se esticou no sofá, cruzando as mãos atrás da cabeça — Vou te dar um conselho importante. Nunca diga isso a Irina. Pelo que a conheço...

Eu estava prestes a dizer a esse forasteiro que ninguém conhecia Nina como eu, quando o telefone em meu bolso vibrou. Por um segundo, pensei em ignorar a ligação, mas acabei concluindo que poderia ser importante.

— *Vladusik?*

Apenas a forma que ela me chamou foi suficiente para perceber que havia alguma coisa errada.

— Nina? O que aconteceu?

— *O meu pai...* — seu soluço fez todo o resto perder a importância — *Ele... ele...*

Já vi Irina brava, como quando saiu de meu apartamento essa manhã. Bancando a nerd irritante, ou simplesmente a mulher fria que conseguia ignorar qualquer um que quisesse aborrecê-la. Em raras vezes eu a vi tão frágil.

— Fique calma, *mílaya* — pedi, seguindo em direção à porta — Estou indo até aí.

Meu desejo era ter chegado à casa de Irina em minutos, mas o acidente que ocorreu na metade do caminho me impediu. Sair do carro e cruzar andando, como eu gostaria, e esperar que o engarrafamento se dissipasse levaria a mesma quantidade de horas.

Gavno! Isso me frustrava além do limite. Se Irina precisava de mim, era meu dever estar ao lado dela, protegendo-a.

√ *Preso no engarrafamento. Chego assim que puder.*

Enviei a mensagem, enquanto olhava irritado através da janela a longa fila à frente.

— *Ye-bat!*

IRINA NOVITSKY

Só depois que recebi a mensagem de Vladic avisando sobre seu imprevisto no trânsito e o Dr. Kovsky foi embora, retornei à tranquilidade do meu quarto e não demorou muito para dar-me conta de como tinha sido tolice ligar para Vladic. Considerava-me uma mulher forte e decidida, mas ao me ver diante de algo tão desesperador, perder uma das pessoas que mais amava no mundo, o meu pai, senti-me pequena como uma garotinha. Não pensei em ninguém mais a quem

recorrer, além de Vladic, nem mesmo Kyara que era minha melhor amiga.

E ainda o tinha chamado de Vladusik, eu só me atrevia a tratá-lo assim durante nossos momentos mais íntimos.

Em um fraco sinal de lucidez, cogitei ligar ou enviar uma mensagem dizendo que eu tinha sido tola, mas o desejo de vê-lo, principalmente depois da forma que nos despedimos essa manhã, foi mais forte que tudo.

Com a ansiedade fazendo meu coração palpitar, saltei da cama, correndo até o banheiro onde tomei um banho rápido, depois, passei uma generosa camada de creme hidratante no corpo antes de seguir para o closet. Ignorei as roupas sem graças de sempre, optando por um dos vestidos azuis que Kyara tinha me incentivado a comprar. Era um modelo simples, mas que me fazia reluzir.

As horas foram passando e quando me cansei de andar pelo quarto e olhar através da janela na esperança de ver o carro surgir, encolhi-me em um canto da cama, abraçando um travesseiro. Não levou muito tempo para que o cansaço vencesse a guerra comigo.

Um ruído vindo da janela, seguido de uma batida mais forte, acabou por me despertar no quarto escuro. Confusa, segui em direção ao barulho insistente.

— Vladic?

Se algum dia alguém me dissesse que eu o veria escalando a minha janela, com toda certeza riria por dias.

Mas no momento, minha única preocupação foi abri-la e dar espaço para que ele entrasse.

— O que você está fazendo, seu maluco?

A perna dele não estava completamente curada e o imbecil sabia disso.

— Vladic, você tem um enorme amor pelo perigo — acusei, cruzando os braços e isso o fez sorrir — Não foi um elogio se você quer saber.

— Era isso ou fazer aquele batalhão entrar aqui comigo.

Desviei meu olhar zangado dele por um minuto e tornei a olhar pela janela. Havia no mínimo dez homens espalhados pela propriedade e que não pertenciam à equipe de *boyevik* do meu pai.

Ter seguranças era necessário, mas claro que ele encontraria uma forma de se livrar das amarras. Vladic era um rebelde.

— Não sei se o chamo de maluco — não estava mais zangada ao olhar para ele, ele era lindo demais para que eu conseguisse ficar — Ou um romântico sem juízo.

Quem diria que algum dia eu poderia dizer algo assim sobre ele.

— Você me chamou, Nina — encurtando o espaço entre nós, ele colocou as duas mãos em minha cintura, puxando-me para ele — Estou aqui.

— Eu... eu não chamei você — tanto a minha vacilação quanto o seu sorriso convencido, me desmentiam —

Tecnicamente eu não...

Perdi a fala quando sua mão correu lentamente por minhas costas e fechou em volta de minha nuca.

— Diz de novo — ordenou ele, seu rosto a apenas alguns centímetros do meu.

A única claridade no quarto vinha através da iluminação de fora, mas era suficiente para que eu visse o brilho selvagem em seu olhar.

— O quê? — sussurrei prendendo o ar.

Seu polegar acariciou de leve meu pescoço e o prazer que a carícia me causou fez cada pelo em meu corpo arrepiar.

— Você sabe o que, *mílaya* — seus lábios raspavam suavemente os meus e precisei apoiar-me em seu peito ao sentir meus joelhos fraquejarem — Diz.

Nossos olhares se conectaram e eu me dei conta que não haveria saída. Em relação a Vladic e meus sentimentos por ele que cada dia sentia aumentar, acho que nunca existiu escapatória. Mas isso não me assustava mais, pelo contrário, fazia-me sentir poderosa e mais forte que nunca.

— Vladusik — murmurei, abrindo um sorriso tímido.

Foi como despertar uma fera. Seu rosto mudou e o olhar ganhou ainda mais intensidade.

— *Ye-bat!* — Ele grunhiu segundos antes de tomar os meus lábios em um beijo carregado de desejo.

CAPÍTULO 20

SLAVIK KHOMIAKOV

Tambovskaya, algumas semanas antes

Derrote seu inimigo antes que ele se levante contra você. Arrancar o meu irmão do caminho foi o primeiro passo em direção à dura guerra que teria que travar em busca de tornar a Tambovskaya grande e suprema novamente.

Tirar a vida de Alek, sangue do meu sangue, não foi um gesto fácil como os *boyevik* que comemoraram o sucesso do plano comigo tinham imaginado, mas foi necessário. Há alguns anos, eu vinha notando que meu irmão se tornava mais benevolente que o habitual. Não executava os infratores com frieza e severidade, ele os julgava. As pessoas o respeitavam por sua posição como *Pakhan*, mas não o temiam mais, eu sabia que como o medo, o respeito um dia também poderia acabar. Se Alek caísse, eu cairia junto com ele, destino que eu jamais aceitaria de cabeça baixa, como um derrotado.

Fiz o que precisava ser feito e tinha certeza de que no passado, quando meu irmão estava com a mente e objetivos

apenas focados em nossa organização, teria compreendido meus planos.

Não jogue sem ser capaz de cobrir as perdas.

Esse era um dos mais importantes dos nossos ensinamentos, passado por gerações e que Alek tinha esquecido ou ignorado, por ela.

A jovem bonita que os *boyevik* ao lado dela tentavam fazer parar de espernear e que assim que me viu entrar, dirigiu-me um olhar aterrorizado.

— Então, você era a prostituta do meu irmão — destaquei, minha atenção se voltando para o canto da cabana onde um choro irritante do garoto soava estridente pela cabana — E aquele, o bastardo.

Não foi uma agradável surpresa descobrir há pouco mais de um ano, o motivo da inegável mudança de Alek. E foi ainda mais duro descobrir que eu não tinha sido treinado e preparado para ocupar seu lugar, quando desse a sua missão como *Pakhan* por encerrada, como sempre acreditei que iria acontecer. Meu irmão tinha novos planos, para o filho dele. Então, se fôssemos pensar em traição, eu tinha sido traído primeiro.

— Não chega perto dele! — O grito raivoso chegou até mim, mas ela foi impedida de me atacar por um dos *boyevik* que a segurava — Slavik!

Ignorando seus chamados desesperados, parei em frente à criança que chamava pela mãe. A cor dos olhos,

cabelos e traços no rosto infantil não deixavam dúvidas que o menino que tanto lembrava a mim e meu irmão quando crianças era mesmo filho de Alek.

— Mamãe... — os pequenos e lacrimosos olhos azuis fixaram em mim e seus lábios tremeram ao me encarar.

— Slavik! Não o machuque — virei em direção ao pedido angustiado — Não machuque meu bebê.

Eu nunca deixaria sentimentos tão tolos, como o amor, me dominar. Ele nos deixava fraco, tirava o foco e nos tornava alvo fácil para o inimigo.

Vendo a mulher desesperada, sabia que ela seria capaz de qualquer coisa para defender o bastardo gritando por ela.

— Para você — recuei até ficarmos frente a frente — Eu sou o *Pakhan*.

O sinal mais claro de quem tinha o poder e quem deveria se curvar era o pavor impregnado nos olhos.

— *Pakhan*? — O balbuciar fraco foi como música para os meus ouvidos — O que você fez com Alek?

O medo era um cálice que eu gostava de bebericar. E meu silêncio foi resposta suficiente para que ela entendesse que assim como o meu irmão, sua vida e do filho que dera a Alek estavam nas palmas das minhas mãos. E para os dois também tinha chegado o fim da linha.

— Górk? — chamei pelo *Vor* que eu tinha nomeado como meu *Avtorieyt* e braço direito — Você sabe o que fazer.

Dei uma última olhada na mulher desesperada e na criança esperneando que um dos guardas arrastava até ela.

— Amarre os dois — ouvi o comando de Górk ao chegar à porta estreita.

Nenhuma ameaça ficaria em meu caminho.

— Queimem tudo em seguida — ordenei ao *Vor* parado no lado de fora da porta.

Os gritos e súplicas da mulher pedindo que eu poupasse apenas a criança, assim como o choro do menino, diminuía a cada passo que eu dava para longe da cabana.

Se eu tinha ido longe o suficiente para eliminar meu irmão, não haveria ninguém a quem eu pudesse ter piedade, nem sua prostituta, nem seu bastardo, que no futuro poderia se virar contra mim.

— Senhor! — Um dos homens que tinha sido enviado para ficar de vigília no perímetro da floresta surgiu através do conjunto espesso de árvores atrás de mim — Vasiliev está vindo.

No mesmo dia que fui avisado que Yuri Vasiliv estava de volta, partimos em direção ao local onde ele esteve mantendo escondido o segredinho sujo do meu irmão. E não me restava dúvidas que a essas alturas ele já tinha conhecimento de que Alek encontrava-se morto e seu funeral, sendo organizado.

Assim como imaginei, logo que tivesse a par da notícia sobre o *Pakhan*, ele viria ao encontro do herdeiro. Cumprindo

o pedido de Alek tanto em vida como em morte: manter os que ele amava protegidos.

Tarde demais para todos eles.

— Devemos matá-lo agora? — Górik surgiu ao meu lado.

Virei para encará-lo e tive uma bela visão da cabana em chamas atrás dele.

— Ainda não — murmurei com calma.

Eu admirava o fogo porque me sentia exatamente como ele. Poderoso, incontrolável e destruidor.

— Tenho planos para Vasiliv.

Que neste momento se tornava uma peça fundamental.

CAPÍTULO 21

IRINA NOVTSKY

Sempre achei que fosse coisa de filme e livros, os personagens afirmarem que com apenas um beijo da pessoa amada, nós éramos capazes de esquecer que o mundo inteiro existia. Bem, posso dizer que por ter sido uma pessoa sempre tão pragmática, eu não me considerava alguém que cometia muitos erros, mas sobre isso eu me via afortunadamente enganada.

Ser beijada por Vladic, corresponder a esse beijo como se fosse essencial para a nossa sobrevivência, estar nos braços dele e sentir as carícias de suas mãos incendiando cada parte do meu corpo que ele tocava, esvaziava completamente a minha mente e eu só tinha consciência de nós dois juntos.

Quando nos afastamos, mesmo que por um breve momento, em busca de ar, me sentia perdida.

Ele sorriu. Deus, como era lindo vê-lo sorrir e, sem perceber, estava fazendo o mesmo feito uma tola apaixonada.

— *Ya skuchal po tebe*^[10] — ele encostou sua testa na minha ao fazer a confissão.

Meu sorriso se alargou ainda mais e apoiei minhas mãos espalmadas sobre seu peito largo.

— Também senti sua falta — disse baixinho e estremei ao sentir seu toque correr pelas minhas costas e acariciar minha bunda, puxando-me mais para ele.

Fiquei na ponta dos pés quando Vladic esfregou o quadril contra mim, deixando evidente o quanto eu também mexia com ele. Nós tínhamos uma química perfeita e não era preciso muito para que em pouco tempo estivéssemos em chamas.

— Nina... — sua bochecha esfregou contra a minha — Você me deixa louco.

Sua boca buscou a minha com lentidão e os lábios passearam sobre os meus, ele os chupou e o carinho fez meu corpo amolecer ainda mais.

Comigo não era diferente. Vladic me incendiava, fazia perder o controle e me consumia até que pouco ou nada restasse de mim. Ele tomava posse do meu corpo, alma e coração.

— *Miley* — balbuciei entre um beijo e outro, sentindo o calor cada vez mais se intensificar — Eu quero ser sua.

Ele não esperava por meu pedido atrevido e, com isso, deixei-o atordado.

Sim, eu precisava disso!

Desejava que Vladic me amasse, mais do que qualquer coisa no mundo.

— Você é minha, *mílaya* — suas mãos acariciaram minha bunda e foram descendo até apertarem firmes as minhas coxas, depois, ele me fez saltar em seu colo — Como eu sou seu.

Isso era tudo o que eu precisava ouvir e para mim não existia declaração mais romântica.

Chegamos à cama em apenas alguns segundos, buscando desesperadamente arrancar a roupa um do outro e, no instante seguinte, o corpo nu de Vladic cobria o meu.

Ele me beijava de forma intensa, apaixonada e com um erotismo que me fazia vibrar.

— Nina... — ele me chamava com um gemido.

Sentia que suas mãos estavam por todas as partes de mim. Elas faziam bagunça em minha mente.

Esfregávamos nossos corpos um no outro. Vladic se encaixava em mim e eu podia sentir seu pênis crescer ainda mais. Uma de suas mãos desceu pelo meu ventre e ele tateou no meio entre as minhas pernas, e eu emití um murmúrio de prazer. Seus dedos brincavam com meu clitóris, lentamente fazendo círculos e quando pensei que as sensações eram mais do que poderia suportar, sua boca abocanhava um dos seios, chupando-o com vontade, o devorando, beliscando o mamilo com os dentes e a carícia fazia minhas costas se curvarem.

Eu não conseguia dizer de onde vinha mais prazer, se com Vladic acariciando e fazendo meu clitóris ficar sensível a

cada movimento de seus dedos, deixando-me ainda mais molhada, ou através de sua boca em meus seios, levando-me a uma loucura desesperada.

— Vladuski — cravei meus dedos em volta de seus braços, puxando-o para cima de mim.

Meus olhos diziam mais do que minha boca ousava proferir. O desejo estampado em meu rosto foi o melhor aviso que Vladic precisava.

Ele abriu mais as minhas pernas se colocando entre elas. Eu o queria dentro de mim, mas Vladic apenas esfregou lentamente seu pênis em minha vagina molhada. A sensação era deliciosa, mas colocava-me completamente desnorteada e ansiosa por mais.

Enquanto ele seguia me colocando ardendo por ele, seus lábios passeavam por meu pescoço, deixando uma trilha de beijos, com a mão envolvendo meu seio. Cada toque de Vladic fazia uma chama em mim se acender.

Este homem me deixava louca e eu não conseguia encontrar definição melhor do que essa para explicar como ele me fazia sentir.

Completa e totalmente enlouquecida por Vladic.

Quando ele se afastou, senti como se me tirassem o ar ou que eu estivesse me afogando. Eu precisava dele.

— Só um segundo, *mílaya* — murmurou ele com um sorriso depravado surgindo em seu rosto.

O breve momento que ele levou para abrir e desenrolar o preservativo em seu membro rijo, de forma tão sexy e quase hipnotizante para mim, meu corpo quase esqueceu da necessidade em tê-lo, falha que rapidamente foi lembrada quando Vladic voltou a se curvar sobre mim, buscando minha boca para um beijo quente.

Ele me beijou como se fizesse amor comigo. A língua chupando a minha, os dentes puxando meus lábios, invadindo-me de um jeito como nunca antes.

Seu quadril deslizou em direção ao meu e eu envolvi as minhas pernas ao redor de sua cintura, quando senti a glândula inchada e toda espessura de seu pau me invadir pouco a pouco, alargando-me com sua passagem, meus olhos fecharam, enquanto minha cabeça começava a girar.

— O que você faz comigo, Nina? — abri os olhos no momento que ele se curvava em direção aos meus seios, unindo-os com as duas mãos.

Sua boca carnuda sugou meus mamilos e o prazer que a carícia me causou fez meus olhos revirarem. Gemidos incontroláveis fugiam de mim enquanto tremores faziam meu corpo sacudir.

Giramos na cama, logo, eu estava por cima dele.

— Assuma, *mílaya* — ele exigiu.

E suas mãos fecharam em torno da minha cintura, ajudando-me a subir e descer sobre ele. Comecei lentamente

tentando me ajustar e pouco a pouco fui ganhando mais velocidade em meus movimentos.

— Assim? — murmurei com um gemido.

Sua resposta foi me encarar com um olhar carregado de erotismo. Ele se sentou comigo sobre ele e tornou a devorar os meus seios. Mordiscava os mamilos, os provocava, fazia com que ficassem mais duros e sensíveis aos seus lábios. Voltei a gemer e gemer sem conseguir me controlar mais.

Encontrei meu ritmo saltando sobre Vladic e notei também seu rosto se desconfigurar.

— Ai... — ele beliscou meu mamilo com os dentes e o prazer correu até a minha vagina, pulsando, em volta de seu pau.

Vladic tomou o controle de volta impulsionando o quadril contra mim, rápido e forte, rápido e forte, intenso. O prazer me embriagava. Estava quase sucumbindo quando Vladic me puxou, me virando em direção à cama, me colocando de joelhos. Abri mais minhas pernas e com uma estocada única, tornou a me foder.

— Simmm... — murmurou ele, agarrando-me ao lençol a cada arremetida dura que ele dava — Eu amo a sua boceta, Nina.

Só Vladic conseguia ser perverso e romântico em uma mesma frase.

Um tapa em meu traseiro surgiu de forma inesperada e para o meu espanto, causou mais prazer do que dor.

Eu amava que ele estivesse perdendo o controle comigo e me fizesse me sentir igual.

— Vladic... — murmurei ofegante.

Seu membro quente e duro entrava e saía de mim causando um prazer que me deixava enlouquecida. Gememos juntos. Seu quadril movia-se freneticamente e as investidas ficaram mais profundas.

Forte.

Devastador.

Intenso.

— Isso! — com gemidos, supliquei que ele não parasse — Assim.

Estava chegando lá. Ele me fodia com força, com desejo, como se a única coisa que precisássemos no mundo fosse isso.

Mais uma estocada e essa fez meu corpo deslizar pela cama e o clímax explodiu em um orgasmo avassalador.

— Ah, porra! — Vladic gemeu e caiu sobre mim em seguida.

Gostava de senti-lo me cobrir como se fosse meu cobertor preferido. Não durava muito tempo, achava que ele temia me machucar com seu peso. Mas me levava para seu corpo quando se esticava na cama.

Ficamos um tempo assim, ouvindo nossas respirações irregulares e esperando nossos corações se acalmarem.

— Então... — Vladic passava os dedos em meus cabelos — Você queria dizer algo sobre o seu pai.

Soltei um pequeno suspiro antes de raciocinar o que dizer. Sua mão acariciando meus cabelos era tão bom que facilmente eu poderia cair no sono.

— Você se recorda que há um pouco mais de um ano ele quase teve um infarto?

— Acho que foi a primeira vez que vi que você era humana — murmurou ele.

— Vladic!

Ergui o rosto em sua direção e me deparei com o sorriso que tanto amava.

— Vamos ser honestos, você sempre foi durona.

— Eu precisava ser. É diferente.

— Você é durona, Nina — desta vez, havia seriedade em seu olhar — A mulher mais durona que eu já conheci e eu não mudaria nada. É isso que a torna especial.

Vindo de Vladic, esse era o melhor elogio que eu poderia receber. Voltei a apoiar minha cabeça sobre ele e o abracei forte.

— Ele está mal novamente?

— Talvez ele tenha mais dois ou três anos. Eu não sei. Depois daquilo, sua saúde passou a ser bem monitorada.

Achei que estava tudo bem até o casamento de Kyara, quando me contou que...

Minha voz falhou e senti minha garganta comprimir ao me recordar daquele dia.

— Se o meu pai morrer, eu ficarei sozinha no mundo.

Fiz o possível para segurar minhas lágrimas e ser a garota durona que ele tinha afirmado há pouco.

— Quando meu pai quase sucumbiu ao infarto, foi um dos piores momentos da minha vida e — confessei — quando você...

Senti a outra mão apertar o meu braço e o conforto que Vladic queria me transmitir.

— Quando eu...?

Ele segurou meu queixo e me fez olhar para ele.

— Achei que ficaria maluca, Vladic. Nada me assusta mais do que perder quem amo.

Ele afastou algumas mechas de cabelos cobrindo meu rosto e depositou um breve e delicado beijo em meu nariz.

— Não posso prometer não morrer, Nina — acho que o frustrava tanto dizer como eu ouvir isso — Mas posso prometer lutar pela vida.

Nascer. Viver. Morrer. Essas eram as únicas certezas da vida. Por quanto tempo era um presente que cada um recebia em doses diferentes. A morte era só mais uma etapa que dolorosamente precisávamos enfrentar.

Hoje, eu via que não trocava cada momento especial compartilhado com Vladic pelo medo de um dia perdê-lo.

— Espera. Foi por isso que surgiu toda aquela história repentina de casamento?

— Não surgiu, só estive por um tempo adormecida — comecei a esclarecer o acordo que sempre tive com o meu pai — Eu poderia estudar o que e pelo tempo que eu quisesse, desde que não me esquecesse da minha real obrigação como uma boa filha de um *Kapitan*. Casar e ter filhos. Eu pensei que conseguiria lutar contra isso, mas, agora, eu me sinto...

— Moralmente obrigada — concluiu Vladic.

Assenti, movendo levemente a cabeça. Ele definiu exatamente como eu me sentia.

— Eu só queria saber o que ele tem. Saber se tem algum tratamento alternativo. Mas o papai se recusa a dizer e o Dr. Kovsky não vai quebrar o sigilo entre médico e paciente.

— Para você não, mas eu conheço duas pessoas a quem o Dr. Kovsky não teria coragem de manter o bico calado.

O *Pakhan* e o *Avtorieyt*. O divertimento em seu olhar como o sorriso surgindo no canto dos lábios me fez erguer e pular em seu peito.

— Faria isso por mim?

Não foi por esse motivo que eu tinha ligado para ele. Eu só não tinha imaginado mais ninguém a quem pudesse

buscar consolo e compreensão. Como as coisas haviam mudado. Eu nunca tinha pensado em Vladic assim.

— Isso é só uma das muitas coisas que posso fazer por você, *mílaya*.

Suas mãos deslizaram e agarraram firme a minha bunda.

— Vladusik? — aproximei o rosto do seu e um sorriso cheio de terríveis intenções se formou em minha boca — Eu estou... — lambi seus lábios com a ponta da língua — inegavelmente ansiosa para descobrir cada uma delas.

Ye-bat!

Um gritinho feliz me escapou, antes de ele mover nossos corpos e cobrir minha boca com a sua.

E eu pude comprovar durante cada minuto da noite que consegui manter os meus olhos abertos, algo muito importante sobre Vladic, ele sempre cumpria o que prometia.

Sempre.

CAPÍTULO 22

VLADIC MILANOVIC

Chequei o horário no relógio em meu pulso assim que despertei. Passavam das oito horas da manhã. Mesmo para uma manhã de domingo, eu nunca tinha acordado tão tarde. Pelo que me lembro, desde que comecei o treinamento para me tornar um *Vor*. Mantinha uma rotina rígida: acordar antes do clarear do dia, correr alguns quilômetros, nadar e melhorar minhas habilidades com as armas ou lutas.

Essa noite foi diferente não apenas porque passamos por quase toda ela acordados ou porque meu desejo por Irina parecia insaciavelmente aumentar. Levando-se em conta que desde minha saída do hospital vivia no celibato, poderia justificar o atual apetite sexual a isso. Mas não era toda a verdade.

O sexo tinha sido incrível, todas as vezes. Eu sempre soube que por baixo das roupas sóbrias, olhar indiferente e frio, a constante cara de zangada, Irina escondia dentro de si uma tigresa. Só que os momentos antes e após a foda eram importantes também. Fosse por ficar admirado por sua ousadia tímida, ou apenas relaxado, descobrindo coisas bobas um do outro.

Como, por exemplo, ela amava filmes de fantasia, mas fugia das ficções científicas, pois sempre encontrava erros que as pessoas “normais” costumavam ignorar. Podia beber tanta vodca quanto eu e Dmitri, e odiava compromissos sociais, nisso podíamos concordar. Ela sentia falta do que nunca viveu com a mãe, eu sentia do pouco que convivi com a minha.

Tínhamos menos coisas em comum do que afinidades, mas eram exatamente essas diferenças que me deixavam intrigado e interessado em Irina. Ela conseguia manter minha atenção nela, mesmo quando não fazia nada como neste momento, em que eu a observava dormir.

A verdade não podia ser negada, estava lentamente e de forma esmagadora caindo de amor por esta garota inteligente e atrevida.

— Hum... — o suspiro escapou de seus lábios e conforme o aperto de seus braços em volta de mim ganhava mais força, observei suas pálpebras tremerem lentamente e os olhos cristalinos focaram em mim — Bom dia.

Era preciso muitas garrafas de vodca para me baquear, mas o sorriso de Irina conseguia fazer isso em segundos.

— Bom dia.

Ficamos nos encarando por um tempo. Eu tinha uma comunicação bastante afiada com Dmitri. A maior parte do tempo, conseguíamos nos comunicar apenas com um olhar. Isso era importante no trabalho. Eu nunca achei que

encontraria uma mulher que me fizesse sentir essa mesma espécie de conexão, até Irina, até permitir baixar a minha guarda.

— Qual o problema? — indagou ela, passando a ponta dos dedos em meu queixo onde a barba começava a dar sinais.

— Eu realmente não queria ter que ir — confessei, passando a ponta dos dedos em seus seios, enquanto afastava o lençol que os cobria — Dmitri está de volta à cidade e...

— Espera! — com o pedido, ela se desenrolou de mim e sentou na cama em seguida — Kyara e Dmitri estão de volta? Por quê?

Foi a mensagem dele apitando em meu telefone que me despertou há alguns minutos. Meu irmão queria uma reunião comigo, Ivan e Nikolai, o mais rápido possível.

— É por causa da Tambovskaya, não é? — Irina indagou antes que eu pudesse responder às primeiras indagações — As coisas estão piores do que me disse aquele dia, não?

Deslizei pela cama, apoiando as costas na cabeceira ao lado dela.

— É prematuro dizer a gravidade do problema, mas você sabe como é Dmitri. Precisa proteger a esposa e o bebê a caminho. Ainda nem demos um final ao Boris.

— Já disse o que penso sobre isso.

E eu não discordava dela.

— Só que Dmitri tem sede de vingança. Ninguém pode condená-lo por isso.

— Mas nós temos um problema muito maior agora — lembrou ela — Talvez eu possa...

— Você não pode nada — saltei da cama e a encarei duramente — Fique fora disso!

— Mas, Vladic...

— Não, Irina — curvei-me apenas o suficiente para segurar os seus ombros e obrigar que sua atenção se fixasse em mim — Você só irá fazer o que é esperado do seu trabalho, com os projetos que já estão em andamento e nada mais do que isso.

— Se eu falar com o Dmitri e tentar explicar o que você...

Não. Ela não iria jogar essa merda sobre mim.

— Eu mesmo falarei com Dmitri. Não como *Avtorieyt*, mas como irmão dele.

E se eu abrisse meus sentimentos a Dmitri, assim como homem que faria de tudo para proteger a mulher que amava e o filho, ele iria compreender meus motivos de deixar Irina fora dessa guerra prestes a estourar. Nem mesmo Kyara teria poder e influência em sua decisão, como homem e, principalmente, como irmão ele iria me entender mais do que todo mundo.

— Nem mesmo Kyara poderá ajudar você. Então, pode esquecer essa história — sempre gostei de atíçar Novitsky, de ver sua reação às minhas provocações, mas foram raras as vezes que a encarei tão duro e fui irredutível com ela — Isso é uma ordem, Novitsky! Não vou permitir que se envolva nisso.

Um homem sabia quando passava do limite ou dizia algo que não deveria no momento errado. Nesse caso, eu tinha total conhecimento que meu discurso feriria o orgulho de Irina, mas não me importava nem um pouco. Ela era excelente no trabalho, assim como eu me destacava no meu. Por que era tão difícil conseguir compreender que eu só estava preocupado com seu bem-estar e segurança?

Eu jamais invadiria seu laboratório ordenando o que deveria ou não pesquisar, quais projetos colocar em prática, desde que isso não a levasse diretamente para as mãos do inimigo. Não estávamos prestes a guerrear com um bosta como o Boris Kamanev, um garotinho sonhando com o impossível. Falávamos de uma das máfias mais antigas e perigosas do mundo. Uma das mais implacáveis e cruéis. E se caísse no conhecimento do *Pakhan* que além de uma ótima peça para a Bratva, Irina tinha grande importância para mim, Kyara e Dmitri, Slavik usaria essa vantagem contra nós.

E eu o mataria com as minhas próprias mãos se tocasse em um único fio de cabelo dela.

— Você não vai permitir? — Ela saltou ao meu lado, furiosa — E quem você pensa que é agora, Vladic? O meu pai?

Parte de mim era fúria. A outra parte, bom... não conseguia desviar o olhar do seu corpo nu e sensual. As lembranças do que passamos boa parte da noite fazendo, vieram a mim como uma marretada.

— Se eu fosse o seu pai, teria dado as palmadas que está merecendo faz tempo, *kiska* — dei um passo em direção a ela, agarrando firme em sua cintura; em resposta, Irina apoiou as mãos abertas em meu peito, decisão errada — Farei algo bem melhor. Eu sempre disse que faria algo melhor com a sua boca.

Sua primeira reação foi separar os lábios pronta a protestar, Irina poderia ser cientificamente mais inteligente, mas eu era mais esperto. Cobri sua boca com a minha num beijo tão faminto como se há alguns instantes eu não estivesse furioso.

Se nos tornávamos bons adversários fora da cama durante nossas discussões, dentro dela éramos um casal em sintonia total. Buscando prazer, dando prazer e nos entregando a ele sem limites.

— Vladic — ela gemeu em meus lábios quando agarrei seu traseiro e a fiz se encaixar em minha cintura com as pernas em volta de mim.

Desci minha língua por seu pescoço e a ergui um pouco mais até ter o seio redondo preenchendo minha boca. Seus dedos cravaram em meus cabelos, puxando-os a cada chupão que eu dava em seu mamilo inchado.

Enquanto mamava em seus seios, busquei com uma mão sua boceta molhada. Acariciando o botão sensível e escorregadio pela sua excitação, fazendo seu corpo vibrar contra o meu.

— Nina — busquei seu olhar, não desviando um único segundo enquanto a fazia deslizar por minha cintura e ter meu pau afundando deliciosamente para dentro de sua boceta apertada e quente — Porra.

Estremeci e ficamos por um momento imóveis, até que a necessidade de nossos corpos em ter mais do outro tomou total controle de nossas vontades.

Com minhas mãos segurando firme sua bunda, a ajudava a montar sobre meu pau. Torturantemente no início, enquanto o ritmo acelerava gradativamente depois.

— Vladic! — o gemido chegou no mesmo momento que sua boceta sugou mais forte o meu pau, revelando o orgasmo que via também através de seu rosto embevecido de prazer.

— Ah... — escorreguei para fora dela segundos antes de meu prazer ser liberado entre suas coxas.

Fracos, caímos sobre a cama.

— Você me faz perder a cabeça, Nina — murmurei, tendo a cabeça apoiada em seu peito, enquanto minha mão acariciava sua cintura — Em todos os sentidos.

Ter gozado fora no último momento não era garantia de nada.

Eu estava limpo, fazia exames frequentemente, e fui o único homem a ter Irina. Doenças não eram exatamente o que poderia me preocupar.

Embora, pensando friamente....

— Fazemos isso um com o outro. Se há algo que sabemos fazer bem — disse ela interrompendo o caminho que seguia meus pensamentos — é nos provocar.

Eu não podia argumentar contra isso. Era o que tornava tudo entre nós quente e interessante.

— Você só precisa entender que preciso que fique segura.

— E você que estou apenas tentando ajudar.

Os dedos em meus cabelos faziam uma carícia gostosa. A fúria anterior entre a gente estava abafada, mas a forma de pensar continuava igual.

Ceder. Isso que tornava os relacionamentos tão complicados.

— Tenho que ir — avisei, com muito custo me afastando dela para caçar as minhas roupas espalhadas pelo chão — Dmitri está esperando.

Eu não queria discutir com ela esse assunto mais uma vez, porque sabia exatamente onde isso iria nos levar e o dever me chamava.

Em resposta, ouvi seu bufar e esconder seu rosto no travesseiro. Eu tinha certeza de que seu desejo real era socar minha cara. Teríamos que deixar isso para depois.

Ela já não encobria o rosto quando finalizei colocando os sapatos. Seus olhos, que agora pareciam uma mistura doce e triste, estavam focados em mim.

— Confie em mim, Nina — pedi antes de me aproximar e encostar meus lábios suavemente em seus cabelos — Sei o que estou fazendo.

— Vladusik — ela me agarrou firmemente pela camisa — Se você voltar àquele hospital, eu mesmo me encarrego de matar você.

Eu esperava por tudo, menos isso. Irina era uma figura que nunca deixava de me surpreender. E eu ainda estava rindo quando a puxei para um beijo tão apaixonado e sensual como todos que trocamos.

Nunca desejei ou pensei em uma vida diferente da que eu tinha. Desde que fui levado à mansão Milanovic e meu pai disse que tinha grandes planos para mim, aceitei meu destino

dentro da Bratva, mas se existia alguém que me faria ter uma vida diferente, com toda certeza, seria Irina.

Uma vida menos complicada, gatos, cachorros e pequenas nerds que eu pudesse irritar. Mas nenhum de nós poderia ter uma vida diferente. Cabia a mim, de alguma forma, fazer o impossível para que tivéssemos algo próximo a isso.

— Milanovic?

Porra!

O chamado me fez estacar no meio do corredor a apenas alguns metros de chegar à escada.

— Sr. Novitsky — virei lentamente em sua direção para enfrentar seu olhar encolerizado.

— Foi do quarto da minha filha que eu o vi sair?

Passei a mão da minha boca até o queixo. Seguindo nossa hierarquia, mesmo Viktor sendo um *Kapitan* de Primeira Elite, como *Avtorieyt* eu estava acima dele. Não lhe devendo explicação alguma se não quisesse fornecer. Mas como alguém de honra, via-me apenas como um homem saindo do quarto da filha do outro. Eu certamente mataria o filho da puta que fizesse isso com minha *doch*^[11], caso tivesse uma, algum dia.

— Viktorova — ergui minha mão em sinal de paz — Eu posso explicar.

Se olhares carregassem algum tipo de intenção, sem dúvida, os do pai de Irina revelavam as formas mais cruéis de

tortura que estaria feliz em causar a mim.

— A única coisa que quero saber, Vladic, é se irá agir como um homem de honra — seus dentes trincavam a cada palavra dita — Ou vou precisar conversar com Dmitri sobre isso?

Ye-bat!

Embora momentânea e erradamente pudesse parecer, não estava apenas passando um tempo com Irina. A partir do momento que a fiz minha, tive toda certeza da minha responsabilidade como homem e amante. Eu só pensei que pudéssemos nos ajustar melhor até pensar em um passo tão importante. Era uma decisão que precisávamos tomar juntos.

Bom, era.

— É claro que vou assumir o que é esperado de mim, senhor — iniciei em um tom respeitoso — Eu só...

— Ótimo! Vou entrar em contato com Dmitri. Além de ser o *Papa*, é seu irmão e família. Irei marcar uma reunião com os dois urgentemente para cuidar dos detalhes.

— Sr. Novitsky...

Ele estava esquecendo da peça mais importante nesse tabuleiro: Irina.

— Eu sabia que isso cedo ou tarde iria acontecer — magicamente um triunfante sorriso surgiu no lugar do olhar zangado — Não da forma que pensei, mas fico feliz da mesma maneira. Agora, pode ir, Milanovic. E não é porque concordei com sua decisão de fazer a coisa certa... — ele

pigarreou, aprumando o peito — que vou continuar fechando os olhos para a pouca vergonha. Eu quero netos após o casamento e não antes dele.

Seria este o momento certo de dizer a ele que esse conselho poderia estar chegando tarde demais?

Não. Eu já tinha cutucado uma fera por hoje. Além disso, o tema precisava ser abordado com Irina, antes mesmo do assunto casamento.

CAPÍTULO 23

IRINA NOVISKY

Observei Vladic sair do quarto mantendo-me em silêncio quando a minha real vontade era soltar o grito preso na garganta, pedindo que ele ficasse e passasse o longo dia de domingo comigo. Mas ele era o *Avtorieyt* e suas obrigações e deveres com o *Pakhan* o aguardavam.

Eu permaneci na cama por um tempo, olhando para teto e refletindo como minha vida tinha mudado em três dias e como outras coisas permaneciam iguais. Como as brigas entre Vladic e eu pareciam uma característica nossa e não dava sinais de que isso iria mudar. Talvez no futuro gritássemos e nos provocássemos menos, mas algo me dizia que acabaria em sexo, como nessa manhã.

Essa era com certeza a grande mudança em minha vida. Dar e receber prazer de quem eu amava. Sentia que era muito cedo e não conseguia evitar insegurança, revelar a Vladic meus sentimentos por ele, mas a mim não podia mais continuar a enganar.

Eu estava inteira e completamente apaixonada por Vladic. Existiam defeitos inegáveis, como seu machismo para algumas coisas, por exemplo, mas a longa lista de

qualidades se destacava muito mais. Era um bom irmão, mesmo antes de ter revelado isso a Dmitri. Um amigo protetor e fiel que colocou a vida em risco na busca por Kyara. Um *Avtorieyt* competente e paciente, mantendo o *Pakhan* longe de enlouquecer nos dias mais sombrios. Ele era um atleta dedicado e um guerreiro invejado. E como amante, eu não tinha mesmo do que reclamar.

Eu podia detestar Vladic algumas vezes, mas a cada dia me apaixonava mais. Isso era assustador e empolgante ao mesmo tempo.

Ainda me encontrava distraidamente pensativa sobre isso quando ouvi uma cantoria vir da mesa de café da manhã que era para onde me dirigia.

— Papai?

Não sabia dizer se estava mais intrigada em vê-lo fora da cama parecendo-me incrivelmente bem ou se o clima musical que me surpreendia.

Eu nunca tinha visto-o cantarolar na vida. Nem mesmo quando eu era criança para me fazer dormir. Ele fazia mais o tipo que contava história.

— Oi, filha — ele abriu um contagiante sorriso e indicou a cadeira à sua frente para que eu me sentasse — Eu me perguntava quando finalmente se uniria a mim. Acordou bem tarde. Teve uma noite agitada.

Antes que pudesse pensar em qualquer resposta educada, senti minhas bochechas queimarem. Hum... ele não

fazia ideia de quão bem agitada vinha sendo a minha vida.

— Foi uma longa noite — murmurei, direcionando minha atenção para a jarra de suco — O senhor parece bem.

— Eu não poderia estar melhor — confirmou ficando de pé — Gostaria de fazer companhia a você, *daragaya*, mas existem termos em relação ao seu casamento que preciso tratar com os nossos advogados antes da reunião com o *Pakhan* e seu noivo.

Cuspi o gole de suco que havia bebericado e com lágrimas ardendo em meus olhos, tentei focar minha visão em papai.

— Noivo? — levantei-me às cegas — Casamento? Oh... o senhor me prometeu que iria...

Ele tinha dado a sua palavra que me daria tempo até encontrar um candidato adequado. Um noivo que me agradasse ao ponto de desejar passar todo o restante da minha vida com ele.

— Sei o que prometi, mas dada as circunstâncias... — ele me encarou sério — Se não queria que as coisas chegassem a esse ponto, não deveria ter seguido esse caminho, Irina. Teve todas as chances para fazer à sua maneira. Agora é comigo. Eu a amo, mas não vou continuar a permitir que me enrole sobre isso.

— Mas, papai...

— Eu te dei uma tarefa como pai — avisou ele, colocando o guardanapo sobre a mesa, a determinação em seu rosto espelhava a minha em tentar fazê-lo enxergar como isso era loucura — Agora, estou te dando uma ordem como um *Kapitan*. Você vai aparecer no jantar de noivado e vai entrar naquela igreja sorrindo. E isso não está mais em discussão. Está entendendo?

Em um ato de rebeldia, eu poderia fugir e viajar para bem longe onde um destino cruel e infeliz que seria me unir a um homem que não amava pudesse ser evitado. Mas eu não era uma jovem tola, agindo pela emoção.

— Estou — apesar dos meus lábios trêmulos, respondi firme.

Como uma boa filha, eu conhecia bem o meu pai e sabia até onde eu poderia ir com ele neste momento. Lágrimas não iriam dobrá-lo e gritos não iriam convencê-lo. Com cabeça quente, não chegaríamos a lugar nenhum.

Em uma guerra não se vence apenas quem tinha mais força, mas quem tinha bons aliados e inteligência. Eu sabia exatamente a quem recorrer e pedir ajuda.

Ordenei que Andrew, meu motorista e segurança, percorresse a distância entre minha casa e da família Milanovic em um tempo recorde.

— Srt^a Irina! — foi a sempre sorridente e simpática Darya a me receber e me arrastou para dentro assim que me avistou na porta — Dona Kyara ficará muito feliz em vê-la.

— Mas eu...

— Acredita que acabaram de voltar da lua de mel? — Darya sussurrou e olhou para os dois lados, antes de seguirmos em direção à escada — Eu espero que não seja nada em relação ao bebê.

Ela fez sinal da cruz antes de continuar.

— O *Pakhan* ficaria maluco.

Eu não duvidava disso, como também não me era permitido explicar a Darya o retorno repentino dos seus patrões.

Enquanto seguia a empregada em direção aos aposentos de Kyara, concluí que era melhor fazer uma rápida visita à minha amiga antes de partir em busca da pessoa que eu realmente tinha vindo procurar.

— A Dona Kyara avisou que a senhorita poderia entrar — alertou Darya após ter anunciado a minha presença.

— Ahh... Darya? — chamei-a antes que sumisse no corredor — Vladic?

Ela se virou e me encarou por um tempo com um olhar analítico. Todo mundo sabia que Vladic e eu não nos dávamos bem, talvez viesse daí seu espanto.

— Em reunião com o *Papa*, o Sr. Savin e Ivan, desde que chegou. Deseja que a avise quando acabarem?

— Sim, por favor.

Aguardei um momento antes de bater levemente na porta e ouvir uma voz suave permitir minha entrada.

Um alarme soou em minha cabeça quando avistei uma pálida Kyara repousando na cama.

— Kya? O que aconteceu?

Vi-a deslizar pelo colchão e rapidamente me aproximei, ajudando com o travesseiro em suas costas.

— Estou apenas um pouco cansada — ela respondeu com um suspiro — O Dr. Kushin alertou para não abusar muito nos meses finais da gravidez e... Bom... você conhece Dmitri. A primeira coisa que fez foi recordar do histórico da mãe.

Dmitri tinha sido a última tentativa da Sra. Milanovic de dar um herdeiro ao esposo, depois de inúmeros abortos. Não me espantava que ele agisse de forma tão protetora com Kyara. Sem contar que os primeiros meses de gestação não tinham sido nada fáceis com tudo o que aconteceu e as coisas poderiam ficar mais sombrias.

— Mas que bom que você está aqui. Acho que ficaria maluca se continuasse imaginando o que poderia estar acontecendo naquela sala.

— Com certeza não é nada...

— Irina, sei tudo o que preciso saber sobre a Tambovskaya — informou ela passando a mão pelo ventre

cada dia mais redondo — Exigi que Dmitri me contasse, para a minha segurança e do bebê.

— E ele fez isso?

— Dourou a pílula, mas contou o suficiente — com a confissão e o olhar triste e preocupado, notei como minha amiga parecia mesmo exausta.

Isso era tão foddidamente errado. Tudo o que ela queria, e tinha o direito a ter, era uma gravidez tranquila e paz no seu recente casamento.

— Vai ficar tudo bem, Kya — busquei sua mão fria, cobrindo-a com as minhas, fazendo uma massagem — O *Pakhan* sabe o que está fazendo.

— Foi o que Vladic afirmou, que nós mulheres não precisávamos nos preocupar com nada.

— Vladic poderia ficar calado — disse baixinho.

Esse ainda não era um assunto finalizado entre nós.

— Você também não acredita nele? — Os lábios dela tremeram.

— Não é isso, Kya. Eu confio nos nossos homens. Só penso que algumas mulheres podem e gostariam de fazer mais do que apenas tricotar e esperar.

— E você disse isso ao Vladic?

— Em alto e bom som.

Kyara perdeu os pais muito nova, foi maltratada por Boris, usada e traída por Sonya. Os únicos que deram um pouquinho de amor sincero a ela, foram seus pais adotivos.

Eu entendia sua necessidade de ser amada e protegida. Apesar também de ter perdido minha mãe assim que nasci, fui criada por um homem forte. Meu pai não passava a mão em minha cabeça quando me entristecia, ele secava minhas lágrimas e me fazia andar com a cabeça erguida.

Eu não era a mocinha no alto da torre, mas a ajudante do príncipe combatendo dragões e abrindo fechaduras.

— Irina, sei que é corajosa e inteligente...

— Kyara...

— Não, deixe-me continuar — ela respirou fundo novamente —, mas você não tem a mínima ideia de como é estar nas mãos de alguém que odeia e tem medo ao mesmo tempo.

Não me restava dúvida que ela se referia ao Kamanev.

— Um pouco por você, mas grande parte temendo com que possa fazer com as pessoas que você ama. É com isso que Dmitri se preocupa. Porque ele daria a vida dele por mim e nosso bebê. Ele faria qualquer coisa.

— Faria o mesmo por ele — disse baixinho.

— A melhor coisa que posso fazer agora é não nos colocar em perigo — seus dedos entrelaçaram nos meus e ela sorriu com carinho — Pense sobre isso. Você é mais importante do que imagina.

Certo. Kyara jogava sobre mim uma grande dose de sabedoria. Talvez eu tivesse sido irracional demais com Vladic. Eu sabia bem que tipo de máfia era a Tambovskaya e

que jamais deveríamos subestimar inimigos como eles. Qualquer falha ou fragilidade poderia ser usada como arma mortal contra nós. Eu tentaria manter o foco apenas em minhas pesquisas em andamento e mostrar que forneceria minha ajuda apenas se fosse pedido.

— Vejam só — provoquei, saltando na cama para deitar-me ao seu lado, fazendo-lhe cócegas — Quem é a inteligente agora?

Se existia alguém para ser a esposa perfeita para o *Pakhan* era Kyara. Ela tinha firmeza quando precisava ter e doçura sempre que necessário.

— Para de me provocar — acusou ela depois que paramos de rir — Vamos falar de outras coisas.

— Por exemplo?

— Foi Dmitri que a chamou aqui?

— Hum... na verdade, tenho um assunto importante a tratar com Vladic.

— Vladic. Entendi — sua cara de inocente não me engava nem um pouco, tinha certeza de que por dentro ela estava fervendo de perguntas, como estava ansiosa para contar — Posso fazer uma pergunta um pouco indiscreta?

Encarei-a com um olhar que dizia claramente que essa era uma pergunta desnecessária.

— Esteve com Vladic essa manhã?

Dei o melhor de mim para impedir minhas bochechas de queimarem.

— Essa manhã, durante a madrugada... — morde levemente o lábio antes de prosseguir — A noite toda.

— Ah... isso explica — ela passou a mão no pescoço e olhou para mim — Hum... Isso que você tem aí no pescoço.

— O quê? — pulei da cama como se alguém tivesse me dado choques elétricos ou de repente eu a avistasse infestada por cobras e corri até o grande espelho no closet.

Precisei me retorcer um pouco para notar o que apenas Kyara, eu esperava, tinha notado.

Oh, meu Deus! Darya. Agora entendia seu olhar curioso.

— Fique calma — disse Kyara, sorrindo — Não há nada que uma boa maquiagem não dê jeito. Agora, venha aqui e me conte tudo.

Será que meu pai também tinha percebido? Analisei a mancha vermelha.

Eu iria matar Vladic!

Mas por enquanto eu tinha a curiosidade de uma grávida para suprir.

— Ele me chama de Nina — confessei, sentindo-me tola como uma adolescente de quinze.

— Nina. E vocês dois já...

Assenti balançando a cabeça.

— Como foi? — Ela deitou de lado, virada para mim — Me conta tudo, nos mínimos detalhes.

— Nos mínimos detalhes, não, Kyara — avisei, sentindo meu rosto pegar fogo, ela não poderia imaginar, nem mesmo se eu desenhasse tudo o que aquele homem podia fazer comigo — Mas foi especial. O momento mais especial da minha vida. Kyara?

Creio que a confissão estava estampada em meu rosto, mas eu precisava compartilhar com alguém.

— Eu o amo. Amo brigar com ele. Amo ainda mais fazermos as pazes. Eu amo amar o Vladic.

— Simples assim, não é?

Nada era simples, principalmente se tratando de Vladic. Mas era esse conjunto de coisas complicadas que tornava tudo tão especial.

— Eu vou me casar.

VLADIC MILANOVIC

O que se diz por aí é que quanto mais se mexe na merda, mais ela tende a feder. A Tambovskaya era uma fossa inteira que precisávamos cavar e a podridão já começava a impregnar em tudo.

— Eu sempre achei que isso fosse uma bobagem do meu pai — destacou Dmitri, erguendo-se de sua cadeira e

indo até a janela — Mas, agora, percebo que todo esse tempo o que ele fazia era proteger a família.

Meu irmão se referia ao acordo de paz firmado com o *Pakhan* da Tambovskaya por quase trinta anos. Não houve guerras, trapaças ou jogo sujo. Até agora.

— Você e Savin vão até Khomiakov descobrir até onde ele está disposto a negociar. Se possível, gostaria que partissem imediatamente — disse Dmitri se dirigindo e mim — Enquanto aguardamos, Ivan e eu cuidaremos de Boris de uma vez por todas.

Em situação diferente, o próprio Dmitri iria ao encontro de Slavik Khomialov, mas com Kamanev vivo, mesmo que completamente arruinado como estava, ele não iria arriscar deixar Kyara sozinha.

— Apenas se lembre que o Kamanev assassinou nosso pai como um covarde — disse a Dmitri — Como um covarde ele deve morrer.

— Eu sei exatamente o que está pensando, meu irmão.

Seria trágico e poético ao mesmo tempo. Bem menos do que Boris merecia, mas nós tínhamos inimigos muito mais importantes para nos preocupar e gastar energias.

Enquanto Dmitri e Ivan retornavam à mesa para planejar o destino de Boris, segui para fora do escritório com Nikolai ao meu lado. Parei um momento em busca do celular. Precisava avisar Irina sobre a viagem inesperada. Possivelmente, o pai dela já tinha revelado sobre os planos

do casamento e não conseguia imaginar se ela ficaria feliz ou irritada. Irina era como uma caixinha de surpresa.

— Com licença. Senhor?

Virei-me dando de cara com Darya.

— A Srt^a Novitsky está aqui.

— Irina? — retornei o telefone ao bolso do paletó.

Ye-bat!

Isso era um bom ou um mau sinal?

Ela estava feliz que mal pôde esperar para me ver ou encontrava-se furiosa com a decisão tomada sem sua consulta?

— Eu disse a ela que estava em reunião com o *Papa* — disse Darya — E que avisaria quando tivessem acabado. Devo chamá-la?

— Onde ela está?

— Com a Sra. Kyara.

— Eu vou até ela — avisei, virando-me em direção a Savin e encarando o relógio — Encontro você lá fora em... quarenta minutos.

Eu esperava que fosse tempo suficiente para recordar a Irina porque formaríamos um casal perfeito ou, no pior dos casos, acalmar a fera que a tinha trazido até aqui.

— Eu não vou me casar!

A negação exaltada me alcançou no instante que segurei a maçaneta da porta, abrindo alguns centímetros.

— Não posso me casar, Kyara — a fresta que abri foi o suficiente para ver as duas em pé, abraçadas próxima à cama — É o que meu pai quer, mas eu não posso.

— Não se preocupe, querida. Vou falar com Dmitri — disse Kyara passando os dedos no rosto coberto pelas lágrimas — Ninguém vai te obrigar a isso...

Fechei a porta, caminhando cegamente pelo corredor.

A fúria crescendo em mim me dizia para retornar e jogar Irina contra a parede. Fazê-la enxergar o quanto estava sendo tola. A pequena chama racional em mim avisava que o melhor era agir com a cabeça fresca.

— Vladic? — Savin não escondeu a surpresa ao me ver entrando no carro.

— Vamos embora.

— Mas você não...

— Savin. Manda. Dirigir. A porra. Do carro.

Novitsky tinha escancarado os portões do inferno e cada um dos meus demônios queria esganar seu lindo pescoço.

CAPÍTULO 24

IRINA NOVITSKY

Ignorar que algum momento eu teria que me curvar à vontade de meu pai e realizar um casamento Bratva, por um longo tempo foi algo fácil de se fazer. Eu simplesmente mantinha a minha mente focada nos estudos e no trabalho.

Até agora. Até Vladic. Até ele me mostrar que amor era uma gigantesca montanha-russa, repleta de emoções confusas, mas que no final da aventura, nos víamos desejando por mais uma volta empolgante.

Um casamento Bratva, pelo menos em nossa organização, era tão importante e definitivo como em qualquer outra cultura no mundo. Poderia haver traições, brigas, as pessoas não suportarem umas as outras, mas divórcio, nunca.

Eu imaginei que quando fosse pressionada a isso, poderia escolher ou aceitar alguém com quem eu sentisse e recebesse ao menos respeito. Agora, eu queria mais, precisava de mais e só existia uma pessoa no mundo que eu via levando-me a acreditar e sonhar que um casamento dentro da Irmandade poderia ser mais do que um acordo de negócios.

— Tudo bem, Ira — disse Kyara secando minhas lágrimas mais uma vez — Se não quer se casar seja lá com quem seu pai escolheu, isso não vai acontecer. O seu pai te ama.

— Mas antes de ser um pai, ele é um *Kapitan* — relembrei-a que existiam dois Viktoronova.

O homem carinhoso que me colocou no mundo e havia me ensinado tudo o que precisava saber para ser alguém forte e o *Kapitan* Novitsky, esse não iria ceder às minhas súplicas e lágrimas.

— Nós fizemos um acordo, Kyara. Chegou a minha vez de cumprir. Além disso, eu... — mordi os lábios impedindo que continuasse a tremer — Nunca me perdoaria se meu pai... se ele...

Como dizer não ao último pedido de alguém condenado à morte? Alguém que tinha sido tudo para mim a vida inteira.

— Mas você ama o Vladic e eu tenho certeza de que ele não é indiferente a você.

— Sexualmente sim, mas...

A forte atração entre nós era inegável, mas nenhuma declaração amorosa tinha saído de nossas bocas. Contudo, eu só via diante de mim duas alternativas, casar com Vladic, a quem eu amava e não suportava mais negar tal sentimento, ou ter minha vida para sempre ligada a um homem que meu pai havia escolhido, caminhando para um destino infeliz. Porque Vladic podia me irritar aos extremos em algumas

ocasiões, mas ele respeitava o meu trabalho e sabia o quanto era importante para mim. Eu não poderia afirmar o mesmo do meu futuro noivo.

— Sim, uma mulher sabe quando um homem a deseja — murmurou Kyara, colocando a mão em meu peito — Mas ela também consegue descobrir quando está aqui dentro. Conheço Vladic. Assim como o irmão, ele é mandão e possessivo com quem ama. Eu não acredito que ele deixaria qualquer outro chegar perto de você, depois de tudo. Você sabe.

— É por isso que estou aqui, Kyara.

Entender a profundidade dos sentimentos de Vladic e saber se assim como eu, estava preparado para enfrentar o mundo todo se fosse preciso em nome do que sentíamos um pelo outro. Algo tão frágil e forte ao mesmo tempo chamado *amor*.

— Então, vamos fazer isso — ela sorriu, buscando a minha mão — Nem que eu tenha que...

— Kyara?

A voz grave e firme primeiro nos manteve no lugar, encaramo-nos uma a outra, com olhar assustado para, em seguida, nos virarmos em direção a ele.

Dmitri. Em pé, mantendo a porta do quarto aberta, nos olhando com uma cara aparentemente nada feliz.

— O que o Dr. Kushin falou em relação a repouso absoluto?

Eu estava no quarto, mas ele parecia ter olhos apenas para ela, que não se intimidava nem um pouco com sua carranca de frustração.

— Ele disse apenas ‘repouso’ — ela caminhou sorridente até ele — O ‘absoluto’ veio de você, *míley*. Meu adorável e superprotetor marido.

Nunca tive inveja de ninguém, e jamais nutriria um sentimento assim com a minha melhor amiga, mas se existia um relacionamento do qual no momento eu poderia espelhar e desejar, seria como desses dois. Existiam diferenças entre eles, obviamente. Dmitri era a rocha e Kyara, como a maré suavemente batendo contra ele. Os dois se amavam, transbordava em seus gestos a forma que encaravam um ao outro.

— Eu sempre vou me preocupar com você, *keruvim* — ele sussurrou, segurando o rosto dela para um beijo — *Ya lyublyu tebia.* ^[12]

Qualquer pessoa que conhecia o mínimo o casal, saberia dizer onde esse gesto iria os levar. Aproveitei que me tornei invisível, para discretamente pegar minha bolsa e começar a me retirar do quarto.

— Irina! Onde está indo? — A voz de Kyara me alcançou quando chegava à porta — Você queria falar com Vladic, não é mesmo?

Com a pergunta, ela me direcionou um olhar persistente antes de se voltar ao marido: — Já finalizaram a

reunião, querido?

— Sim, mas... — a atenção de Dmitri finalmente caiu sobre mim — Savin e ele foram enviados em missão fora de Moscou.

— Missão? — balbuciei, sentindo uma pressão ganhar força em meu peito — Para onde? Quando ele volta? Que missão ele foi cumprir?

Para qualquer outra pessoa, fazer tantos questionamentos ao *Pakhan* seria considerado um insulto. Mas eu encarava Dmitri Milanovic. Ele era família.

— Você não tem que se preocupar com isso, Novitsky — ele envolveu Kyara ainda mais em seus braços na esperança que isso fosse conter a fera adormecida dentro dela — Nenhuma das duas tem com o que se preocupar.

Vladic e Dmitri eram realmente irmãos. Os dois pensavam igual, praticamente agiam e acreditavam que éramos apenas donzelas indefesas.

— Se você está pedindo para não me preocupar — olhei seriamente para ele —, quer dizer que o enviou para Tambovskaya.

Ele não ter rebatido à minha pergunta foi toda a resposta que eu precisava. Vladic tinha sido enviado diretamente para a toca do leão.

— E o Ivan? — indaguei, persistente.

Ele era o *Obshchak*. O homem que coordenava toda a parte de inteligência e segurança da nossa organização.

— Dmitri? — Kyara virou o máximo que pôde para ele.

— Cuidando de outro problema.

Para mim esse problema se chamava Boris Kamanev. O maldito continuava de alguma forma a interferir em nossas vidas. Meu ódio por ele apenas aumentava.

— O que você queria que eu fizesse, *mílaya*? Depois de mim, Savin e Vladic são os únicos que confiaria a essa missão — ele baixou um pouquinho o tom de voz, mas ainda fui capaz de ouvir o final de sua declaração — Não vou te deixar sozinha. Isso não é uma opção.

Eu não podia contestar Dmitri e sua decisão, não apenas por ele ser o *Papa* a quem eu deveria obediência e respeito, mas porque eu entendia suas ações como um homem apaixonado protegendo a mulher que amava e a família que construía com ela. Mas eu não conseguiria deixar de me preocupar com Vladic e no risco que ele estava prestes a enfrentar.

E essa só era uma pequena parcela que teria ao lado dele. O perigo sempre estaria batendo à nossa porta.

— Tudo bem, eu... — murmurei buscando o telefone em minha bolsa, sentia-me atordoada, confusa, eu só queria ouvir a voz de Vladic — Preciso falar com ele.

Se pedissem para me descrever, eu diria que era ponderada, perspicaz e serena. Mas quando se tratava de um dos irmãos Milanovic, tudo isso ficava bagunçado.

Deixei o quarto ignorando o início da discussão entre o casal. Eles se entenderiam de alguma forma, minha única meta era entrar em contato com Vladic.

Claro, se ele me atendesse.

VLADIC MILANOVIC

Estávamos no avião e a caminho da Tambovskaya quando meu telefone tocou sobre a mesa. Eu poderia dizer que a essa altura, depois de ter algum tempo para pensar, minha fúria em relação a Irina estava esfriando, mas bastou ver seu rosto surgir na tela para eu me dar conta que não.

Como ela podia se negar a se casar... comigo?

Eu a fiz minha. Corpo e alma pertenciam a mim e mais ninguém. Assim como não havia outra que eu desejava ter. Mas Novitsky tinha que ser tão teimosa como uma mula empacada e não enxergava o óbvio.

— Não vai atender? — indagou Savin sem ao menos desviar o olhar do jornal que estava lendo.

Peguei o telefone, silenciando-o. O que eu precisava dizer a Irina teria que ser pessoalmente e não levado pela raiva e insensatez.

— Ora, ora, quem diria — a clara provocação de Savin só contribuiu para minha ira aumentar — Novitsky tem seu

pau nas mãos.

Não somente o meu pau, mas a maldita cientista tinha tomado todo o resto também.

— Por que você acha que é Irina?

Ele abaixou o jornal, a sobrancelha arqueada foi sua réplica.

— Sabe, eu tive profundas esperanças que você fosse escolher alguém como minha neta.

— Sua neta?

— Sacha.

Pelo que me lembrava, Aleksandra Vladmirotchova Savin, mais conhecida como Sacha, era apenas uma jovem de pouco mais de dezenove anos. A última vez que a tinha visto, antes de ser enviada para estudar fora do país, foi em sua festa de debutante. Bela e retraída, parecia sempre muito assustada quando eu ou Dmitri tentávamos nos aproximar.

Eu entendia onde Savin queria chegar em sua insinuação. Vladic Guriev teria escolhido exatamente uma garota como sua neta, doce e tímida, para futura esposa. Uma domesticada e perfeita filha de um *Kapitan*.

E, com isso, teria tido uma vida enfadonha como a maioria dos casamentos negociados na Bratva. Sem sentimentos e emoções. Seria, sem dúvida, muito mais fácil ter uma esposa submissa, uma mulher que acataria minhas decisões, do que uma que rebatesse cada uma de minhas opiniões, que discordasse.

Mas eu preferia o fogo. As discussões que eram interrompidas com beijos e terminavam com sexo quente. Alguém que me fizesse me perder, e, ao mesmo tempo, me esforçar a ter uma conversa divertida e inteligente. Que com a expressão fosse cheia de indignação ou de desejo, que revirasse completamente meu mundo.

— Sem ofensas, Savin — eu o considerava como um pai e, como tal, tinha um grande respeito por ele — Mas Sacha não é o que preciso.

Nem o que eu queria. Por mais bonita e perfeita que ela pudesse ser.

— Sei disso, Vladic — Savin mal conseguia disfarçar o sorriso de divertimento alargando em seus lábios — Isso está bastante evidente. Agora, Irina sabe disso também?

Vot eto pizdets!^[13]

Nunca tinha falado nada mais profundo a Irina do que *sua boceta me pertence*. Então, talvez fosse completamente natural seu receio em dar um passo tão grande como o casamento. Além disso, passamos boa parte do nosso relacionamento a passo de guerra, do que tentando seduzir um ao outro.

— Vamos acabar logo com isso, Savin — ele sabia que me referia a Khomiakov — Tenho um assunto importante para finalizar em Moscou.

Nina.

Eu finalizava o nó na gravata quando ouvi o telefone sobre a cama. Nas últimas horas, estive completamente focado, estudando com Savin cada informação importante que Ivan tinha nos entregado sobre Slavik. E eu não gostava nada de cada página que folheamos. Por isso, excluindo a primeira, por motivos evidentes, nenhuma ligação ou mensagem enviada por Irina tinha sido ignorada propositalmente.

— *Vladic?*

Meu cérebro dizia: você ainda está furioso com ela. Enquanto outra parte em mim, estúpida demais e que eu parecia incapaz de controlar, contentava-se apenas em ouvir sua voz.

— Qual o problema, Novitsky?

Ouvi sua respiração pesada enquanto caminhava até a única janela no quarto. Estávamos na única pousada próxima a Tambovskaya. Meu encontro com Slavik seria no bar-restaurant que mais me lembrava uma taverna medieval, devido à simplicidade rústica do local. Mas o lugar era seguro o suficiente para que tivéssemos em nossa retaguarda nossos soldados, sem sermos surpreendidos pelos de Khomiakov.

— *Sabe há quanto tempo estive tentando falar com você?*

— Acho que as ligações e mensagens podem dizer — olhei para as montanhas e florestas densas em volta do lugar.

Não fazia muito tempo que estive nesta mesma região com Dmitri em uma busca incessante por Kyara.

Era por isso que estava aqui agora. Para garantir que não apenas a esposa de meu irmão ficasse em segurança, mas Irina e toda a Bratva, que dependiam de nossa proteção.

— Ouça, Nina. Não tive tempo de comunicar o que vim fazer. E fiquei realmente ocupado.

— *Dmitri me contou que foi se encontrar com o Khomiakov* — estava nítido em sua voz o quanto essa missão mexia com ela — *Já esteve com ele?*

— Farei isso — confirmei vendo o relógio em meu pulso — D entro de uma hora.

Tudo passou de água turva para calma. Eu compreendi finalmente o que tanto preocupava Irina. Perder quem amava já tinha sido destacado por ela, mas eram as implicações das minhas funções como *Avtorieyet*, meu dever ao lado do *Pakhan* e cada risco que nos colocávamos a mantê-la a um passo longe.

— *Sabe que... Não importa o que aconteça, precisa manter a calma, entendeu?*

Por tudo que li sobre Slavik, eu precisaria um pouco mais do que calma. Mas me deixava contente a preocupação

de Irina. Mostrava que mesmo inicialmente resistente ao nosso compromisso ela se importava.

— Querendo ensinar o meu trabalho, Novitsky? — respondi ao pedido. Responder ao pedido com uma provocação era a melhor forma de deixá-la menos angustiada.

Irina sabia lidar melhor com a raiva do que com o medo.

— *Não! Eu só... eu...*

— O que, Irina? — desta vez eu respirei fundo antes de prosseguir — Você tem que me dizer o que está pensando, o que está sentindo.

— *Não quero que você seja ferido.*

— Sei o que estou fazendo, Nina — murmurei calmamente, esperando que isso a deixasse mais tranquila — Eu prometo que vou me cuidar.

— *Não suporto que se machuque de novo, Vladusik* — balbuciou em um tom suave o suficiente para me fazer agarrar mais forte o telefone — *Porque eu amo você.*

Gavno!

Essa garota mexia mesmo comigo. Ainda estava puto com ela, mas era impossível manter-me indiferente. Não quando sua declaração me enfraquecia mais do que qualquer pessoa no mundo conseguiria fazer.

— Nina... — u ma batida na porta avisava que meu tempo estava acabando — Eu também te amo.

Em toda a minha vida, essa foi a coisa mais difícil e mais verdadeira que eu já tinha dito.

Complicado porque o certo era tê-la em meus braços, olhando um nos olhos do outro para confessarmos nossos sentimentos, mas eu sabia mais do que ninguém, e suspeitava que Irina chegava à mesma conclusão, que às vezes o destino não nos dava uma segunda chance.

— Vladic — O rosto de Savin surgiu na porta.

A Irmandade acima de tudo esse era o nosso lema. Eu o segui a minha vida inteira. Bom, até uma nerd de olhar irritado surgir.

— Eu tenho que ir, Nina.

Por ela.

— *Não. Você tem que voltar, Vladic* — exigiu ela, arrancando nada menos que um sorriso de mim — *Entendeu?*

— *Da.* ^[14]

Essa promessa eu iria cumprir nem que um banho de sangue precisasse acontecer.

E não seria o meu dessa vez.

CAPÍTULO 25

VLADIC MILANOVIC

Como era esperado do *Pakhan*, o *Avtorieyt* precisava saber quando desligar suas emoções. E foi exatamente o que fiz ao encerrar a ligação e permitir que Savin, parado em frente à minha porta, entrasse no quarto para que analisássemos pela última vez todos os pontos importantes do meu encontro com o chefe da Tambovskaya. Eu não acreditava que fôssemos tão longe nas negociações, mas eu não queria cometer um erro primário e em algum momento ser pego de calças curtas por Slavik.

— Você está pronto? — Savin indagou quando demos nossa avaliação por encerrada.

Assenti, erguendo e arrumando o paletó, enquanto um *boyevik* reorganizava todos os relatórios que tínhamos estudado.

Algumas coisas importantes que descobri sobre Slavik: ele não era confiável e usava de punições cruéis, não apenas como uma forma de correção, mais sim, para o divertimento dele e de seus homens. Não se colocar em uma posição de desvantagem com ele, seria algo que qualquer pessoa minimamente inteligente deveria evitar.

Quando Dmitri programou esse encontro com Alek, sua ideia era ter uma conversa pacífica entre os chefes de duas organizações importantes. Os oito homens vestidos de preto, distribuídos pela taverna, à meia luz, e os doze espalhados no lado de fora, garantindo a minha proteção e a de Nikolai, era um notório sinal de que esse encontro possuía chances altíssimas de terminar muito mal para ambos os lados. Principalmente porque, como imaginei, Khomiakov veio tão prevenido e cercado pelos seus homens quanto eu.

— Vladic Guriev — saudou Slavik assim que ficamos cara a cara ao ele adentrar, acompanhado de cinco de seus *boyevik* bem armados.

Slavik não tinha feito seu trabalho corretamente e realizado uma atualização sobre mim ou ele ignorava meu novo nome de propósito.

— Eu esperava que o *Pakhan* da Bratva estivesse aqui — os cinco centímetros de altura a menos não impediam Slavik de me dirigir um olhar cheio de desafio, do qual eu não fugi — Mas, pelo visto, preferiu se esconder e enviar seu garotinho de recados.

Eu não cairia em sua pilha e muito menos em seu jogo de provocação. Eu não tinha nada a provar a Slavik sobre a minha importância. Minha missão aqui era mostrar a proposta de acordo sugerida pelo *Pakhan* e tentar fazê-lo enxergar que uma nova aliança beneficiaria as duas máfias.

Enquanto a Tambovskaya controlava os cartéis e distribuição de drogas dentro e fora do país, pela parte norte, no lado sul, a Bratva dominava os abastecimentos e carregamentos de armas, possuíamos diversas células e estabelecimentos que facilitavam a circulação e lavagem de dinheiro.

Uma guerra entre nós afetaria os negócios de ambos os lados. Eu não tinha dúvida, que se esse fosse o caminho, quem iria vencer. Estávamos mais equipados e possuíamos mais tecnologia que eles, que durante toda sua existência preferiram viver de forma rústica e isolada. Mas, mesmo estando em grande vantagem, se houvesse mesmo um combate, perderíamos homens e tempo, além do risco que todos, principalmente as pessoas que mais nos importavam, estariam expostas.

Eu concordava com a ideia de Dmitri, mas não conseguia acreditar que alguém tão bárbaro e ambicioso quanto Slavik, aceitaria erguer a bandeira de paz. A minha certeza vinha da frieza aparente em seu olhar.

— E como um... — iniciei abrindo os botões de meu paletó, deslizando sobre a mesa de madeira e em direção a ele, a pasta que havia trazido, antes de me sentar — tenho um importante recado vindo do *Pakhan* para você.

Enquanto Slavik lia, passando folha a folha para o *Avtorieyt* ao seu lado, Savin no meu, apontava cada assunto que ele achava importante destacar. Eu fiz uma rápida

avaliação de onde meus homens se encontravam e para onde os de Slavik tinham se dirigido. Analisei os pontos de saída e forma de atingir o maior número possível caso as minhas suspeitas se confirmassem e tudo saísse do controle.

— Nossos antepassados eram vikings — o tom calmo, a expressão tranquila que Slavik dirigia a mim ao fechar a pasta com lentidão, empurrando-a de volta a mim, não me enganavam nem um pouco — Dominamos essa região. As pessoas tremiam ao ouvir nosso nome. Éramos deuses.

Eu conhecia bem a história. Ninguém passava pela formação de se tornar um *Vor* sem ter grande conhecimento das nossas origens. Mas como qualquer pessoa racional, eu aprendi que o passado era para ser lembrado com orgulho, e não ser revivido. O mundo era outro. Todo idiota metido a ditador um dia conquistava o seu fim.

— Dmitri Milanovic deseja apertar minhas mãos — seguiu ele, ficando de pé — Eu quero a nossa glória de volta. A supremacia.

Como eu disse: *imbecil*.

Com um movimento nada sutil, possivelmente nem era seu objetivo ocultar as reais intenções, a arma presa em sua cintura ficou visível a todos. Isso fez com que dois dos nossos homens à esquerda de Nikolai e os outros dois à minha direita, sacassem as suas armas e apontassem em direção a ele e seus soldados, que imediatamente voltaram seus armamentos, mirando em nós.

Homem a homem, um círculo se formou, com armas carregadas e apontadas em todas as direções. Eu conseguiria abater dois dos homens de Slavik se agisse com rapidez, mas não seria capaz de evitar que Savin e no mínimo três dos nossos *boyevik* fossem atingidos na troca de tiros.

— Leve o meu recado ao seu irmão, soldado. A Bratva se curva a Tambovskaya e aceita que sempre fomos os únicos — murmurou ele, tornando a fechar o casaco, ocultando sua arma — Ou vamos mostrar da pior forma possível como devem fazer isso.

Eu precisava ser impecável em minha função. Ter uma boa leitura em todas as situações e jamais me aceitar falhar. Contudo, desta vez, eu não me sentia nada feliz em ter estado o tempo todo certo, ao presumir que Slavik não aceitaria a proposta de paz, já previamente sugerida ao seu irmão, antes de ser assassinado por ele.

— Dmitri jamais faria isso — murmurei, calmamente, erguendo-me e, assim como Slavik, fiz um movimento com o paletó, mostrando minha *Magnum*^[15] carregada — O *Pakhan* não se curva a ninguém.

Um novo movimento pelo salão e som de gatilhos foi o sinal de que bastaria o primeiro disparo para a tragédia ser instaurada. Neste momento, as chances estavam praticamente iguais. Quase um homem para cada um.

Existiam duas opções a seguir, a que eu realmente queria fazer, disparar contra os dois homens mais fáceis em minha mira e desencadear o massacre, ou agir friamente e esperar, aguardando Slavik ou um dos seus homens dar o primeiro passo mal calculado.

Sabe que não importa o que aconteça, precisa manter a calma, entendeu?

— Muito bem — murmurou Slavik — Parece que essa guerra está prestes a começar.

Nunca foi uma reunião para um acordo entre cavalheiros. Khomiakov queria deixar suas verdadeiras intenções expostas. Acreditando que iria nos intimidar. Dmitri tentou uma política de boa convivência, mas, assim como eu, estava preparado e esperando tudo.

— Não, Slavik — chamei-o pelo nome de forma proposital e degustei de sua expressão enfurecida quando me aproximei mais, olhando-o de cima — A guerra já começou. Junte seus homens e as suas armas.

Assim que ele recusou a proposta de Dmitri, Khomiakov tinha optado pela guerra. Esse era o nosso recado.

Encaramo-nos desafiando um ao outro. Como eu esperei, Slavik foi o primeiro a recuar, ordenando com a mão que seus homens baixassem as armas.

— A proposta se estende a você, Guriev — disse ele ao se dirigir à saída — Saia da sombras de Milanovic e pare de

aceitar as migalhas que ele te dá. Você teria um futuro brilhante na Tambovskaya. Pense sobre isso.

E trair meu irmão como ele tinha feito com o dele? Eu sabia bem quem eu era. Um mafioso. Fora da lei. Mas até entre nós, pelo menos em nossa irmandade, existia honra. Algo que faltava a Slavik.

— Acha que eles foram embora? — indagou Savin alguns minutos depois de retornar da janela onde os observou partir — Estamos seguros?

Não seria nada surpreendente se em alguma parte do caminho, os homens de Slavik surgissem, provando que nossa vinda até aqui nada mais foi que uma emboscada.

— Mais do que o poder, Slavik ama a parte teatral de tudo isso — tranquilizei Savin — Essa jogada seria muito óbvia. Ele queria dar o recado e deu.

Também começamos a nos retirar, após o aviso do *boyevik* que o caminho estava limpo.

Cabia a Dmitri organizar os próximos passos agora que estávamos oficialmente em guerra.

— Vamos embora, Savin — ordenei, fechando novamente meu paletó escuro, seguindo em direção à saída, onde um carro preto blindado nos aguardava.

Apesar de estarmos diante de uma situação bastante delicada, a viagem de volta foi menos tensa, pelo menos para mim. Eu apreciava que tudo estivesse às claras agora.

Quando finalmente chegamos à residência do *Pakhan*, eu estava ansioso para colocar em mais detalhes o que já tinha adiantado por ligação, mas ao entrar em seu escritório, me deparei com uma visita interessante.

— Sr. Novitsky?

Minha primeira reação foi pensar na filha dele a quem dirigi minha preocupação.

— Irina está bem?

— Até a última vez que a vi — murmurou ele, ficando de pé —, perfeitamente bem.

Foi como se alguém estivesse pressionando meu estômago e começado a soltar lentamente.

— Então...

— Eu trouxe meu advogado — anunciou ele, apontando o homem rechonchudo ao seu lado — Para acertar com o *Pakhan* os detalhes do casamento. Você se recorda?

Vot eto pizdets!^[16]

Acreditei que teria tempo de me reunir com Dmitri e estudarmos nossas ações imediatas, assim como encontrar Irina e conversarmos sobre sua resistência ao casamento, antes que seu pai enrolasse a corda em nossos pescoços. Parecia que o Sr. Novitsky sempre estava um passo à frente.

Eu nem tinha conseguido comunicar a Dmitri antes de viajar que estava *noivo*.

— O senhor não acha que há alguém mais a quem esse assunto importa, que deveria estar nesta sala?

— Minha filha? — ele abriu um sorriso cheio de confiança — Ela fará o que eu disser para fazer. Agora, eu espero que você vá cumprir sua palavra, Vladic. Porque a honra da minha filha não será manchada.

— Não bastava ter enfrentando um chefe da máfia com sede de sangue — murmurei esfregando o meu rosto —, precisava de um pai furioso, defendendo os direitos da filha.

— É claro que Vladic vai seguir com a palavra dada — Dmitri me encarou, repreendendo com o olhar — Tudo o que conversamos será mantido, *Kapitan* Novitsky. Falo isso não apenas como o *Pakhan*, atendendo ao pedido de um pai, mas como família de Vladic.

Eu queria gritar a esses dois imbecis que eu não era a pessoa a ser empurrada em direção ao altar. Era Irina que fugia do compromisso, e não eu.

Por outro lado, eu tinha o *Pakhan* e o *Kapitan* Novitsky, mesmo de forma equivocada e confusa, do meu lado. Essa poderia ser minha carta na manga, caso a tentativa de mostrar a Irina que uma união entre nós não seria tão absurda como ela pensava.

— O senhor tem certeza disso? Tem certeza de que ela está completamente de acordo com essa decisão? — cruzei

os braços e a expressão de confiança mudou para pensativa — Conhece a sua filha o suficiente, Sr. Novistky?

Ok. Estávamos no mesmo time, mas não seria nada mau fazer esse sabichão tomar um pouco do próprio veneno, porque ele não iria me manipular tão facilmente como fazia com sua filha.

Eu conseguia sacar o jogo dele. Insinuações aqui e ali. A isca que jogou no casamento de Dmitri, afirmando que Irina estava à procura de um noivo. Alimentando ainda mais meus ciúmes em relação a Tigran, e não podemos esquecer a suposta doença terminal. Que cada vez que eu olhava para ele, e o via saudável como um touro bravo, desconfiava ainda mais da veracidade do caso.

— Eu vou me casar com sua filha, Sr. Novitsky — avisei, calmamente —, mas porque eu a amo e sei que, mesmo resistindo à ideia, ela me ama também.

Confessamos isso um ao outro. Algo que nenhum dos dois precisava saber agora.

Encarei primeiro Dmitri, que tentava ocultar a diversão que estava sentindo, depois, Viktorochova, que eu não sabia dizer se estava surpreso ou emocionado com as minhas palavras.

— Mas será nos termos dela — declarei — Do jeito que acharmos melhor. E não porque o senhor exigiu e o *Pakhan* decretou isso.

Com qualquer outro membro da Bratva, a minha ousadia teria sido corrigida com uma punição grave. Ninguém desafiava o *Pakhan*.

Bom, mas eu não era ninguém.

— Acho que posso concordar com isso. Todas as questões serão resolvidas, como vocês decidirem — murmurou Viktor, apurando o peito — Amanhã à noite, no jantar entre as famílias para oficializar o compromisso entre vocês. E não abro mão disso, Milanovic. Eu quero conduzir a minha filha até a igreja e não à maternidade.

Mas que filho da puta!

Dmitri tossiu para abafar uma gargalhada e desta vez fui eu a encará-lo com aviso no olhar.

Dava para entender bem, de onde Irina tinha herdado tanta inteligência e sagacidade. O homem tinha sempre uma tacada nova.

— Como quiser, senhor — afirmei em um tom respeitoso.

Observei em seguida ele sair, dando novas instruções ao seu advogado.

— Lembra quando éramos mais jovens — a voz de Dmitri levou minha atenção de volta a ele — e sempre me dizia que, apenas amarrado entraria na igreja para o casamento?

A maior parte do tempo e para a maioria das pessoas, Dmitri sempre se mostrava uma figura séria, compenetrada e

fria. Apenas eu, Savin e algumas vezes Ivan, pudemos testemunhar seu lado mais descontraído, como agora. A posição dele exigia que fosse assim. Por muito tempo coube a mim trazer esse lado de descontração. Agora, ele tinha Kyara com quem poderia ser completamente ele, não o *Pakhan*, mas Dmitri Milanovic. Um homem capaz de fazer piadas com os infortúnios e complicações amorosas do próprio irmão.

— Eu aposto que não vou gostar de ser lembrado disso — avisei indo em direção ao bar.

— Pois é — ele coçou a barba e seu sorriso alargou mais — Eu nunca imaginei que seria no sentido literal.

Gavno!

Tomei um longo gole de vodca antes de me voltar para ele, que parecia se divertir muito com a situação. Claro que Dmi não deixaria isso passar por todas as vezes que o provoquei.

— Eu sei que minha vida amorosa o diverte, meu caro — murmurei, secando os lábios com o dorso da minha mão — Mas temos um assunto mais delicado para tratar agora.

Foi suficiente para fazer o ar debochado desaparecer e o *Pakhan* tomar o lugar do irmão provocando o outro.

— Tambovskaya — murmurou Dmitri, secamente.

Assenti, me juntando a ele do outro lado de sua mesa. Passamos as horas seguintes reunidos, contando com as presenças de Savin e Trotsky. A noite tinha avançado

bastante quando Dmitri deu o trabalho por encerrado. Não foi preciso dizer, mas eu sabia que seus pensamentos no momento estavam voltados à esposa.

De qualquer forma, nada seria resolvido em um único dia, teríamos um longo caminho pela frente. E eu precisava cuidar de algo igualmente importante para mim.

Havia alguém que eu precisava visitar imediatamente. A pessoa que nos dois últimos dias me fez descobrir o que realmente saudade significava.

Diferente da primeira vez que estive no quarto dela, tendo a janela sendo aberta para mim, esta noite entrei de forma sorrateira.

Havia apenas um abajur, com a luz muito fraca, iluminando o ambiente, mas foi o suficiente para me deleitar com sua visão adormecida.

Aproximei-me lentamente. Um livro estava caído no chão ao lado da cama. Os óculos estavam enroscados em seus dedos, na mão pendendo para fora do colchão. Tirei-os suavemente, colocando-os sobre o criado-mudo.

Passei a ponta dos dedos delicadamente por seu rosto, afastando algumas mechas de cabelo, antes de me ajoelhar ao seu lado.

— Nina? — chamei baixinho, passando o polegar em seus lábios, que eu ansiava provar outra vez.

Não apenas seus lábios doces, mas eu tinha uma fome por Irina que apenas crescia a cada segundo ao lado dela.

— Ei... — insisti vendo seus olhos tremularem — Nina?
Eu estou aqui.

Ninguém no mundo tinha olhos mais lindos que Novitsky. Era como o céu, em um perfeito dia de verão. E quando eles se abriram para mim, foi como se tivessem tirado todo o ar de meu peito.

— Vladusik?

Ah, porra!

Se eu tive qualquer intenção de me controlar e ter uma conversa com ela, antes do que meu corpo e meu pau realmente queriam, Irina tinha destruído com seu chamado meigo, voz enrouquecida e sexy.

— Foda-se! — murmurei, puxando seu rosto em direção ao meu.

Todo o resto poderia esperar.

CAPITULO 26

IRINA NOVITSKY

Levei algum tempo para perceber que a voz me chamando não vinha de um sonho, como inicialmente eu pude imaginar.

— Vladusik?

Seu polegar em meus lábios, acariciando-os de leve, causou o efeito que já esperava, meu corpo inteiro, assim como minha mente, despertou para ele, mas foi sua boca, grudando à minha, em um beijo possessivo e apaixonado, que me fez incendiar.

— Você está mesmo aqui? — indaguei quando o primeiro beijo finalizou.

Eu o vi, principalmente, senti sua presença e o poder de seus toques, mas ainda me sentia incrédula. Queria perguntar quando Vladic tinha retornado. Por que não me avisara disso? Entre tantas outras perguntas dando voltas em minha cabeça, seus olhos famintos sobre mim fizeram perder a importância.

— *Ya skuchal po tebe* ^[17] — gemi em seus lábios, ajudando-o a arrancar a camisa, nos devorando com beijos cada vez mais apaixonados.

— Também senti a sua falta, Nina — ele se afastou, apenas alguns segundos para agarrar minha camisola e fazê-la sair do meu corpo trêmulo.

A forma como Vladic me olhava, o desejo que via arder em seus olhos, abalava-me completamente.

— Vladic — inquieta, segurei-o pela cintura, puxando-o sobre mim.

Minhas mãos foram trepidantes em direção à sua calça e cueca, baixando-as juntas. Quando meus dedos tocaram seu pau impressionantemente rijo, demonstrando seu intenso desejo por mim, um gemido gutural escapou da garganta dele.

— Nina — ele agarrou minha mão, depois, os meus pulsos, e os levou para acima de minha cabeça — Se me tocar, eu perco o controle.

Com o aviso, o sorriso devasso ganhou destaque em seu rosto perfeito.

— Fica quietinha — exigiu ele, livrando-se das últimas peças presas em seus joelhos, antes de retornar para cima de mim.

Esse era um pedido praticamente impossível de se cumprir, principalmente com a ponta dos seus dedos descendo sensualmente pelos meus pulsos e braços. Vladic deslizou o dorso da mão por minha bochecha. Em seguida, tocou meu pescoço, depositando beijos por onde sua mão passeava em mim.

E quando chegou aos meus seios, minhas costas curvaram tanto em oferecimento a ele, como reagindo ao grande prazer que sentia com sua boca a devorar os meus seios, com lambidas e chupões que me faziam contorcer.

Eu tentei baixar minhas mãos, mas Vladic foi mais rápido, mantendo meus pulsos no lugar, enquanto seguia com sua deliciosa tortura com seus lábios e língua. A sua mão livre correu lentamente pelo meu corpo e quando ele me tocou, deslizando em minha intimidade molhada, um grito de prazer escapou da minha boca.

Por instinto, movi o quadril, seguindo os mesmos movimentos que seus dedos faziam em mim. Então, Vladic passou minhas pernas sobre seus ombros e ele deslizou ainda mais pela cama até que seu rosto estivesse encaixado entre as minhas pernas.

Busquei o travesseiro sob minha cabeça, precisando de algo que me ajudasse a manter as minhas mãos no lugar. Sua língua grossa e áspera deslizou profundamente para dentro de mim, fodendo-me com ela. Vladic massageou meu clitóris com a ponta do dedo e eu, febrilmente, gemi o seu nome. Era uma combinação explosiva e mais intensa do que qualquer coisa que eu tivesse experimentado antes. Fechei os olhos, mordi os lábios e me desfiz, estremecendo em sua boca. Estava excitada demais, sendo capaz apenas de emitir gemidos, sussurros, irrefreáveis causados pelo orgasmo intenso.

Achei que tinha provado o suficiente, quando com lambidas suaves e lentas, ele me acariciou com a língua. Minha mente dizia que era muito para conseguir absorver, mas meu corpo reagindo a Vladic queria mais, desejava por mais, ansiava por ele, que correu seu corpo gigantesco para cima do meu, encaixando-se entre as minhas pernas. Eu as envolvi em torno de sua cintura. Seus olhos me encaravam com paixão, eles queimavam com o mesmo desejo que eu sentia.

Vladic recuou e se inclinou, buscando meu mamilo, que ele sugou com seus lábios. A carícia rapidamente produziu ondas de prazer que reverberaram por todo o meu corpo.

— Vladusik.... — sussurrei como um pedido enlouquecido para que ele não me torturasse mais.

Precisava dele. Eu precisava de Vladic dentro de mim e sua necessidade por mim era tão urgente e visível quanto a que eu sentia.

Ele esfregou seu membro em minha entrada e uivei com a sensação de prazer que seus movimentos me causavam. Então, lentamente, introduziu a cabeça de seu pau para dentro de mim, entrando completamente, realizando meus pedidos ofegantes para que me fizesse dele.

— Eu não apenas amo sua boceta, Nina — murmurou ele, entrando e saindo de mim em estocadas fortes e profundas — Eu adoro... — a cada arremetida eu sentia que perdia mais o controle e a declaração safada de Vladic fazia

as ondas de prazer crescendo em mim, aumentar — Eu adoro você inteira.

Uma vez ouvi que, amor, podíamos nutrir esse sentimento por qualquer coisa, família, amigos, animais de estimação, mas adorar, isso era algo muito mais intenso, e eu entendia bem, como ficava tocada com o que Vladic tentava dizer.

— E eu adoro seu pau em mim — parte de mim ficava encabulada em confessar coisas como essa a Vladic, de forma tão despudorada, mas eu também queria que ele soubesse como me fazia sentir.

— Oh, Nina — seu olhar atormentado fixou no meu e o deslizar passou a ser mais lento e enlouquecedor, levando todo o meu corpo a tremer — Você é linda.

Ele seguiu sussurrando palavras carinhosas, ou sujas, que faziam minha excitação aumentar. Via em seu rosto que ele também estava no limite, mas seguiu, fazendo o meu prazer aumentar. E quando senti que não tinha mais forças para me segurar, sua mão escorregou entre nós e ele começou a acariciar o meu clitóris.

— Vladic! — uivei, perdendo o controle, ele se afundando ainda mais para dentro de mim.

Fiquei tensa, grudei-me mais a ele, minha respiração ficou mais rápida e pesada quando ele agarrou minha bunda, indo ainda mais fundo, fazendo um orgasmo forte irradiar pelo meu corpo e explodir em minha cabeça.

— Porra! — Ele voltou a estocar em um ritmo feroz, minha vagina pulsando em volta de seu pau, me fez ofegar e novamente um orgasmo me tomou de forma inesperada e intensa, no mesmo momento em que Vladic entregava-se ao seu clímax, soltando gemidos guturais em meu ouvido.

Ele caiu de lado, assim que começou a reunir forças para se recuperar e, como sempre fazia, puxou-me para os seus braços protetores.

Ouvi seu coração acelerado pouco a pouco se acalmar ao apoiar a cabeça em seu peito. Depois de alguns minutos assim, Vladic se afastou, saindo da cama. Observei, lânguida ele ir até o banheiro de onde retornou trazendo uma toalha úmida, que passou em minhas coxas e intimidade, limpando-me.

O carinho e cuidado com que fazia isso tocou-me profundamente. Vladic estava sempre atento a mim, antes e depois do sexo.

— Não que eu não tenha gostado da surpresa noturna — murmurei, quando ele voltou a se acomodar ao meu lado na cama — Mas quando chegou e por que não me avisou que estava de volta a Moscou?

Eu não queria parecer uma dessas mulheres ciumentas, que precisavam saber cada passo que o homem dava. Mas nós tínhamos um assunto importante a tratar.

— Faz algumas horas, mas estava em reunião com Dmitri.

Rapidamente lembrei do motivo de sua viagem e me afastei de seu peito, sentando-me na cama.

— Como foi com o Khomiakov?

Vladic seguiu meu exemplo sentando-se na cama, ele se arrastou pelo colchão até poder apoiar suas costas na cabeceira, depois, segurou meus braços e cintura, puxando-me para o seu colo. Inicialmente acreditei que ele faria como da primeira vez que estivemos juntos, e ele quis fugir da pergunta, mas para minha surpresa, sua resposta foi direta e sincera.

— Slavik não aceitou a oferta do Dmi — ele passou gentilmente as costas da mão por meu rosto, num carinho gostoso que me fez esfregar o rosto em sua pele, como um gatinho sendo aninhado — Estamos oficialmente em guerra, *mílaya*.

Eu já esperava por isso. Um homem capaz de matar o próprio irmão, por sede de poder, não daria importância à oferta de paz oferecida por Dmitri. No entanto, não deixou de me fazer sentir preocupada.

Uma guerra significaria que toda a Bratva estaria em perigo. Meu pai, Vladic, Kyara e, principalmente, Dmitri, que tinha o alvo diretamente apontado em sua cabeça. Eu sentia muita pena da Kyara, no lugar dela, grávida e com a vida do marido sendo ameaçada a cada segundo. No lugar dela, eu certamente estaria enlouquecendo.

— Olha para mim, Irina — abri os meus olhos e encontrei seu olhar fixo em meu rosto — Nós somos mais fortes. Acredita em mim?

Eu acreditava que Vladic, assim como Dmitri e Ivan, dariam o sangue para manter nossa Irmandade protegida. Mas Khomiakov era um homem imprevisível, capaz de qualquer atrocidade para alcançar seus objetivos.

— Você mal acabou de se curar, Vladic.

Minha preocupação sobre isso começava a aumentar. Vladic era o tipo de guerreiro que mesmo se lhe faltasse um dos membros do corpo, ele se colocaria na linha de frente para proteger quem ele amava e no que acreditava ser o certo.

— E estou cada dia melhor — resmungou ele, reafirmando sua autoconfiança masculina — E quem olhar, imaginaria que está terrivelmente preocupada comigo.

Pelo sorriso no canto dos lábios, eu podia perceber que era apenas uma das provocações que ele amava fazer comigo, mas a brincadeira não me divertiu nem um pouco.

— Não teve graça — bati em seu peito, encarando-o raivosamente — Se isso não ficou claro o suficiente... Se o que eu disse naquele dia...

Fui corajosa o suficiente para confessar a Vladic que eu o amava. Receber a confirmação de que ele também nutria o mesmo sentimento por mim, fez com que eu sorrisse por horas. Foi o que me deu forças e esperança para não surtar

em relação ao compromisso que meu pai queria que eu assumisse em breve.

— Então, vamos conversar sobre isso, porque está confuso pra caralho, *mílaya* — desta vez, não havia o traço de humor vindo dele — Você me ama e se preocupa comigo, mas não o suficiente para nos casarmos?

Encarei-o completamente incrédula, enquanto tentava assimilar sua declaração.

— Eu ouvi, Irina — com cuidado, ele me afastou de seu colo e saltou da cama, indo até o interruptor de luz — Ouvi o que disse a Kyara sobre não querer se casar.

A claridade mais forte, agora, me deixou tão zozna quanto a acusação de Vladic.

— O quê?

— Darya me disse que você estava na casa, que tinha ido me procurar — avisou ele, cruzando os braços, me encarando muito sério — Fui avisar que precisaria me ausentar em uma viagem por dois ou três dias, e qual a minha surpresa ao chegar no quarto? Ouvi da sua boca que jamais se casaria comigo.

Eu nunca tive problemas com as palavras. Sempre fui o tipo de pessoa que conseguia expressar muito bem o que pensava, mas neste momento, eu tentava relembrar o que tinha conversado com Kyara e o que tinha falado para que Vladic distorcesse tudo.

— Qual o problema? Não sou inteligente o suficiente para você?

Oh, meu Deus. O homem estava mesmo furioso. Agora entendia ele ter ignorado por um bom tempo todas as minhas mensagens e ligações.

— Você é tão imbecil, Vladic — comecei a rir.

Eu sei que deveria estar esclarecendo as coisas com ele e eliminando de uma vez por todas esse mal-entendido, mas vê-lo pela primeira vez mostrar insegurança, era fofo e engraçado.

— Talvez o Voronov seja uma escolha ideal — ele continuou sério e fiz o possível para controlar minha crise de riso — Mas eu sou a escolha certa. Esqueça-o ou qualquer outro em sua cabeça.

Com o aviso possessivo, ele se aproximou da cama. Sua mão fechou em torno do meu pescoço, não de uma forma que viesse a me intimidar. Os olhos selvagens e o polegar acariciando minha pele, queimando, eram apenas sua maneira de expressar que eu lhe pertencia. Meu corpo. Minha mente. Meu coração. Minha alma. Completamente dele.

— Eu não quero o Tigran ou qualquer outro na Bratva — murmurei, tendo seu rosto a apenas alguns centímetros do meu e sentindo um desejo louco de que finalizássemos esta discussão sem sentido e Vladic novamente me beijasse —

Só há um homem que me interessa no mundo, que eu amo e o único que eu aceitaria me casar. Você, Vladusik.

Mal completei a última frase, quando ele emitiu um grunhido e cobriu minha boca com a dele. O beijo foi devastador, assim como Vladic era. Em poucos minutos, seus beijos famintos e mãos frenéticas em meu corpo, fizeram-me vibrar por ele.

Em um movimento repentino, Vladic me virou de costas e me colou de quatro sobre a cama. Separou minhas coxas com suas mãos firmes e, no momento seguinte, sua língua talentosa fazia-me gemer de prazer ao me foder com ela.

Meus braços perderam rapidamente a força e eu caí sobre a cama, apoiando no meu rosto. Suas pinceladas molhadas e movimentos com os lábios logo me fizeram explodir de prazer.

Ainda estava sensível da nossa aventura anterior, e quando Vladic deslizou para dentro de mim, meu corpo inteiro tremeu.

Seus dedos cravaram firmes em minha cintura e ele foi me invadindo com investidas deliciosamente profundas. Sexo entre nós era quente, muito quente, e, desta vez, não poderia ser diferente. Alcançamos o orgasmo juntos, caindo na cama, exaustos, logo após o prazer nos alcançar.

— Nunca vamos poder falar sobre política, por exemplo — avisei, soltando um risinho, que o fez me encarar com

curiosidade — As nossas conversas nunca terminam sem antes transarmos ou sairmos brigando.

— Das duas opções, eu fico com a primeira — ele murmurou, buscando algumas mechas do meu cabelo, com a qual começou a brincar — Mas voltando ao assunto, casamento. Se não era contra, por que disse isso a Kyara?

Soltei um longo suspiro antes de responder.

— O meu pai, naquela manhã, avisou que o prazo que tinha me dado para escolher um noivo tinha acabado — comecei a explicar a ele — E que ele já tinha tomado a decisão por mim. Nós fizemos um acordo, Vladic. Eu tinha dezessete anos quando isso aconteceu. Sempre soube que um dia teria que honrar com a minha palavra. E protelei isso pelo tempo que eu pude, mas agora com a saúde dele e tudo mais...

Eu me agarrei ainda mais nos braços de Vladic, onde eu me sentia protegida, segura.

— Não quero desapontar o meu pai — confessei a ele — Mas também não posso me casar com um homem que eu não conheço e não amo, entende? Foi isso que eu disse a Kyara.

— Então... — sua mão apertou mais forte o meu ombro — Não é resistente a se casar comigo?

— Claro que não, seu bobo — encarei-o com um enorme sorriso surgindo em meu rosto — Apesar de não ter me pedido ainda, se suas intenções comigo forem essas.

Juntos, encararemos o meu pai e diremos o que sentimos, um pelo outro.

— *Pizdets!* — Ele proferiu fechando os olhos, possivelmente irritado consigo mesmo.

— Você pode ser o homem mais fodão em toda a Bratva, Vladusik — disse, introduzindo meus dedos em seus cabelos curtos, puxando-os levemente — Mas é um burro quando o assunto se trata do coração.

Seus olhos escuros caíram sobre mim. Eu sempre me sentia mergulhar em um lago profundo quando olhava dentro deles.

— Você acha que faria diferente se estivesse em meu lugar? — apesar da acusação na pergunta, ele me encarava com uma expressão escarnecida.

— Eu, pelo menos, teria entrado e tirado a história a limpo e não feito conclusões erradas.

Ele se virou e cobriu o meu corpo com o dele.

— Então, a senhorita sabichona acredita que nunca teria caído em uma confusão como essa?

— Vamos ser sinceros, Milanovic — sussurrei e emiti um ronronar quando ele começou a esfregar o corpo sobre mim —, sempre fui mais perspicaz do que você.

Não era completamente verdade. Levei mais tempo a me render ao que sentia por Vladic do que ele por mim, por exemplo. Mas havia uma coisa que eu tomava conhecimento agora, sobre nosso relacionamento atual e futuro, éramos e

sempre seríamos esse casal, testando um ao outro. Provocando. Levando ao limite e a cama como consequência.

— Cuidado, Nina — sua mão esmagou um dos meus seios e a boca se aproximou mais da minha — Você pode ter que engolir suas próprias palavras.

Ele voltou a se mover deixando-me louca.

— Mas, no momento, eu pretendo te fazer engolir outra coisa.

Sua mão desceu pelo meu corpo e ele acariciou minha vagina ficando cada vez mais molhada.

— Como o quê? — provoquei, soltando um gemido ao ter dois de seus dedos afundados em mim.

— O meu pau — a resposta sacana e seus dedos movendo dentro de mim, fizeram-me tremer — Adoro sua boca safada em meu pau, *mílaya*.

Maldito homem, que com apenas algumas palavras, conseguia me desestabilizar inteira.

Quando acordei, a primeira coisa que notei foi o vazio ao lado de minha cama. Apurei os ouvidos para identificar se algum som vinha do banheiro, mas o quarto estava em um completo silêncio. Dei-me conta que Vladic tinha saído tão sorrateiramente quanto havia entrado.

Não era algo que me preocupava por ora. Durante a noite, após termos feito amor pela última vez, em meio ao sono que me pegava, ele avisou que eu deveria ficar despreocupada. E que até essa noite tudo seria resolvido com o meu pai.

Bem mais tranquila sobre o assunto *casamento*, pulei da cama feliz e segui para o banheiro. Tomei banho, escovei os cabelos, que já estavam mais cumpridos do que costumava deixar. Pensava em mantê-los assim agora. Sentia-me ainda mais feminina e sedutora com eles assim, principalmente quando Vladic os enrolava no pulso durante o sexo mais selvagem.

Meu Deus, eu não conseguia pensar nesse homem, sem conseguir imaginar nós dois nus em uma cama.

— Pelo seu sorriso feliz — a voz do meu pai, em seu lugar à mesa, tirou-me dos pensamentos sonhadores —, os planos para hoje à noite devem estar empolgando você?

— Planos?

— O jantar para falar do seu compromisso.

Eu queria dizer umas boas verdades ao papai. Para começar, afirmando que cobrar uma promessa tão importante que eu fiz aos dezessete anos, não me parecia justo. Mas Vladic prometeu que cuidaria do assunto e eu iria confiar nele.

— Se esse jantar acontecer... — murmurei, ocupando uma cadeira, exibindo um sorriso provocativo.

E para fazer meu pai esquecer esse maldito assunto, somente trocando sua escolha de noivo, pela minha.

— Você que não se atreva a me envergonhar, minha filha! — advertiu ele, jogando o guardanapo sobre a mesa, claramente irritado comigo — Irá comparecer nem que eu a arraste pelos cabelos, ouviu? Esse é o melhor partido que você poderia ter e eu já fui paciente o suficiente, Irina.

Eu não duvidava que, levado pela raiva e frustração, papai perdesse a paciência e fizesse algo como isso. Mas eu não tinha com que me preocupar.

— Como quiser, *otet's* — concordei, bancando a perfeita e obediente filha de um *Kapitan*.

Vladusik resolveria tudo.

CAPITULO 27

YURI VASILIEV

De *Avtorieyt* fui rebaixado a um mero soldado de patrulha. Não que isso viesse a incomodar. Eu não acreditava que a honra de um homem se media pelo cargo que ocupava ou pelo poder que sentia ter. Slavik, por exemplo, no momento, era o *Pakhan* no comando da Tambovskaya, mas para mim, não poderia existir pessoa mais desonrosa para a função. Então, qualquer trabalho que eu pudesse ter, longe dele e seus seguidores imbecis, me parecia uma escolha melhor.

Por longos e estressantes dias, fui incumbido de vigiar nossa comunidade, manter as pessoas pacíficas e caçar os rebeldes contrários ao governo de Slavik. Quando eu mesmo, a cada passo, sentia-me sendo vigiado.

Ainda não entendia qual o propósito de Slavik em relação a mim. Ele já tinha tirado o irmão do caminho e não fazia sentido manter o braço direito dele, na Irmandade. Só haveria dois caminhos para mim na situação atual: morte ou expulsão. Conhecendo Slavik, como infelizmente conhecia, a primeira escolha soava-me mais algo que ele faria. Não

arriscaria, dando-me a oportunidade do abandonar o mundo onde cresci e aprendi tudo o que sei, correndo o risco de retornar e me levantar contra ele no futuro, exatamente como tinha feito com o irmão.

Slavik tinha grandes e sádicos planos, que, com certeza, me incluíam de alguma forma, e agora sem a vantagem de ter uma função importante dentro da Máfia, ficava impossível descobrir quais eram.

Excluindo alguns rebeldes admiradores de Alek em sua grande parte, mortos, presos, sendo torturados ou que conseguiram fugir – alguns bem diante dos meus olhos, propositadamente cegos –, não dava mais para saber em quem eu poderia confiar.

Por isso, fosse lá qual destino que Slavik tinha reservado para mim, não conseguiria uma resposta agora. De qualquer forma, minha preocupação no momento era outra.

Quando retornei ao refúgio onde havia deixado Raíssa e Curl, após descobrir a morte do *Pakhan*, não foi surpresa encontrar Slavik lá.

Em minha última conversa com Alek, ao me fazer o pedido que levasse sua mulher e filho para longe, enquanto ele tomava medidas para controlar o irmão traidor, avisei que a melhor forma era cortar o mal pela raiz. Porque Slavik nunca teve algo que o irmão passara a prezar muito,

principalmente após o nascimento do filho, a importância de uma família.

Minha primeira reação ao me ver diante da cabana incendiada, foi correr em direção a ela e, se fosse preciso, sacrificar a minha própria vida para salvar o dois. Mas os dez homens de Slavik conseguiram me impedir de me aproximar.

Tive que assistir a madeira enegrecer, sendo tomada pelo fogo, de joelhos, sem nada poder fazer para ajudá-los. O desprezo que sempre senti pelo Khomiakov mais novo tornou-se rapidamente em um ódio profundo. Jamais esqueceria ou o perdoaria por tão cruelmente tirar a vida de Curl, apenas um menino inocente.

Eu preferia ter sido mordo em seguida, e se tivesse sido exilado, com toda certeza passaria cada um dos meus dias estudando maneiras de fazer Slavik cair. Ou poderia ter fugido como e com alguns dos rebeldes. Mas assim como o atual *Pakhan* tinha planos para mim, eu também reservava algumas coisas para ele. Antes disso, eu só precisava ter certeza de uma coisa.

— Ulf? — chamei pelo grandalhão de quatro patas.

Ulf era um *Great Dane*, um cachorro da raça oriunda da Alemanha, conhecida pelo seu porte gigante. Apesar disso, ele possuía um temperamento calmo e equilibrado, indicado tanto para guarda, como para companhia, além de ser um animal elegante e imponente. Seu tamanho e força,

reunidos à agilidade que lhe permitia cobrir grandes distâncias, o tornavam um excelente guardião.

Na maior parte do tempo, Ulf era um cão tranquilo e dócil com quem sentia afeição e confiança, mas era muito reservado com estranhos e detectava pessoas ruins com bastante facilidade, mostrando sua rejeição a elas rapidamente. Foi assim que se comportou ao ver Slavik pela primeira vez e ele era apenas um filhote. Se crianças não mentiam, como dizem por aí, animais eram brutalmente sinceros.

Acreditava que o melhor amigo do homem era ele mesmo ou seu animal de estimação. Os humanos sempre traíam ou decepcionavam de alguma maneira, mas os animais, principalmente os cachorros, minha preferência, sempre eram fiéis até o último dia de seu dono. Eles dariam a vida por você. Para proteger você.

Agora, eu tinha o melhor e único amigo. Ulf. Confiava nos instintos dele e, por isso, o tinha trazido comigo hoje até a floresta e o bunker que ligava uma saída secreta na cabana incendiada, onde Raíssa e Curl estiveram escondidos.

— Ei, garoto — esfreguei a cabeça dele com a ponta dos dedos — O que você conseguiu encontrar?

Eu sabia que apenas minha proteção não seria suficiente para manter minha prima e seu filho a salvo de Slavik. Por isso a levei para a cabana, mostrei o alçapão com entrada para o bunker que daria próximo ao rio e às

montanhas. E mais do que isso, tinha deixado o único homem da minha confiança e de Alek, escondido embaixo da cabana. As perguntas eram, os dois conseguiram usar a passagem secreta antes que o fogo os devorasse? O *Boyevik* teria conseguido entrar sem ser visto e salvado a vida deles antes que fosse tarde demais?

Enquanto não tivesse essas respostas, a Tambovskaya teria que continuar a ser o meu lar. Com ou sem Slavik no comando.

VLADIC MILANOVIC

Uma batida na porta me fez desviar a atenção das duas opções de terno que eu tinha selecionado no closet e colocado sobre a cama. O claro que poderia me dar um ar um pouco mais brando e sociável ou o escuro que camuflaria o sangue que Irina provavelmente arrancaria de mim, quando se deparasse com a verdade sobre o jantar de noivado, logo mais?

— Vlad? — O rosto de Kyara surgiu no vão da porta, assim que dei a permissão para que fosse aberta — Posso falar com você um minuto?

Era impressionante que apesar de não a conhecer há tanto tempo, eu tinha um enorme carinho por ela. Kyara

entrou inesperadamente em nossas vidas, trazendo, principalmente a Dmitri, a suavidade que nos faltava.

— Claro, *daragáya* — fiz um gesto com a mão para que se aproximasse — Aproveita e me ajuda a escolher a melhor opção.

Kyara pegou as duas partes de cima, colocando-as abaixo do meu pescoço. Primeiro, um, depois, o outro.

— O escuro com certeza — ela sorriu, devolvendo as peças sobre a cama — Você e Dmitri ficam lindos com ternos escuros.

Eu nunca tinha pensado sobre isso e as escolhas de tons vinha mais pela questão da praticidade do que para agradar os olhos femininos. Mas se ela dizia... Esta noite eu precisava de todas as armas que eu pudesse ter.

— Estou tão feliz que em breve perguntas como essa você fará à sua esposa — ela afagou meu rosto — E ainda mais feliz que essa pessoa é a Irina. Sempre soube que eram perfeitos um para o outro e tenho certeza de que esta noite será inesquecível.

Ah, eu não duvidava que seria, mesmo.

Só que agora, pensando em Kyara, em seu estado delicado e a indisfarçável felicidade em relação a mim e Irina, começava a ficar um pouquinho alarmado em como ela poderia lidar com a confusão iminente.

— Inesquecível, com certeza — avisei, enquanto levava minhas mãos aos bolsos de trás do jeans, começando

a me sentir muito tolo em deixar essa farsa seguir adiante — Eu preciso te contar uma coisa. Promete que não vai ficar nervosa por causa do bebê?

Kyara me encarou com receio, depois, com uma carranca de advertência.

— Vladic! — Ela levou as mãos à cintura, evidenciando ainda mais seu ventre cada vez mais redondo — Você não se atreva a magoar minha amiga esta noite fugindo do...

— Não é nada disso, *daragáya* — segurei os ombros dela, disposto a fazer com que se acalmasse logo.

Se Dmitri entrasse no quarto e visse a esposa exaltada, no mínimo me daria uma boa surra.

— Eu quero e vou me casar com ela — cocei o queixo tentando parar um sorriso surgindo — Só tem um probleminha no meio do caminho.

Que aliás, quando ela entrou, achei que tinha vindo falar sobre isso. Que as duas tivessem conversado e a essa altura, Irina havia deixado escapar o engano. Pelo visto, meu segredo ainda estava bem protegido. Eu tinha pedido que Irina confiasse em mim durante a madrugada, em uma das vezes que fizemos amor. Eu resolveria tudo com o pai dela e o “noivo” escolhido por ele.

— Não sou o noivo que Irina está esperando esta noite.

— O quê?

Levei-a até a cama, onde a fiz se sentar e contei todo a confusão que havia se formado. Desde de flagra do pai de

Irina quando saía do quarto dela há alguns dias, até conversa pela metade que ouvi entre as duas, que me fez tirar conclusões precipitadas, até o engano de Irina ao achar que o pai estava escolhendo outro pretendente na Bratva como seu futuro marido.

— Meu Deus, Vladic, por que você seguiu com esse absurdo?

— Porque apesar de ser bastante inteligente, Novitsky caiu em um engano tão tolo quanto o meu — cruzei os meus braços e cada vez mais que o olhar descrente de Kyara se fixava em mim, sentia-me regredir dez anos de vida, até me sentir como um garotinho envergonhado, preso em uma travessura — Foi um grande vacilo, né?

É, tinha ficado tão puto da vida quando Irina riu da confusão que eu tinha feito, que naquele momento achei divertido fazê-la tomar um pouco do próprio veneno, vendo que quando se tratava de assuntos do coração, como ela mesmo destacou, qualquer um podia agir como tolo.

— Eu só espero que sua brincadeira boba não arruíne essa noite — ela balançou a cabeça desgostosa — O Sr. Novitsky e eu tivemos trabalho demais para unir vocês dois.

E quando eu pensei que não poderia mais ser surpreendido, Kyara jogava sobre mim essa bomba.

— Espera aí — cruzei os meus braços olhando-a seriamente — Vocês estavam juntos, arquitetando contra a gente?

— Bom... contra não — ela abriu um sorriso inocente quando começou a se erguer com certa dificuldade, na qual rapidamente fui socorrê-la — Se uma bala não foi suficiente para uni-los de uma vez, então, precisamos agir.

Eu sempre achei que o *Kapitan* Novitsky estivesse mexendo os pauzinhos. Mas a doce e inocente Kyara? Não mesmo.

— O Dmitri está junto nessa?

— Não. Na verdade, ele pediu que eu não me metesse nesse assunto.

Pedido que, claramente, a pequena trapaceira tinha ignorado.

— Tudo bem, *daragáya* — abri um sorriso para ela — Não estou bravo com você. No fim, o plano deu certo. Bem, eu acho.

Eu realmente não podia ficar chateado com Kyara, quando tinha uma pequena mentira escondida na manga.

— Só me diz mais uma coisa — voltei a ficar sério —, a doença do *Kapitan* Novtsky é real?

Ela ficou nervosa.

— Isso tem que perguntar a ele — respondeu, indo em direção à porta — Se eu fosse você, me preocuparia em amansar a fera da filha dele. Talvez fosse melhor contar a verdade antes do jantar.

Ye-bat! Kyara tinha razão. Irina ficaria furiosa quando descobrisse que foi enganada. A única forma sensata de agir

a partir de agora seria revelar toda verdade a ela.

— Farei isso, querida.

Após a saída de Kyara, avisei a Dmitri que precisávamos chegar mais cedo à mansão Novitsky. Eu tinha que conversar com Irina e explicar tudo antes que o pai dela anunciasse quem era o noivo.

Finalmente chegamos lá e eu estava mais nervoso do que queria admitir.

— Vladic? — O Sr. Novitsky surgiu na sala de espera, como eu já imaginava, exibindo um sorriso satisfeito — Fico contente em saber que está levando isso tão a sério, exatamente como eu esperava.

— *Kapitan* Novitsky, eu gostaria antes...

— Mas não vamos mais prolongar o assunto. Já mandei avisar Irina que seu noivo tinha chegado — disse ele ao mesmo tempo que eu — Veja só. Minha filha está vindo.

Zhizn 'ebet meya!^[18]

A vida fodia comigo ou eu estava fazendo isso comigo mesmo?

Bom, eu iria descobrir agora.

CAPÍTULO 28

IRINA NOVITSKY

Confiança.

Qualquer pessoa leiga em relacionamentos amorosos, como eu, por exemplo, sabia que esta palavra era a base para que ele realmente funcionasse. Por isso, acreditei e confiei em Vladic quando me garantiu, durante a noite e nas mensagens que me respondeu no decorrer do dia, afirmando que tudo ficaria bem e que ele cuidaria do assunto, pedindo apenas que eu ficasse bonita para esta noite.

Só que a apenas duas horas para o jantar, e quase meia encarando o espelho da penteadeira, usando um roupão de banho, eu já não sentia tanta confiança assim.

— Senhorita? — encarei Yulia parada na porta, comigo sustentando um olhar perdido — Eu vim lhe ajudar a se arrumar.

Com certeza, havia sido uma ordem dada por meu pai. Assim como o belo vestido dourado que me foi entregue algumas horas mais cedo.

— Espere, Yulia — interrompi-a quando a vi se direcionar para a cama onde a bela peça permanecia esticada — Eu mudei de ideia.

Alguma coisa deveria ter acontecido para atrasar Vladic ou ele ainda estava na execução de seu plano em acabar com essa farsa que representava o meu jantar de noivado. Mas enquanto fosse preciso encarar a grande estupidez que isso tudo parecia para mim, deixaria bem claro como exatamente eu me sentia.

— Mudei de ideia em relação ao vestido — avisei, apressadamente ao avançar para o closet — Vou usar este aqui.

— Mas, senhorita... — seus olhos arregalaram para mim ao me ver estender o vestido em frente ao meu corpo — O seu pai não vai gostar nada disso.

— Eu sei — respondi e um enorme sorriso começou a se formar em meu rosto — Não é perfeito?

Pela primeira vez neste dia, estava me sentindo realmente animada com o jantar, pela oportunidade de ensinar algo ao meu pai, como ao possível noivo que ele tinha arranjado para mim.

Irina Novitsky não estava à venda.

Encarava teimosamente meu celular, esperando que uma resposta à mensagem que tinha enviado a Vladic chegasse, quando ouvi a batida na porta.

— Srt^a Viktorova? — O rosto de Yulia surgiu no vão — O seu pai pediu que descesse imediatamente. O seu noivo já

está aqui.

Meu coração quase saiu pela boca com a informação dada por ela, inúmeras dúvidas e incertezas começaram a invadir minha mente.

Vladic não viria me socorrer como havia prometido?

Ele tinha se arrependido de tudo que me disse?

Havia descoberto que seus sentimentos por mim não eram tão fortes como ele pensou?

— Senhorita?

De repente, sentia como se as paredes comesçassem a se fechar à minha volta. Sempre me orgulhei de ser uma pessoa razoavelmente equilibrada, mas, neste momento, era como se meu mundo, sempre seguro, comesçasse a desmoronar.

— Senhorita... — insistiu Yulia.

Independentemente do arrependimento de Vladic, eu continuava dona de meu destino e se eu não podia ser dele e ele se entregar ao meu amor, eu não seria de mais ninguém.

— Estou indo, Yulia — foi difícil demais dizer essas palavras, mas o pior, eu precisava fazer.

Desci as escadas como um condenado sendo enviado à execução. E conforme avançava, reconheci algumas vozes, entre elas Kyara, Dmitri, meu pai e...

— Veja só. Minha filha está vindo... — mal consegui prestar atenção no que papai falava ao notar o homem lindo parado ao lado dele.

Eu ainda estava em transe, admirando Vladic e seu terno escuro, me encarando seriamente, quando meu pai se aproximou de mim e agarrou firme meu braço.

— Irina! — seu tom de voz demonstrava que ele não estava nada contente em me ver — O que significa isso?

Acompanhei seu olhar, notando que ele se referia à minha roupa.

— Você parece...

Um pequeno sorriso começou a se formar pelo canto dos meus lábios. Dos pés à cabeça eu vestia negro. Até minha maquiagem, inclusive batom, estavam em tons escuros.

Eu queria mostrar ao meu pai e ao futuro noivo, que aliás, não via em parte alguma, que me obrigarem a esse casamento sem amor seria exatamente isso, eles me condenariam à morte, a morte da minha alma.

— Parece que acabou de sair de um velório — rugiu meu pai, e foi o suficiente para a leoa adormecida em mim acordar.

— Porque é assim que eu me sinto — encarei meu pai com o olhar determinado, depois, suavizei, olhando-o com carinho — Papai, eu sei a promessa que fiz aos dezessete anos.

Soltei suas mãos dos meus braços e comecei a caminhar em direção ao homem dono do meu coração.

— E que um Novistsky nunca quebra uma palavra dada — a cada passo que dava para junto de Vladic, sentia meu coração, que antes esteve tão angustiado, começando a se acalmar.

Eu não precisava que Vladic me salvasse, eu precisava que ele me amasse e se estava aqui esta noite, se ele tinha vindo, era porque pretendia lutar por nós dois tanto quanto eu.

— Mas eu só era uma menina de dezessete anos — parei ao lado de Vladic e me virei encarando o meu pai — Muito coisa mudou, inclusive o fato de que não posso me casar com o pretendente que escolheu para mim.

— Nina — Vladic disse baixinho ao meu lado e eu fui em busca de sua mão.

— Eu não posso me casar com alguém que não amo — ergui o queixo, enfrentando a expressão horrorizada que começava a surgir no rosto de meu pai — Nem mesmo por você, *otet's*.

— Nina — Vladic voltou a dizer, em um tom mais firme, apertando um pouco mais os meus dedos entrelaçados aos dele.

Desviei o olhar de meu pai e encarei Vladic. Não sabia o que ele tinha pretendido fazer esta noite, mas estávamos juntos nisso e eu queria que todo mundo soubesse.

— Não, Vladusik — sussurrei para ele — Preciso encarar isso de frente.

Eu não ficava esperando na torre, eu pulava pela janela.

— Papai — voltei minha atenção para ele —, não posso seguir com essa farsa. —Respirei fundo antes de continuar. — Eu amo o Vladic. É com ele que eu quero ficar.

Podia compreender que meu pai já tinha iniciado as negociações com a família do pretendente escolhido, e que eu geraria um grande constrangimento ao quebrar o acordo selado, mas eu também sabia que o mais importante para o meu pai era me ver casada. No fim, todos nós teríamos o que desejávamos e eu seguiria fiel ao meu coração.

— *Ye-bat!* — vociferou papai me encarando com descrença — E não é exatamente por isso que estamos aqui, minha filha?

Eu sempre tive um raciocínio muito rápido, mas precisava confessar que, desta vez, levei algum tempo para começar a entender o que ele queria dizer.

— *Gavno!* — lamentou Vladic, soltando a minha mão, virando-se para mim — Escuta, Nina...

Existiam aqueles momento quando você estava em um lugar cheio de pessoas e acreditava que estavam encarando você, sem que soubesse o motivo, certo? Assim eu me sentia ao olhar para meu pai, impaciente, Kyara com expressão angustiada, Dmitri, que parecia querer segurar a risada e Vladic, com uma expressão de pânico.

— O que está acontecendo? — sussurrei, enfrentando-o — Vladic?

Ele tentou se aproximar, mas eu dei dois passos para trás.

— Nina... foi tudo uma pequena confusão — ele ergueu as duas mãos, agindo como se eu fosse um bichinho acuado, que ele tentava se aproximar.

— Confusão?

— O noivo que seu pai escolheu — disse ele abrindo um pequeno sorriso. — Sou eu.

Ele?

— Você? — indaguei incrédula.

Todos esses dias, últimas horas de sofrimento e angústia, por nada?

Vladic assentiu com um leve movimento de cabeça e estendeu a mão para mim. E embora uma parte de mim estivesse aliviada, que nunca existiu pretendente algum além dele, eu só conseguia encarar as pessoas à minha volta, sentindo-me uma grande tola.

— Há quanto tempo você sabia disso? — meus dentes trincaram ao fazer a pergunta.

Seu rosto agora parecia tão atormentado quanto o meu. Ele fez uma nova tentativa de se aproximar e eu me afastei mais uma vez.

— Vladic! — exigi.

— Na manhã seguinte, na primeira noite que passei aqui.

— *Primeira?* — A voz de papai saiu exaltada do lugar que ele estava — Vladic, eu disse a você que...

Eu não escutava mais o meu *otet's*. Toda minha atenção, mágoa e fúria crescendo dentro de mim, estavam dirigidas a Vladic.

— Você mentiu para mim esse tempo todo? — indaguei, completamente decepcionada.

— Sei que foi idiota, Irina. Percebi isso esta tarde. No início, quis apenas te dar uma lição por... Você é sempre tão segura de si...

— Uma lição?

Eu realmente tinha sofrido e me atormentado, imaginando ter o mesmo destino condenado à infelicidade e sofrimento de tantas filhas de *Kapitany*, enquanto Vladic só queria me dar uma lição por eu ter feito seja lá o que, para ferir seu ego gigante?

— Isso foi cruel, Vladic — meus lábios tremeram ao afirmar isso.

E ao contrário do que todos me olhando pudessem pensar, as lágrimas se acumulando em meus olhos não eram apenas de tristeza, mas da ira crescendo em mim.

— Foi infantil e desleal — encarei-o com a expressão mais dura e fria que eu pude sustentar — E, sinceramente, não sei se quero me unir a um homem que em vez de

resolver suas diferenças comigo, através do diálogo, pretenda me castigar.

— Nina... eu... *Gavno!* — ele passou a mão na cabeça, nervoso — Não foi assim. Me deixa explicar.

— Você teve dias para me explicar — acusei, secando uma lágrima correndo em meu rosto com a manga do vestido — E preferiu rir de mim.

Talvez eu estivesse fazendo uma grande tempestade em relação ao assunto. Mas eu me sentia traída, enganada. O meu medo em relação ao futuro obscuro tinha sido real para que Vladic brincasse.

— Eu sou uma boba, não? — Funguei, encarando cada um que me olhava em silêncio — Mas esta idiota não vai ser mais espetáculo para ninguém. O jantar está cancelado e tudo que ele significa também.

Passei furiosa por Vladic, ignorando seus chamados, como de todos os outros gritando o meu nome.

Desci para o jantar disposta a acabar com o noivado e dar uma lição ao meu pai, mas, no fim, quem acabou aprendendo algo muito importante fui eu. Você podia amar muito alguém, mas se não houvesse confiança e respeito, o sentimento se tornava frágil como um cristal.

VLADIC MILANOVIC

Gavno!

Eu fui alertado que essa pequena mentira não acabaria bem. Irina estava completamente certa em se sentir magoada e traída por mim.

Mesmo eu não tendo agido por crueldade, como ela poderia estar imaginando, não fui sincero com ela quando tive a oportunidade. Orgulho ferido me fez agir como um tolo. E uma relação como a que pretendíamos construir, a partir desta noite, não poderia sobreviver se não fôssemos sempre honestos um com o outro e conversássemos sobre tudo.

O amor nos guiava, mas a confiança e segurança entre nós que faziam esse sentimento continuar a crescer e se firmar.

— Vou atrás dela — avisou Kyara, mas eu a impedi.

— Eu nos coloquei nessa situação, *daragáya* — disse a ela — Eu mesmo conserto a merda que fiz.

Porque não importava a raiva que Irina pudesse, com razão, estar sentindo por mim neste momento, eu não conseguia mais pensar em minha vida sem ela. Se tivesse que fazer algo que nunca fiz, ou me imaginei fazendo, implorar por seu perdão, bem, então...

Eu ficaria de joelhos.

Subi as escadas rapidamente e em segundos estava diante do quarto dela. Não obtive nenhuma resposta às batidas que dei na porta.

Bom, eu já estava na merda e não poderia piorar mais.

Ledo engano. Assim que abri a porta e a vi, encolhida na cama, agarrada ao travesseiro, o rosto vermelho e os olhos inchados devido ao choro, foi como se alguém enfiasse a mão em meu peito e esmagasse meu coração.

— Nina — chamei-a, baixinho.

Seus olhos tristes focaram sobre mim e não foi com surpresa que vi sua mão ir em direção ao abajur ao lado da cama.

— Pode rachar a minha cabeça com isso, se quiser, Nina — disse, avançando com passos vacilantes, ficando de joelhos em frente a ela — Mas antes, apenas me escute. Você pode fazer isso? Apenas me ouvir?

Eu via a guerra em seu olhar, mas acima de tudo, eu via o amor. E era isso que me dava esperança.

CAPÍTULO 29

IRINA NOVITSKY

A primeira coisa que vi, ao entrar furiosa no quarto foi o vestido dourado estendido sobre o colchão. Um soluço saltou de meu peito e corri até a cama, abraçando o travesseiro.

Eu não queria agir como uma garotinha birrenta, mas eu estava com muita raiva do meu pai, por ter me colocado nessa situação ridícula, e bastante furiosa com Vladic por mentir para mim, só para provar que ele estava certo. Quando se trata de amor, agimos feito topeiras.

Cuidado, Nina. Você pode ter que engolir suas próprias palavras.

Soquei a cama com raiva ao me lembrar do aviso dele.

Imbecil. Ele tinha feito com eu tomasse do meu próprio veneno. Acho que era isso que me chateava tanto. Enxergar que eu estive errada. Estava o tempo todo fazendo o que era certo, o que esperavam de mim, que levava isso aos extremos. Talvez, tudo o que eu precisasse fazer era exatamente como Vladic, de vez em quando apenas relaxar e entender que se equivocar era normal.

— Nina? — ouvi seu chamado baixinho ao entrar em meu quarto, depois de minha teimosia em ignorar as batidas

na porta.

Sem pensar, vi minha mão estender e segurar o abajur ao meu lado da cama.

Vladic me avisou que podia feri-lo, se assim eu desejasse, mas ao se ajoelhar em frente a mim, implorou que lhe desse uma chance e ouvisse suas explicações. Dei-me conta que estava sendo ridícula e dando mais importância a essa história do que era preciso.

Sim, Vladic mentiu e meu pai me manipulou, mas se eu tivesse encarado tudo de forma mais racional e tivesse enfrentado meu *otet's* muito antes, toda essa confusão teria sido esclarecida.

— Ouça, Nina. Eu sinto muito — suas mãos buscaram a minha, ainda agarrada ao travesseiro, e ele entrelaçou nossos dedos — Fiquei irritado quando você riu de mim.

— Porque ninguém ri do todo poderoso Vladic — acusei, zangada.

Ele sorriu. Eu sempre ficava mais fraca com o seu sorriso.

— Para dizer a verdade, você é a única que tenta e consegue. Acho que só Dmitri e Kyara chegam perto disso.

Ou seja, as pessoas que o amavam e ele amava igualmente. Eu precisava ser honesta, existia uma parte desses dois poderosos homens que só nós duas conseguíamos alcançar. Isso porque tínhamos em mãos seus corações. Assim como os nossos pertenciam a eles.

— Eu não fazia ideia que poderia te chatear tanto, até essa tarde quando Kyara me alertou — continuou ele — Eu juro, Nina. Eu nunca faria nada para magoá-la. Fazer isso hoje machucou mais a mim do que a você.

Eu podia acreditar nele. Vi a expressão de pavor que Vladic me deu ao notar que eu tinha descoberto tudo. E como ele me encarou perturbado quando fugi da sala.

— Minha intenção era chegar antes do combinado, mas o seu pai precipitou as coisas e, bom... o resto você já sabe — seus dedos pousaram em meu rosto e ele afagou minha bochecha, secando meu rosto — Eu te amo, Nina. Será que pode me perdoar?

Eu ainda tinha lágrimas acumuladas em meus olhos, mas minha raiva em relação à sua mentira idiota começava a enfraquecer. Nenhuma mulher conseguiria se manter imune a um homem tão atraente e sexy como Vladic dizendo que a amava.

— Eu sinto muito também — murmurei, cobrindo sua mão em meu rosto — Por ter rido de você antes e por agir como boba agora.

Encaramo-nos e compartilhamos um sorriso.

— Ser bobo às vezes é bom — gracejou ele.

Principalmente quando tínhamos tanta responsabilidade, perigo e incertezas nos rondando.

— Você me tira da zona de conforto, Vladic — confessei o que na maior parte do tempo me manteve afastada dele —

Acho que isso às vezes me assusta.

Ele se levantou e me puxou da cama, colocando-nos frente a frente.

— E você vira o meu mundo de cabeça para baixo, o tempo todo. Como uma montanha-russa — seu polegar fez uma carícia suave em meus lábios e eu fechei os olhos deliciada — E sabe o que acontece quando eu chego ao final da jornada?

Balancei a cabeça negando, mas só porque eu queria ouvir a confissão através de seus lábios.

— Eu quero ir de novo e de novo...

Porque por mais assustadora que fosse, essa era a melhor aventura de todas. Mas eu não tive tempo de confessar isso. Vladic colou sua boca na minha e no instante seguinte estávamos eufóricos, arrancando a roupa um do outro, em um desejo que nunca fomos capazes de controlar.

Ele me amava com paixão, provando que cada declaração de amor que me fazia era verdadeira. E eu retribuía com toda minha alma e coração.

Por mim, nós ficaríamos no quarto e na cama pelo restante da noite, pela vida toda, se fosse possível.

— Você sabe que a gente tem que voltar, não? — Vladic indagou, parando meus dedos que faziam carícias em

seu peito, levando-os aos lábios — Eu fico surpreso que seu pai ainda não tenha subido, cercado de seus *boyevik*.

— Kyara está dando um jeito nele — pelo menos eu esperava que ela estivesse lá embaixo acalmando os ânimos de todos.

— Ah, com certeza ela está — disse ele em um tom brincalhão — Aquela só tem cara de anjo. Mas é ardilosa feito o diabo.

— O que você quer dizer?

— Que os dois, ela e seu pai, estavam esse tempo todo armando contra a gente.

— Armando?

— Para nos unir, Nina. Para começar, essa história de casamento, foi só uma forma de despertar meu ciúmes e começar a me acordar sobre os meus sentimentos. E fazer com que você enxergasse e aceitasse o que sentia por mim.

— Filhos da mãe! — blasfemei e, apesar disso, no instante seguinte, ríamos juntos — Escuta, a doença do meu pai, também é mentira?

Eu ficaria muito chateada com papai se ele tivesse feito isso, mas estava tão feliz no momento que saber que ele estaria bem seria o mais importante.

— Isso eu ainda não sei, Nina — Vladic se esfregou em mim mais uma vez e com um beijo em minha testa enrugada, tentou afastar as linhas de preocupação — Mas eu prometo

que vou descobrir. Não angustie essa linda cabecinha com isso agora.

Vladic rolou na cama e cobriu meu corpo com o seu, levando-me a enroscar nossas pernas, enquanto ele se esfregava em mim.

— Você poderia me fazer pensar em outra coisa — além da sugestão ousada em minhas palavras, corri minha mão pela lateral de seu corpo e fui em busca de seu membro ficando duro.

— Farei algo melhor, *Króchka*.

— É... — perdi o fôlego quando começou a acariciar o meu clitóris — O que seria?

O fogo que via em seus olhos era resposta suficiente à minha provocação, mas o sorriso carregado de pecado e promessa que viria em seguida, fizeram-me vibrar.

— Fazer você perder a fala — outra carícia me fez morder os lábios e meu corpo responder aos seus toques — Só para começar.

Éramos loucos. Deveríamos estar no jantar com nossas famílias discutindo cada detalhe do casamento. Mas estávamos em meu quarto nos amando como se o mundo inteiro ao nosso redor não existisse.

VLADIC MILANOVIC

Se antes eu pensei que estivesse perdido, agora, eu tinha completa e absoluta certeza. Essa garota me tinha nas palmas de suas mãos. O desentendimento de hoje me fez enxergar duas coisas. Eu não queria magoá-la, nunca, e não conseguia cogitar a possibilidade de perdê-la. Novitsky tinha me domesticado e eu estava adorando isso.

— Como estou? — Ela afastou-se do espelho e veio até mim, que colocava a gravata.

— Você já estava linda antes — encarei-a de cima a baixo sem esconder o olhar carregado de desejo — Agora, me tira o ar.

O vestido longo e dourado grudava em cada curva suave em seu corpo, dando a ela uma aparência fodidamente sexy.

— Bobo — ela sorriu encabulada e suas mãos vieram em minha gravata, ajudando-me com o nó.

Lembrei-me do que Kyara me disse essa tarde, que coisas sutis, mas que demonstrariam cuidado comigo, logo seriam realizadas por minha esposa.

Eu cuidaria dela também. Sempre.

— O que foi? — um sorriso tímido surgiu assim que ela finalizou o trabalho e me encontrou encarando-a insistentemente.

— Nada — respondi, tocando seus lábios rapidamente com os meus — É melhor descermos ou seu pai invadirá

aqui a qualquer momento.

A paciência de Viktor já deveria ter acabado e se todos aguardando por nós fossem no mínimo espertos, deveriam ter imaginado o que ficamos aprontando durante nossa ausência.

— Filha? — Viktor foi o primeiro a se pronunciar, levantando-se rapidamente do sofá, ao nos ver entrar.

Ele encarou nossas mãos unidas e a pergunta que iria fazer rapidamente foi ignorada.

— Está tudo bem, papai — Irina fez o que eu mais amava nela, abriu um lindo sorriso que rapidamente fez todos à sua volta relaxarem — Nós nos entendemos.

Com o aviso, Kyara se aproximou, saltitante e parecendo uma patinha desajeita com sua barriga abaulada.

Enquanto as duas trocavam uma rápida confiança, Dmitri veio para meu lado dar os seus cumprimentos e Viktor me encarou com um olhar mortal. Natural, antes de tudo ele era um pai, zelando pela única filha.

— Acho que precisamos discutir imediatamente os detalhes desse casamento — alertou ele, tanto para mim como para Dmitri — Como eu já disse e do jeito que as coisas andam, será mais fácil eu ir para a maternidade do que para uma igreja.

Dmitri pigarreou, constrangido, e eu tentei controlar uma gargalhada. Isso seria o mínimo para ele aprender a não ser um velho intrometido.

— Será que antes poderíamos jantar? — A voz de Kyara surgiu atrás de nós — Eu estou com fome.

Eu nem precisava encarar Dmitri para saber que o pedido dela seria imediatamente acatado. Nada vinha antes de sua esposa e seu filho.

Sorrindo, seguimos em direção à sala de jantar. A refeição era um momento sagrado, por isso, evitamos qualquer assunto que pudesse levantar discussão e desentendimento.

Quando fomos conduzidos à biblioteca e todos estavam devidamente acomodados, virei em direção ao *Kapitan* Novitsky e tirei a caixinha com o anel de um dos bolsos do paletó.

— *Kapitan* Novitsky — pigarreei, limpando a garganta, nunca imaginei que um momento como este me deixaria nervoso, mas eu estava — Eu quero, oficialmente, pedir a mão da sua filha em casamento.

Procurei Irina e a encontrei, cobrindo um sorriso com o punho trêmulo, enquanto de seus olhos saltavam lágrimas de felicidade.

— Eu a amo e assim como fiz meu juramento à Bratva, prometo honrá-la e cuidar de sua felicidade em cada um dos dias de nossas vidas.

Observei com o coração explodindo, ela caminhar apressadamente até mim e se jogar em meus braços.

— Estou de acordo — anunciou Victor, encarando a filha — O que tem a dizer, *dotch*?

— Eu tenho escolha? — ela brincou, sem desviar seus olhos emocionados de mim.

— Você sempre teria uma escolha, *daragáya* — respondeu Viktor em um tom emocionado — Eu não a tiraria de você.

Dmitri e eu sempre nos achamos modernos e queríamos fazer mudanças expressivas na Bratva, mas o pai de Irina estava bem mais à frente que nós dois. Ele deu à filha algo que nenhum *Kapitan* tinha feito até hoje, liberdade e escolha.

E ela me escolhia. Eu era um filho da puta sortudo.

— Não tenho não, *otet's* — seu lindo sorriso se alargou ainda mais — Quando o amor te encontra, não temos escolha alguma. Eu quero me casar com você, Vladusik. Não há nada no mundo que eu queira mais do que isso.

Fiquei de joelhos pela segunda vez esta noite, faria isso todos os dias se fosse preciso, e deslizei o anel em seu dedo delicado.

Quando me ergui, puxei-a para os meus braços, onde trocamos um beijo suficientemente apaixonado para desconcertar quem nos assistia.

Após todos os cumprimentos e comemoração com champanhe, Irina e Kyara se afastaram para falar dos detalhes mais românticos da cerimônia, enquanto Dmitri e eu

seguimos o Sr. Novitsky até o escritório dele para discutir sobre o contrato de casamento que o advogado dele tinha redigido.

Como eu esperava, o patrimônio da família Novitsky impressionava. Quatro importantes universidades, sendo uma em Moscou, algumas escolas, além de várias propriedades pelo mundo.

Mas, eu também não era um homem sem sonhos e ambições, apenas usufruindo das regalias e frutos da família.

— Estou realmente impressionado — condessou Victor assim que fechou a pasta que entreguei a ele — Nunca imaginei que essa rede de academia pertencesse a você.

Apenas Dmitri sabia disso. Eu não queria que a influência dele ou o nome Milanovic me desse privilégios. Comecei com uma unidade em Moscou, agora, tinha mais de doze espalhadas pelo país.

— De qualquer forma, concordo com cada cláusula estipulada no contrato — afirmei e quando vi Dmitri prestes a protestar, fiz um sinal para que esperasse.

De acordo com o contrato, o *Kapitan* Novitsky continuaria na administração dos negócios até que se aposentasse, que seria passada à filha ou ao marido, caso resolvesse delegar a função. Em caso de divórcio, todos os bens continuariam na família Novitsky, mas eu receberia uma boa fortuna por cada ano de casado.

— Eu vou me casar com a filha dele e não com o dinheiro dela.

Ficou claro que minha resposta agradou a Viktor mais do que ele iria admitir. Se existiu, não ficou nenhuma dúvida de que eu amava Irina e não existia nada maior do que isso.

Foram raras as vezes que usei a influência do nome Milanovic e acreditava que era a primeira que solicitava o poder do *Pakhan* para algo pessoal.

— Dmi? — chamei por sua atenção assim que o vi começar a se erguer da mesa do café da manhã — Preciso da sua ajuda. É algo um tanto íntimo.

— Vladic. Não vai me dizer que...

— Nós conversamos no carro — avisei a ele, vendo que um par de olhos curiosos estava grudado em nós dois.

Meia hora depois de ter explicado a Dmitri o motivo de recorrer a ele, estávamos no consultório do Dr. Kovsky, que encolhido na cadeira onde o encurralamos, nos encarava com olhar assustado.

— Então, Dr. Kovsky — abri e cerrei meus punhos de forma que fez seus olhos arregalarem ainda mais — Vai nos dizer se o *Kapitan* Novitsky está ou não realmente doente?

— Meu Deus, garotos — ele sorriu nervoso, secando com um lenço o suor brotando na testa — Eu já afirmei que

isso é um sigilo médico-paciente. Além disso, Viktor é meu amigo de longa data. Vocês podem entender isso, certo?

— O que eu sei, doutor — Dmitri abriu dois botões de seu paletó e puxou uma cadeira, colocando diante dele antes de se sentar —, é que o senhor fez um juramento à Bratva com o meu pai e o renovou comigo. Então, você sabe perfeitamente que nada é negado a mim.

Dmitri falava calmamente, mas a ameaça em seu olhar valia muita mais.

— A gente pode resolver isso do jeito fácil — afastei o meu paletó, a arma em minha cintura apareceu — Ou do jeito mais difícil.

— E o jeito mais difícil — alertou Dmitri — diverte Vladic muito mais.

De certa forma, eu tinha pena do homem, ele tinha feito seu juramento profissional. Mas na Bratva as coisas não funcionavam assim. Nada estava acima do *Pakhan*.

— Bom, meu juramento pedia que eu mantivesse o direito de sigilo dos meus pacientes — respondeu ele, inconformado — Como não tenho nada a confessar, tecnicamente não estou quebrando nada.

— O que quer dizer? Viktor não está doente? — indagou Dmitri.

— Ele está. Mas nada além do que vocês já sabiam. O quase infarto no ano passado. Precisa se cuidar, mas os últimos exames não mostraram nada além do normal.

— Filho da puta! — murmurei.

Eu não sabia se o achava esperto demais ou sentia pena quando a verdade caísse nos ouvidos de Irina.

— Você tem certeza disso? — insisti, não queria dar falsas esperanças a ela.

Ele sacudiu energicamente a cabeça.

— Se ele cuidar do coração, fizer as atividades físicas recomendadas, continuar cuidando da alimentação e tomar seus remédios — explicou ele —, viverá mais tempo que todos nós. Ele verá os bisnetos nascer, se quiser.

— Obrigado, doutor — disse Dmitri ao se levantar e juntos deixamos sua sala — O que você fará agora?

Passei a mão na cabeça ao me virar para ele.

— Contar para Nina. É claro.

E que Deus me ajudasse a segurar a leoa. Precisávamos do pai dela para conduzi-la ao altar.

— *Ye-bat!* — Dmitri e eu dissemos ao mesmo tempo.

— Boa sorte — desejou ele, liberando um sorriso divertido.

Eu não poderia dizer que minha vida com Irina seria sempre fácil, mas, com toda certeza, seria divertida.

CAPÍTULO 30

IRINA NOVITSKY

Estava tão concentrada em tentar identificar as falhas no INE-19, o projeto que a cada dia mais sentia a necessidade de ver finalizado, que não notei o burburinho à minha volta, até que uma mão firme tocasse minha cintura.

— Vladic? — virei-me em direção a ele e fui rapidamente nocauteada por seu olhar intenso.

A última vez que estivemos tão próximos, foi após a conversa entre ele e meu pai para discutirem detalhes sobre o contrato de casamento, quando tivemos alguns minutos de permissão para nos despedirmos na porta.

Meu *otet's* estava tornando as coisas um pouco difíceis para nós dois, exigindo que mantivéssemos distância um do outro, e, principalmente, que nossas roupas continuassem no lugar até o dia do casamento. Eu achava isso uma grande tolice, pois, quanto mais tentassem nos afastar, mais desejaríamos estar perto.

Acontecia que Vladic espantosamente estava disposto a cumprir a imposição, pelo menos em minha casa. Não houve escaladas pela janela, como esperei, ou entradas furtivas em meu quarto durante a noite.

— O que você faz aqui?

Em vez de me responder, seu olhar ameaçador se dirigiu a todas as pessoas na sala. Ele fez um movimento de leve com a cabeça, sinal que elas rapidamente compreenderam, saindo apressadamente, exceto Tigran.

— Cai fora, forasteiro — Vladic o encarou com um olhar duro — Quero falar com a *minha noiva*.

Não me passou despercebido que ele quis destacar o status do nosso relacionamento para que ficasse ainda mais claro a quem eu pertencia. O belo anel em meu dedo, que todos notaram e admiraram assim que cheguei ao laboratório, não deixava dúvidas que meu coração já tinha um dono, mas Vladic era um Alfa, precisando, assim, marcar território o tempo todo. Deveria me aborrecer seu jeito todo possessivo, mas me divertia com ele.

— Pensei que já tínhamos resolvido essa parte do forasteiro naquele dia — se queixou Tigran, tirando o jaleco e deixando-nos a sós.

Vladic parecia pouco se importar que Voronov estivesse resmungando. Sua atenção estava toda agora em mim. E quando sua outra mão agarrou minha cintura, puxando-me para ele, envolvi seu pescoço com os meus braços.

Não fazia vinte e quatro horas que estávamos longe e eu sentia como se tivesse passado meses.

— Sempre tão delicado, não é, Vladic?

— Cada um tem de mim exatamente o que merece — murmurou e segurou o meu rosto, aproximando-nos mais.

— E o que eu mereço? — provoquei, enquanto seu hálito morno fazia uma leve carícia em minha boca entreaberta, por onde minha respiração acelerada tentava escapar.

— Tudo, Nina — ele lambeu meu lábio, fazendo o calor reverberar por todo o meu corpo como resposta —Tudo de mim.

Seus olhos faiscaram e Vladic abriu em sorriso devasso. O beijo carregado de desejo era apenas o início dessa paixão que sempre nos fazia incendiar. Quentes e desnorteantes o suficiente para me fazer perder a razão e esquecer onde estávamos.

Meu jaleco foi arrancado do meu corpo e a barra do vestido erguida até minha cintura, com pressa. Objetos voaram em direção ao chão, enquanto eu era posicionada de bruços sobre a mesa, agarrando a borda com meus dedos vacilantes.

Seus beijos, suas carícias, cada toque de Vladic em mim, deixava-me enlouquecida e implorando por mais.

O barulho de algo sendo rasgado me colocou em um estado de frenesi e ainda mais ansiosa pelo que estava prestes a acontecer. Assisti de relance Vladic colocar o preservativo.

— Ahh... — ele sussurrou, enterrando seu pau em mim.

A cada estocada, eu soltava um gemido, do qual eu era incapaz de controlar. Sua respiração acelerada acompanhava a minha. Seu pau afundando duro em mim, uma, duas, seguidas vezes, enquanto o quadril de Vladic empurrava em minha direção.

Sentia que iria explodir.

Estava quente, muito quente!

Uma vez. Outra vez. Vladic me tomava com força e profundidade. Que eu gostava. Precisava disso. Dele. Tudo. Completamente.

— Meu Deus, Nina — Ele gemeu, ofegante, em uma voz estrangulada ao mesmo tempo que sentia esse calor em mim começar a intensificar — Eu vou gozar!

Com outra investida dura, soltei um gemido e levei meu punho à boca, tentando abafar o grito querendo escapar de minha garganta. Sentindo minha vagina se contraindo em volta da potente ereção de Vladic. Então, o orgasmo forte nos atingiu e espasmos de prazer nos fez estremecer.

Ele caiu sobre mim e ficamos assim por algum tempo, até Vladic desabar sobre a cadeira e me puxar para o seu colo. Acariciou o meu rosto, afastando alguns fios suados que escaparam de meu penteado severo.

— Não é que eu esteja reclamando — murmurei, ofegante —, mas qual o motivo da visita inesperada?

— Eu vim para colocar o maldito chip e... contar que Dmitri e eu tivemos uma conversa interessante com Dr.

Kovsky esta manhã.

— Conseguiram arrancar a verdade dele? — Eu praticamente saltei do colo de Vladic ao perguntar isso.

— Primeiro o chip, *daragáya* — avisou ele, um sorriso debochado surgindo — Não quero nenhuma parte em mim retalhada com seu bisturi.

Se Vladic fazia piada, a situação não era tão grave como imaginei.

— Falando em chip — ele buscou minha mão, puxando-me de volta para o seu colo — Você está usando um, certo?

Encarei-o com uma expressão que indicava que sua pergunta era absurda.

— Tanto eu quanto o meu pai colocamos o chip logo após ter implantado em Dmitri, Nikolai e Ivan. A maioria dos *Kaptany* e seus familiares também está recebendo um.

Logo isso seria estendido a toda Bratva. Minha invenção era útil, agora, não apenas para localizar as pessoas importantes para nós e a organização, mas também para redobrar o controle em relação a cada membro, identificando e evitando possíveis traidores em nosso meio.

— Onde está?

Segurei a mão enorme de Vladic e levei seus dedos para atrás de minha orelha, onde o fiz sentir o minúsculo grão implantado ali.

— É quase imperceptível — avisei com orgulho.

Eu me sentia muito realizada com o meu trabalho. De tudo que eu era capaz de fazer com a minha equipe.

— Caralho — Vladic sussurrou, o desejo em seus olhos poderia estar mais brando, mas ainda presente.

— O que foi? — indaguei, receosa.

— Você é linda pra cacete.

Com a declaração, que fazia o meu pulso acelerar, ganhei um dos seus beijos apaixonados.

— Ok — ele me afastou, dando batidinhas em meus joelhos — Sabemos onde isso vai nos levar. Vamos ao trabalho, garota.

Por um momento, eu tinha perdido a noção de tudo. Vladic sempre causava esse efeito em mim. Com muito custo, aceitei sua ajuda para me erguer e enquanto ele ajeitava suas roupas e eu abaixava a saia do vestido, fui em busca da maleta metálica.

— Está longe demais, Nina — ele me fez cair sobre seu colo novamente, arrancando risadas de mim.

Não levou mais do que alguns minutos para implantar o chip em Vladic, que acompanhou tudo com calma e paciência.

— Pronto. Não tenho mais nada cortante — avisei colocando o último instrumento de volta à maleta aberta sobre a mesa, depois, abracei Vladic pelo pescoço — Agora, me conte tudo o que o Dr. Kovsky te disse.

— O problema cardíaco do seu pai é real — relatou, e ao me ver enrijecer em seu colo, suas mãos apertaram mais forte a minha cintura — Mas, se tomar todos os cuidados necessários, viverá por muitos anos ainda.

— Anos? Quantos anos?

Meu pai tinha falado dois, no máximo três anos.

— O suficiente para o velho alcoviteiro fazer planos de casamento para nossa primeira filha.

Foram duas informações importantes em uma única frase. A primeira, meu pai tinha me enganado da forma mais vil. E a segunda, me deixou mais curiosa do que preocupada.

— Primeira? Quantos filhos acredita que vamos ter?

— Talvez... — Ele abriu um sorriso difícil de resistir — Cinco? O que você acha?

Eu era filha única e só há pouco tempo que Vladic revelou a Dmitri sua ligação de sangue. Compreendia seu desejo de ter uma família grande, porque esse também era o meu sonho. Que nossos filhos tivessem um ao outro, nunca se sentissem sozinhos, e que viessem a ter o mesmo amor e respeito que ele sentia pelo irmão.

— Acho que é razoável — assenti, ajeitando-me em seu colo.

— Já que estamos falando sobre esse assunto — sua mão afagou o meu ventre — Você sabia que...

— Não — alertei antes que ele pudesse concluir.

— Aquele dia...

— Eu faço controle contraceptivo, Vladic — disse rapidamente a ele.

Da mesma forma que eu havia ficado chocada em relação à fraude de meu pai, em relação a seu delicado e mentiroso estado de saúde, Vladic me encarou com surpresa.

— Desde quando?

—Depois daquele dia no escritório do Dmitri, lembra? Alguns minutos antes de irem atrás da Kyara.

— Quando eu disse que sua boceta era minha? — indagou ele, olhando indiscretamente para o meio entre as minhas coxas.

Cretino. Ele nunca se esqueceria disso.

— Grosso — bati em seu peito, com um ar zangado que eu realmente não sentia.

— Só disse a verdade.

Como em muitos casos, ele tinha razão. Pensei que foi a primeira vez que nos demos conta de que o que nós sentimos era forte demais.

— No fundo, acho que sempre soube que isso — fiz um movimento com a mão, indicando nós dois — seria inevitável. Mas eu era virgem, Vladic, e não burra. Além disso, nunca tive certeza até onde nossa atração iria nos levar. Apenas que a cada dia que passava, você roubava um pouco mais do meu coração.

Um sorriso convencido surgiu nele e aos poucos fui notando-o relaxar.

— Você tem razão. Vamos pensar nisso quando quiser ou estiver pronta, tudo bem? É que eu tinha refletido sobre a possibilidade e a notícia me deixou...

— Desapontado? — indaguei sua resposta.

— Surpreso.

— Sabe, eu acho que o meu pai, apesar de trapaceiro, estava certo sobre uma coisa — lembrei ao ajeitar sua gravata —, já nos conhecemos na cama e sabemos que somos perfeitos juntos, mas precisamos nos conhecer mais fora dela. Sabe, jantares, passeios, viagens só nós dois. Essas coisas que casais curtem antes de se casar.

— Só até o nascimento do bebê — lembrou ele, abraçando minha cintura.

Esse tinha sido um pedido de Kyara, ela queria se sentir linda em seu vestido de madrinha. E, para mim, era o tempo necessário para organizar a cerimônia. Não faríamos um casamento tão grandioso como o do *Pakhan*. Por mim, fugiríamos a uma cidadezinha qualquer e nos casaríamos em uma cerimônia simples. Vladic tinha sugerido isso, mas ele tinha sua posição dentro da Bratva e eu, um sobrenome de peso.

— E não vou fazer voto de castidade. — Advertiu ele.

Isso nunca havia passado pela minha cabeça. Tínhamos fogo demais para prometer algo como isso.

— Sempre serei sua, Vladusik.

Eu sabia que mexia com Vladic, sempre que o chamava assim. O beijo que recebi demonstrou o quanto.

— Nina? — Ele me afastou um pouco — E sobre o seu pai. O que pretende fazer?

Ele me conhecia bem, sorri, encantada. Vladic me conhecia o suficiente para atinar que eu não deixaria esse assunto morrer. Claro que, no fundo, eu estava muito feliz e aliviada que meu pai não tivesse uma doença grave, que colocasse sua vida em risco. Mas ele nos manipulou e me fez sofrer de preocupação desnecessariamente.

— O que ele mais deseja além de nos ver casados? — indaguei com um sorriso perverso, surgindo em meu rosto.

— Nina... — Vladic iniciou em um tom de advertência.

Minha pequena vingança não atingiria apenas o meu pai.

— Confie em mim, Vladusik — dei batidinhas carinhosas em seu peito — Apenas confie em mim.

Os bebês? Esses chegariam no momento certo.

Agora, tínhamos algo muito importante para nos concentrar. A guerra contra a Tambovskaya estava cada vez mais próxima. Tínhamos um inimigo muito perigoso a enfrentar.

VLADIC MILANOVIC

Amor. Casamento. Filhos.

Estas três palavras nunca tiveram importância ou peso em minha vida. Me apaixonar e o casamento acontecer dentro das próximas semanas seguiram de forma natural e não chegaram nem perto de me assustarem, como deveria.

Mas *parto* e *bebês*? Principalmente, essas duas palavras juntas, isso sim, me colocavam maluco e em pânico.

Fazia mais de oito horas que Dmitri entrara no quarto que fora reformado e preparado para que a Sra. Milanovic trouxesse seu herdeiro ao mundo.

Eu já tinha ido à academia para tentar relaxar, fodido com Irina entre os equipamentos. O mesmo aconteceu na piscina e no escritório de Dmitri. E essa criança não vinha ao mundo de uma vez.

— Vladic?

Irina, que passou os últimos minutos calmamente sentada em uma poltrona, folheando uma revista qualquer, aproximou-se de mim, tocando meu ombro.

— Você precisa se acalmar ou vai acabar tendo um infarto.

— Oito horas! — relembrei-a, exasperado — Quantas horas um bebê precisa para nascer?

— Às vezes — ela abriu um sorriso travesso, que apenas aumentou ainda mais minha apreensão — um

trabalho de parto normal pode durar até quatorze horas, ou mais.

Quatorze horas? Que homem conseguiria suportar tantas horas de tortura e continuar são?

— Cesariana — disparei, segurando firme seus ombros.

— Como?

— Quando tivermos um filho, fará uma cesariana.

— Isso é um absurdo. Além do mais, quem decide isso sou eu e não você. — Alertou, zangada — Estudos comprovam que o parto normal...

— Não vou passar por isso de novo, Nina — pensei que se meu desespero não fosse tão evidente, possivelmente, minha declaração nos direcionaria para uma acalorada discussão — É loucura. Eu nem sou o pai e parece que vou surtar a qualquer momento.

Sua mão tocou minha face com carinho.

— Você não tem que se preocupar, querido. O corpo de uma mulher é preparado para isso. Kyara só está demorando e tendo um pouco de dificuldade porque é o primeiro bebê deles. Vai dar tudo certo.

Eu tinha que acreditar que sim. Não conseguia imaginar a reação de Dmitri se algo desse errado com a esposa ou com o bebê.

— Nina — desci minhas mãos até sua cintura e a puxei para um abraço apertado.

Ficamos assim até que a porta em frente a nós abriu e Dmitri surgiu carregando um embrulho.

— Nasceu. É uma garotinha.

O sorriso orgulhoso que ele exibia fez toda a tensão que vivi nas últimas horas desaparecer.

— Uma garotinha? — indagou Irina, emocionada.

— E a *daragáya*? — questionei, preocupado.

— Kyara está bem — respondeu Dmitri — Foi um trabalho difícil, mas ela foi corajosa.

Com a declaração do meu irmão, senti a mão de Irina buscar a minha, como se quisesse relembrar o que ela tinha afirmado há pouco. Embora eu as visse como figuras delicadas e frágeis, eram mais fortes e resistentes do que eu podia imaginar.

— Não chega tão perto, Vladic — alertou Dmitri quando nos aproximamos mais dele e da criança em seu colo.

— Por que não?

— Você está todo contaminado.

Cruzei os meus braços, tentando segurar uma resposta irônica. Kyara teria que ter o dobro de paciência, e essa menina, o mesmo temperamento pacífico da mãe, porque Dmitri seria ainda mais possessivo e cuidadoso com a filha, agora que era algo que ele podia ver e tocar.

— Eu posso ao menos ver o rosto da minha sobrinha?

Dmitri ergueu o pacotinho e afastou o cobertor que ocultava o rosto dela. Os poucos fios de cabelos indicavam

que ela havia herdado o mesmo tom da mãe, os olhos, eu ainda não podia identificar, já que estavam fechados. Mas ela tinha dois vincos se formando na testa enrugada e os lábios unidos, saltando para frente, formando uma carranca adorável.

— Dmi? — encarei-o cheio de humor — Não há como negar. É mesmo sua filha.

Eu não sei como me sentiria quando estivesse no lugar dele, carregando o fruto do meu amor com Irina. Mas eu ainda conseguia me lembrar de como me senti ao debruçar sobre o berço dele, vendo-o pela primeira vez, há vários anos. Foi amor à primeira vista.

Dmitri seria um pai excelente para esta pequena.

Mas eu seria um tio do caralho.

➤ÍTULO 31

IRINA NOVTSKY

Quando sugeri a Vladic que deveríamos fazer coisas normais de casais, no intuito de aprofundar ainda mais nossa relação, não imaginei que ele levaria o pedido tão a sério. Tivemos jantares nos melhores e acolhedores restaurantes de Moscou e algumas cidadezinhas vizinhas. Visitamos museus, passeio esse que me deixou impressionada por ele ter certa noção sobre artes. Passamos tardes de domingo almoçando, bebendo e vendo esportes com meu pai. Fomos a alguns shows e concertos, sempre com seguranças ao nosso redor, obviamente. E ele até tinha me levado algumas vezes ao cinema.

O sexo seguia cada vez mais quente. Vladic ainda respeitava a minha casa e a exigência do meu pai, pelo menos nela, embora muitas vezes quase cruzamos a linha permitida ao nos agarrarmos sempre que ficávamos sozinhos⁸⁹⁶. Eu passei muitas noites em seu apartamento, voltando sorrateiramente nas manhãs seguintes, com algumas delas sendo flagrada por meu pai, que na maior parte do tempo, fazia vistas grossas. Acho que meu pai queria alimentar a ideia de que sua menininha iria entrar pura

na igreja, mas no fim, ele estava mesmo feliz que Vladic e eu parecíamos nos entender melhor e ficávamos mais apaixonados a cada dia.

A minha mais nova surpresa foi descobrir que a viagem romântica desse fim de semana, que ele planejou há alguns dias, tinha como destino a Suíça. Ficaríamos na mesma casa nas montanhas que Kyara e Dmitri tinham passado a lua de mel.

— Esse lugar é incrível — murmurei empolgada, quando Vladic retornou de dentro da casa, após ter entrado para guardar nossas bagagens e se uniu a mim.

As montanhas rochosas, cobertas de neve branca, e a vasta vegetação verde ao redor, faziam meus olhos brilharem de emoção. Por causa dos estudos e do trabalho, eu pouco viajava. E nas raras vezes que acontecia, era na companhia de meu pai. Nós geralmente optávamos por paisagens paradisíacas. Sempre que nós, russos, podíamos, nos refugiávamos na praia para dar uma amenizada em nosso clima frio e rigoroso.

— Este era um lugar especial para Nathasha e meu pai — confessou ele, se colocando às minhas costas, abraçando minha cintura, enquanto seu queixo apoiava levemente no topo da minha cabeça.

Amava quando Vladic me abraçava assim. Eu me sentia mais segura e protegida que nunca em seus braços fortes, acolhedores e quentes.

— Às vezes eles nos traziam, Dmitri e eu — seguiu dizendo, e pelo tom de sua voz, relembrava momentos felizes — Apesar dos seguranças, podíamos agir como uma família normal.

Eu sempre fui uma pessoa privilegiada devido ao meu pai ser um *Kapitan* de Primeira Elite e pelo nosso grande patrimônio, que me proporcionou uma vida confortável. Mas os irmãos Milanovic foram criados como membros da realeza. Invejados por muitos e mantidos distantes de outros. Eles não tiveram uma vida normal enquanto se preparavam para as suas formações, Dmitri como *Pakhan* e Vladic, seu *Avtoriyet*.

— Nina — ele me virou e olhou profundamente em meus olhos — Este lugar é sagrado para a família. Nenhuma mulher, além de Nathasha e Kyara estiveram aqui. Entende?

Perfeitamente. Este pequeno paraíso era especial e ao me trazer aqui, Vladic afirmava que eu também era. Isso me emocionou ao ponto de sentir as lágrimas se acumularem em meus olhos. Fiquei na pontinha dos pés e busquei seus lábios macios para um beijo, onde procurei demonstrar todo o amor por ele, que com gestos assim, só fazia crescer.

Nosso beijo romântico rapidamente se transformou em um interlúdio amoroso e levou poucos minutos para seguirmos para o quarto, sucumbindo à paixão que nos governava.

As noites com Vladic eram perfeitas, mas as manhãs também conseguiam ser mágicas e especiais. Nesta, em específico, estávamos na cozinha preparando o café da manhã. Na verdade, Vladic estava cuidando disso. Ele fazia *Blini* ^[19] e tinha me jurado que era uma de suas receitas mais elogiadas. Eu só tentava ajudar passando os ingredientes.

Não era muito boa com serviços domésticos porque nunca precisei me preocupar com esses tipos de afazeres, por isso, cozinhar não era o meu forte. Mas Vladic parecia gostar disso, eu notava pela facilidade com que ele conhecia e manuseava os utensílios.

— Aprendi a cozinhar com a mãe de Dmitri — apesar de não estar olhando para mim, Vladic sabia que eu o admirava em silêncio — Ela dizia que ajudaria a nos amansar. Assim como jardinagem, entre outras coisas que considerávamos femininas.

— Você faz jardinagem? — indaguei espantada.

Quantas habilidades mais este homem conseguia ter?

— Gosto de mexer na terra — ele riu ao erguer o olhar e notar minha expressão assombrada — Mas sou impaciente para ver as plantas crescerem. Dmitri é melhor nisso do que eu.

Devia ser porque como *Pakhan*, Dmitri precisava manter os sentimentos controlados. Vladic, apesar de seguir

perfeitamente o que era esperado dele, sempre que podia, agia como um espírito livre.

— Eu odiava no começo — ele seguiu dizendo enquanto mexia a massa — Até notar que aquele era um momento nosso. Da Nathasha com a gente. Seus dois filhos, juntos. Com ela.

Normalmente na Bratva, as mulheres ficavam responsáveis pela criação e educação das meninas, instruindo-as, mantendo vigilância rigorosa para que continuassem puras para que no futuro fizessem bons casamentos. Os garotos ficavam a cargo dos pais e seus conselheiros. Mas Dmitri tinha sido, assim como Vladic, os únicos filhos de Nathasha. Era natural para mim, como me tocava, ela ter criado esses momentos só deles. Acho que isso que os tinham transformado nos grandes homens que eram hoje.

— Você a amava muito — destaquei e novamente recebi sua atenção sobre mim.

— Perdi minha mãe muito cedo. Nathasha me recebeu de braços abertos desde o momento que nos vimos, tratando-me como seu filho. Ela nunca me olhou ou agiu diferente de Dmitri. Isso foi importante, principalmente quando achei que meu pai, que na época acreditava ser Nikolai, me rejeitava.

Ninguém melhor do que eu entendia a falta que o amor materno poderia fazer a uma criança. Meu pai foi tudo

para mim e tentou à sua maneira suprir todas as minhas necessidades afetivas. Mas foram muitas vezes que dormi chorando, sentindo falta da minha mãe. A linda e inteligente mulher que nunca cheguei a conhecer.

— Você acha que ela sabia? — indaguei, meio receosa, mas curiosa demais para deixar passar dessa vez — Que você era filho de Mikhail?

Essa era uma pergunta que Kyara e eu nos fizemos quando ela me contou que Vladic tinha revelado a Dmitri que era seu irmão, quando levou o tiro no lugar dele. E, também, durante as poucas vezes que ele se abria em relação ao passado, tocando no assunto.

— Às vezes eu acho que ela sabia ou desconfiava — confessou ele e não me deixou surpresa com isso — Nunca me atrevi a perguntar depois que soube a verdade. O meu pai tinha pavor em vê-la magoada.

Eu acreditava que em relação a isso, Vladic e Dmitri tinham puxado a Mikhail. Eles causariam mal a si mesmo ou matariam qualquer um que tentasse nos machucar.

— Por algum tempo — ele parou o que fazia, focando seu olhar em algum ponto na cozinha, enquanto sua testa enrugava ao meditar — Fiquei muito chateado com Mikhail. Por ele ter simplesmente dispensado a minha mãe e esquecido dela como se não fosse nada. Se eu existia era porque em algum momento da vida deles, o que sentiram foi especial.

Mas não o bastante para prendê-lo a ela, pensei. Meu pai, por exemplo. Eu sabia que ele teve muitas amantes ao longo da vida ou ainda as mantinha. Mas eu jamais conheci qualquer uma delas ou alguma viria a ocupar o lugar da minha mãe, tanto em nossa casa, como em seu coração.

— Mas depois que a conheci, Nina — seus olhos me encararam com um carinho que fazia meu coração suspirar — Qualquer mulher que eu tenha conhecido antes, era apenas lembrança pálida.

Não resisti à declaração. Encurtei a distância entre nós, ficando nas pontas dos pés, e com as minhas mãos apoiadas em seus ombros, me estiquei à procura de sua boca tentadora.

Vladic tomava meu coração e fazia o que queria com ele.

— Amo você, Vladusik — murmurei ao nos separar em busca de ar — Será sempre o único para mim.

O primeiro e o último.

Acho que sempre tive medo de me apaixonar porque sentia que eu me parecia muito com o meu pai. Quando isso acontecesse seria para a vida inteira.

— Por falar em único — iniciei em um tom cheio de humor — Não há nenhum mini Vladic espalhado por aí, não é?

Mesmo sendo brincadeira, me perguntava se algo assim acontecesse, se eu conseguiria ser como Nathasha.

Abraçar um filho de Vladic como se fosse meu.

A resposta estava dentro do meu coração e meu amor por ele afirmava que sim.

— A única mulher com quem perdi a cabeça ao ponto de me descuidar dessa forma foi você, *mílaya*. E, mesmo assim, é esperta demais para cuidar do assunto devidamente — ele afagou minha bunda, fazendo com que me arrepiasse toda — Mas nós podemos corrigir isso agora mesmo se quiser.

Eu desejava uma família grande, tanto quanto ele, só que ainda não me sentia pronta. A filha de Kyara deixava esse desejo cada vez mais aflorado, mas eu queria, pelo menos, ver essa guerra com a Tambovskaya amenizada.

Slavik continuava a nos atacar e Dmitri revidava sempre que necessário, as coisas começavam a ficar quentes e perigosas, ao ponto de chamarmos a atenção de quem não deveríamos: o governo russo.

— Mas... já conversamos sobre o assunto — disse ele, lendo bem a expressão em meu rosto — Concordo que este momento não é o ideal.

Em alguns momentos eu refletia como seria a nossa vida longe da Bratva. Eu, trabalhando em uma empresa qualquer, Vladic, como gerente de um banco, por exemplo. Nós dois voltando para casa após um exaustivo dia de trabalho, conversando durante o jantar sobre o financiamento

da casa e a economia do país. Se era ou não um bom momento para aumentar a família.

— Não é perfeita, Nina — ele afagou minha bochecha com a ponta dos dedos.

— O quê? — indaguei surpresa que a cada dia ele me conhecesse mais.

— A vida lá fora. Eles também seguem um sistema, fingindo uma vida perfeita. Não precisamos fazer isso. Temos as nossas próprias regras.

Talvez Vladic tivesse razão. Eu nunca poderia comparar. No fundo, acho que todo mundo, de certa maneira, era igual. Mas de uma coisa eu tinha certeza, poucas mulheres conseguiam ser tão felizes como eu era ao lado dele. E amava a minha vida exatamente como era.

— Qualquer lugar. Qualquer vida com você, Vladusik — confessei com um sorriso tímido — É perfeita.

— *Ye-bat*, Nina! — suas mãos enormes envolvem minha cintura e me vi presa entre ele e a mesa — Você me diz essas coisas e me deixa louco.

Vladic fazendo declarações de amor me fazia suspirar feito uma adolescente apaixonada. Eu, fazendo declarações a ele, deixava-o excitado.

Estávamos seguindo para a segunda maratona de sexo pela manhã, quando minha mão afoita bateu em algo na mesa. O barulho do vidro estilhaçando no chão chamou

nossa atenção, mas meu sorriso logo morreu quando vi o que era.

— O sal... — lamentei, baixinho, me afastando num susto.

Nosso povo era bem supersticioso. Os russos geralmente cospiam sobre o ombro esquerdo se um gato preto cruzasse a estrada; batíamos na madeira para não dar azar, e nunca assobiamos em casa para não ficar sem dinheiro. De acordo com as nossas crenças, nada de bom promete de um espelho quebrado e derramar sal; isso sempre era um sinal de más notícias.

— Foi só um acidente — Vladic rapidamente se agachou para limpar a bagunça que fiz, visto que permaneci estática no lugar.

A parte cientista em mim, a que deveria ser racional, avisava que, apesar da intenção dele fosse me manter calma, ele tinha razão no que afirmava. Era apenas uma superstição boba, mas o meu sangue russo, e o calafrio que senti na espinha, diziam outra coisa.

— Ei, Nina — ele tocou o meu queixo com a ponta dos dedos — Nós vamos ficar bem. Logo isso irá acabar e antes que possa imaginar, esta casa estará cheia de crianças gritando, nos deixando malucos.

A promessa me fez rir. Eu conseguia imaginar perfeitamente pequenas cópias de Vladic deixando meus cabelos brancos. E maior do que qualquer superstição, era o

amor que nos mantinha unidos. Nada poderia ser tão poderoso quanto isso.

— Eu acho que você terá que começar de novo — avisei, mostrando a vasilha caída na mesa.

— Depois — murmurou ele e um brilho animalesco reluziu em seus olhos ao me olhar por inteiro — Agora, eu tenho fome de outra coisa.

— Humm... — lambi meus lábios enquanto abria seu robe e me deliciava com seu peito largo e musculoso — E eu amo o seu apetite, Vladusik.

Como amava tudo o que Vladic fazia comigo.

O casamento de uma garota era o momento mais importante da vida dela. Não sabia dizer se essa era uma verdade universal, já que até bem pouco tempo eu fugia de um compromisso como esse, mas precisava admitir, este era sim, um dos dias mais importantes para mim. O dia que eu me unia a Vladic em uma cerimonia, que abençoaria ainda mais nosso amor.

Eu já sentia que pertencia a ele, como o convencido gostava tanto de destacar, como também sabia que ele se entregou a mim de alma e coração, então, talvez, seja por

isso que a data fosse tão importante para nós. Desejávamos fazer isso. Estávamos ansiosos e felizes por nos casar.

E estava tudo perfeito, com exceção de um pequeno detalhe, impossível de ignorar.

— Kyara?

Minha melhor amiga, minha irmã de coração como gostávamos de afirmar, dedicara o dia todo para me fazer companhia e ajudar nos preparativos. Sua filhinha, a coisa mais fofa que eu já tinha visto no mundo, estava com o pai babão, para que tivéssemos mais tranquilidade.

— O que foi? — ela se juntou a mim, que me encarava no espelho.

— Você sentiu falta dela? Da sua mãe? — indaguei procurando seus olhos através do reflexo — Dos seus pais? No dia do seu casamento?

Vladic, Kyara e eu tínhamos essa coisa em comum, perdemos nossos pais ou um deles, cedo demais.

— Senti, muita falta. Mas eu também senti que em algum lugar, seja lá onde estivessem, estavam olhando por mim — ela abriu um dos seus sorrisos doces e colocou a mão em meu ombro — E que deveriam estar tão felizes quanto eu, que estavam abençoando minha união com Dmitri.

Respirei fundo e um suspiro me escapou dos lábios. Não de tristeza. O dia hoje não me permitia isso.

— Também penso assim. Que a minha mãe está olhando de algum lugar e está feliz em me ver feliz.

Essa era a minha forma de receber o abraço dela, o que nunca pôde me dar, nem nesse dia tão especial, meu casamento.

— E você esteve lá comigo. Sua presença fez tudo ficar ainda melhor e mais bonito.

Não tínhamos as nossas mães ao nosso lado, mas contávamos uma com a outra, além de todas as pessoas que nos amavam. Como os nossos homens perfeitos.

— Obrigada por estar aqui — virei-me para ela, abraçando-a forte — O dia não teria sido tão divertido sem você.

— Agora, chega de bobagens — disse Kyara secando uma lágrima furtiva — Você está linda, Irina. Precisa continuar perfeita para quando Vladic te ver.

— Acha que ele vai gostar? — indaguei, voltando a me encarar no espelho, no meu vestido de noiva.

Ela grudou seu rosto no meu e juntas observamos o modelo que eu tinha escolhido, algumas semanas após o jantar de noivado.

— Se Vladic já não fosse tão apaixonado por você, certamente, isso aconteceria hoje. Você parece uma princesa.

Não pelo modelo, eu tinha escolhido algo entre o moderno e romântico, mas porque eu realmente me sentia

assim, uma princesa prestes a se unir ao seu príncipe.

E eu esperava que o nosso *felizes* fosse *para sempre*.

CAPÍTULO 32

VLADIC MILANOVIC

Encarei o homem em um elegante terno cinza, diante do espelho, depois em volta do quarto, que imaginava olhar pela última vez. Ainda não tinha chegado a uma conclusão do que faria com a cobertura. Assim que retornássemos da lua de mel, passaríamos a morar na mansão Novitsky.

A casa era grande o suficiente para nos dar privacidade como casal, e o mais importante nessa decisão era que Irina não deixaria o pai sozinho. Contanto que ela estivesse feliz, onde moraríamos não me importava.

Irina sugeriu que mantivéssemos o apartamento, como um refúgio, nosso secreto ninho de amor, como preferia dizer e, por enquanto, eu postergaria a decisão final para quando retornássemos.

— Vladic?

Virei em direção à voz e encontrei meu irmão parado na porta. Yasha, sua filha recém nascida, dormia tranquilamente em seu colo. Eu já tinha visto muitos lados de Dmitri, mas a do pai babão e orgulhoso provava ser o mais divertido de todas.

Como Kyara tinha tirado o dia de folga para fazer companhia à minha noiva, ele ficara encarregado de cuidar da bebê. E, pelo visto, Dmitri estava levando muito a sério essa nova missão. Eu não tinha escutado o choro da menina em nenhum momento desde que eles chegaram à cobertura.

— Pronto para o passo mais importante da sua vida?

— Um dos mais importantes — o relembrei ao observar o anjinho em seu colo.

Esperava e daria tudo de mim para que Irina e eu viéssemos a ter momentos tão importantes como o de hoje, durante o restante de nossas vidas.

— Mas, sim, estou pronto para me casar.

Um pouco nervoso, deveria admitir, mas os longos e torturantes minutos esperando no altar, perderam a importância quando ouvi a marcha nupcial começar a tocar e avistei Irina entrando na igreja, sendo conduzida por seu pai.

Ona krassívaia. ^[20]

Durante todo o seu suave caminhar pela nave, não consegui desviar meu olhar de seu sorriso lindo, enquanto os meus olhos reafirmavam o que sempre soube. Irina era linda e no vestido branco, com renda e pequenos e delicados cristais, que a faziam reluzir como uma deusa caindo do céu diretamente para mim, roubando completamente o meu fôlego.

— Vladic — murmurou Viktorova em um tom emocionado, unindo a mão de sua filha à minha — Eu te

entrego o meu maior tesouro. Cuide bem dela e terá sempre o meu respeito.

— Eu prometo — murmurei, sem desviar o olhar por um único segundo dela.

Assim que entrelaçamos nossos dedos, curvei sobre ela, depositando um beijo carinhoso em sua testa e juntos caminhamos em direção aos nossos lugares no altar.

Tentei acompanhar a maior parte da mensagem do sacerdote, mas muitas vezes me peguei admirando e retribuindo os sorrisos emocionados que Irina me dava.

Trocamos as alianças e eu mal pude esperar o aviso, se é que ocorreu algum, para que finalmente pudesse beijar minha esposa. Um beijo que deixou suficientemente claro a todos os presentes que esta união estava sendo firmada pelo amor.

Deixamos a igreja felizes, recebendo chuvas de arroz e pétalas de rosas a cada passo que demos em direção à limosine, principalmente quando paramos para um longo e apaixonado beijo antes de entrarmos no carro.

A dança dos noivos era minha melhor desculpa para tê-la só para mim, em meus braços, por isso exigi não apenas a valsa tradicional, mas três músicas seguidas.

— Feliz, *mílaya*? — indaguei, trazendo seu olhar sonhador, em torno dos convidados espalhados pela festa, de volta para mim.

— Sinto que mal conseguirei mover meu queixo amanhã — admitiu, se possível, o sorriso ficando maior do que nunca — Não consigo parar de sorrir. Então, a resposta é sim. Feliz como nunca estive em toda a minha vida.

Girei com ela ao ritmo da valsa e aproveitei para prendê-la mais junto ao meu corpo.

— É só o primeiro de muitos dias felizes — era mais do que uma promessa.

Eu fazia um juramento silencioso, um que estava mais do que determinado a cumprir.

Depois da dança, fizemos tudo que era esperado dos noivos. Cumprimentamos a maior parte dos convidados; cedi Irina para que dançasse com o pai, Dmitri, Ivan, alguns *Kapitany* e até mesmo com Voronov, que só não estrangulei porque Kyara me tirou para dançar, tentando desfocar minha atenção da melhor forma que podia.

Posamos para mais fotos, cortamos o bolo e Irina jogou o buquê, que caiu nas mãos de Anatoli, que feliz e sorrindo timidamente, não percebeu o olhar assustado de Ivan.

— Por que os homens têm tanto medo do casamento? — indagou Irina ao observar o casal, e chegando à mesma conclusão que eu.

— Eu não tive. No momento que a vi, pensei: Eu vou me casar com essa mulher.

— Verdade? — seu olhar desconfiado me estudou atentamente e não pude evitar deixar um sorriso escapar.

— Não. O que eu pensei mesmo foi: eu quero a boceta dela.

— Vladic! — recebi um merecido tapa no peito — Você não consegue ser menos ogro, não?

— É por isso que você me ama — retruquei em um tom convencido.

— Não — seu olhar apaixonado encontrou o meu e foi como se tivesse levado uma pancada no peito, deixou-me completamente desnortado — Eu te amo, incluindo isso. Com todas as qualidades e defeitos, Vladusik.

— *Ya lyublyu tebia*, Nina.

— Eu te amo mais — seus lábios tocaram os meus suavemente.

Não levou muito tempo para esquecermos do mundo e nos refugiarmos em um lugar onde pudéssemos sucumbir à toda paixão que nos fazia incendiar.

Já fazia dois dias que estávamos em Lárnaca, em um refúgio paradisíaco, situado na costa sudeste da ilha de Chipre, para a nossa lua de mel. Foram três dias de festa antes de viajarmos. Comemoração que tanto eu quanto Dmitri fizemos questão que nossas mulheres aproveitassem. Não sabíamos dizer por quanto tempo mais duraria a calmaria dos últimos tempos. Slavik andava

surpreendentemente silencioso. Nossa atenção e cuidado andavam redobrados.

— Vladusik?

Baixei o olhar para a linda garota despertando, agarrada ao meu peito.

— Já acordou? — indaguei o óbvio.

Depois do sexo louco que tivemos, assim que retornamos de um dos nossos passeios onde exploramos ao redor da ilha, Irina desabou em meus braços, saciada pelo prazer.

Eu não consegui me desligar, passei boa parte do tempo com os meus olhos vagando entre o mar calmo, quebrando na praia, que eu podia observar através das portas duplas na varanda do quarto, e o rosto perfeito e tranquilo de minha esposa. Enquanto isso, minha mente persistia em voltar à Rússia.

— No que você está pensando, *míley*? — Ela afagou minha testa com a ponta dos dedos como se com isso quisesse afastar a linha de preocupação.

Ela me conhecia bem. Mas essa era a nossa lua de mel, o momento mais aguardado por nós e eu não achava justo eclipsá-la com preocupações das quais não poderia lidar agora.

— Que ainda temos muitos dias neste pequeno paraíso — respondi, girando o corpo sobre o dela, cobrindo-a — E

vou fodê-la de todas as formas que nunca seria capaz de imaginar.

Seus olhos brilharam com a chama de desejo, foi o convite necessário para que tomasse posse de sua boca convidativa.

Irina gemeu quando lambi seu lábio superior, depois, o inferior. Uma mordida suave neles a fez estremecer e voltei a mergulhar a língua para dentro de sua boca.

Trocamos vários beijos que fizeram nossos corpos ficarem em chamas, delirando, enquanto nos acariciávamos.

— Vladusik — ela sussurrou por mim.

Sempre que Irina me chamava desse jeito, sentia como se uma fera dentro de mim despertasse. Estava tão excitado que tinha impressão que iria derreter de tanto que ardia por ela. Eu tinha fome de Irina.

Então, fui escorregando meus lábios por seu pescoço, chegando rapidamente em seus seios. A imagem dos bicos ficando duros me fez delirar e queimar ainda mais de tesão. Mordisquei um, depois o outro. Unindo-os com as minhas duas mãos, tendo diante de mim um banquete delicioso. Mamando em seus seios como um bezerrinho a se alimentar.

Minhas carícias a faziam gemer mais alto e seus dedos afundaram em meus cabelos. Eu gostava da forma que ela os puxava sempre que o prazer a dominava. Cada vez mais sedento, voltei a escorregar minha língua e os lábios por seu copo macio, chegando ao púbis, beijando-o.

Abri ainda mais suas pernas, colocando-as sobre meus ombros. Me delicieei por alguns segundos com a visão de sua boceta aberta para mim, em um convite impossível de recusar.

— Eu amo a sua boceta, querida — confessei, caindo sedento na abertura encharcada pelo prazer — E amo ainda mais quando goza para mim. Goza para mim, Nina.

Ouvir sacanagens ainda a deixava tímida, mas a cada reação de seu corpo, percebia que isso a excitava também. E eu vibrava vendo-a enlouquecida de tesão.

Caprichei nas chupadas em seu clitóris, com lambidas molhadas, fodendo-a tanto com minha língua voraz, como com os meus dedos, girando e estocando sua boceta.

— Ah... Vladic! — Irina gemia, desnorteada, e eu tomei cada gota melada que recebia dela.

O olhar embriagado logo ganhou a companhia de um sorriso atrevido ao observar meu pau rijo e pronto a explodir.

— Minha vez — avisou, a língua passando sensualmente por seus lábios.

E eu esfreguei meu pau diante da visão sedutora. Ela engatinhou até mim, ficando de joelhos. Quando tocou a ponta de minha ereção com a língua, lambendo de um jeito de quem apreciava seu doce favorito, fez meu corpo estremecer.

— Caralho! — bradei e enrolei seus cabelos em meu punho, guiando os movimentos de sua boca em meu pau, o

suficiente para me dar prazer, mas não ao ponto de me fazer gozar, como via a intenção brilhar em seus olhos determinados.

Deixei que Irina brincasse um pouco com seu brinquedo favorito e quando meu prazer chegava quase ao ponto máximo, a fiz cair sobre a cama novamente. Abri suas pernas, e ao esfregar os meus dedos em sua boceta, encontrando-a pronta para me receber, com um gemido afundei-me para dentro dela.

Desde que soube que tomava anticoncepcional e que recebi os exames comprovando que estava tudo certo com minha saúde, abolimos completamente o uso da camisinha. Não haveria outras mulheres para mim e eu seria sempre o único homem para Irina. Pensar nisso me dava um tesão do cacete.

— Isso, amor — suas pernas envolviam minha cintura, enquanto eu mudava as investidas lentas e longas por estocadas mais fortes — Assim.

Eu sabia exatamente quando ela iria gozar. Sua boceta apertava ainda mais em volta do meu pau, me ordenhando, e ela ficava quente.

— Porra, Nina! — Eu estava no meu limite, então, afastei-me o suficiente para que minha mão pudesse acariciar seu nervo inchado e sensível.

Observei-a se quebrar para mim, contorcendo enquanto o prazer a consumia duro.

Eu queria mais, precisava de mais. Tinha uma necessidade inexplicável de virá-la do avesso.

Coloquei-a de quatro. A visão do seu traseiro redondo, empinado para mim, deixou-me ainda mais duro, ao ponto de fazer minhas bolas pesadas doerem.

Abrindo suas nádegas com minhas mãos espalmadas, curvei-me, lambendo desde sua abertura úmida até o buraquinho rugoso, onde fiz uma leve carícia com a ponta da língua, que a fez estremecer e saltar para frente.

Segurei seu quadril com mais força e sem conseguir resistir, deposei um tapa, fazendo a bochecha de sua bunda ficar rosada e Irina emitir um gemido de prazer.

— Eu quero foder você aqui, *mílaya* — avisei, enfiei meu pau em sua boceta com um movimento certo e profundo.

O prazer correu intenso por mim ao ponto de me fazer fechar os olhos por um momento. Recuperando o controle, voltei a fodê-la, enquanto com o dedo acariciava seu ânus, impulsionando-o para dentro dela.

— Confia em mim, Nina?

Já tínhamos tentado penetração anal usando uns brinquedos menores algumas vezes e meus dedos.

— De todas... as formas que... — ela respondia com gemidos escapando por seus lábios, a cada arremetida do meu pau em sua boceta, que pulsava mais forte — eu não conseguiria imaginar.

Eu amava a sua entrega. Ficava maluco em vê-la se jogar de cabeça em todas as aventuras que eu propunha. Impulsionado por sua entrega, afastei-me um instante, buscando o lubrificante em meio a outros apetrechos sexuais que usamos. Joguei uma dose generosa desde as suas costas até a bunda, massageando e admirando a pele brilhar com o óleo.

Afastei mais suas coxas e esfreguei minha boca em sua entrada escorregadia. Dediquei um tempo ali, chupando-a, lambendo, fazendo-a se contorcer com minhas carícias.

Depois, me posicionei atrás dela, jogando um pouco mais do líquido que facilitaria minha entrada. Iniciei suavemente, sentindo a glândula entrar, e ao vê-la tensionar o corpo, parei.

— Relaxa, *mílaya* — passei minha mão carinhosamente por sua bunda e costas — Pode doer apenas no início, mas será bom, prometo.

Com meu pedido, a vi agarrar mais forte o lençol e o corpo começar a relaxar. Voltei a penetrá-la, lentamente. A cada centímetro que avançava, o prazer se intensificava em mim e seus gemidos mudavam de dor para prazer.

— Tudo bem — sussurrei, completamente empalado nela, curvei-me sobre suas costas, beijei seu pescoço e parte de seu rosto suado, com carinho.

Ao me reerguer, cravei meus dedos em sua cintura, agarrando-a firme. Os movimentos começaram lentos,

enquanto eu deixava seu interior deliciosamente apertado ir se ajustando a mim.

— Humm... humm, Vladusik — agora, seus choramingos eram apenas de prazer e isso me colocava louco — Mais...

Estava me saciando de Irina, enquanto sentia que ela me consumia por inteiro.

Inclinando mais uma vez sobre ela, impulsionei seus ombros em direção à cama, fazendo com que seu rosto escorasse contra o travesseiro, depois, busquei sua mão, levando-a entre suas coxas.

— Toque a si mesma, querida — ordenei, agarrando sua cintura outra vez — Isso, assim.

Enquanto atendia ao meu pedido, eu a sentia se abrir um pouco mais para mim.

Oh, meu Deus! A porra da minha mente iria entrar em ebulição.

Cada vez mais possessivo e dominado pelas sensações que me governavam, apertei mais sua pele, entrando e saindo dela com força e velocidade.

Uma, duas, três... sete vezes, perdi as contas quando Irina gritou, pranteou e explodiu em um prazer intenso, que rapidamente também me atingiu, quase me levando a perder os sentidos.

Gozamos juntos.

Quando as estremecidas causadas por um dos orgasmos mais potentes que tivemos começaram a diminuir, fui saindo lentamente de dentro dela, arrancando mais dos seus gemidos de prazer. Caí ao seu lado, trazendo-a para junto do meu peito.

Beijei sua testa suada e recebi um sorriso preguiçoso e satisfeito.

— Tinha razão — ela sussurrou com a voz fraca.

Sua respiração estava exatamente como a minha, irregular.

— Sobre o quê?

Minha mente ainda estava tentando voltar à realidade.

— Eu nunca teria imaginado tanto prazer assim — confessou, meio tímida.

Nem parecia a mesma tigresa que há pouco pedia para que eu fodesse duro. Esta, entre tantas facetas de Irina, me encantava cada dia mais.

— Estamos apenas começando, Nina — beijei a ponta de seu nariz, vendo os seus olhos cansados começarem a fechar — Apenas começando.

Na tarde seguinte, eu me divertia vendo Irina saltar as ondas quebrando na areia, como uma garotinha feliz,

enquanto retirava da cesta a comida que tínhamos separado para passar a tarde na praia.

Gavno! Eu amava tudo nessa mulher e às vezes ficava assustado com a intensidade desses sentimentos, que apenas cresciam. Eu não sabia o que não faria por ela, quando tinha a certeza de que seria capaz de fazer tudo.

— Senhor?

Algo que foi impossível evitar durante nossa curta viagem foi a presença dos *boyevik* responsáveis por nossa segurança. Eu não conseguiria relaxar me imaginando distrair por alguns segundos e algo acontecer à minha esposa.

— Sim? — virei-me para encará-lo e avistei-o com o telefone na mão.

Rurik significava para mim o que Ivan representava para Dmitri. Os homens mais próximos de nossa confiança.

— É o *Pakhan*, senhor.

Imediatamente comecei a me erguer, ficando em alerta. Meu irmão não entraria em contato comigo, através de um *Vor*, se não fosse algo urgente. Olhei em direção ao mar, onde Irina agora nadava.

— Fique de olho nela — ordenei a Rurik e caminhei rapidamente em direção à casa.

Entrei, mas permaneci na varanda onde podia observar o soldado a postos e Irina boiando na água.

— Dmi?

— *Vladic. Eu não queria ter que trazer esse assunto em meio a sua lua de mel* — apesar de seu tom soar calmo, sentia a tensão no ar — *Mas achei, até mesmo para a sua segurança, que o assunto era importante.*

— O que aconteceu, Dmi?

Não poderia ser nada relacionado a Kyara e sua filha, mas não menos preocupante.

— *O carro de Ivan foi atacado essa manhã...* — disparou ele.

— Slavik? — interrompi, antes mesmo que ele pudesse terminar.

Eu sabia que estava tudo calmo demais. Não levaria muito tempo para que Slavik nos atacasse diretamente ou a alguém ligado a nós.

— Ivan está bem?

Enquanto ouvia a explicação de Dmitri, observava Irina conversando com Rurik, enquanto ele a ajudava a colocar as coisas de volta na cesta.

No fim da ligação, cheguei à mesma conclusão que Dmitri.

Precisávamos voltar imediatamente.

CAPÍTULO 33

IRINA MILANOVIC

Assim que olhei nosso lugar na praia e só avistei Rurik fazendo guarda, compreendi imediatamente que alguma coisa não estava bem. Saí do mar imediatamente e fui em direção ao *boyevik* de terno escuro.

— Rurik? — apressei-me em me cobrir com a saída de banho, Vladic ficava muito enciumado quando eu usava trajes que revelassem bastante do meu corpo quando seus guardas estavam muito perto, de qualquer forma, eu não me sentia muito à vontade — Onde está meu marido?

— Na casa, Sra. Milanovic — apesar de seus olhos não estarem pregados em mim, podia notar que ele estava atento a cada movimento que eu dava — Atendendo uma ligação do *Pakhan*.

Meu coração disparou com a informação, mas eu procurei manter a minha mente calma.

— Me ajude a recolher as coisas, Rurik.

Para Dmitri ter ligado em plena nossa lua de mel, coisa boa não era. A única vez que tivemos contato com o casal, desde que chegamos à ilha, foi através de Kyara e foi no meu telefone.

Recolhemos tudo rapidamente, encarreguei-me de carregar as roupas e Rurik, todo o restante. Quando entrei na casa, Vladic colocava nossas malas sobre a cama e eu entendi que a tão sonhada e planejada lua de mel tinha acabado.

— Vladic?

Ele parecia enfurecido abrindo portas e gavetas, jogando as coisas na mala sem delicadeza alguma.

— Eu sinto muito, Nina — os olhos furiosos caíram em mim, mas eu sabia que o motivo de sua revolta não era comigo — Mas nós precisamos voltar. É o mais seguro.

Tínhamos pelo menos meia dúzia de seguranças à nossa disposição, ainda assim, Vladic achava ser perigoso ficarmos aqui, então, a situação era pior do que eu imaginava.

— O que aconteceu? — indaguei indo até o closet, começando-o a ajudá-lo a pegar nossas coisas.

— Ivan foi atacado essa manhã, em frente a casa dos avós de Kalina — disse ele, e a notícia começou a me deixar nervosa — Acho que tinham ido à igreja ou alguma coisa assim. Não entrei em detalhes com Dmitri. Mas Ivan atacado, você sabe o que isso quer dizer?

Ivan era o chefe de segurança da Bratva. Ele comandava nossa linha de defesa. Esse era um aviso claro de que Slavik tentaria chegar até nós, mais precisamente em

Dmitri, que era o *Pakhan*, e Vladic, que poderia ocupar seu lugar em caso de baixa.

— Foi Dmitri que pediu que voltássemos.

Como cientista e membro ativo da Bratva, eu sabia que o melhor era estarmos em nosso território. Como esposa, eu queria ver Vladic bem longe dessa guerra absurda. Eu não tinha me casado para me tornar viúva, e só em pensar em uma tragédia como essa perdia o ar.

— Nina? — Vladic me sustentou pela cintura quando me viu fraquejar — Ele aconselhou. E eu concordo com ele. Preciso ter você em casa e segura ou não seria capaz de me concentrar em mais nada.

Em tese, ele tinha razão, mas na prática, era muito difícil manter as emoções, principalmente o medo, dominadas.

— Tudo bem — este era o momento que eu precisava mostrar minha força a ele — Vamos voltar para casa.

Pegamos tudo o que era preciso e em poucos minutos estávamos no carro, tendo uma comitiva atrás de nós, enquanto seguíamos para o aeroporto.

Foram quase quatro horas de voo que passamos praticamente em silêncio. Durante esse tempo, Vladic conseguiu esclarecer que Ivan estava vivo, graças ao colete à prova de balas que usava embaixo do terno. Sobre Anatoli, Kalina e seus avós que estavam com ele, não soube informar, pois, assim que Dmitri jogou a bomba sobre sua

cabeça, o passo seguinte foi cuidar dos detalhes do nosso regresso a Moscou.

— Eu quero que você fique aqui — informou Vladic assim que o nosso carro começou a entrar na mansão Milanovic — Até que eu consiga averiguar a gravidade da situação.

Eu queria ir com ele até o hospital. Tinha um carinho especial por Ivan, sem contar em Anatoli que aprendi a gostar, mas não queria colocar mais pressão em Vladic abrindo uma discussão desnecessária neste momento.

— Se cuida — pedi quando ele abriu a porta para que eu entrasse na casa — E mande notícias assim que puder.

Recebi um dos seus beijos que sempre me deixavam mole, mas este tinha um leve ar de desespero. Não queríamos nos separar, mesmo que por algumas horas, mas era necessário.

— Irina? — O chamado veio de Kyara que descia as escadas.

Ela correu em direção a mim, que fui até ela com a mesma urgência. Abraçamo-nos apertado. Kyara tinha se tornado como uma irmã para mim e eu sabia que seus sentimentos comigo eram iguais.

Encaramo-nos com os olhos úmidos. Estávamos na mesma situação. Os homens que amávamos corriam perigo, bem debaixo dos nossos olhos, e sentíamos que nada podíamos fazer.

— Eu não queria que a sua lua de mel terminasse assim.

Sei que suas desculpas eram verdadeiras, a dela com Dmitri também tinha sido interrompida por causa do maldito Slavik.

— O que aconteceu, Kya? Vladic não pôde me explicar direito. Ele só tinha em mente voltarmos para casa.

Segurando minha mão, ela me conduziu até a saleta onde nos acomodamos em duas poltronas próximas à janela.

— Ivan estava deixando Anatoli, Kalina e os avós dela em casa quando o carro foi alvejado por tiros — iniciou Kyara com a voz estremecida.

Eu sabia o que a narrativa a fazia lembrar. Há muitos anos, seus pais foram alvos de um ataque parecido em frente à casa dos Kamanev, apenas Kyara tinha sobrevivido ao massacre.

— Foi armamento pesado e... — ela levou a mão ao rosto e com um nó na garganta dei tempo para que ela se recuperasse — Atiraram neles. Ivan só conseguiu proteger a menina.

Levei meu punho fechado aos lábios enquanto via Kyara se desfazer em lágrimas.

— Que tipo de pessoas atiram em uma criança inocente?

Tipos como Slavik e soldados que seguem os comandos dele. Covardes sem coração ou medo.

— Anatoli?

Sabia que Ivan e a menina ficariam bem, mas meu coração esperançoso queria ter boas notícias sobre minha nova amiga.

— Não resistiu — Kyara caiu em um choro compulsivo — nem ela nem os avós de Kalina.

Sentindo o coração tão pesado a presenciar seu choro sentido, ajoelhei-me em frente a ela, abraçando-a.

Choramos juntas pelos que injusta e cruelmente tinham sido arrancados de nós, como pelo futuro que parecia cada vez mais escuro.

— Ela pegou o meu buquê — sussurrei, e relembrar isso causou uma nova pontada em meu peito.

Conseguia me lembrar perfeitamente do sorriso feliz de Anatoli ao pegar o buquê, sorrindo encantada para um Ivan divertidamente aterrorizado.

— A culpa é minha — murmurei, não conseguindo conter o soluço e isso fez Kyara se afastar e me olhar com surpresa — O sal. Eu derrubei o sal e...

Racionalmente, eu sabia que não podia seguir nessa direção, mas quando o bichinho da culpa decidia nos procurar, tudo parecia perder a lógica.

— O único culpado de tudo isso é o maldito Khomialov! — Ela segurou o meu rosto e eu mal conseguia vê-la através de minhas lágrimas — Nunca mais diga uma coisa dessas, entendeu, Irina? Não vou permitir.

Assenti, balançando a cabeça. Kyara tinha razão, eu tinha que concentrar minha raiva em Slavik. Cedo ou tarde, e esperava que fosse brevemente, ele pagaria por tudo que estava fazendo.

— E Kalina? — minha preocupação agora se direcionou à criança.

— Está muito assustada. Ela mal saiu de um trauma e já enfrenta outro — Kyara passou as mãos pelo rosto, secando-o — Está em meu quarto com Yasha e Darya. O bebê ajuda a distraí-la e não perguntar tanto da sua Toli.

— Sem os avós e a babá que a tratava como filha, a menina estava praticamente sozinha no mundo.

— Não vou deixar que Dmitri a entregue a aqueles tios horrorosos — disse Kyara enfaticamente.

— Vai ficar com ela.

Novas lágrimas surgiram em seus olhos, mas ela as segurou bravamente.

— Olenka e Fjodor Kamenev foram bons para mim — não se podia dizer o mesmo dos filhos deles, mas o casal tinha sido bons pais adotivos para Kyara — Talvez seja essa a minha missão com Kalina. Devolver em dobro todo o amor que eu recebi.

Kyara era muito boa, mas se ela não tomasse a iniciativa de ficar com Kalina, eu mesma faria isso e tinha certeza que Vladic não iria se opor.

— Me ajuda a segurar as pontas até Dmitri e Vladic voltarem? — indagou, esperançosa.

Ela não precisava me fazer esse tipo de pedido.

— Estou aqui para isso.

Seguimos abraçadas para o quarto dela e quando entramos, pegamos a cena mais doce diante de tanta tragédia. Kalina e Yasha, uma ao lado da outra na cama, a menina segurava as mãos do bebê junto ao seu rosto e as duas dormiam como anjinhos.

— Acabaram de adormecer, senhora — avisou Darya em um sussurro.

— Obrigada — disse Kyara — Pode descansar, Darya. Irina e eu ficaremos de vigília.

Assim que a empregada se retirou fechando a porta cuidadosamente, nossa atenção voltou às crianças na cama. Uma delas mal acabara de chegar a esse mundo maluco e a segunda, aprendia pela segunda vez o quão cruel ele poderia ser.

Mas elas podiam contar com todos nós que as amavam. Eu seria capaz de tudo para proteger quem eu amava.

Tudo.

VLADIC MILANOVIC

Quando encontrei Dmitri no hospital, cercado por seus homens, pude sentir uma parcela do que ele viveu durante todos os dias que me mantive hospitalizado. Claro que o desespero dele foi muito mais forte, ali estava seu irmão lutando pela vida.

— Dmi? — os homens se afastaram assim que me viram chegar.

Independente do nosso parentesco, o certo era que me dirigisse em público a ele como *Pakhan*. Foda-se o protocolo, o clima estava ficando realmente ruim. Ivan era nosso *Obschak* e se nossa segurança estivesse fraca, também ficaríamos.

— Como Trotsky está?

— Vai ficar bem. Uma bala passou de raspão pela cabeça.

Claro que a saúde de Ivan era importante. Mas tudo que implicava ao ataque a ele também era.

Após o breve relato de Dmitri de como as coisas ocorreram rapidamente e de forma brutal, tivemos autorização de entrar no quarto de Ivan.

Encontramos Trotsky lutando com a enfermeira que tentava fazê-lo voltar para a cama.

— Ivan — Dmitri chamou por ele — Você precisa desacelerar e ficar bem.

— Bem?

Trotsky sabia que o olhar duro que dirigia a seu superior poderia ser encarado como insubordinação, o que Dmitri não fez. Estávamos diante de um homem ferido não apenas no corpo, mas na alma. Podíamos identificar o tormento dentro dele através de seu olhar frio para nós.

— Ela está morta — a afirmação amarga desconcertou tanto a mim quanto a Dmitri — Eu vou destruir Slavik nem que seja a última coisa que eu faça na vida.

Eu via mais do que fúria brilhando nos olhos dele. O desejo de justiça. Não conseguia me colocar na pele de Ivan, perder a mulher importante para mim, porque apenas cogitar essa possibilidade me deixava maluco. Mas eu entendia o ódio dele pelo chefe da Tambovskaya; a Bratva inteira estava em risco.

— Nós vamos fazer isso — curvei-me a ele, segurando firme o ombro que não continha um curativo — Prometo isso, Ivan. Por Anatoli e toda a Irmandade.

— Mas agora, você precisa se recuperar — acrescentou Dmitri — Mais do que nunca iremos precisar de você, Ivan.

Não era insensibilidade de Dmitri exigir isso dele. Quando se mergulhava tão fundo na escuridão como Ivan, um homem precisava de algo para manter o foco. O trabalho seria onde ele se agarraria e que o impediria de enlouquecer.

— O que você vai fazer, Dmitri? — indaguei quando saímos do quarto.

— Convoque Nilkolai, depois, todos os *Kapitany* para uma reunião — sua expressão poderia não estar emitindo nenhum sinal, mas o olhar deixaria qualquer outro despreparado sentir arrepios na espinha — Khomialov já foi longe demais.

Eu tinha os mesmos anseios assassinos de Ivan, mas sabia que, no momento, precisaríamos agir com cautela antes de revidar.

CAPÍTULO 34

IRINA MILANOVIC

Compareci a poucos enterros em minha vida, em sua maior parte eram obrigações sociais e profissionais ligadas ao meu pai e nossas instituições.

O dia de hoje nos marcava mais do que pela tristeza em nossos corações, pela revolta e desejo de justiça. Representava o início de tudo.

Recuar? *Jamais.*

Lutar? *Sempre.*

Vencer? *Imprescindível.*

A morte de Anatoli não poderia ficar impune. Tinha nos marcado de uma forma que ficaria eternamente em nossos corações.

— Ivan?

Essa era a primeira vez que conseguia falar com ele desde que tudo aconteceu.

— Sinto muito — aproximei-me dele, colocando a mão em seu ombro em um gesto de conforto.

Ele assentiu com um gesto de cabeça e voltou sua atenção para o caixão começando a ser coberto de terra.

Eu não sabia o que fazer para amenizar a sua dor, menos ainda o que dizer em um momento tão delicado. Então, apenas permaneci ao seu lado, em silêncio, observando a terra ser jogada sobre o caixão.

A morte é como um banqueiro, não importa o quanto você se esforce, algum dia seu saldo estará negativo para ela. Mas havia um saldo que nem a morte poderia cobrar, o amor. Ele não acabava quando a vida se esvaía. Eu via isso ao observar Kalina se desprender de Kyara e correr em nossa direção. Ela parou ao lado de Ivan, olhou esperançosamente nos seus olhos tristes e sua mão pequenina buscou a dele.

O tempo que Ivan se relacionou com Anatoli, claramente o fez conquistar a confiança da menina, que devido a seu passado traumático, receava, compreensivelmente, ter fé nas pessoas.

— A Toli não vai voltar? — Ela indagou a ele.

Fiz o possível para não desmoronar diante da pergunta inocente, enquanto via Ivan se agachar e pegar a menina no colo.

— Ela não vai voltar, anjinho — pensava que esse seria o único momento de suavidade que Ivan se permitiria ter diante da couraça que decidiu colocar em seu peito — Mas dentro dos nossos corações, ela nunca terá ido embora. Vamos amar a Toli, sempre, não é mesmo?

Existia um limite de emoção que eu poderia suportar e ver esse homem forte, até há poucos minutos de olhar duro e angustiado, ser tão delicado com a menina, me quebrou.

Vladic me puxou de volta para ele e juntos fizemos como os demais presentes, observando a cena tocante. Os sentimentos foram mais fortes que nós.

— Sinto falta dela — Kalina choramingou, agarrando-se ao pescoço de Ivan.

— Eu sei, meu amorzinho — ele afagava seus cabelos, enquanto tentava consolá-la, ou a si mesmo — Eu sei.

Pouco a pouco as pessoas foram se retirando, ficando no local apenas Dmitri, Kyara e os *boyevik* responsáveis pela segurança, enquanto as duas almas mais feridas faziam sua despedida dolorosa.

— Aqui — Vladic entregou-me um lenço que tirou do bolso e eu assoei o nariz ruidosamente.

Eu deveria estar com uma aparência horrorosa, com olhos inchados, nariz e bochechas vermelhos. Mas a minha aparência era a última coisa que me importava agora.

— Foi tão triste — murmurei quando ele me acolheu em seu peito — Eles estão tão quebrados, Vladic.

Perder quem se ama era a dor mais profunda que alguém poderia ter e eu não conseguia me imaginar no lugar de Ivan e Kalina.

— Vamos ajudá-los a superar isso, Nina — murmurou Vladic afagando meus cabelos — E a justiça será feita.

Isso era o mínimo que precisávamos para voltar a ter os nossos corações em paz.

Apesar de meu trabalho ser muito importante para a nossa organização, eu nunca tinha presenciado uma reunião da Bratva com os *Kapitany*. Mulheres não eram bem-vindas, mesmo a esposa do *Pakhan* e *Avtoryet*.

— Veja como estão felizes em nos verem aqui — inclinei e sussurrei para que apenas Kyara me ouvisse.

A ideia de acompanharmos a reunião, obviamente, tinha partido de mim, que instantaneamente tinha recebido o apoio de Kyara. Normalmente, ficaríamos cuidando dos nossos próprios interesses e nossos maridos nos colocariam a par do que achariam necessário compartilhar com a gente. Só que eu não era o tipo de mulher que gastava o tempo cultivando flores no jardim ou estourando o cartão de crédito do marido no shopping, fingindo que nada de importante – e que poderia mudar as nossas vidas – estivesse acontecendo.

E não foi uma tarefa fácil convencer Dmitri, principalmente Vladic, a nos deixar assistir a reunião. Mas

bastou usarmos duas palavrinhas mágicas: perigo e segurança.

O que afetava um, atingia o outro. O que os colocava em risco, nos colocava em perigo também. Precisávamos saber o que estava acontecendo, dentro e fora da Bratva.

— Veja o *Kapitan* Kireev — murmurou Kyara de volta em um tom divertido — Se os olhos dele tivessem raio laser, estaríamos fritas agora.

A célula do *Kapitan* Kireev lidava com as ações de lavagem de dinheiro, entre outras transações financeiras. Ele estava acompanhado dos dois filhos, que pelos olhares hostis, tinham os mesmos pensamentos retrógrados do pai.

— Raio laser eu não sei — o olhar assassino que o *Kapitan* direcionava a nós duas divertia-me internamente, mas mantive uma expressão séria — Mas ele, com certeza, está borbulhando por dentro.

Os Ribakov, os últimos convocados desta noite, chegaram, dirigindo-se para os seus lugares, e nós duas seguimos para o lado de nossos maridos, ficando em silêncio ao nos sentar.

— Senhores — a voz de Dmitri ecoou e todo o ruído na ampla sala se acalmou — E senhoras.

Ele tinha o olhar de cada homem fixo nele, mas por alguns segundos, toda sua atenção estava em Kyara encarando-o seriamente, mas com doçura no olhar. Se

alguém tinha alguma dúvida do porquê a nossa presença esta noite, a breve troca de carinho entre eles respondia.

Éramos valiosas para os homens mais importantes dentro da Bratva. Merecíamos e seríamos respeitadas. Com o queixo erguido, olhei rapidamente em direção ao *Kapitan* Keerev que, desconfortável, se remexeu no lugar.

Ele podia ser um homem antiquado, mas burro ele não era. E quanto mais rápido esses homens entendessem que o mundo estava mudando e que a Bratva precisava seguir essas evoluções, seria mais fácil e menos doloroso.

— Estamos oficialmente em guerra com a Tambovskaya — disse Dmitri, sem rodeios.

Um novo burburinho tomou conta do lugar e ele permitiu que cada um fosse absorvendo a informação à sua maneira.

— Por muitos anos, graças ao meu pai e a Alek Khomialov, a paz reinou entre nós — continuou ele trazendo novamente a atenção para si — Mas os dois estão mortos. Slavik está em seu lugar nesse momento. E ele só tem um desejo: que apenas uma organização impere em toda a Rússia.

— Mas o que Khomialov vai descobrir brevemente — a voz de Vladic soou tão imperativa quanto a de Dmitri e só consegui encará-lo, tendo meu peito transbordando de orgulho — É que os únicos seremos nós.

Urros de excitação pela declaração de Vladic fizeram o chão e a parede à nossa volta vibrarem. Inflamávamos o orgulho, o lado guerreiro e a honra desses homens.

— Todos vocês receberam o chip e brevemente será estendido às suas famílias — Dmitri se dirigiu a mim, que tive rapidamente inúmeros pares de olhos me estudando — Irina está cuidando para que seja ampliado o mais breve possível. Outras medidas de segurança serão implantadas a partir de agora. Oriente a todos cuidado e vigilância.

— Slavik não poupará a ninguém — como conselheiro, foi a vez de Savin se pronunciar — Sejam cautelosos.

— Todos os seus *boyevik* — Rurik, que nesse momento ocupava o lugar de Ivan, também teve sua oportunidade de ser ouvido — Devem se apresentar até amanhã ao Centro de Treinamento. O Código Sete está acionado.

— O que vai fazer, *Papa*?

A pergunta veio de alguém no fundo da sala.

— Quando vamos atacá-los? — outro *Kapitan* se pronunciou.

Outras perguntas foram surgindo, uma atropelando a seguinte até que Dmitri batesse o punho contra a mesa, restabelecendo o silêncio outra vez.

— Primeiro, não vamos cometer o mesmo erro que Slavik, subestimando seu oponente — disse ele em um tom

absurdamente calmo — Vamos enfraquecer a Tambovskaya e, depois atacar.

— Como? — Pashka, o filho mais velho de Kapitan Kereev se ergueu — A Tambovskaya é numerosa e sempre foi famosa por seu alto grau de violência. Eles vivem como selvagens, nas montanhas.

Ter uma área tão aberta e extensa os favorecia para se esconder e se proteger.

— Estamos tomando toda a parte norte — lembrou Dmitri — Logo, eles não terão mais recursos.

E sem o dinheiro que eles recebiam vindos dos cartéis de drogas, eles não teriam como continuar a ter os fornecimentos de armas, ficando em algum momento vulneráveis. E contra armamentos pesado, não haveria montanha no mundo capaz de continuar a protegê-los. Não por muito tempo.

— Iremos tratar diretamente com os ucranianos — avisou Vladic — Mantenham a calma e tenham paciência.

As reações foram as esperadas. Apesar da discordância sobre alguns aspectos entre algumas pessoas, havia um brilho de determinação em todos.

— Morte a Slavik! — um grito ecoou e logo o restante da sala repetia fazendo coro — Morte à Tambovskaya.

— Vida por vida — a voz de Ivan se destacou das demais exaltadas e ele tinha um olhar sombrio ao se dirigir a todos — Sangue por sangue.

Ele tinha se dado alta e apesar de não estar oficialmente de volta ao seu cargo, fez questão de estar presente.

— *Bratsto prezhde vsego* — finalizou Ivan invocando nosso grito de guerra.

Eu não queria uma guerra. Eu não gostava dela. Mas eu também sabia que não havia escolha. Nós precisávamos vencer. Tínhamos que vencer.

Bratsto prezhde vsego!

Mesmo após os *Kapitany* terem deixado a sala de reuniões, o clima pesado permaneceu impregnado na sala.

— Com licença, *Papa* — Ivan, o único que tinha permanecido na sala após todos saírem, se dirigiu a Dmitri — Eu gostaria da sua permissão para tratar pessoalmente com os ucranianos.

Eu não era especialista na máfia ucraniana, mas eu sabia que eram eles os maiores responsáveis por fornecimento de armas ilegais que chegava à Rússia. E pelo breve relato de Vladic enquanto discutíamos o assunto até aqui, para os ucranianos o que importava era quem pagasse mais ou oferecesse melhores negócios. Eles não tinham aliança com ninguém.

— O que precisa, Ivan, é se curar o mais rápido possível — disse Dmitri em um tom claro de que não aceitaria objeções — e que volte logo ao seu posto. Vladic, Savin e eu cuidaremos do assunto no momento.

— Queremos a mesma coisa que você, Trotsky — Vladic apoiou a mão em seu ombro — Justiça. Ela será feita.

— Até que não reste um único homem em pé. — acrescentou Ivan, amargamente — Que não reste nada.

Eu entendia os sentimentos de Ivan ao mesmo tempo que me preocupava na escuridão que ele mergulhava.

— Acredito que devemos parar e vencer Slavik — disse Kyara chamando nossa atenção — Mas eu não acho que mais inocentes devam sair machucados. Devemos vencer isso de forma limpa e justa.

— Com todo o respeito, minha senhora, mas o desgraçado não pensa o mesmo ao nosso respeito — acusou Ivan.

Meu campo era a ciência e também não queria que mais inocentes saíssem feridos, mesmo que fosse do outro lado. A guerra já se encarregaria disso, sem nos esforçamos para tal. Mas Slavik era um homem desumano. Os dois estavam corretos e o que precisávamos era encontrar um equilíbrio nessa balança.

— Sei que precisamos atacar e nos defender — insistiu Kyara em um tom fervoroso ao encarar Dmitri —

Mas não precisamos nos igualar a ele para mostrar nossa força.

Foquei minha atenção no *Pakhan*. Não era uma tarefa fácil para Dmitri. Ser implacável e misericordioso ao mesmo tempo.

— Crianças e idosos nunca foram nosso alvo — ele encarou Ivan, que concordou com um gesto de cabeça — As mulheres que não representarem perigo também.

Depois, ele se virou para a esposa afagando o rosto dela.

— É o máximo que posso prometer, *kheruvim*.

Admirava-me como ele conseguia navegar entre Dmitri Milanovic e o *Pakhan* tendo êxito nos dois. E compreendia por que Vladic acreditava que não existia melhor chefe na Bratva do que ele.

— Agora, as duas nos deixem a sós — sentenciou Dmitri — Temos assuntos delicados para colocar em andamento.

Estava inclinada a protestar, mas a mão de Vladic em minha cintura e, principalmente, o olhar firme que me deu, obrigou-me a ficar calada. Tanto Kyara quanto eu tínhamos conseguido grandes progressos esta noite. E uma das coisas que meu pai tinha ensinado muito bem era que recuar às vezes era o melhor caminho.

— Não está esquecendo nada, Nina? — Vladic indagou, segurando meu braço antes que eu seguisse para

a porta.

O sorriso carregado de pecado eliminou toda a tensão que ainda existia em mim. E quando sua boca cobriu a minha, o beijo me deixou tanto sem chão como sem fôlego.

— Me espere acordada — ele sussurrou dando uma batidinha em minha bunda.

Não havia qualquer possibilidade de eu conseguir dormir. Não sem ele.

— Irina?

Kyara, que se juntou a mim no corredor no instante seguinte, tirou-me do devaneio apaixonado.

— Lembra sobre o que falei em relação ao Centro de Treinamento para mulheres?

Na verdade, eu tinha esquecido esse assunto por um tempo. Aconteceram coisas demais nesse meio tempo que me desligaram desse tema.

— Eu fiquei me perguntando, será que Anatoli não estaria viva se soubesse como se proteger? — ela indagou baixinho, enquanto éramos escoltadas por seguranças à nossa frente para o interior da mansão — Quer dizer, talvez não tivesse se livrado dos tiros, mas, não sei... Que mal faria se tivéssemos os mesmos treinamentos de luta e estratégias de defesa que os homens na Bratva?

Sempre pensei que as mulheres eram capazes de qualquer coisa. Mas nunca tive coragem ou apoio suficiente para levantar essa causa.

Bom, até agora.

— O que exatamente você está pensando, Kya?

Tínhamos todo o tempo enquanto nossos maridos se mantinham ocupados para discutir o assunto.

VLADIC MILANOVIC

Esse seria o primeiro teste do INE-19, o programa espião de Irina que iria nos permitir invadir e roubar informações do governo. Uma tentativa arriscada e que se descoberta nos colocaria em um problema tão grave como o que tínhamos com a Tambovskaya. Mas não era isso que me preocupava no momento. Eu tinha confiança em Irina e sua capacidade profissional.

— Podemos iniciar, *Papa*? — ela indagou seguindo para o equipamento onde Tigran a aguardava.

Dmitri deu o sinal e Irina digitou o conjunto de códigos, que nenhum de nós entedia, enquanto Tigran fazia as imagens no computador serem exibidas em uma projeção para a gente.

Eu não fazia ideia o que todos os símbolos e pastas que ela abriu significavam, mas pela empolgação que notava em seus olhos brilhando sempre que nos encarava, percebia que estava tendo sucesso em sua missão.

A nerd era realmente boa no que se propunha a fazer, e eu só conseguia me ver como um pavão orgulhoso.

Mas nosso contentamento não durou muito. Fui o primeiro a perceber seus ombros começarem a tensionar.

— Irina? — chamou Dmitri, notando algo errado logo depois — Qual o problema?

— Fomos detectados — disse Irina começando a digitar um conjunto de códigos com pressa — Tigran, desative o programa.

— Estamos a trinta por cento de concluir os *downloads* — avisou ele — Se sairmos agora, perdemos tudo.

Essa era uma decisão difícil que precisava ser tomada rapidamente. Irina caminhou apressada até o computador dele e logo sua tela, como a que exibia os dados a nós, ficou escura.

— É melhor perdermos tudo agora do que arriscarmos ter o nosso programa copiado por eles — avisou ela, aparentemente calma, mas eu percebia que internamente essa falha na missão a aborrecia muito — Ou que façam um programa de defesa. Teríamos que começar do zero.

— Mas o que aconteceu? — sondou Dmitri.

— Eu não sei — encontrar seu olhar triste em mim foi o necessário para ir de encontro a ela e puxá-la para um abraço apertado — Deve ter algum ponto cego que não consegui ver. Talvez se eu tivesse prestado mais atenção...

Ah, não. Definitivamente eu não deixaria que ela jogasse essa merda sobre si mesma.

— Você criou um chip capaz de monitorar a Bratva inteira — segurando firmemente seu rosto a fiz focar os olhos lagrimejantes em mim — E invadiu a porra do sistema do governo russo.

— Por alguns segundos... — ela tentou dizer.

— Não importa. Vai chegar lá. Isso é o início, sabe por quê?

Ela moveu a cabeça em minhas mãos e o ensaio de um sorriso começava a despontar em seus lábios.

— Você é foda pra caralho.

Todos nós, mesmo Dmitri e eu treinados para nunca errar, amargamos frustrações no trabalho. Mas Irina exigia de si a perfeição e era isso que a faria ter sucesso em tudo que fazia como cientista. Ela tinha paixão.

— Vladic tem razão, Ira — Dmitri se manifestou — Além disso, foram muitas coisas para você lidar.

O sequestro de Kyara; meu tempo no hospital; a preocupação, mesmo que desnecessária, em relação a saúde de Viktor; nosso casamento; a morte de Anatoli. Entre outros assuntos que exigiram sua atenção.

— Bom, já sabemos que é possível — destacou Tigran — Vamos apenas aprimorar o programa.

Seus olhos ainda estavam úmidos quando nos encarou um a um, mas desta vez não havia mais tristeza

estampada neles.

— Obrigada a todos.

Eu sei o que chateava Irina, não era a falha inicial do projeto. Desde que nos casamos, esses três dias que eu ficaria fora, seriam a primeira vez que ficaríamos longe um do outro. E era foda demais suportar isso com tanto perigo ao nosso redor.

— Eu vou ficar bem, Nina.

Os ucranianos não eram uma ameaça que deveríamos nos preocupar e estávamos indo com uma boa equipe de segurança. Mas eu a entendia, o coração não conseguia ser racional.

— Espero você lá embaixo, Vladic — avisou Dmitri.

Ficamos sozinhos. Não tínhamos tanto tempo para nos despedir, e mesmo que tivesse, ainda assim seria insuficiente.

— Volto antes que possa imaginar — murmurei em seus lábios, após um longo e apaixonado beijo.

— Tenha cuidado, Vladusik — colocamos nossas testas, uma na outra.

Por ela. Porque qualquer coisa que acontecesse a mim a faria sofrer, eu me manteria ainda mais vigilante.

Os três dias de negociação com os ucranianos transformaram-se em cinco, mas no final da última reunião, conseguimos chegar a um acordo benéfico aos dois lados. Nós seríamos a única organização que eles continuariam a fornecer armamento.

— Confia nele? — indaguei a Dmitri enquanto observava o chefe da máfia ucraniana começar a se retirar com seus homens.

Seu olhar frio estava fixo no mesmo ponto que eu.

— A única pessoa em quem eu confio nesta sala — murmurou Dmitri — é você, meu irmão.

E já era muito para alguém na posição dele. Enquanto para nós laços de sangue eram importantes, havia homens como Slavik, e agora o morto Boris, que isso não significava nada.

— Vamos embora — ressaltou ele ao se levantar, após o aviso de Rurik que a área estava limpa — Já passei tempo demais longe das minhas garotas.

Assim como Dmitri, mensagens e ligações de vídeo que fizemos às nossas mulheres não foram suficientes.

Meu corpo reagia apenas em pensar em tudo que faria com Irina dentro e fora da nossa cama. Por cada dia que passamos longe, ficaríamos o dobro dentro do quarto. Parecia um bom número e eu tinha um sorriso lascivo despontando no rosto, enquanto buscava o meu telefone no paletó com o intuito de enviar uma mensagem a Irina e

informá-la da minha ideia magnífica, quando Dmitri estacou à minha frente, instantes antes de entrarmos no carro.

— Quando foi isso?

Algo não estava bem e pude confirmar isso na forma que ele me encarou ao se virar.

— Mas que porra! Como isso pode ter acontecido, Nikolai? — para Dmitri perder o controle, algo bem ruim tinha acontecido na Bratva — Cerquem tudo. Nós vamos chegar aí o mais rápido que pudermos.

Do momento que ele desligou e a pausa que fez para respirar, unindo as mãos, percebi que as coisas estavam mesmo fodidas.

— Dmitri?

Se tinha algo que eu me considerava muito bom, era ler meu irmão. A merda iria explodir e seria na minha cabeça.

— Antes de qualquer coisa, precisa me prometer que manterá a calma — pediu ele.

Só havia uma coisa que tiraria o chão sob os meus pés.

Irina.

CAPÍTULO 35

IRINA MILANOVIC

Estava no laboratório, concentrando toda minha atenção no meu trabalho para não enlouquecer quando senti o telefone vibrar em meu bolso. Imediatamente pensei ser Vladic, mas a frustração me pegou ao ver a identificação na tela.

—Srt^a Viktorova? — reconheci a voz da secretária do meu pai.

Eu agora era Sra. Vladinochova, mas como fazia pouco tempo que estava casada, a mulher deveria ter se esquecido desse detalhe.

— Sim? — indaguei alarmada — Algum problema com o meu pai?

Normalmente ele teria ligado diretamente para mim em vez de usar a secretária.

— Saindo de uma reunião agora — a mulher pigarreou e fez uma pausa estranhamente longa antes de retornar apressadamente — Ele ordenou que ligasse e pedisse que viesse até a universidade. Para almoçarem juntos e, bom... acho que tem algo importante para dizer à senhorita.

Devido a viagem de Vladic, ele pediu que eu ficasse na casa de Kyara e Dmitri, ele se sentia mais tranquilo pela segurança ter se tornado mais rigorosa lá, por isso, fazia quase cinco dias que só tinha contato com meu pai por telefone. Talvez ele estivesse com saudade.

— Bom... — encarei meu relógio antes de confirmar o convite — Diga a papai que estou a caminho.

— Sim, senhorita.

Encarei o telefone por algum tempo. Sentia como se alguma coisa estranha estivesse no ar. Um pressentimento, quem sabe. Mas assim como a sensação surgiu, mandei-a embora. Os dias de ausência de Vladic, somados à preocupação que eu tinha em relação à sua segurança, estavam me deixando paranoica.

— Algum problema? — indagou Tigran, parando ao meu lado.

— Não — sacudi o telefone — É o meu pai. Faz alguns dias que não o vejo, quer se encontrar comigo no trabalho dele. Se importa de eu me ausentar por algumas horas?

— Tranquilo, vou refazer aqueles cálculos — avisou Tigran — Pode tirar o restante do dia de folga se quiser. Você tem trabalhado bastante no projeto. Precisa aprender a relaxar.

Para me distrair por conta da viagem de Vladic, eu passava bastante tempo no laboratório tentando descobrir o que tinha dado errado com o INE-19.

— Vou pensar sobre isso — avisei, tirando o jaleco, procurando e pegando meus pertences em seguida — Se tiver algum progresso...

— Devo avisá-la imediatamente — concluiu Tigran com um sorriso provocativo no rosto.

Ao deixar a sala, concluí que talvez Tigran tivesse razão, o que eu precisava era relaxar. Estar bem emocionalmente para quando Vladic voltasse, pois, agora mais do que nunca, com um futuro sombrio à nossa frente, ele precisaria de todo apoio possível. Mas era bem difícil relaxar quando tudo à sua volta mostrava que nossa vida, já tão diferente, estava ainda mais complicada, como, por exemplo, os quase dez *boyevik* designados a fazer minha escolta e segurança em três carros escuros diferentes.

— Senhora — Andrew abriu a porta do carro para mim, assim que chegamos ao estacionamento.

Durante o percurso e para manter minha mente ocupada, aceitei a sugestão de Tigran e liguei para Kyara avisando-a que chegaria mais cedo e que a gente poderia continuar a montar o projeto sobre o Centro de Treinamento *Vor Para Mulheres*, nosso CTVPM, como Kyara gostava de chamar.

Eu queria mesmo ter ligado para Vladic, mas durante as primeiras horas da manhã quando conversamos antes de eu seguir para o trabalho, ele tinha avisado que teria a última e decisiva reunião com os ucranianos, por isso, não

queria atrapalhar a ele e Dmitri nesse momento. À noite nos falaríamos ou, quem sabe, os dois conseguiriam retornar ainda hoje para Moscou.

Quando chegamos à universidade e por ser um ambiente mais aberto com muitos alunos circulando, a presença dos *boyevik* fazendo a minha segurança ficava ainda mais aparente. Muitos alunos, funcionários e visitantes me encaravam com curiosidade, certamente imaginando se eu era alguma artista ou figura pública, só faltava os fotógrafos atirando *flashes* para confirmarem suas curiosidades lúdicas. Mas não tinha o que fazer, depois do que ocorreu com Anatoli, a segurança precisava ser mantida.

Cheguei à grande sala do diretor o mais rápido que consegui. Avistei Anastacia, secretária do meu pai, em seu lugar habitual, atrás de sua grande mesa de mármore e havia um homem ao lado dela.

Eu não conseguia me lembrar dele, possivelmente era um novo *Vor* selecionado por meu pai para fazer a segurança dentro da sala. Eu ficava aliviada que ele estivesse seguindo bem as orientações de proteção e que estendesse isso à senhora que trabalhava. Anastacia era uma mulher muito bonita, na casa dos cinquenta e poucos anos e trabalhava para o meu pai há quase quinze. Fazia quase dois que o marido morrera de câncer. Eu estive no enterro dele com o meu pai.

— Oi, Ana — cumprimentei-a festivamente, apesar de não termos muito contato, sempre a achei muito simpática — Pode avisar ao papai que já cheguei?

Primeiro, ela olhou em direção aos homens que chegaram comigo, parados na porta. Depois, deu um rápido olhar para o que se mantinha ao seu lado, baixando a cabeça em direção à mesa.

— Ana? — chamei por sua atenção, achando sua relutância esquisita.

— Desculpe, Irina — ela se moveu na cadeira de forma um pouco desconfortável e eu olhei para o homem ao seu lado, mas ele se mostrou impassível, encarando a frente como um bom *Vor* deveria fazer, segurança e em silêncio — O Viktor a espera lá dentro.

Viktor? Eu nunca vi em todos esses anos, Ana chamar meu pai de Viktor e nem ele que não fosse pelo sobrenome dela. Alguma coisa tinha mudado e era isso que meu pai queria me dizer?

Acabei sorrindo. Na verdade, desde que me casei, andei pensando muito e até cheguei a levantar o assunto com meu pai, que, estranhamente mostrou-se desconfortável com minha sugestão de que ele deveria abandonar o luto e pensar em refazer sua vida amorosa. Apesar dos cuidados que precisava ter em relação ao coração, ele ainda era um homem atraente, além de inteligente e divertido.

O fato era que talvez o casamento tivesse me tornado mais romântica que o normal ou seria resultado da convivência com Kyara.

— Pai? — chamei assim que abri a porta.

Andrew veio logo atrás de mim. Não o vi sentado em sua mesa como esperava, mas não tive tempo de olhar em volta à procura dele. A porta foi fechada rapidamente e dois homens surgiram com armas na mão, apontando para a minha cabeça e do meu segurança.

— Sra. Vladinochova — um terceiro homem surgiu do banheiro anexo à sala — É um prazer conhecê-la.

O sorriso frio que recebi conseguiu me assustar mais que a pistola apontada em minha cabeça, mas eu consegui controlar a onda de pânico. Eu precisava me manter calma e agir friamente.

Além de Andrew ao meu lado, que fora treinado para agir em situações como esta e, provavelmente, já pensava em uma rota de fuga, existiam pelo menos meia dúzia de seguranças no lado de fora do escritório.

Só precisa manter a calma, Irina, disse a mim mesma em pensamento.

— Quem é você e o que fez ao meu pai? O que quer comigo?

— Quantas perguntas. Deixe-me ver qual vou responder primeiro — disse ele colocando a ponta da arma na ponta do queixo, fingindo meditar.

Meu único pensamento era desejar que o dedo dele escorregasse magicamente e ele atirasse em si mesmo, estourando seus miolos.

— Quem sou eu... — ele caminhou lentamente até mim parando à minha frente — Eu sou Górk.

O homem de confiança de Slavik, para ser mais exata, seu *Avtoryet*. Se ele havia enviado seu cão de guarda até mim, a situação estava bem pior do que eu podia imaginar.

— O que eu fiz com seu pai? — Ele abriu um sorriso cínico — Melhor eu mostrar o que fiz a ele.

Quando ele voltou a se afastar, desta vez indo em direção à mesa de meu pai, olhei rapidamente em direção a Andrew, que de forma discreta, tentou mostrar o revólver que ele tinha escondido na cintura, abaixo do paletó. Mas ele não iria agir enquanto não fosse seguro para mim. Contudo, Górk não parecia ter a mesma opinião que meu segurança.

— Eugene — foi preciso apenas o nome sussurrado enquanto ele ainda estava de costas para eu ver o início do meu mundo desmoronando.

Primeiro, o *boyevik* que apontava a arma para mim, segurou meu braço, puxando-me para ele, cobrindo minha boca, com sua mão asquerosa. No segundo seguinte, assisti aterrorizada um grande buraco negro, onde o sangue começava a jorrar da testa de Andrew.

Foi tudo muito rápido. Um grito aterrorizado saltou de minha garganta, mas a mão do soldado cobrindo a minha boca permitia apenas que um grunhido choroso escapasse dela. Eles também tinham usado uma arma com silenciador, impedindo que os homens fora da sala conseguissem ouvir o tiro.

Conforme via Andrew cair sem vida, fechei os meus olhos inundados de lágrimas e um tipo de filme passou em minha mente. Ele era meu segurança desde que eu tinha completado dezoito anos. Vivemos muitas histórias juntos e eu o considerava mais um amigo do que um dos *boyevik* do meu pai.

— Sobre o seu pai — disse Górk e só notei que ele havia se aproximado — Por enquanto ele está bem. Bom, ou melhor que este seu amigo aí.

Com a dor de ver mais uma pessoa que eu amava morrer, meu corpo tremeu enquanto meu coração se enchia de ódio ao ver o soldado arrastar o corpo sem vida para fora da porta.

Mas não havia muito que eu pudesse fazer com um dos homens me segurando e o outro apontando a pistola com silenciador para a minha cabeça.

Manter a mente sã, pensar em maneiras em que eu pudesse escapar e me preocupar com o que esses animais pudessem ter feito ou estavam fazendo com meu pai, levava-me ao limite do desespero.

Vladusik, onde você está?, minha mente gritava por ele furiosamente.

Grossas lágrimas escorriam pelo meu rosto, demonstração de fraqueza que divertia o homem desprezível.

— Como você já deve ter concluído, estou aqui a pedido de Slavik — ele entregou a confirmação do que eu já sabia assim que revelou seu nome — Seu futuro *Pakhan*.

Nem que toda a Bratva fosse destruída, eu serviria a Slavik como meu *Pakhan*. Antes disso, preferiria entregar-me às autoridades do governo ou, até mesmo, à morte.

— Ele deseja conhecê-la e que desfrute de alguns dias na Tambovskaya.

Com o aviso silencioso, ele ordenou que o *boyevik*, cobrindo meu rosto, afastasse a mão. Meu primeiro instinto seria gritar e fazer com que os homens invadissem a sala. A razão, que eu ainda não sabia como conseguia manter, fez-me respirar fundo e pensar no meu pai. Além disso, nossos soldados estavam completamente às cegas do que acontecia aqui dentro, trazê-los para cá poderia significar um banho de sangue.

— O que Slavik quer comigo?

Me matar não era, senão, seu braço direito já teria feito a execução.

— É melhor que ele diga pessoalmente.

— Vocês não podem me sequestrar — avisei tentando controlar a oscilação em minha voz — Seria loucura. Além dos homens atrás desta porta, há outros por toda a faculdade e na entrada também. Você pode estar na vantagem agora, Górk, mas pelo que vejo, contando com o homem ameaçando a secretária, são apenas três.

Então, ele teria que me matar ou me deixar ir.

— Inteligente como Slavik falou que era — ele sorriu e eu me lembrei da expressão que dizia que os semelhantes se aproximavam — e que eu deveria ter muito cuidado com você.

Górk era tão frio e cruel quanto seu *Pakhan*.

— Só que nós não estamos sequestrando-a — continuou ele um tom irritantemente amigável — Estamos convidando e esperando que educadamente aceite a oferta.

— Estamos em guerra. O que vão fazer quando derem conta do meu sumiço e do meu pai? O *Pakhan* mandará todos os seus homens em meu resgate.

— Não. Você é a esposa do irmão dele. Milanovic não fará nada que colocará sua vida em risco — avisou ele — Enquanto isso, faremos negócios.

Enquanto Górk jorrava sobre mim suas declarações cheias de confiança, eu estudava alguns pontos. Slavik já dera sinais de ser frio o suficiente para matar meu pai, caso eu resistisse a cooperar. Seu garotinho de serviços sujos tinha razão, meu “sequestro” deixaria Vladic desnorteado,

mas Dmitri não faria nada precipitado, que me colocasse em risco. Tanto eu, quanto meu pai, tínhamos o chip, portanto, seria fácil manter nossa localização.

— Então, Sra. Vladinochova? Podemos contar com sua colaboração? — enquanto falava, ele tirava a tampa da caixa que carregava — Ou precisará de um pouco mais de incentivo?

Antes de ele virar o objeto para que eu visse o conteúdo em seu interior, o soldado que me segurava, tapou fortemente minha boca mais uma vez.

Dentro da caixa, para o meu desespero, embrulhado em um saco plástico com gelo, havia um dedo decepado, mas o que fez as lágrimas soltarem dos meus olhos e meu peito apertar de angústia e dor, foi reconhecer o anel de família que meu pai nunca retirava do dedo.

— Deixa eu lembrar novamente as suas opções — ele se aproximou de mim o suficiente para sussurrar em meu ouvido, enquanto eu tentava fazer com que a respiração entrasse por meu nariz — Pode aceitar o convite de umas merecidas férias gentilmente oferecida por Slavik, ou, a cada hora de recusa, uma parte diferente do corpo de seu pai será entregue a você. Sem contar na inocente secretária que, neste momento, tem uma pistola pressionada contra a cintura.

Eu não conseguia respirar.

Não conseguia respirar.

— Vamos lá, estamos oferecendo duas vidas em troca de uma. O que me diz? Tic-tac. O relógio está correndo.

Salvar o meu pai e Anastacia e ir com eles, deixando toda a Bratva fragilizada? Ou resistir sabendo que haveria uma grande possibilidade de nunca mais ver meu *otets*, além de mais uma inocente pagar por isso?

Enquanto tentava raciocinar, lembrei-me do aviso de Kyara.

Você não tem a mínima ideia de como é estar nas mãos de alguém que odeia e tem medo ao mesmo tempo.

Ao que parecia, eu estava prestes a descobrir isso.

— É um dedo, querida. Ainda dá tempo de ser reimplantado — Górk tornou a me atormentar movendo a caixa em direção ao meu rosto — Mas cada minuto de hesitação pode custar alguma outra parte do seu querido pai. Possivelmente, a mão inteira agora. O que acha?

Eu tentava me lembrar o que eu sabia sobre essa possibilidade, mas tudo o que conseguia pensar, enquanto uma nova enxurrada de lágrimas vinha aos meus olhos, era se meu pai tinha sentido muita dor. E o quanto essa barbárie afetava seu coração frágil.

— Mão ou braço podem ser reimplantados até seis horas após amputação — continuou Górk — Mas quanto mais próxima do tronco for a amputação, menor o prazo para se tentar o reimplante.

O tempo estava correndo e não era a meu favor.

— Como posso saber se você está falando a verdade? — questionei quando tive novamente oportunidade de falar — Que meu pai ainda está vivo?

Ele pegou o próprio celular, digitou uma mensagem breve e alguns segundos depois recebeu a resposta. Era um vídeo do meu pai, ele estava com olhos e bocas vendados, e ao que eu percebia, dentro de um carro, possivelmente sendo levado à Tambovskaya.

— Nós nunca vamos conseguir sair daqui — avisei em uma voz enfraquecida — Há dezenas de *boyevik* lá fora.

Fazia uma última tentativa para que ele percebesse como isso tudo era loucura.

— Você é inteligente o suficiente. Sei que irá pensar em algo.

Ele sorriu e indicou a cabeça em direção ao banheiro.

Para a sociedade, meu pai era apenas um empresário respeitado e um pai exemplar. Mas o que raras pessoas sabiam, e essas eram da sua extrema confiança, era que ele tinha fortes e longa ligação com a máfia.

A ameaça de que a “casa pudesse cair” se fôssemos caçados pelas autoridades sempre esteve em nossa cabeça como um alvo. Em nossa casa, nas escolas, e até mesmo aqui, havia uma secreta rota de fuga. E, com certeza, foi por ela que eles obrigaram meu pai a seguir

com eles, enquanto rendiam e obrigavam a secretária a entrar em contato comigo.

— Tudo bem, mas antes preciso enviar uma mensagem ao meu marido.

Com a carranca que o fez parecer ainda mais ameaçador, Górk agarrou meu braço com força e rispidez.

— Não me trate como imbecil —bradou ele, seus dedos cravando dolorosamente em minha pele — pode ser a mulher mais inteligente da Rússia, mas nós estamos no controle.

—Eu tenho um acordo com ele — revelo tentando me livrar de seu agarre hostil — Se a cada duas horas não der sinal de vida, em menos de vinte minutos o país inteiro estará atrás da gente.

Eu tinha mesmo feito um acordo com Vladic e a gente tinha uma palavra de segurança, mas eu não dizia toda a verdade a Slavik.

— Certo — murmurou esticando a outra mão para mim — Me dê o celular e eu digito.

Eu não era tão inocente assim, claro que eu sabia que Górk faria essa exigência, então, indiquei a bolsa que tinha deixado cair ao entrar e entreguei o telefone a ele. Tudo o que eu precisava era encaixar a palavra de segurança junto ao recado que eu ditava para que ele escrevesse.

Seguir Górk, com seus homens com armas apontada em minha direção, até o banheiro onde havia um alçapão que dava acesso à passagem subterrânea, talvez não tenha sido a melhor decisão que tomei, mas era a única escolha que tinha para manter meu pai em segurança.

Vladic iria nos encontrar. Ele viria nos buscar e, de certa forma, essa certeza me dava paz. Só o que eu precisava fazer era manter a cabeça fria e me manter viva, e garantir que meu pai ficasse bem.

— Senhora — disse Górk abrindo os braços —, faça as honras.

Segui até o tapete em frente ao gabinete e o afastei. A alavanca no vaso servia tanto para dar a descarga como para destravar a passagem secreta. Após isso, empurrei com o pé e a imagem de uma escada fixa contra a parede surgiu.

Górk foi na minha frente. Ainda olhei para os soldados atrás de mim tentando avaliar se eu tinha alguma chance quando um deles destravou a arma e apontou em minha direção, me fazendo seguir em direção a seu chefe.

Eu sabia onde o túnel iria nos levar, embora nunca tivesse seguido este caminho. Ele dava em uma lanchonete a alguns metros da faculdade. Nós sairíamos em um depósito onde tinha um portão dando acesso à rua. A propriedade, obviamente pertencia à nossa família.

Dali, um carro preto já nos aguardava com outros dois *boyevik* mal encarados, na espera.

Confio em você, Vladusik, declarei em pensamento, desejando que a mensagem chegasse até ele. E, principalmente, que ele entendesse o recado que eu tinha enviado por telefone.

Eu tinha fé em Vladic.

Isso era a única coisa que me restava.

CAPÍTULO 36

IRINA MILANOVIC

Como eu imaginava, todas os meus pertences foram confiscados, minha bolsa, os documentos dentro dela e o celular. De tudo, eu só queria poder verificar o telefone e saber se Vladic já tinha respondido minha mensagem.

Durante todo caminho silencioso até a Tambovskaya, não conseguia deixar de me perguntar se já tinham dado por minha falta na Bratva. Quanto tempo os *boyevik* fora da sala do meu pai levariam para notar que havia algo de estranho? Se seria Kyara a primeira a notar que eu não cheguei à mansão por volta do horário que tinha falado a ela. Em que momento Dmitri seria alertado sobre o meu sumiço? E como Vladic reagiria a isso?

Eu esperava que ele reagisse de cabeça fria, mas conhecendo Vladic, sabia que o ocorrido o deixaria louco e eu esperava que assim como ele fez com o irmão no sequestro de Kyara, Dmitri o ajudasse a enxergar as coisas com razão.

Apesar de entender a gravidade do perigo que eu me encontrava, as situações eram completamente diferentes. Boris tinha uma paixão cega por Kyara e desejo de destruir

Dmitri. Slavik também queria aniquilar nosso *Pakhan* e suspeitava ser bem mais perigoso e cruel que Kamanev, mas ao menos ele não nutria nenhum sentimento amoroso por mim.

Diferente de Kyara, eu não me sentia em pânico, mas terrivelmente preocupada com o meu pai, ferido e suscetível a mais torturas bárbaras. Enquanto Slavik estivesse com o meu pai, eu estaria presa a ele. E Dmitri agiria cautelosamente durante todo o tempo que eu fosse mantida prisioneira, evitando maiores riscos para mim. Por isso, Slavik me manteria viva, pelo menos até seu desejo maior ser alcançado, que por enquanto não era me matar. Mais do que nunca eu precisava agir com inteligência e ganhar tempo para que Dmitri, Vladic e o *Obshchak* fizessem um plano para resgatar a mim e ao meu pai.

— Pode sair — resmungou Górk, empurrando-me com a arma em direção à porta.

Chegávamos a uma parte mais densa do caminho que teria que ser feita por um veículo *off road* ou carros apropriados. Fui lançada para o banco da caminhonete e rapidamente continuamos nosso destino.

Eu procurava tentar memorizar cada detalhe que achava importante, de forma que meus sequestradores não notassem. Em algum momento no futuro essas informações poderiam ser valiosas.

Quando achei já ter se passado uma ou duas horas, chegamos às margens de um rio, onde um acampamento com mais homens estava montado. Górk me levou a uma cabana maior, estilo tenda, que acreditava ser dele, depois, avisou que passaríamos a noite aqui, antes de, pela manhã, seguirmos até o povoado da Tambovskaya.

Ele amarrou meus pulsos e tornozelos e me indicou um canto da cabana onde havia cobertas e um colchão. Em seguida, ele saiu, mas um soldado ficou parado na porta com uma metralhadora na mão.

Uma das coisas que mais percebi era que quanto mais nos aproximávamos do nosso destino, mais o armamento pesado tinha se intensificado. Rapidamente me recordei o motivo da viagem à Ucrânia de Dmitri e Vladic. Fazer negócios com o principal fornecedor de Slavik, impedindo que mais armas chegassem até eles, deixando-os fracos.

Só que ao que eu percebia, Slavik vinha se preparando há algum tempo. Possivelmente, ele previu que Dmitri poderia dar um passo como esse e eu não duvidava que o desgraçado pudesse estar equipado até os dentes.

Essa era uma informação valiosa que eu poderia levar até a Bratva, caso conseguisse fugir ou ser resgatada. Descobriria tudo o que fosse preciso do nosso inimigo e usaríamos isso contra ele.

— Tome! — Um segundo soldado entrou na tenda e me entregou uma cumbuca de barro.

Havia um líquido fumegante, algum tipo de sopa ou algo parecido.

— Não é veneno — disse o homem com um sorriso odioso — Embora eu ache que seja exatamente isso que sua gente deva merecer.

Não estava com fome, na verdade, sentia todo o meu estômago revirado. Mas meu instinto de sobrevivência, assim como minha razão, me alertava que eu precisava me alimentar. Já fazia muitas horas que tinha colocado uma refeição decente na boca, e ficar fisicamente fraca me afetaria tanto físico como mentalmente e nesse momento precisava estar mais forte do que nunca.

O gosto da sopa estava exatamente igual à sua aparência, horrível, amarga e sem sal. Apesar disso, engoli cada colherada, começando a sentir os efeitos no meu corpo. Algo que eu também precisava fazer, embora tivesse com um pouco de medo, era dormir. Slavik poderia ter a pretensão de me manter viva, mas isso não era garantia de que seus homens não tentassem fazer algo contra mim, até mesmo com sua permissão.

Da melhor forma que consegui, enrolei-me no cobertor como um casulo. Se alguém tentasse tocar em mim durante o sono, eu iria perceber. E qualquer

desgraçado que tentasse isso, veria o quão afiados eram os meus dentes.

Enquanto tentava pegar no sono, pensei em Kyara, em todos os seus dias de cativo, as barbaridades que ela teve que suportar de Boris. Lágrimas vieram aos meus olhos e me dei ainda mais conta de como ela era forte. Eu conseguiria suportar qualquer tortura que Slavik tentasse fazer comigo, mas não que me violasse sexualmente. Isso seria a minha morte. A morte da minha alma.

Pensar em quantas mulheres no mundo já tinham passado por situações tão traumáticas me fazia acreditar ainda mais no projeto de Kyara em tornar as mulheres dentro da Bratva mais fortes. Eu me considerava inteligente e racional sempre que precisava, mas não tinha treinamento militar, em uma situação onde mais do que o meu cérebro fosse necessário, ficaria em desvantagem.

Fui acordada com um gesto brusco, um pouco antes do dia clarear. Recebi um mingau pastoso de aveia para me alimentar e um cantil com água.

Desta vez, não fomos na caminhonete, cavalos e carroças nos aguardavam. Fui jogada sobre uma com tanta violência que cheguei a bater a cabeça contra a madeira, deixando-me brevemente desorientada.

— Cuidado — ouvi a voz debochada de Górk em algum lugar próximo a mim — Não queremos estragar nossa carga.

Vários homens começaram a rir e falar em dialeto antigo do qual eu conhecia apenas algumas palavras. Esses homens eram bárbaros e agiam como tais. Mais do que isso, eles se divertiam em ser tão asquerosos.

Para a minha infelicidade, nesta parte do trajeto, tive um capuz sobre a minha cabeça, privando-me da visão. Então, eu fiz o melhor para apurar meu olfato, tentando memorizar e identificar os cheiros por onde nós passávamos. O que não foi uma tarefa fácil, devido a batida, minha cabeça latejava e a dor vez ou outra me fazia perder a concentração.

Soube o momento que chegamos ao povoado quando ouvi o ranger de um portão e vozes variadas cochichando ao meu redor. Sussurros de mulheres, gritos e passos de crianças e ofensas de homens. Senti algo molhado cair em minha bochecha e tive a certeza que alguém tinha cuspidido em meu rosto. Mas essa não era a minha maior preocupação.

O que me deixava apreensiva era que estava chegando o momento de me encontrar com Slavik.

Com a mesma brutalidade que fui colocada dentro dela, me retiraram da carroça. Tive um pequeno

desequilíbrio, mas um par de mãos manteve-me no lugar e logo seguimos uma caminhada apressada.

Tentar usar meus outros sentidos como olfato e audição para memorizar o caminho foi praticamente impossível. Os sinais vinham de direções diferentes, um perfume de alguém que passara por mim, cheiro de pão assado vindo de algum lugar, sons que pareciam marteladas, conversas que se cruzavam, o som de sapatos ecoando pelo chão.

Finalmente, ouvi um rangido do que achava ser uma porta e após cinco passos, paramos no lugar. O capuz foi retirado da minha cabeça. Precisei de alguns segundos para me ajustar à luz e notei que estávamos em um grande e rústico salão. De repente, eu me via como em um dos cenários de *O Senhor dos Anéis*.

Em cada um dos meus lados, eu via fileiras de bancos cumpridos. Vermelhas e grossas cortinas cobrindo as janelas. Em frente a mim, um pequeno palco onde existiam duas cadeiras de espaldar alto, de madeira talhadas e sentado em uma delas um homem loiro, coberto de tatuagens e com uma barba longa.

— Irina Vladinochova — ele disse meu nome como se mel espalhasse pelos seus lábios, e um frio correu por minha espinha — É um grande prazer tê-la em meu lar. Fico feliz que tenha aceitado meu convite.

— Eu poderia ter recusado? — abri um sorriso tão dissimulado quanto Slavik.

— Espirituosa — murmurou ficando de pé, caminhando até mim — Gosto disso em uma mulher.

Eu, por outro lado, só conseguia ver meu desprezo por ele aumentar.

— O que quer de mim, Khomiakov?

Eu queria saber o que me aguardava, sem o joguinho que ele tentava fazer, e, somente assim, poderia formular algum plano que me tirasse dessa encruzilhada que eu fui obrigada a me colocar.

— Respondendo à primeira pergunta, sempre temos escolhas, *daragáya* — ele passou a pedra do anel que tinha em seu dedo esquerdo em meu rosto e não foi a joia fria que me fez estremecer, mas sim, seus olhos gélidos fixos nos meus — Agora, sobre o que quero com você, este é um assunto que não pretendo revelar.

Claro que não, primeiro, ele queria me deixar confusa e esgotada psicologicamente antes de jogar sobre a minha cabeça o que realmente pretendia comigo.

— Vasiliev?

Com o chamado, vi um homem alto, de cabelos cumpridos, que estivera do outro lado da sala, se aproximar. Ele me fazia lembrar muito Vladic no tamanho e porte físico, talvez fosse alguns centímetros mais alto, não sabia dizer com certeza, mas o que mais me chamava

atenção realmente era o imenso cachorro andando ao lado dele. Eu nunca tinha visto criatura tão intimidante.

— Acompanhe a Sra. Vladinochova até os aposentos dela.

— Espera! — bradei antes que homem e cachorro chegassem até mim e encarei Slavik — O meu pai? Onde está o meu pai? Quero vê-lo.

— Seu pai está bem. O curandeiro está reimplantando o dedo agora, então, sua visita terá que esperar.

— Me deixa ver o meu pai — o rosto de Slavik ficou desfocado devido aos meus olhos ficando marejados — Por favor.

Eu só queria vê-lo e ter a certeza de que estava bem.

— Leve-a — Slavik disse em um tom duro.

Retrucar seria apenas uma perda de energia desnecessária. Então, apenas engoli minha revolta e encarei o grandalhão mudo que apenas fez um sinal de cabeça para que o acompanhasse para fora.

Diferente de Górk e os outros homens, ele não me tocou. Não sabia dizer se achava que com toda sua imponentia seria o suficiente para me intimidar, ou se ele se valia do enorme e assustador cachorro que se colocara do meu outro lado.

Pelo pouco que andamos, saindo e entrando em corredores, pude notar que a propriedade parecia um

castelo de pedras e com janelas que vinham do teto quase até o chão. Como todo castelo estilo medieval, ele era frio. Envolvi meus braços em torno do corpo tentando me proteger do ar gelado e, então, senti algo me cobrir dos ombros até quase meus tornozelos. Encarei o homem que Slavik tinha chamado de Vasiliev. Sua expressão era difícil de desvendar, mas ele fora o único a me tratar com o mínimo de cordialidade, o que me deixou confusa.

— Obrigada — murmurei, desviando rapidamente minha atenção do rosto com a expressão tão dura como mármore.

Apesar disso, não me sentia intimidada, era difícil conseguir explicar o porquê. Eu apenas sentia que ele não iria me machucar.

—Tenho outro — a resposta veio firme e rouca como um trovão.

Mordi o meu lábio para esconder o sorriso levado pela resposta inusitada. Não queria ofendê-lo e transformá-lo em um inimigo tão desprezível quanto os outros, por pensar que estivesse rindo dele.

— Que bom, eu não iria querer que você ficasse resfriado ou esse tipo de coisa.

Sua reação à minha resposta humorada foi apenas um movimento de olhar que fez em direção a um buraco na parede, que se assemelhava a uma passagem sem portas.

Antes de entrar, passei os meus braços pelas mangas longas já me sentindo um pouco mais aquecida. No início da passagem existia uma escada de pedra, que pelo que via, era circular e nos encaminharia para o subsolo.

Andamos por dois minutos nas escadas e paramos em um corredor de paredes úmidas. A iluminação era feita por lampiões e tochas fixados em suportes de ferro na parede.

— É uma prisão? — indaguei ao notar a primeira cela surgir.

Eu já tinha visto réplicas parecidas com estas nos livros quando estudei, ou em museus que já tinha visitado. E apesar de achar interessante esse aspecto da história, nunca me imaginei em um lugar como este, nem por curiosidade.

— Entre — disse Vasiliev após termos passado por mais ou menos quatro celas de variados tamanhos.

Havia objetos esquisitos dentro delas, como correntes, cordas, e outros instrumentos que eu não saberia identificar, mas tinha certeza de que eram usados para torturar pessoas.

Entrei olhando brevemente à minha volta. Uma cama estreita feita de madeira e colchão de palha, grilhões de ferro e correntes nas paredes, um buraco no chão que achava ser uma latrina, três paredes úmidas e as grades de ferro que trancavam a cela.

O barulho de correntes me fez voltar a atenção para o soldado de Slavik.

— Não me deixa aqui — pela primeira vez deixei que minha fraqueza escapasse — Não me deixa aqui, por favor.

Apesar do rosto impassível, olhando em seus olhos claros, não conseguia enxergar frieza neles. A forma que estreitou os olhos, também me dava sinais que me deixar presa aqui não era algo que agradava a ele.

Senti sua mão cobrir a minha, agarrada à grade, e olhei para ela. Sozinha, em um mundo que não era o meu, comecei a me perguntar se havia ali um possível aliado.

Tão rápido como veio seu gesto de conforto, ele foi embora, se afastando de mim.

— Ulf — ele disse ao cachorro, que para minha surpresa soltou um grunhido e lambeu os meus dedos.

Pelo visto, o choque não tinha sido apenas comigo. Após me observar por alguns segundos, Vasiliev deu as costas a mim e seguiu em direção ao longo corredor. Ele não chamou seu animal de volta, acho que ele sabia que em algum momento seu fiel companheiro faria isso.

Passei levemente os dedos no focinho do cachorro que, em seguida, saiu em direção ao seu dono. De tudo o que vivi até aqui, sem dúvida, este tinha sido o momento mais estranho.

YURI VASILIEV

Mal havia chegado às escadas quando ouvi os passos pesados de Ulf atrás de mim. Não tinha dúvidas de que ele viria ao meu encontro, embora sua interação com Irina Milanovic tivesse me pegado de surpresa.

Apesar do tamanho, agilidade e força quando necessário, ele era um cão amigável, mas bastante desconfiado também. Ficou claro para mim que simpatizara com Irina à primeira vista, algo raro de acontecer. O que me deixava um pouco intrigado em relação a ela.

Quando Slavik me convocou no dia anterior informando que sua nova “visitante”, como ele gostava ironicamente de dizer, ficaria aos meus cuidados, fiquei surpreso, embora não tivesse deixado a emoção transparecer a ele.

Eu ainda executava serviços inferiores ao meu cargo anterior. O que significava que Khomiakov ainda não confiava em minha lealdade em relação a ele como *Pakhan*.

O que o tinha feito mudar de ideia? Por que ele ainda me mantinha vivo, quando o mais lógico seria tentar executar o braço direito do irmão a quem ele tirara a vida?

Estas, como milhares de outras perguntas, rondavam em minha cabeça todos os dias, dando-me poucas noites de sono e constante vigilância diurna.

Entre as minhas obrigações e as escapadas dos *boyevik* me vigiando, rondava a floresta em busca de pistas de Raissa e Curl. Eu não tinha encontrado ainda nenhuma evidência de que os dois estivessem vivos, mas também nenhum sinal de que estariam mortos.

Alguns meses haviam se passado sem que eu recebesse qualquer sinal de que eles estavam seguros e bem. Estariam em algum lugar esperando o momento certo de aparecer?

O fogo os tinha consumido até os ossos de forma que nada pudesse encontrar entre os escombros na cabana?

Era a incerteza de suas mortes que me impedia muitas vezes de entrar no quarto de Slavik no escuro e cortar a garganta dele. Eu ainda teria o prazer de realizar esse desejo de vingança.

Slavik não era agora o único problema. A Bratva estava chegando. Eles não aceitariam calados o desafio de Khomiakov roubando um dos seus.

Quais os planos escusos do novo *Pakhan* e por que ele havia entregado a segurança da prisioneira a mim?

Ela era esperta e apesar de se assustar em ficar na imunda e fria cela, parecia-me muito mais corajosa e resistente do que imaginei.

Qual a verdadeira importância da cientista para Slavik?

Outra vez uma mulher era colocada aos meus cuidados.

E como eu agiria dessa vez, poderia mudar tudo.

CAPÍTULO 37

IRINA MILANOVIC

Foi uma noite muito longa. Não porque a estreita cama grudada à parede úmida restringia meus movimentos, ou que as palhas que preenchiam os colchão desconfortável e duro ficaram o tempo todo me incomodando e arranhando minha pele. Não foi pelo ar com cheiro de mofo irritando meu nariz, a escuridão brincando com o pouco de luz vindo das tochas, fazendo minha mente pregar peças comigo, como uma garotinha assustada de cinco anos. Também não foi pelo ar gelado se infiltrando na cela e que me fazia encolher abraçando a mim mesma.

Todas essas coisas me afetavam de alguma maneira, mas o que tornou essa uma longa e difícil noite foi relembrar meus últimos momentos com Vladic, sabendo agora que eu não tinha nenhuma certeza de quando o veria de novo.

— *Você tem mesmo que ir, Vladusik?*

Estávamos na cama, entrelaçados, após termos feito amor até a exaustão. Eu não costumava ser uma pessoa pessimista, mas algo me dizia que a viagem à Ucrânia que Vladic e Dmitri precisavam fazer era o primeiro passo para mudar tudo e eu não gostava nada disso.

Desde que encurtamos a lua de mel e retornamos a Moscou, não conseguia parar de pensar no sal que eu tinha derramado, na morte de Anatoli e que aquilo foi um aviso que dias mais sombrios estavam para surgir.

— Ivan ainda não está bem para essa viagem. — Avisou ele mais uma vez.

E ele não queria dizer apenas do estado físico, esse ele já recuperava em uma velocidade nada espantosa, mas do seu estado emocional. O ódio que Ivan nutria e fazia crescer por Slavik, o cegava, e uma pessoa que não podia enxergar o óbvio à sua frente, estava mais suscetível a cometer erros.

— Savin é velho demais para uma missão como essa e Dmitri precisa ter ao lado dele quem realmente confie.

Seu irmão, concluí em pensamento.

Racionalmente eu sabia que ele estava certo. Trocando os dois de papéis, eu ficaria muito feliz em saber que Dmitri estaria ao lado dele para protegê-lo. O que me fazia ficar irracional – e eu tentava manter isso escondido de Vladic – era saber que ele faria tudo para proteger o irmão, inclusive se colocar em frente a uma bala mais uma vez. Mas não havia nada que eu pudesse fazer, além de engolir meus temores e deixar que ele viajasse com a alma em paz. Ao me apaixonar por Vladic, eu sabia de todos os riscos que o cargo dele trazia.

— Tudo bem — assenti após um suspiro e girei na cama, pulando sobre ele, sentando em sua cintura. — Mas você tem que me prometer algumas coisas.

Enquanto eu falava, o olhar de Vladic desceu do meu rosto parando em meus seios expostos. A intenção que via nascer em seu olhar rapidamente fez uma onda de calor correr por meu corpo chegando a minha vagina ainda sensível.

— Foco em mim, Vladusik — pedi agarrando seu pulso, cruzando suas mãos acima da cabeça.

— Você pode apostar que estou, mílaya — murmurou com uma voz rouca e aproveitou-se da minha posição inclinada sobre ele para manter suas mãos no lugar, para lambe e morder meu mamilo, que imediatamente começou a ficar pontudo e duro, respondendo à sua carícia.

Céus, este homem não tinha limites!

— Tem que me prometer que irá levar e trazer Dmitri e você em segurança.

Olhava em seus olhos e, agora, ele mantinha realmente a atenção em mim, no que eu falava.

— Prometo.

— E você também tem que prometer que não se colocará na frente de balas, facas, ou qualquer outra coisa que possa causar ferimentos graves nem que essa seja a sua última opção.

— Nina...

— Só promete.

— Eu vou fazer todo o possível...

— Impossível! — o corrigi.

O sorriso que me deu, meio de lado e muito sexy fez um pouco da minha angústia derreter como geleiras ao sol.

— Prometo fazer o impossível para não retornar com nenhum ferimento grave.

Bom, eu sabia que isso era o máximo que eu iria conseguir e eu tinha certeza de que ele cumpriria, de certa forma me reconfortava. Vladic faria o necessário, sabendo que eu o esperava em casa. E podia estar enganada, mas previa que em outro quarto, a alguns metros de nós, Kyara e Dmitri deveriam estar tendo uma conversa semelhante. A situação era bem diferente agora. Dmitri agiria com mais frieza e não colocaria a vida dos dois em risco porque ele tinha duas pessoas especiais para quem voltar.

— E nós precisamos ter uma palavra de segurança — a ideia tinha me surgindo exatamente neste momento.

— Palavra de segurança?

— Se algo acontecer e precisarmos nos comunicar sem levantar suspeita.

— Eu não gosto disso, Irina. — Ele se remexeu debaixo de mim, seus ombros enrijendo, fazendo-me notar como isso o deixava tenso. — Nada vai acontecer.

— Nada vai acontecer, míley — passei o dorso dos meus dedos em seu rosto. — Mas podemos ter somente

essa garantia se necessário?

O ruim de ter que o tempo todo trabalhar com razão e emoção era que na maior parte das vezes o lado emocional falava mais forte. A Bratva era o lado racional desses dois homens. Kyara e eu, os seus corações.

— O que você está pensando?

— Bom, digamos que algo dê errado na negociação com os ucranianos, por exemplo.

Usá-lo como exemplo de perigo era a forma mais prática de fazê-lo manter a calma e o foco. Vladic não se importava com nada de perigoso que pudesse enfrentar, mas iria pirar em me ver na mesma situação.

— Eu ficaria maluca, pensando em como você está — coloquei a ponta dos dedos em seus lábios impedindo-o de se manifestar. — Sei que daria um jeito de sair dessa situação, mas eu não conseguiria deixar de me preocupar até ter certeza que você estaria bem.

— Acho justo.

Aos poucos, ele foi relaxando e com um movimento que me pegou de surpresa, rapidamente nossas posições foram alteradas. Seu corpo imenso e nu cobriu o meu.

— E o que a senhora gênio sugere?

Minhas pernas abriram como asas de uma borboleta e dei espaço para que Vladic se enxaixasse entre elas. O quadril resvalando em mim e seu membro já duro começou a esfregar em minha vagina. A provocação deliciosa

praticamente me impedia de raciocinar. Tudo o que eu queria no momento era que Vladic parasse com a tortura e me preenchesse dele.

Mas o cretino, em vez disso, mordida e dava lambidas em meu pescoço, enquanto sua mão enchia-se com meu seio em carícias que me fazia estremecer.

— Esqueceu as palavras, Nina?

— Humm... — gemi quando ele começou a me invadir lentamente.

Minhas unhas cravaram em suas costas, enquanto abraçava-o pela cintura, com meus pés pressionando-o mais em direção a mim.

— Ah! — Um gemido carregado de prazer escapou de minha garganta quando ele me preencheu fundo.

— As palavras, Nina. — Ele sussurrava em meu ouvido enquanto seguia a me foder duro.

Como ele conseguia raciocinar quando eu me sentia derreter em seus braços?

— As palavras? — Surrurrei, atordoada com a onda de prazer começando a se intensificar a cada arremetida profunda que ele me dava.

Meu sangue parecia ferver, minha pele nunca esteve tão sensível a cada um de seus toques e minha mente ficava cada vez mais longe.

Uma... duas... intensas e repetidas estocadas depois, o orgasmo explodiu em minha cabeça como fogos de

artifício brilhando no céu.

Seu corpo tremendo em cima do meu e os grunhidos escapando de seus lábios indicavam que Vladic também chegava ao clímax.

Quando ele caiu pesadamente sobre mim, minha mão foi automaticamente para os seus cabelos.

— Leve o cachorro para passear. — murmurei regozijando com os fios grossos e macios.

— O quê? — Seu olhar saciado e confuso buscou o meu.

— A nossa palavra de segurança para avisar que apesar do perigo, estamos bem.

— Mas nós não temos um cahorro. — destacou ele, e diante de meu sorriso maroto, abriu um compreensivo. — Você é terrível, mulher.

Ele beijou os meus lábios e eu desfrutei de cada sensação que o beijo apaixonado me causava.

— Certo. — Ele se afastou, buscando ar. — E se não tiver bem? E se precisar enviar um pedido de ajuda?

Não tinha pensado sobre isso. Minha única preocupação no caso de um de nós acabar em uma situação de perigo era poder comunicar o outro que, apesar disso estávamos bem, mas o contrário também poderia acontecer.

— Coloque a ração para o gato.

Dessa vez ele não destacou que também não tínhamos um gatinho e isso era algo que eu pensava seriamente em mudar, assim que toda essa loucura amenizasse. Porque em se tratando da Bratva, nunca estaríamos completamente em segurança.

— Muito interessante — murmurou ele beijando minha bochecha, lábios, pescoço. — Mas que tal, agora, a gente voltar a colocar o coelho na toca?

Com a sugestão carregada de segundas intenções, senti sua mão deslizar pelo meu corpo até seus dedos encontrarem o caminho até meu clitóris e a carícia que iniciou me levar a fechar os olhos e estremecer de prazer.

— Foi a coisa mais inteligente que disse esta noite, Vladusik — provoquei, sabendo que não sairia impune pela ousadia.

— Nina...

— Leve o cachorro para passear — sussurrei a frase que passei para Górk digitasse na mensagem enviada no meu telefone.

Será que Vladic se lembraria dela?

Passei boa parte da noite, além de relembrar de nossos momentos juntos, desejando que a resposta fosse positiva.

Meus devaneios foram interrompidos quando ouvi barulhos de passos, e assim que sentei na cama, vi Vasiliev

e seu fiel escudeiro ao seu lado.

Ele trazia uma bandeja de madeira. Nela havia um copo com um líquido branco e uma tigela escura que eu não podia saber o que continha a não ser que me aproximasse.

Caminhei até eles enquanto abria a cela.

— Bom dia — murmurei, abrindo o melhor sorriso que uma situação como esta me permitia dar.

Vasiliev apenas estendeu a bandeja até mim e manteve-se calado, somente observando enquanto eu a pegava.

Como no dia anterior, parecia ser alguma espécie de mingau. Eu não queria comer esta gosma sem gosto, mas sabia que era necessário. *Vors* em treinamento comiam até mesmo insetos como forma de garantir a sobrevivência e conseguir os nutrientes que o corpo precisava.

Segui de volta à cama e para minha surpresa vi Ulf caminhar ao meu lado, sentando aos meus pés.

— Bom garoto — murmurei, sorrindo, com verdadeira sinceridade desta vez.

Alisei o fucinho dele que, em seguida, colocou a cabeça gigante sobre meus pés, enquanto me observava comer.

Para minha surpresa, o mingau tinha um gosto bom desta vez, tinha uma leve pitada de canela e outra especiaria que não sabia identificar e o leite morno tinha um leve sabor de mel.

Encarei Vasiliev tentando saber se ele tinha algo a ver com isso, mas seu olhar rapidamente se desviou do meu.

— Terminei — disse entregando a bandeja vazia a ele alguns minutos depois — Dê os meus cumprimentos ao cozinheiro. Estava delicioso.

O que não era uma mentira. Apesar de simples, foi uma das refeições mais gostosas que já fiz. E sabia que não tinha nada a ver com a *hospitalidade* de Slavik.

Sem nada dizer, Vasiliev pegou a bandeja de minhas mãos e fez um sinal para que o cachorro o seguisse para fora, que diferente do dia anterior, respondeu no primeiro comando.

— Escuta! Quando vou poder sair daqui? Quando poderei ver o meu pai?

Tudo que recebi foi mais silêncio, enquanto angustiada via homem e cachorro se afastarem.

O mesmo aconteceu durante o almoço. Recebi deliciosos pedaços de frango e batatas cozidas, mas nenhuma resposta do homem calado. Essa era uma dura prova emocional que eu me empenhava a ganhar.

Algumas horas depois, do que achei estar próximo à hora do jantar, meu cão de guarda – e não referia-me ao animal – ressurgiu. Abriu a cela e aguardou ao lado da porta. Compreendendo o recado mudo, saí.

Ele não recorreu a cordas ou correntes comigo. O homem era burro ao não levantar a hipótese de que eu

poderia tentar alguma gracinha e fugir ou ele era esperto o suficiente para saber que eu não tentaria nada até ter notícias do meu pai, afinal, eu tinha vindo aqui para isso.

— Qual o seu nome? — indaguei quando iniciamos a caminhada pelo longo corredor entre as celas.

Os únicos sons vinham de algumas gotículas caindo em algum lugar, a respiração pesada do cachorro unindo-se à minha e os nossos passos pelo chão de pedra.

— O meu nome é Irina — continuei a insistir na conversa — Mas você já deve saber disso.

Nada, nenhuma resposta, sequer um olhar em minha direção. Não é que eu quisesse fazer uma relação de amizade com o estranho, mas eu queria descobrir como eu poderia fazer para conseguir sua colaboração, tirando meu pai e eu dessa enrascada.

Eu tinha muito dinheiro, mas o quanto ele era fiel ao seu *Pakhan*? Quais outras ambições ele teria?

Algumas coisas eu poderia oferecer a Vasiliev para que me ajudasse.

— Você não fala muito, não é? — destaquei enquanto ele iluminava o caminho na escada estreita e circular.

Seguimos pelo castelo, desta vez, minha conversa estava direcionada a Ulf, de quem eu tinha mais resposta. Novamente me vi parada diante das portas duplas do grande salão. Como da primeira vez, Slavik nos aguardava no trono que ele gostava de brincar de reizinho.

— Vladinochova, espero que esteja desfrutando bem de sua visita — ele indicou com a mão, informando a Vasiliev que devíamos nos aproximar mais e indicou a cadeira ao seu lado — Não sabe como fiquei ansioso por sua presença.

Slavik usava um certo charme ao falar, mas era um tipo ensaiado que nos fazia ver em cada palavra que ele pronunciava que tudo era um jogo divertido para ele.

— Não sei se posso dizer o mesmo — murmurei, mais para mim, contudo, o suficiente para que ele ouvisse.

Sua risada me fez trincar os dentes. Meu desejo era avançar sobre ele e apagar o sorriso desprezível com meus punhos. Mas eu não faria isso, primeiro, porque provavelmente a única coisa que sairia quebrada seriam meus dedos, depois, nenhum dos soldados presentes, com a atenção focada em mim, me deixaria chegar tão longe. Restou-me engolir minha indignação e dar a ele um sorriso cínico.

— Soube que na Bratva as mulheres costumam ter a língua mais afiada — disse ele em um tom amigável, mas o aviso perigoso que via em seus olhos quase me fez encolher — Tenha cuidado, aqui, nós a cortamos e damos aos porcos comerem.

Sempre reclamei, mesmo que silenciosamente, do tratamento que as mulheres tinham na Bratva, quando na

Tambovskaya poderia ser ainda pior, ainda mais com este *Pakhan* no comando.

Não era apenas a Bratva que precisava mudar, mas o mundo todo.

— O que você quer comigo, *Papa*?

Para mim era um insulto me dirigir a ele assim, mas Slavik, como a maioria dos homens, adorava ter o ego inflamado. Com ele, eu precisava ter mais tato do que com a maioria das pessoas que eu conhecia.

— Você é uma cientista. Uma das melhores da Rússia, senão do mundo.

Tentei estudá-lo e percebi que por mais que tentasse esconder, essa verdade o incomodava muito. O fato de uma mulher ter tanto poder.

Brevemente recordei das vezes que acusei Vladic de machismo. E ele tinha mesmo alguns pensamentos que pouco a pouco eu tentava fazê-lo desconstruir, mas as ideias de Vladic como Macho Alfa nunca foram no sentido de intimidar uma mulher. O que era difícil para ele enxergar era que por trás de toda fragilidade que ele moralmente tinha se empenhado a cuidar, existia força. No caso de Slavik, ele simplesmente nos considerava inferiores.

— Eu quero que crie um vírus para mim — disse ele com toda tranquilidade de quem me pediria uma xícara de chá.

Se eu já não estivesse sentada, cairia dura na cadeira.

— Eu não sou esse tipo de cientista — avisei, alarmada — Não produzo armas biológicas.

Quando soube através de Vladic no seu retorno da reunião com Slavik, de que ele tinha sonhos não apenas de dominar a Rússia, mas também de desbravejar o mundo como nossos ancestrais vikings, levei isso como nada mais do que uma ideia absurda de um homem insano.

— De computador — esclareceu ele com um leve toque de impaciência — Um que possa invadir o governo... Não — ele esfregou a longa barba em sinal meditativo — Qualquer governo. Um vírus potente que faça todos os sistemas entrarem em colapso.

Se isso era possível?

Tudo no mundo era possível, ainda mais quando lidávamos com tecnologia. O INE-19 foi programado para invadir as células mais importantes do nosso governo e roubar informações. Eu queria descobrir coisas que nos protegesse e não deixar nosso país vulnerável, como Slavik acabara de dizer.

— Isso que me pede é impossível.

Uma loucura que faria apenas ainda mais inocentes sofrerem. E, além disso, um programa como esse com toda certeza também seria usado contra nós.

— Eu tenho certeza de que nada é impossível para uma mente tão brilhante como a sua — disse ele, se inclinando em minha direção enquanto passava as pontas

dos dedos asquerosos da minha testa até os meus lábios, causando-me uma ânsia que tentava controlar — Talvez um pequeno incentivo a faça se sentir mais motivada.

Segui em direção ao mesmo olhar que ele, e vi meu pai, sendo conduzido por dois soldados troncudos, entrando no salão.

— Pai! — tentei me erguer e correr até ele, mas a mão de Slavik, como garras em meu pulso, me manteve no lugar.

— Filha? — A surpresa em meu pai de me ver ali só não foi maior do que minha felicidade em vê-lo.

Apesar das roupas amassadas, surradas e manchadas de sangue, a mão enfaixada, apoiada contra o peito, o ar abatido e cansado, ele parecia bem.

— Ele ainda está vivo, *daragáya* — continuou Slavik em um tom ameaçador — Se irá continuar, está em suas mãos.

Com isso, ele colocou sobre minha palma o anel de família do meu pai e fechou os meus dedos em volta dele.

— Por agora vou deixá-la ter o reencontro feliz enquanto pensa.

Apertei a joia com força em meu punho.

— O que você quer, Slavik?

Ao que eu via, pela primeira vez eu o pegava de surpresa, mas a expressão rapidamente foi desfeita.

— Acho que deixei bem claro.

Não era toda verdade, concluí, observando-o se afastar. Tinha algo mais que ele mantinha escondido. Me atrair até aqui era apenas o início do seu plano.

CAPÍTULO 38

VLADIC MILANOVIC

Eu só consegui assimilar duas palavras do que Dmitri havia me falado antes de entrarmos no carro e o mesmo sair disparado em direção ao aeroporto.

Irina desapareceu.

Ficava martelando em minha cabeça enquanto Dmitri pedia que me mantivesse calmo.

— Como você quer que eu fique calmo, porra? — encarei-o com uma fúria cega — A minha mulher está desaparecida e você sabe bem quem deve estar metido nisso.

Slavik Khomiakov, o maldito chefe da Tambovskaya e nosso pior inimigo, estava envolvido nisso até o pescoço, e o desgraçado havia assinado sua sentença de morte, porque quando eu colocasse as mãos no desgraçado, não sobraria nada.

— O *Kapitan* Novitsky também — ressaltou Dmitri, um fato que eu não podia ignorar.

Slavik tinha usado Irina para atrair o pai dela ou usado Viktor para atrair a filha?

Irina era esperta pra cacete, ela só cairia em uma armadilha se visse um perigo real. O desgraçado tinha usado o pai dela como isca e eu, como mais ninguém, sabia o quanto Irina o amava. Ela faria qualquer coisa para manter a segurança de quem amava.

Droga!

Busquei meu telefone com pressa no bolso do paletó. Mantive-o desligado durante toda a reunião com os ucranianos. Estava prestes a religar e entrar em contato com Irina quando Dmitri jogou a bomba sobre minha cabeça.

— Você pode ter certeza que nós...

— Cala a boca, Dmitri! — bradei, impaciente, observando o telefone iniciar.

Sua carranca ao me encarar não me intimidou. Neste momento, eu não conseguia mais enxergar o *Pakhan*, mas o meu irmão, e eu era o mais velho.

— Preciso ver a mensagem de Irina.

Nina era esperta e eu sabia que teria encontrado alguma forma de se comunicar comigo. Assim que abri e li a última mensagem dela, senti uma espécie de alívio massageando um pouco meu desespero.

— Vou chegar tarde — leu Dmitri em voz alta quando entreguei o telefone a ele — Leve o cachorro para passear.

Fechei os meus olhos, respirando fundo. Ela estava bem, pelo menos até o momento que havia enviado a

mensagem, mas isso tinha acontecido há quase duas horas. Nesse meio tempo, muitas coisas poderiam ter acontecido.

— Vocês não têm um cachorro — observou Dmitri, fazendo-me encará-lo.

— Isso foi ideia da Irina. O que mais te preocupou quando Kyara esteve longe?

— Saber se ela estava bem — admitiu ele.

— Essa é a forma de Irina me dizer que está bem. Qualquer informação referente ao cachorro, porque nós não temos o bendito animal.

— Ah...

Sim, ela era inteligente pra cacete. A expressão de Dmitri expressava o que sempre soube dela e muitas vezes usei para irritá-la, chamando-a de nerd. Mas isso não me deixava tão tranquilo quanto Irina poderia ter imaginado. O meu desespero em encontrá-la apenas aumentava a cada segundo que a tinha longe.

— E se as coisas estiverem ruins?

— Algo sobre gatos.

— Puta que pariu — apesar da gravidade, Dmitri sorriu — Irina é uma excelente cientista, mas para ocupar o lugar do Ivan em estratégia.

Encarei feio a Dmitri. Eu precisava admitir que Irina se sairia bem em qualquer área que ela decidisse se aventurar, mas ela não era uma guerreira. Poderia sair gravemente machucada e eu nunca conseguiria me perdoar por isso.

— Vladic — ele apoiou a mão em meu ombro, fechando os dedos sobre ele — Eu estive no seu lugar. Acredite em mim quando digo que precisa manter a calma. Primeiro, precisamos saber tudo o que aconteceu. E se Irina conseguiu entrar em contato uma vez, fará isso de novo.

Concordei com o que ele dizia por um único motivo, não havia nada que eu pudesse fazer até colocar meus pés em território russo.

Eu vou te encontrar, Nina, e vou te trazer para casa. Fiz a promessa silenciosa. Custe o que custar.

O trajeto até o aeroporto, como o do voo até Moscou, foi feito em tempo recorde. Apesar disso, chegamos na mansão de Dmitri e a noite já tinha caído.

Eu tentava assimilar todas as informações que Savin nos passava com calma e paciência, porque eu sabia que cada detalhe era importante. Segundo ele, Irina tinha recebido uma ligação feita pela secretária do pai dela, marcando um almoço com ele na faculdade.

Os seguranças a acompanharam como foram orientados e a última vez que a viram foi quando entrou no escritório do pai com Andrew, seu segurança particular. Quase duas horas depois, mais ou menos em torno de quando ela enviou a mensagem a mim, um dos homens

desconfiado da ausência dos dois, sem nenhuma atualização do que se passava lá dentro, invadiu a sala.

Nesse ínterim, o soldado que esteve mantendo a secretária em intimidação psicológica, aproveitou a oportunidade para fugir. Entre o momento que acharam o corpo sem vida de Andrew e encontraram a passagem secreta, aberta e deram o alerta, passou-se tempo demais. Até mesmo para fazer uma caçada nas estradas que levavam à Tambovskaya. Foi quando Dmitri recebeu a ligação que nos trouxe rapidamente de volta.

— Você! — fui em direção à exausta e assustada secretária comprimida em uma cadeira — Como era esse homem e como se aproximou.?

— Alto, cabelos e olhos claros. Usava um terno azul marinho — seus lábios tremiam ao falar comigo — Tinha uma tatuagem aparecendo no pescoço. Acho que era um triângulo ou algo assim.

O símbolo da Tambovskaya. Enquanto tínhamos escolhido a estrela alvinegra para nos representar, eles adotaram o *valknut*. Eu já não precisava de nenhuma confirmação para saber que o desgraçado do Slavik tinha sequestrado a minha mulher.

A minha Nina.

— Deus! — bati contra a mesa fazendo a mulher pular assustada.

— Ele me interpelou no estacionamento. Apontou uma arma e mandou que eu ficasse calada. Inicialmente achei que fosse só um assaltante.

O desgraçado a tinha usado para afastar um dos dois homens parado na porta do escritório de Viktor, eliminando o que ficara, usando uma arma com silenciador, enquanto seus homens invadiam para seguir com o trabalho sujo.

Das centenas de fotos mostradas à secretária de um dossiê que Ivan tinha levantado há algum tempo, ela tinha reconhecido uma pessoa: Górk. O braço direito e *Avtoriyet* de Slavik. Eu tinha o conhecido quando fizemos a reunião mal-sucedida e, assim como de Slavik, não tinha gostado nada do cara.

— Eu não queria fazer mal a Irina — a mulher me encarou com as lágrimas correndo livremente pelo rosto — Eu a conheço desde menina. Sempre foi atenciosa comigo. Mas eles afirmaram que machucariam o pai dela se não fizesse o que me mandavam.

O desespero da mulher não era apenas porque poderia receber uma represália por ter colaborado com nossos inimigos, sua preocupação com Viktorova e Irina era latente.

— Vai salvá-los, não vai?

— Nem que isso custe a minha vida — e isso era mais do que uma promessa.

— Vladic...

Eu conhecia esse olhar de Dmitri, era o mesmo de quando havia me dado a notícia antes de entrarmos no carro.

— Já sabemos tudo o que precisávamos saber — encarei-o duramente — Reúna os homens e vamos buscá-los.

Cada minuto que passava, o desespero e a angústia em mim aumentavam. O pensamento de que Slavik poderia estar aterrorizando ou fazendo algum mal a Irina me colocava maluco.

— Dmitri?

— Ei, rapaz — Savin apoiou a mão em meu ombro — Sabemos como está preocupado...

Preocupado? Ele não tinha a mínima ideia do tamanho do meu desespero. Mas eu conhecia alguém que sabia.

— Dmitri.

— Eu, mais do que ninguém, entendo você, meu irmão.

— Então, me ajude!

— Sabe que as coisas não são assim. Eu quis ir imediatamente atrás da Kyara e você sabiamente me impediu — via que custava a ele me dizer isso, mas eu só tinha um pensamento na cabeça: recuperar Irina — Você foi o meu suporte, Vladic. A minha razão e meu equilíbrio. Chegou a hora de fazer o mesmo por você.

Racionalmente eu sabia que o que ele falava fazia sentido e era o mais correto para a operação. Só que o coração, esse não sabia ser racional.

— Você vai ou não reunir nossos homens? — indaguei fechando os meus dedos com força, na palma das mãos.

— Eu vou reunir quantos homens forem necessários. Mas só vamos invadir a Tambovskaya quando for seguro para Irina e o pai dela.

— Ivan já está com todos os equipamentos aqui e com um grupo de inteligência para tratarmos do caso — avisou Savin — Ouça o seu irmão, meu filho.

Dmitri tinha muito a perder ou para colocar em risco quando Boris levou Kyara dele. A única coisa que eu tinha a perder, já não estava mais comigo.

— É sua palavra final, Dmitri?

Eu precisava do meu irmão, mas a gravidade da situação exigia que ele fosse o *Pakhan*. A parte racional que faltava em mim.

— É uma ordem, Vladic.

— Como quiser, *Papa* — murmurei, deixando a sala em seguida.

Não enxergava nada à minha frente, enquanto caminhava como uma fera enlouquecida. Percebi que cheguei ao quarto, o lugar que tive Irina em meus braços pela última vez, quando vi seu lado da cama vazio e o

travesseiro sobre ela. Peguei-o. Ainda tinha seu cheiro e isso fez uma pontada pulsar em meu peito.

A raiva, sentimento que preferia me concentrar, fez-me devolver a peça no lugar e minhas mãos foram sedentas à mesa de cabeceira, destroçando-a contra a parede. Tudo o que podia encontrar virou objeto da minha fúria. Em instantes, o quarto ficou completamente destruído e como isso ainda não me deixou contente, ataquei as paredes com meus punhos cerrados. Nem mesmo o sangue manchando a tinta branca conseguia me deter.

— Vlad — senti o toque carinhoso de Kyara em meu braço, puxando-me para trás — Não faça isso, querido.

Eu tinha visto Kyara no escritório de Dmitri, mas acho que meu nervosismo e minha raiva a manteve quieta e afastada. Agora, seus olhos vermelhos e tristes focavam-se em mim e nas minhas mãos machucadas.

— Vem comigo — a segui em direção ao banheiro e observei calado ela procurar a caixa de primeiros-socorros.

Minhas mãos foram colocadas na água corrente e lavadas. Havia esfoliações nos nós entre os dedos e um inchaço começava a surgir.

— Eu tenho que encontrá-la — balbuciei enquanto Kyara seguia com o curativo — Você entende?

Sua mão gentil veio ao meu rosto. Só o percebi úmido porque ela o secou com a ponta dos dedos. Kyara sofria pela amiga e acho que até mesmo por lembrar um dos

piores e mais traumáticos momentos de sua vida, sofrendo nas mãos de Boris e Sonya Kamanev. Mas não existia ninguém no mundo carregando a mesma dor que eu.

O desespero me consumia e o ódio a Slavik partia-me ao meio.

— Eu sei que você vai encontrá-la, Vladic — o sorriso doce, por um segundo, conseguiu me acalmar — A Irina também sabe. Mas, para isso, você precisa ficar bem.

Olhamos para minhas mãos feridas e as gotas de sangue em minha roupa.

Kyara tinha razão, minhas energias precisavam ser poupadas para quando estivesse com Slavik.

— Tenho fé em você, Vladic. Sei que vai trazer nossa garota de volta.

E não tinha outra opção porque sem Irina... sem ela, minha vida seria um completo e imenso vazio.

— Eu vou trazer, Kyara — assegurei enquanto retornávamos ao quarto — Eu prometo.

Observei-a ficar na ponta dos pés, dar um abraço apertado em mim, enquanto eu tentava retribuir da melhor maneira. Assim como ela entrou, se retirou em silêncio sabendo que eu precisava deste momento comigo mesmo.

Caminhei trôpego em direção à cama, onde me escorei até encontrar o chão. Olhei em volta do quarto destruído, exatamente como eu me sentia por dentro.

— Nina.

Pedia em pensamento que ela aguentasse. Que minha linda e inteligente garota conseguisse aguentar firme. De alguma forma, e antes que ela pudesse imaginar, eu chegaria até ela.

— Tome — disse Dmitri, sentando-se ao meu lado no chão.

Eu o vi entrar no quarto, mas minha atenção continuou nos cacos de vidro espalhados pelo chão.

— O que é isso? — indiquei a garrafa de vodca que ele colocou em frente a mim.

— Achei que iria precisar. Eu precisei, você se recorda?

Era impossível esquecer. Quando Dmitri descobriu que Kyara havia sido sequestrada um dia antes do casamento deles, sua reação foi tão furiosa quanto a minha.

— Bebida não vai me ajudar, Dmitri.

— Não vai, irmão — seu braço passou sobre meu ombro — Mas eu vou. E não é apenas o *Pakhan* prometendo isso. É o seu irmão, entendeu?

Eu sabia que ele estaria ao meu lado e que moveria céus e terra para trazermos a minha mulher de volta. Mas nem mesmo a fé, que apesar de todo esse suplício eu tinha em Dmitri, conseguia amenizar ou acalmar a angústia e o tormento crescendo dentro de mim.

— Eu te respeito — murmurei, aceitando a garrafa, dando um longo gole antes de continuar — Mais do que

isso, eu te amo.

Encarei-o, usando de toda honestidade que existia em mim.

— Mas você sabe que vou agir, não?

Neste momento, eu já não era o *Avtoriyet* seguindo as ordens do seu *Pakhan*, mas um homem determinado a salvar e recuperar a mulher que amava.

CAPÍTULO 39

VLADIC MILANOVIC

Foi mobilizada uma grande equipe para planejar e executar o resgate de Irina. Ivan encabeçava a área de inteligência e estratégia. Savin cuidava de reunir todos os *Kapitany* e seus *boyevik* que conseguia contactar e Dmitri supervisionava tudo.

— O sinal do chip do *Kapitan* Novitsky está dando nesse ponto — Voronov indicava um ponto vermelho piscando — E o de Irina, apesar de fraca, exatamente aqui.

Encarei com apreensão o pontinho vermelho em movimento, piscando fracamente.

— O que você quer dizer com isso? — indaguei alarmado.

— Apenas que ela se encontra em um local de difícil localização do satélite.

— Você acredita que Slavik sabe sobre os localizadores? — questionou Dmitri.

— Só se ele tiver conseguido a informação com algum espião. Irina é esperta, ela não deixaria a informação vazar e o *Kapitan* Novitsky sabe que a segurança dele depende de manter isso em sigilo.

A cada informação nova eu não gostava nada do que ouvia, e isso só me fazia ter mais certeza que eu precisava agir rapidamente.

— Voronov? — chamei a atenção dele quando Dmitri e Ivan iniciaram uma conversa paralela — Venha comigo.

A biblioteca era o local mais calmo da casa, também o menos movimentado. Assim que Tigran entrou, olhei ao longo do corredor verificando se alguém tinha notado a gente seguindo nesta direção e após me certificar que a área estava limpa, fechei a porta.

— Esse localizador. Consegue produzir algo parecido e que eu possa transportar?

— Tem um equipamento portátil. O mesmo que Irina e eu usamos para tentar localizar Kyara e acabou nos levando até a bomba na piscina.

Recordava bem da ocasião. O plano de Boris Kamanev era mandar a mansão Milanovic pelos ares, com tudo e todos que havia nela, principalmente o *Pakhan*.

— O que você está planejando, Milanovic?

— Conseguiria um desses para mim? — ignorei a pergunta mais interessado em sua resposta ao meu pedido.

— Os melhores equipamentos vieram para cá — avisou ele — Mas deve ter um par do que você precisa no laboratório. Posso buscar e trazer aqui...

— Não. Leve para a minha casa esta tarde e não fale sobre isso com ninguém.

— Mas o Dmitri...

Encurtei a distância entre nós com apenas dois passos largos e o encarrei com firmeza.

— O meu irmão faz o trabalho dele — disse em um tom calmo, mas ameaçador o suficiente — Eu faço o meu. Entendido?

Ele assentiu levemente com a cabeça, mas não parecia estar intimidado por mim. Voronov realmente se preocupava com Irina. Os dois construíam mesmo um forte laço de amizade e talvez, depois que isso tudo acabar, eu conseguisse olhá-lo com menos desconfiança.

Talvez. Apenas talvez.

De acordo com alguns estudos, as primeiras 48 horas de uma vítima de sequestro eram as mais importantes. Faltavam apenas algumas para bater um dia que Irina tinha sido levada e cada minuto do relógio contava contra mim.

— Todos os homens já estão aqui — avisou Rurik encontrando-me na janela do salão que tinha sido reservado para a reunião — Aguardamos apenas Voronov.

— Ele não deve demorar.

Tigran enviou uma mensagem há poucos minutos avisando que já estava nas imediações da mansão Novitsky. Cerca de dez minutos depois, ele surgiu, entregando-me dois

equipamentos semelhante a rádios, com aparência bem mais moderna.

— Eu precisei codificar para que apenas os sinais de Irina e o pai dela fossem procurados. Ele é o ponto azul e ela, o vermelho.

Algo que eu percebi foi que o ponto que indicava Viktorova ficava sempre no mesmo lugar e o de Irina em constante movimento. Eu não sabia avaliar se isso era bom ou muito ruim.

— Como funciona isso?

Tigran explicou que linha amarela tracejada na tela indicava do nosso ponto até onde o sinal emitia. Era possível verificar pela bússola digital a orientação e também conferir a distância em metros e horas até o local.

— Você vai atrás dela, não?

Dmitri estava fazendo todo o possível para que a equipe de segurança e inteligência formassem um plano de resgate, enquanto o mesmo buscava contato com Slavik, tentando abrir negociações. Racionalmente, eu sabia que eles fariam um ótimo trabalho, mas eu não podia ficar apenas esperando.

— Sua ajuda será recompensada, Voronov.

— Não quero recompensas — avisou ele me encarando sério — Desejo ir com vocês.

— Sem chance.

Eu não achei que Tigran fosse adequado para nos acompanhar na perseguição contra Boris, tampouco nessa caçada que poderia ser sangrenta. Ele não tinha treinamento militar.

— Eu posso ser útil quando preciso — ele abriu um sorriso que me irritou e cruzou os braços antes de continuar — Acho que você se lembra bem, não é, Vladic?

O maldito estava falando do tiro que levei e se não fosse ele ficar do meu lado, estancando o sangramento, enquanto Dmitri corria para resgatar Kyara, eu poderia estar em uma cova agora.

— Isso é guerra, Voronov — destaquei com impaciência — O que houve com o Kamanev vai parecer uma volta no parque.

— Sei que não luto tão bem quanto os seus soldados — ele deu uma rápida olhada nos homens espalhados pelo salão, aguardando comando —, nem atiro tão bem e todas essas coisas que vocês foram treinados por anos.

Eu tinha reunido cerca de quase vinte homens, soldados habilidosos, os melhores de minha equipe e do *Kapitan Novitsky*.

— Mas posso ajudar em outras necessidades, como com os equipamentos, por exemplo — ele indicou os dois rádios em minhas mãos — O que faria se um deles quebrasse ou perdesse o sinal?

Ye-bet! Sobre isso ele estava certo. Ninguém em minha equipe teria os conhecimentos necessários para lidar com qualquer defeito que os aparelhos apresentassem.

— Preste atenção, Voronov. A minha preocupação é Irina — aproximei-me encarando-o firmemente — Então, se quiser manter a sua vida, não faça nada sem o meu comando.

Ele assentiu com um olhar satisfeito. Somente um louco proporia o que Tigran havia feito a mim, mas não era o que se dizia sobre as pessoas no campo dele, que não batiam bem da cabeça?

De qualquer forma, toda ajuda seria bem-vinda e necessária.

— Eu só tenho uma pequena exigência a fazer — disse ele, levando-me a encará-lo furiosamente.

O iaque praticamente me forçava a levá-lo conosco na missão, e ainda achava que precisava fazer exigências?

— Nadia — disse rapidamente e lembrei da garota aos cuidados dele, a mesma que há algum tempo tínhamos resgatado da Tambovskaya — Preciso que fique segura durante minha ausência.

— Vou ordenar que Rurik a envie ao meu antigo apartamento e que um soldado nunca saia de frente da porta.

— Obrigado.

A jovem seria mantida intacta. Eu sei bem como era zelar pela segurança de quem amávamos.

— Senhores! — coloquei-me no centro da sala e aguardei que toda a atenção estivesse em mim — Como já devem saber, Khomiakov roubou minha mulher. A esposa do *Avtoriyet*, a filha de um *Kapitan*, e o próprio. Com isso, ele desafiou toda a Bratva. E nós vamos pegá-los e mostrar a esse verme o que acontece quando mexem com a gente.

Um burburinho cheio de entusiasmo reverberou pelo local.

— Vamos à *Caçada Gris*! — gritei aos homens.

Gris era o tom mais usado por Irina, até um pouco antes de assumirmos nossa relação. Era como eu via minha vida agora, do branco ao cinza, e eu só teria cor novamente quando a recuperasse. Porque até que Irina estivesse segura, em meus braços, meu mundo seria preto e cinza.

— *Bratstvo prezhdde vsego!* ^[21] — emitimos nosso juramento à Irmandade.

Bratstvo prezhdde vsego!, todos responderam em seguida.

A cada quilômetro que avançávamos, o ambiente me parecia mais familiar. Estive nesta região tanto para procurar

a propriedade de Kamanev, como na reunião com Khomiakov.

— Vamos acampar próximo ao rio — ordenei a Rurik — Já está escuro e nos aproximamos bastante da Tambovskaya. Não podemos chamar atenção dos nossos movimentos.

— Vou pedir que dois homens patrulhem em volta e verifiquem a distância exata da vila.

Assenti e segui em direção ao restante dos homens orientando sobre o acampamento.

Usamos como meio de transporte três *off road*, trazendo armamentos, e a maioria dos homens, para o caso de precisarmos de um veículo mais rápido, e alguns soldados chegariam em breve, montados nos melhores cavalos puro-sangue. Havia uma parte da floresta que se quiséssemos passar despercebidos precisaríamos dos animais.

Com cada homem montando sua barraca em pontos que deixavam suas presenças camufladas, busquei o localizador em minha mochila. Vez ou outra durante a nossa caminhada até aqui, estudei o equipamento.

Houve dois momentos que os sinais de Irina e seu pai ficaram lado a lado, indicando que eles estavam juntos, mas na maior parte do tempo estavam em uma distância considerável. Provavelmente separados por quartos, ou o que estivessem sendo usado como cativeiro.

— Senhor?

Rurik ressurgiu algum tempo depois, quando Voronov e eu finalizávamos a barraca que iríamos dividir por esta noite.

— Os homens voltaram e trouxeram informações importantes.

Enquanto os escutava atentamente, minha mente já trabalhava em todas as mudanças que eu precisaria fazer em meu plano.

Seria uma noite longa.

IRINA MILANOVIC

De uma coisa eu tinha certeza, Slavik não dizia toda a verdade, algo esse ser monstruoso estava aprontando e eu precisava descobrir antes que fosse tarde demais. Contudo, a única coisa que conseguia ter em mente era em correr até o meu pai.

— Pai! — joguei-me em seus braços e quando fui envolvida por eles, senti-me segura de novo.

— Minha garotinha — ele sussurrou afagando minha cabeça.

E enquanto recebia seu acalento, me dava conta de que não importava a idade, carinho dos pais era algo único e nunca desnecessário.

— O que você veio fazer aqui, minha filha?

O momento que decidi ceder à chantagem de Górk, a mando de Slavik, soube que essa repreensão chegaria em algum momento.

— Papai, você sabe que não tive escolha — abri minha mão e mostrei o anel que Slavik tinha me dado — Eu não tive saída.

— Aquele desgraçado! — urrou ele, e eu podia ver o ódio brilhando em seus olhos — Queriam que eu fizesse uma ligação para você. Mas eles poderiam arrancar cada membro meu antes que eu fizesse isso.

O *Kapitan* Novitsky não iria se curvar. Ao mesmo tempo que admirava sua força, ficava aborrecida. Ele já não era um soldado jovem e cheio de vigor.

— Não deveria ter feito isso, pai — encarei sua mão enfaixada para enfatizar mais minha reprimenda — Eu vim do mesmo jeito.

— Seu lugar era na Bratva com seu marido — ele pegou o anel — Agora, em vez de se preocupar com um, terá que fazer isso com dois. Além disso, eu já sou um velho, filha. Um dia a mais, um dia a menos...

— Nunca mais diga isso — obriguei-o a olhar para mim — Eu o amo e perder o senhor, dessa maneira, me destruiria por dentro.

Os pais tendiam a achar que partirem na frente era uma dor mais suportável, mas não era assim. O coração sofria da

mesma maneira.

— E como vamos fazer agora? — exibindo uma expressão de dor, ele moveu a mão machucada — Como vou conseguir te proteger?

Apesar de Vasiliev ter sido gentil até agora, ele ainda fazia parte do time adversário e até ter certeza se era mesmo confiável, a informação que eu tinha precisava ser mantida em segredo.

— Estamos com o chip — sussurrei ao abraçá-lo — Só precisamos ganhar tempo até que Vladic e Dmitri venham.

A essa altura, o alarme já teria soado e uma equipe especializada estava estudando formas de nos resgatar.

— Eu não podia arriscar a sua vida — disse num tom audível ao nos separar — Não me peça isso. Mas eu peço que confie em mim.

— Confio, filha. Se tem alguém em quem eu confio no mundo é você — ele afagou o meu rosto.

Isso para mim era algo realmente importante. Eu lutava constantemente pelo respeito de Dmitri, nosso *Pakhan*; Vladic, por ser o homem que eu amava e queria que sentisse orgulho, de todas as pessoas dentro da Bratva, mas o meu pai eu cresci sentindo admiração.

— Apenas me prometa que tomará cuidado — exigiu ele — E que pensará em você antes de mim. Se a oportunidade surgir, irá embora sem olhar para trás.

— Pai...

— Jure isso, Irina — insistiu ele deixando nítido que não mudaria de opinião não importando o que eu viesse a falar — Eu vou agora mesmo até Khomiakov e vendo a minha alma a ele se for preciso.

Uma característica da família Novitsky e que eu tinha herdado em demasia era a teimosia. Se eu não fizesse a promessa absurda, não me restava dúvida que ele daria cabo à ameaça.

— Eu prometo.

Foi fácil dizer o que ele precisava ouvir, pois, eu não tinha intenção alguma de chegar nessa posição entre ter que fugir e salvar o meu pai. Sairíamos daqui juntos.

Essa sim, era a promessa que eu estava mais do que disposta cumprir.

CAPÍTULO 40

DMITRI MILANOVIC

Entrei em nosso quarto tentando fazer o mínimo de ruído possível. Eu não queria atrapalhar o sono de Kyara e a pequena Yasha em nossa cama. Bom, pelo menos de Kyara, pois, nossa filha mantinha os olhos espertos bem abertos olhando em volta com curiosidade.

Enquanto eu me concentrava praticamente todas as horas do dia pensando e planejando com Ivan uma maneira segura de trazer Irina e Vikrochova de volta, minha esposa mantinha-se vigilante à nossa filha e Kalina, agora, a nova integrante da família.

Não precisei pensar duas vezes ao pedido de Kyara para que nós a adotássemos. Sem Antoneli e os avós que também morreram na emboscada formada por Slavik, a garotinha só tinha os tios, que não demonstraram nenhuma importância com ela na última vez que averigui. Kalina já passara por muitos traumas e para crescer tendo uma infância feliz, precisaria ter ao lado dela pessoas que a amariam e cuidariam dela.

Ter visto minha filha nascer mudou muitas coisas em minha cabeça. Eu não conseguia imaginar e jamais

permitiria que esse pequeno pedaço de mim viesse conhecer o significado da palavra dor.

— Ninguém nunca vai machucar você, pequenina — prometi tendo seus lindos olhos turquesa focados em mim — O papai não vai deixar.

Inclinei-me sobre a cama e depois de depositar um beijo suave nos lábios de Kyara e outro no topo da cabeça de nossa filha, segui até o banheiro. Esperava que uma ducha quente me fizesse relaxar. Eu nunca conseguiria ficar tranquilo até ter essa situação resolvida.

— Dimuski? — ouvi através da porta fechada do box.

Dimuski e *Kisha*, era assim que nos tratávamos intimamente. Algo só nosso e especial.

— Ouvi o barulho do chuveiro, mas não vi você chegar.

— Não quis acordá-la.

O meu trabalho não era fácil, ainda mais em um momento como esse, mas as obrigações de Kyara como esposa e mãe, agora com duas crianças aos seus cuidados, sendo uma recém-nascida, também exigiam muito dela. Em uma ocasião mais tranquila, buscava ajudar melhor quando estava em casa. Não me sentia menos homem por trocar a fralda de nossa filha, dar mamadeira ou colocá-la para dormir. Na verdade, todos esses pequenos e importantes momentos que passávamos juntos faziam o laço entre nós se estreitar.

Queria ter com Yasha o mesmo tipo de relacionamento que Irina tinha com o pai dela, que ela soubesse que a amo e que poderia confiar em mim. Claro que sem toda essa idiotice de casamento. Eu ficaria muito feliz se ela virasse freira, por exemplo. Com certeza, me pouparia de me livrar de muitos abusados pelo caminho.

— Tentei fazer Yasha dormir, mas acho que fui eu que peguei no sono.

— Você sabe que terá que ser a mão rígida dessa criação — destaquei, enquanto a observava se desfazer do robe, ficando nua à minha frente.

— Porque nossa pequena já faz o que quer com o pai dela.

Eu não iria refutar a provocação, era verdade. Se Kyara me deixava de quatro, nossa filha me deixava no chão.

— Sabe o que eu também sei? — indagou, pegando um dos meus elásticos no gabinete para prender os longos cabelos em um coque acima da cabeça — Você precisa relaxar um pouco.

Desde que voltamos da Ucrânia, eu não tinha conseguido me desligar, tanto por minha preocupação com Irina como com Vladic. Ainda mais depois dessa madrugada. Eu o havia alertado de que acima de tudo eu era o seu *Pakhan*, mas internamente, eu sabia que para um

homem apaixonado não existia nada mais importante que a mulher amada.

O que me preocupava era, se Vladic tinha colocado sua vida em risco para me salvar, o que ele seria capaz pela esposa?

— O Vlad está ficando maluco, Kisha. Eu não sei o que fazer para também mantê-lo em segurança. Como vou protegê-lo se ele não deixa?

Com a pergunta aguardando uma resposta, Kyara entrou no box. Ela pegou uma generosa porção de sabonete e começou a passar em meus ombros e peito. Toques suaves, mas que pouco a pouco foram fazendo parte da tensão se desfazer.

— Deixe-o seguir o coração dele — enquanto sentia seus dedos macios esquentar minha pele, mais do que a água quente caindo em nossos corpos, a puxei mais para mim.

— Slavik não está disposto a colaborar.

Os dois mensageiros que eu tinha enviado a Tambovskaya não retornaram com vida após minha tentativa de negociar um resgate.

Inicialmente, achei que de alguma forma meu encontro com os ucranianos tinha vazado e o motivo de Slavik ter levado dois dos nossos seria uma tentativa de barganhar isso, exigir mais armas, mas ele não estava disposto a

negociar. Os motivos de manter Irina e o pai dela eram outros. Isso também me preocupava.

— Isso pode levar meu irmão à morte, *mílaya*.

— Dmitri Milanovic, está mesmo duvidando da força e poder de um homem apaixonado? — seus olhos cheios de amor buscaram os meus — Vlad não vai cair até trazer sua Nina com ele.

Kyara tinha uma confiança cega em Vladic, a mesma que no fundo eu sabia ter.

— Talvez você tenha razão, meu amor — murmurei cobrindo seus seios com as minhas mãos, olhando fascinado sua reação a isso — Agora, me ajude a ter alguns minutos de paz.

Algo me dizia que seriam os últimos por algum tempo.

— Eu te amo, Dimuski — ela sussurrou antes de eu tomar os seus lábios em um beijo carregado de paixão.

Não demorou muito para estarmos devorando um ao outro com beijos famintos, toques e carícias que sempre exigiam mais de nós. E quando o desejo parecia derreter nossas peles ainda mais, agarrei firme sua bunda, puxando-a para meu colo. Kyara enroscou suas pernas em volta da minha cintura e eu encontrei o caminho para dentro dela.

— Ah... — gemi ao sentir sua boceta molhada abrigar o meu pau — Eu amo a sua boceta, meu amor.

Voltei a beijá-la e girei com ela em meu colo. Apoiei suas costas contra a parede e minhas estocadas dentro

dela ficaram mais profundas.

— Dmitri! — seus dedos cravaram em meus ombros, e com uma investida mais forte a senti estremecer.

Kyara se desfazia em meus braços e eu arremetia mais rápido e duro em sua boceta, que pulsava em torno de meu pau, dando novos orgasmos a ela enquanto meu próprio clímax me destruía.

O sexo entre nós não tinha mudado com o casamento e nem com o nascimento de nossa filha. Pelo contrário, nos sentíamos cada vez mais conectados, confiantes para explorarmos e nos aventurarmos por coisas novas. Eu diria que ficava melhor e mais intenso com o tempo.

— Vem — ela me puxou pela mão quando a coloquei no chão — Precisa descansar um pouco.

Deixei que ela pegasse a toalha e começasse a me secar. Era mais importante para Kyara fazer isso do que para mim. Depois de secos e com apenas um robe cobrindo nossos corpos, voltamos para o quarto.

Yasha finalmente estava dormindo.

— Deixe-a aqui esta noite — sugeri a Kyara.

Assim que ela assentiu, nos deitamos cada um em um lado do bebê. Buscamos e unimos nossas mãos embaixo dela.

Elas eram a minha família, o que eu tinha de mais precioso na vida. Mas Vladic, Irina e Viktor também eram.

Eu faria o impossível para ter todos reunidos novamente. Seguros e protegidos.

Slavik tinha cometido um erro muito grave ao tocar em um dos meus. Ele pagaria caro por isso.

Não devo ter dormido mais do que duas horas, pois, a maior parte da madrugada mantive-me observando as duas garotas que governavam o meu coração. Então, quando o telefone tocou ao lado da cama, a preocupação maior era não interromper o sono delas.

— Ivan?

— *Papa. Eu não trago notícias muito agradáveis.*

O tom de sua voz me deixou mais alarmado do que o aviso que deu.

— O que aconteceu, Trotsky?

— *É o Vladic, senhor. Reuniu alguns homens dele e do Kapitan Novistky e estão a caminho da Tambovskaya agora. Acredito que já devam ter chegado lá. Voronov foi com ele.*

Droga! Eu sabia que a repentina calmaria de Vladic significava encrenca.

— *Quer que eu...*

Se Vladic não fosse meu irmão, estaria em sérios problemas agora por desafiar uma ordem dada pelo seu *Pakhan*.

— Não. Siga o plano, Ivan.

— *Como quiser, senhor.*

Encerrei a ligação dando um soco com o aparelho na cama. Vladic tinha conseguido me deixar muito irritado. As ações dele poderiam colocar toda nossa estratégia em risco.

— Dmitri? — senti o toque de Kyara em meu ombro — Vladic foi atrás dela?

— Ele me desafiou, *mílaya* — eu tentava a todo custo conter minha irritação — Antes de ser o irmão dele, eu sou o *Pakhan*.

Ela se arrastou na cama e se ajoelhou ao meu lado.

— Não é contra Vladic que você está nessa guerra — ela segurou firme meu rosto — Mas com ele. Por ele. Você já esteve no lugar dele, Dmitri.

Em meias palavras, eu sabia exatamente como Vladic estava se sentindo.

— Deixe o *Pakhan* de lado e seja apenas o irmão. Como ele sempre foi para você.

Eu sempre fui as duas coisas. Luz e sombra. Mas era o momento de apenas um sobressair e seria quem Vladic mais precisasse.

IRINA MILANOVIC

Era difícil identificar qual horário do dia nos encontrávamos. Depois de finalmente conseguir encontrar o meu pai, nos abraçamos e termos conversado um pouco, fomos conduzidos à prisão no subsolo do castelo. Cada um em uma cela, próximos o bastante para conseguirmos nos ver, mas com grades de ferro nos separando.

Sua medicação era forte, por isso, não nos falamos muito à noite. Os minutos nesta cela que eu chamava de caverna, fria e escura, pareciam intermináveis, mas eu acreditava que deveria ser início da tarde. Eu já tinha recebido a primeira refeição e o almoço que fora levado há pouco, que por sinal tinha um gosto horrível, nenhuma das duas foi entregue por Vasiliev, como nas outras vezes.

Ele tinha levado meu pai ao único médico na vila para que ele desse uma olhada em seus curativos. Eu mesma tinha verificado o ferimento um pouco antes de sermos separados nas celas. Apesar do reimplante parecer estar sendo bem-sucedido, eu desejava ver nosso tormento chegar logo ao fim e que ele pudesse ser examinado por médicos de nossa confiança.

Enquanto pensava, angustiada, em elaborar um plano que nos tirasse daqui, não conseguia parar de caminhar de um lado a outro da cela. Nunca pensei em ser cientista biológica, mas neste momento seria de grande ajuda criar algo que exterminasse Slavik com apenas uma gota mortal.

Eu já sabia o que supostamente Slavik queria comigo, pelo menos, parte de seu plano, agora, eu precisava sair dessa fortaleza. Eu precisava convencê-lo a me mover para um lugar onde as chances de fuga pudessem ser bem mais estudadas.

Minha única chance vinha com Vasiliev, pois o soldado que havia trazido a comida e levado os utensílios vazios, ignorou meus pedidos de forma irritante. Apostava todas as minhas fichas que o soldado silencioso, sempre acompanhado do imenso cachorro, era minha única chance, a minha peça fundamental nesse jogo.

Então, quando ouvi passos ecoando baixinho no chão rústico, imediatamente corri até a grade de ferro.

— Papai?

Minha visão ficou embaçada assim que o reconheci, caminhando vacilante ao lado de Vasiliev e seu cão. Apesar do contentamento e grande alívio de vê-lo retornar, obriguei-me a controlar minhas emoções.

— Papai, você está bem?

Ele tinha passado tanto tempo brincando sobre sua saúde para me unir a Vladic, que a ameaça agora era real.

— Estou bem, querida. Apenas cansado — avisou indo em direção à desconfortável e estreita cama encostada a parede — Preciso apenas descansar um pouco.

A única vez que vi meu pai tão abatido foi quando teve o início de infarto e precisou passar alguns dias no hospital.

Nós não podíamos continuar aqui embaixo. A umidade só iria piorar o estado de saúde do meu pai.

— Sr. Vasiliev? — o chamei assim que ele saiu para trancar a cela onde havia deixado meu *otet's* — Preciso falar com Slavik.

— Khomiakov está ocupado.

Khomiakov e não o *Papa* ou o *Pakhan*. Talvez uma pessoa menos atenta não notaria que Vasiliev, longe dos olhos e ouvidos do ser desprezível que era Slavik, não se referia a ele com o respeito esperado.

Havia alguma coisa ali e quanto antes eu descobrisse, mais cedo conseguiria trazer Vasiliev para o nosso lado.

— É importante. Ele exigiu algo de mim ontem e espera a minha resposta.

Nunca fui tão analisada. Será que assim como eu analisava em relação a ele, Vasiliev também buscava saber se eu era alguém de confiança?

— Você pode ir até ele e perguntar se quiser.

Depois do que acreditei ser um longo e torturante minuto, finalmente o vi se aproximar e começar a abrir o cadeado que mantinha a grade fechada.

Antes de me unir a Vasiliev, corri até a cela de meu pai.

— Papai, eu já volto — prometi, mas ao observar seus ombros subindo e descendo lentamente, percebi que havia pegado no sono — Vou tirar a gente dessa.

Pelo menos, deste local asqueroso que deveria estar impregnado de histórias horríveis de outros prisioneiros.

— Você é um cachorro bonzinho — esfreguei meus dedos fechados na cabeça de Ulf que nas quatro patas quase batia em minha cintura, e eu não era uma mulher baixa.

Fizemos o mesmo trajeto que das outras vezes, pelo menos esta parte do castelo eu já começava a conhecer muito bem.

— Quero falar com o *Pakhan* — disse Vasiliev a um dos dois homens armados, parados na porta.

— Por que você trouxe a prisioneira? — Um deles me dirigiu um olhar carregado de frieza e desprezo.

Ao que parecia, o papel de Vasiliev era vigiar os meus passos e impedir que eu fugisse e morresse de fome. Sua função dava a entender que ele não passava de um mero *Vor* recebendo comandos, mas o jeito que ele se portava, com segurança com que enfrentava seus superiores e até mesmo exibia um ar de insolência, dizia que nem sempre foi assim. Como punição, Slavik teria rebaixado-o ao assumir o lugar do irmão como *Pakhan*?

Este homem era uma caixinha inesgotável de questionamentos.

— Saia da minha frente — com o aviso dele, Ulf rugiu abrindo todos os dentes.

Eu teria medo do imenso cachorro e pelo que via da expressão de um dos guardas, eles também se sentiam intimidado.

— Deixe-os passar — o outro falou, abrindo caminho na porta — Se trouxe a mulher deve ser importante.

O mais desconfiado, apesar de relutante, saiu do caminho, mas pediu que esperássemos enquanto solicitava o pedido de audiência. Aguardei tentando não deixar transparecer meu nervosismo e ansiedade.

— Podem entrar. O *Papa* espera vocês.

Foi impossível não deixar de notar o olhar mortal que ele trocou com o soldado invocado, que após alguns segundos foi o primeiro a se desviar.

Interessante. Entramos no grande salão e minhas avaliações em torno de Vasiliev precisavam ser deixadas de lado.

— Vladinochova — como um rei que achava que era, Slavik ergueu-se de seu trono e veio em direção a mim — Retornou mais rápido do que imaginei. Devo presumir que refletiu melhor sobre o meu pedido.

Eu sentia repulsa da forma que ele se divertia com tudo isso.

— Vou fazer o que me pediu em troca de duas coisas.

O brilho de seus olhos mudou para um que eu considerava mais perigoso. Slavik não era o tipo que se

permitia ser desafiado. Ele era um crescido garotinho birrento.

— Acha mesmo que está em posição de exigir alguma coisa? — Ele indagou ao se inclinar e sussurrar em meu ouvido.

Eu sabia que não estava, principalmente, por arriscar tanto e acabar levantando sua ira, mas eu precisava arriscar.

— É isso ou dar adeus ao seu pedido.

Por dentro eu tremia, mas minha voz saiu espantosamente firme.

Ele se empertigou no lugar, e o ar frio deu lugar mais uma vez ao sorriso irônico.

— Muito bem. Quais os seus desejos?

— Quero que meu pai seja enviado à Bratva, à nossa casa — eu sabia que estava arriscando demais — E preciso ser acomodada em um quarto melhor, para o trabalho. Um lugar arejado e tranquilo para que possa fazer os meus cálculos e analisar o projeto.

— Em relação ao seu pai, a resposta é não. Ele não está em condições de uma viagem tão longa e cansativa.

Joguei alto duas vezes de forma proposital. Um dos meus pedidos Slavik teria que aceitar.

— Górk, consiga para Sra. Milanovic um dos melhores quartos do castelo depois do meu — disse ele sem encarar o soldado, enquanto seguia com a atenção fixada em mim.

— Já que não pode enviar o meu pai de volta, peço ao menos que o deixe ficar comigo.

— Vladinochova, não puxe a corda demais — disse ele passando a ponta dos dedos em meu rosto, imediatamente um gosto amargo veio do meu estômago até minha boca — Você sabe bem o que pode acontecer se ela arrebentar.

— Meu pai é um dos homens mais inteligentes que eu já conheci e matemático. Se existe alguém aqui capaz de me ajudar, é ele. E quanto mais ajuda eu tiver, mais rápido conseguirei terminar.

A ideia não era realmente essa. Slavik não era o único a manter meias verdades.

— Que assim seja — ele virou para o seu *Avtoriyet* desta vez para dar o comando — Transfira o Novitsky para lá também.

Já que eu não consegui barganhar a liberdade do meu pai, que ao menos o mantivesse ao meu lado quando a oportunidade de escaparmos surgisse.

— Imagino que começará imediatamente?

— Preciso de computador, equipamentos e tecnologia de ponta para o que você deseja.

Alguns eram mais difíceis de encontrar do que outros. Uns até precisariam ser importados e levariam dias para chegar. Mas o intuito de Slavik era apenas me deixar entretida enquanto agia e eu poderia fazer o mesmo jogo, planejando uma fuga.

— Faça uma lista e entregue a Vasiliev. O resto nós cuidamos.

Após ser dispensada, segui Vasiliev para fora, sentindo uma leve sensação de vitória. Era muito pequena ainda, mas significava muito para mim. O que eu havia planejado desde que aceitei vir como prisioneira de Slavik seguia o seu curso. Manter eu e meu pai vivos e em segurança.

Eu sabia que em casa, Vladic e Dmitri estudavam uma boa estratégia para nos tirar daqui. Mas isso poderia levar dias. Enfrentar a Tambovskaya não era o mesmo que perseguir um lunático como o Kamanev. Era máfia contra máfia.

E enquanto os homens mais inteligentes e capazes estudavam uma forma de me tirar daqui com o mínimo de perda para nós, eu colocaria em prática minhas próprias estratégias.

Slavik não tinha a menor ideia de com quem ele tinha mexido.

Como eu não tinha nada de pessoal, fui enviada diretamente aos meus aposentos novos. Vasiliev e seu inseparável animal permaneceram na porta enquanto eu me dirigia a uma mesa próxima à janela iniciando a enorme lista de tudo que eu iria precisar.

— Nunca vai me dizer o seu primeiro nome? —
indaguei sem desviar o olhar do papel e caneta.

Como imaginei, não obtive resposta.

— Ouça, Vasiliev — larguei os objetos na mesa e fui em direção a ele — Não sei se você sabe quem eu sou, mas a minha família é uma das mais importantes do país. Umas das mais ricas e mais influentes.

Observei seu rosto sempre impassível buscando identificar se a informação causava algum tipo de reação a ele, mas...

Nada.

— O que você quiser. O quanto quiser, eu posso conseguir se colaborar comigo.

Eu arriscava com Vasiliev mais do que tinha arriscado com Slavik. E talvez estivesse sendo ingênua e cometendo o maior erro até aqui. Mas a roleta estava girando e eu precisava acertar na cor correta.

— Acha que uma questão de dinheiro? — existia uma profundidade sombria em seus olhos.

— Posso estar enganada, mas sinto que você não tolera Slavik — me aproximei mais dele.

Meus joelhos tremiam, mas algo me dizia que estava no caminho certo.

— Não sei o que ele te fez, mas estamos unidos pelo desprezo que sentimos por ele. Vai haver uma guerra e tenha

certeza de que Dmitri saíra dela vencedor. Qual lado você vai ficar?

Bem, eu tinha arriscado tudo. Ou eu era muito corajosa ou completamente maluca.

— Eu não tenho lados.

A resposta seca quase me fez dobrar o corpo e chorar como uma garotinha derrotada. Então, na frase seguinte tudo mudou.

— Mas talvez vocês possam dar algo que eu quero.

Meu coração voltou a bater acelerado no peito.

— O quê?

— Proteção.

Claro, assim que Slavik soubesse que seu soldado havia mudado de lado e me ajudado a escapar, a cabeça de Vasiliev estaria a prêmio.

— Eu posso prometer isso. Dmitri e toda a Bratva irão proteger você.

Pela primeira vez, vi surgir algo em seu rosto como um sorriso. Mas não era de humor, mas em um intrigante tom de deboche.

— Não preciso de proteção. É para duas outras pessoas.

Seus pais? Irmãos? Esposa e filho?

— Quem são eles?

— Ainda não posso dizer — o ar indolente retornou ao seu rosto e me convenci que isso era tudo o que eu

conseguiria hoje — Temos um acordo?

— Temos um acordo — confirmei.

Não houve apertos de mãos e nem juras de fidelidade. Vasiliev de alguma forma me fazia acreditar que ele era o tipo de homem a quem a palavra dada significava muito.

Tentando controlar o sorriso, retornei para a mesa a fim de concluir a lista que seria dada ao soldado de Slavik. Estava prestes a me sentar quando Vasiliev me surpreendeu mais uma vez.

— O meu nome — o som firme e forte de sua voz como um trovão me fez olhar rapidamente para ele — é Yuri.

E com essas palavras, homem e animal saíram do quarto.

— Yuri — sussurrei baixinho, olhando para a porta fechada.

De alguma forma, saber o nome dele tornava as coisas mais pessoais.

Eu tinha um novo e importante aliado agora.

CAPÍTULO 41

VLADIC MILANOVIC

Fazia mais de 48 horas que Nina tinha sido sequestrada e por mais que eu tentasse manter a calma, por muitas vezes me via diante de um pânico silencioso, temendo que em algum momento a mente deturpada de Slavik pudesse dar pane e ele fizesse algum mal a ela, por simples prazer.

Para os meus soldados, eu demonstrava calma e frieza, quando por dentro eu tinha um vulcão esperando o momento de entrar em erupção. Mas essa tortura estava com os minutos contados. A hora do próximo passo havia chegado.

— Mandou me chamar, Vladic?

Tigran entrou na barraca e não me passou despercebido pela forma que me chamou. Algumas horas de viagem e dividindo a mesma barraca não eram suficientes para criar um grau de intimidade entre a gente, mas o intuito desta missão e, principalmente, o que ele já tinha feito por mim antes, ajudaram a ignorar ele não ter se dirigido a mim de forma adequada.

— Este rastreador — indiquei um dos aparelhos — Também funciona como rádio entre eles, certo?

Durante o tempo que precisamos ficar de vigília, enquanto os homens patrulhavam o lugar em busca de informações e esperávamos o momento certo para atacar, tentei aprender ao máximo sobre o funcionamento do invento de Irina. E cada detalhe novo que aprendia meu orgulho por ela apenas aumentava.

— Quando habilitado sim — explicou ele — Não sei se Irina chegou a dizer, mas a ideia original era ajudar no processo de busca de pessoas perdidas. Por isso a comunicação entre os equipamentos.

— Ao que me disse, estes dois pontos significam que Irina e o pai estão juntos.

— Pelo menos no mesmo cômodo, sim.

E isso já fazia algum tempo. Não era o momento para fazer apostas, mas eu precisava arriscar.

— Então, vou deixar este equipamento com você — avisei, entregando o rastreador que monitorava os movimentos de Viktor — Em algum momento vou entrar em contato.

— Vocês já vão partir? Eu pensei que...

— Preciso de você longe e em segurança. E será a ponte entre mim e Dmitri.

Meu irmão, que a essas alturas deveria estar furioso comigo, estaria agindo ao lado de Ivan. Embora eu tivesse

atropelado suas ordens, eu não queria estragar a estratégia dele e seu *Obshchak*.

— Qualquer coisa que você precisar, Rurik estará aqui com homens para colocar em ação.

— Espera... Está insinuando que pretende entrar lá sozinho? — indagou Tigran — Matar Slavik na primeira oportunidade, é isso? Vladic, isso é suicídio.

Eu não tinha o que contestar porque basicamente ele estava no caminho certo.

— Não — ele me encarou diante da resposta silenciosa — Sabe o que irá acontecer se você for bem-sucedido, não é?

Se eu fosse bem-sucedido? Eu não tinha pretensão alguma de falhar porque a vida da minha mulher dependia disso. Mas eu entendia onde Voronov queria chegar. Matar o *Pakhan* automaticamente me colocaria no lugar dele e essa era uma responsabilidade que não quis assumir nem mesmo na Bratva, que dirá em uma organização enraizada de problemas.

— Sei o que estou fazendo, Voronov — garanti colocando a mão em seu ombro — Preciso que confie em mim porque eu confio em você.

E essa não era apenas uma maneira de o convencer. Eu poderia estar dando um tiro no escuro e a birra que sempre tive de Tigran, na maior parte levado pelo ciúme que sentia de Irina, no futuro pudesse se tornar verdadeira e eu

me deparasse com sua traição, mas, no momento, sentia que podia confiar em Tigran. Ele tinha ganhado meu respeito ao me acompanhar nesta missão.

— Ok. O que exatamente você quer que eu faça?

— Senhor?

Rurik chegou no momento exato.

— Na verdade — olhei para cada um deles —, preciso que trabalhem juntos.

Expliquei em partes, pelo menos o que eu havia arquitetado e o que esperava que cada um fizesse na minha ausência. Assim como Tigran, o soldado da minha mais alta confiança não se sentiu feliz em saber que daqui para frente eu seguiria sozinho. Ambos acreditavam que eu seguia para uma missão suicida, o que eles não estavam completamente errados. Era um plano ousado e um pouco insano. Exatamente por isso eu acreditava que poderia dar certo. Slavik não estava esperando por isso.

— Com todo respeito, senhor — Rurik se manifestou após minha última palavra dada — Eu acho uma ação muito arriscada.

— O risco maior é eu levar cada um de vocês diretamente para a morte.

Porque Slavik tinha mais soldados e mais armamentos também.

Eu precisei de cada homem que recrutei para me acompanhar. Não teria como fazer o reconhecimento das

áreas, buscar informações sobre a rotina da vila e castelo onde Slavik vivia e lidar com o rastreador de Irina, sozinho. Cada um fez uma ação importante, mas eu nunca desejei levá-los a uma prematura e desnecessária morte.

— Nós fomos treinados para isso — disse Rurik com orgulho — Matar ou morrer pela Bratva.

Sim. Como Dmitri e eu também fomos. Eu não esperava menos dos homens de minha confiança.

— Mas não chegou o momento de morrer. Preciso que confie em mim.

Era mais fácil um homem conseguir entrar despercebido no castelo de Slavik do que um grupo de quase vinte e um cientista que não fazia ideia da enrascada que tinha se metido.

— Primeiro, eu vou tirar o pai de Irina lá de dentro — relembrei a primeira parte do plano — Você tem que ficar atento porque Slavik não é um homem de confiança. Faça com que Viktor seja levado imediatamente à Bratva quando estiver fora daqueles portões.

— Como quiser, senhor.

— Bom, com minha esposa junto comigo saberei como me virar. Dmitri não levará muito tempo para agir aqui. Deixe os homens atentos. Somente aí, vocês poderão fazer para o que vieram.

Lutar.

Até a morte se fosse preciso.

Entrar na Tambovskaya era como fazer uma viagem de volta ao passado. As casas, a fonte no meio da vila, as barracas com alimentos, frutas e até mesmo animais, o enorme castelo sombrio de pedra ao fundo, contribuía para a sensação lúdica. Até as pessoas se vestiam de forma mais campestre. Parecia que o lugar tinha parado no tempo. Ao mesmo tempo que era estranho, parecia fascinante.

Pessoas simples que preferiam viver de maneira simples ou passaram anos obrigados a viver assim?

Eu conhecia culturas, como os Amish, por exemplo, um grupo conhecido por seus costumes ultraconservadores, como o uso restrito de equipamentos eletrônicos, inclusive telefones e automóveis.^[22]

Infiltrar-me na vila foi um pouco mais tranquilo. Com roupas pesadas e surradas, um cavalo com utensílios velhos e alguns objetos para troca e venda, consegui me passar por um mercador. E ajudava o fato de que à noite as pessoas não estavam muito interessadas com quem passava entre as vielas.

Como eu imaginava, todo o redor do castelo mantinha uma vigilância pesada. Para a minha sorte, os soldados não

patrulhavam em volta dele, mas ficavam parados atentos a tudo.

Eu só tive que analisar e escolher o ponto mais cego entre todos eles. Com uma garrafa em mãos e um andar vacilante, cheguei despreocupadamente até o primeiro, acertando-o com uma adaga em um ponto mortal, antes que o segundo pudesse reagir ao amigo caindo aos meus pés, meu golpe foi rápido e certo em sua garganta.

O terceiro homem mal teve tempo de se defender. Cheguei silenciosamente e girei sua cabeça quebrando o pescoço. Agachei-me e peguei sua arma. Não deveria ter decorrido mais do que quinze minutos e eu já tinha três mortos aos meus pés.

Isso não mexia com nenhum sentimento em mim. Quando se estava na pele de um soldado, as emoções eram desligadas, decisões tomadas através de cálculos frios eram as únicas coisas a nos governar. Diante de uma guerra, era uma questão de matar ou morrer.

— Obrigado até aqui, amigo — murmurei ao cavalo ao pegar uma das mochilas presas nele, soltando suas rédeas em seguida.

Eu só tinha alguns minutos para preparar o equipamento de escalada e subir os muros altos antes que os soldados do outro lado do castelo trocassem de lugar e dessem conta dos companheiros abatidos.

Passar para o outro lado era uma questão bem mais complicada. Primeiro, eu tive que encontrar um ponto cego dentro. Por enquanto, eu contava com a sorte e o fato de que ninguém esperava ter um maluco se rastejando no alto do muro para conseguir se mover despercebido.

O único lugar que me permitia entrar sem trazer um exército de homens furiosos em minha direção, ficava em um ponto onde os três soldados do lado de fora estavam a postos. Minha única saída era esperar e desejar que nenhum deles fosse o tipo romântico que gostava de admirar a lua.

De acordo com as informações passadas por Rurik, os homens mudavam de lugar a cada meia hora, formando um círculo anti-horário. Faltavam poucos minutos para isso. E assim que eu estivesse no castelo, precisaria seguir com agilidade. O alarme de que havia algum invasor logo soaria.

Um dos problemas com os soldados de Slavik era que eles não usavam vestimentas que os identificasse, tipo os ternos e óculos escuros e acessórios de comunicação, que eu pudesse usar como disfarce para me infiltrar. O que os identificava eram as armas que carregavam. E Rurik não tinha exagerado. Conforme eu avançava, mais armamento pesado eu conseguia ver.

Já dentro, entre as sombras, tentando me passar por um dos trabalhadores comuns, procurei abrigo entre algumas carroças cobertas de madeira e feno.

O aplicativo que Tigran tinha instalado em meu telefone e bússola em meu relógio teriam que ser meus guias até Irina. Por enquanto, o rastreador teria que ser deixado em um lugar seguro. Se eu fosse pego, e provavelmente seria exatamente isso que aconteceria, afinal, o plano era esse, que Slavik acreditasse que eu agia sozinho por amor e como um tolo, eu precisaria do equipamento para me comunicar com Tigran quando chegasse a hora.

Manter um lugar tão grande como este, exigia uma considerável mão de obra. Por isso, a circulação de pessoas pelos corredores, em sua maioria mulheres, era o aceitável.

Com a arma que tinha pego do *boyevik* do lado de fora, consegui nos primeiros minutos, mantendo sempre o rosto para baixo, fingir averiguar arma. Mais uma vez, os homens que passaram por mim sentiam-se seguros o suficiente para sequer perceber que a ameaça passava ao seu lado.

De acordo com as orientações dadas pelo aplicativo e a informação na bússola, eu estava no ponto certo.

Não havia ninguém no corredor. E eu só tinha mais alguns metros para chegar até a porta. E ao chegar diante dela, apenas uma coisa me separava de Nina.

Girar a maçaneta.

CAPÍTULO 42

VLADIC MILANOVIC

Destravei a pistola e lentamente fui girando a maçaneta na porta. Fiz a leitura do quarto em apenas alguns segundos.

— Quem é você? — apontei em direção ao homem parado no canto direito do quarto.

Homem e cão, que mostrou seus dentes afiados para mim, armaram-se contra a minha presença.

— Vladusik?

Por um tempo acreditei que ficar no altar esperando Irina entrar na igreja para nos casarmos tinha sido o momento mais tenso e ansioso vivido por mim, até agora.

Meus olhos se fixaram em Irina, sentada em uma cadeira almofadada ao lado de uma mesa próxima à janela. Também havia papéis espalhados por todo o móvel, indicando que ela esteve ou ainda estava em atividade.

— Fique onde está, *mílaya* — avisei, dando alguns passos cuidadosos em direção ao soldado que a mantinha sob vigilância no quarto.

Ele era grande, acho que até mesmo alguns centímetros a mais do que eu, mas isso não me intimidava. Minha única preocupação era saber como abatê-lo sem que Irina e o pai dela saíssem feridos.

— Abaixе essa arma, soldado — ordenei, enquanto calculava a minha mira bem no meio de sua testa.

Eu estava na vantagem por tê-lo avistado primeiro e já me encontrava em uma posição de ataque, enquanto ele apenas tivera tempo de pegar sua arma presa à cintura. Qualquer movimento dele e eu teria o prazer de fazer o seu cérebro espalhar pelo tapete.

— Yuri. Espere! — o tom angustiado de Irina quase me fez desviar a atenção do meu alvo — Este é o meu marido. Vladic não vai atacar você. Pode abaixar a arma, por favor.

Muito mais curioso do que surpreso, observei o homem atender ao pedido dela, guardando a arma. Ele também deu um comando ao cachorro que parou de grunhir e se deitou, apoiando a imensa cabeça sobre as patas dianteiras, ao lado de seu dono.

— Vladusik? — ainda em alerta, mas um pouco mais controlado, virei para ela.

Ver seus lábios tremerem ao me encarar e a emoção que começava a ganhar força em seu rosto era a única arma capaz de me paralisar.

— Nina — chamei-a apenas com um sussurro.

Enquanto eu dava dois passos em sua direção, Irina veio correndo até mim. Finalmente tê-la em meus braços me fez sentir que todo o peso do mundo foi tirado de cima de mim.

— É você mesmo? — indagou, ainda sem poder acreditar no que via.

Passei minhas mãos de sua cintura até os ombros, fechando-as em torno de seu rosto molhado pelas lágrimas.

— Sou eu mesmo, meu amor — foi tudo o que consegui dizer antes de minha boca buscar a dela.

Existia mais do que paixão em nosso beijo. O que sentíamos desta vez era diferente. Parte de nós estava perdida e, agora, havia sido encaixada novamente. Eu não era completo sem ela e tinha certeza que Irina sentia o mesmo por mim. Nosso casamento foi mais do que um laço entre um homem e uma mulher que se amavam, nós nos tornamos um só.

— *Ya skuchal po tebe* — murmurei espalhando beijos por todos os cantos de seu rosto tentando colher o máximo de lágrimas emocionadas que eu podia — Eu senti muito a sua falta, Nina. Eu quase enlouqueci com a distância. Estava morto por dentro, até agora.

A razão gritava muito forte em mim que eu deveria me preocupar com o soldado no quarto e seu cachorro. Mas eu precisava ter esses segundos com Irina em meus braços, mais do que o próprio ar que eu respirava.

— Eu sabia que você viria — murmurou e se afastou um pouco para tocar meu peito e todos os lugares em meu corpo que suas mãos trêmulas pudessem alcançar — Eu não imaginei que seria tão rápido. Quando chegaram? Onde está o Dmitri? Você está ferido? Nós não ouvimos nada.

Deixei que ela disparasse suas perguntas até poder revelar a verdade, que eu sabia que não a agradaria nem um pouco. Seguindo o raciocínio de suas indagações, Irina achava que junto com Dmitri e um exército de homens, tínhamos invadido o castelo. O que provavelmente era o meu irmão estaria planejando antes de eu ter decidido agir sozinho.

Apesar de meu plano parecer maluco, eu não podia arriscar invadirmos a Tambovskaya, e no meio da guerra, Slavik direcionasse sua fúria e insanidade a Irina. Isso acabaria com o resto de minha sanidade.

— Estou sozinho, Nina.

Aguardei que ela absorvesse, em choque, minha revelação antes de seguir com as explicações. Nós não tínhamos tempo e o homem desconhecido dentro do quarto me deixava intrigado.

Por que não tinha avançado em mim ou alertado os guardas ainda?

— Slavik chantageou você? — Irina indagou o que para ela era o mais óbvio — Vladic, você caiu na conversa dele?

— Eu vou te explicar tudo — puxei-a de volta para os meus braços, apesar da sua relutância inicial e sussurrei em seu ouvido — Quem é esse homem?

— É o Yuri, o meu guarda e nosso aliado.

Aliado?

Irina poderia ser esperta para muitas coisas, mas sempre confiava rápido e demais nas pessoas. Por que um soldado de Slavik viraria nosso aliado nesse momento?

— Pode confiar nele, Vladusik — ela me encarou cheia de segurança quando tornamos a nos afastar um pouco — Fizemos um acordo e Yuri irá me ajudar em tudo o que puder.

Eu não gostei nada disso. Virei em direção ao homem, que depois de questionar quem eu era ao me vir entrar aqui, manteve-se em absoluto silêncio. Homens como ele, difíceis de ler as emoções, me deixavam incomodado. Só conhecia uma pessoa capaz de esconder tão bem seus sentimentos e foi treinado anos para isso, mas que ainda assim eu conhecia o suficiente para conseguir analisar nas entrelinhas, Dmitri.

— Isso é verdade, soldado? — afastei Irina com gentileza para trás das minhas costas e o encarei com olhar frio — Está se unindo à nossa causa?

Eu tinha que questioná-lo sem revelar muita coisa, pelo menos, por enquanto.

Depois do impacto inicial de Irina à minha chegada, o cachorro, que devo admitir, chamava muita atenção.

— Nós temos um acordo — ele respondeu simplesmente — De onde eu vim, uma palavra vale tudo.

Essa era a decima lei no Código dos Ladrões que a Irmandade deveria seguir. Cumpra as promessas dada a outros ladrões.

O que Irina teria oferecido a ele?

Neste momento, não importava. Se o tal Yuri estivesse fazendo jogo duplo e se aproveitando da confiança de Irina para se virar contra ela depois, ele iria lamentar o dia que tinha nascido.

— Não tenho muito tempo antes que os soldados entrem aqui — voltei minha atenção para Irina — Dmitri ainda está na Bratva, seguramente com Ivan, montando um plano de resgate.

Ela me ouvia atentamente embora eu visse em seus olhos dezenas de questionamentos.

— Não pude ficar longe, Nina — comecei antes de iniciar as explicações de meu plano um tanto insano — Você tem que confiar em mim. Vai parecer um pouco maluco, mas...

Apesar da necessidade de ter que tirá-la do escuro, as explicações teriam que ficar para depois. A porta foi aberta com um estrondo, cerca de quinze homens invadiram e

após o último deles entrar, se juntando aos demais espalhados no quarto, Slavik surgiu.

— Ora, ora, mas que supressa temos aqui — um sorriso desprezível surgiu em seu rosto — Vladic Milanovic, nós finalmente voltamos a nos encontrar.

IRINA MILANOVIC

Apesar de estar completamente feliz de novamente estar nos braços do meu amor, queria entender que plano absurdo havia trazido Vladic até aqui. Por isso, ignorando todos os meus instintos, comecei a ouvir suas explicações, mantendo-me calada.

Infelizmente, ele não teve tempo para começar a esclarecer tudo. Fomos interrompidos abruptamente quando Slavik, acompanhado de seus homens, entraram na sala.

Como Vladic tinha feito ao notar a presença de Yuri e Ulf, automaticamente ele me levou para trás de suas costas como um sinal de proteção.

Slavik iniciou o diálogo com uma provocação sem sentido. Eu tentava ao máximo segurar o asco que esse

homem me causava e prestar atenção no que Vladic tinha a dizer a ele.

— Você levou o que mais me importa na vida — disse Vladic pouco se ligando para expressão debochada de Slavik e os sussurros desrespeitosos de alguns de seus soldados.

O *Pakhan* e, pelo visto, alguns dos seus seguidores, achavam que o amor deixava um homem fraco; eles seguiam as leis antigas que proibiam os homens de se apaixonarem e construírem famílias. Amantes? Aceitáveis. Qualquer um que criasse um laço afetivo e pudesse usar como arma, como ele fazia comigo? Inadmissível.

Para mim, Vladic era o homem mais valente desta sala. Assumir seus sentimentos e enfrentar tudo e todos por ele, o fazia mais forte que todos eles juntos.

— E você veio buscá-la — Slavik olhou em volta, abrindo os braços — Sozinho?

Isso era uma coisa que me perturbava. Como Dmitri tinha permitido que o irmão embarcasse nessa loucura? Depois de tudo que ele tinha feito por ele, segurando a onda quando o sequestro de Kyara quase o enlouqueceu, sem contar o tiro que Vladic tinha levado para salvar a vida dele.

— Você me disse que se eu decidisse mudar de lado, as portas estariam abertas — respondeu Vladic, o que me fez encará-lo com surpresa.

Isso só podia fazer parte do plano dele. Nem em um milhão de anos e nada faria Vladic trair a Bratva, a nossa família, quem nós somos e Dmitri.

— Também me lembro que você disse que isso era algo que jamais aconteceria — destacou Slavik, se esse era o plano de Vladic, convencê-lo que pretendia mudar de lado não seria uma coisa fácil — Por que eu deveria acreditar agora?

Eu acompanhava a conversa dos dois, como quem assistia uma partida de tênis. Ser apenas uma expectadora, que não fazia ideia dos movimentos seguintes era algo do qual eu não sabia lidar muito bem. A cada resposta e revide, começava a ficar mais nervosa.

— Para começar, eu não imaginei que meu irmão me viraria as costas quando mais precisasse dele.

O quê? *Não!* Dmitri jamais faria isso. Faria?

Encarei Vladic angustiada, mas nada em seu olhar me confirmava se ele estava blefando.

Você tem que confiar em mim.

Do pouco que Vladic conseguiu me dizer, isso foi o que rapidamente veio à minha cabeça. Eu tinha que confiar em Vladic, por mais insano que isso parecesse.

— Você sabe bem, Khomiakov, às vezes achamos que o sangue está acima de tudo, mas nem sempre o que esperamos acontece.

Slavik tinha matado o próprio irmão para ficar no poder. Então, a suposta traição de Vladic não deveria ser considerada absurdo para ele.

— Eu fiz tudo por Dmitri. Salvei sua vida dezenas de vezes. Como você disse aquele dia, cansei de esperar as migalhas do nosso pai que nunca me assumiu — apertei sua mão, que buscava a minha e a essas alturas eu não sabia dizer se o tom amargo de Vladic ao citar Mikhail era verdadeiro ou só mais uma encenação para convencer Slavik — Do meu irmão e todos à nossa volta.

Se eu não conhecesse Vladic tão bem, os dois irmãos para falar a verdade, começaria a ficar propensa a ponderar a honestidade de seu discurso.

— Um pedido. Eu só fiz um pedido que ele me negou — a repulsa contida em cada palavra e seu olhar duro, causou-me um arrepio frio — Como nosso pai, prefere negociar com você. Ele não vai colocar seu império em risco, nem mesmo por mim.

— Realmente ele tentou entrar em contato comigo — informou Slavik — Como já disse antes, não haverá acordos.

— Um de vocês dois pode me dar o que eu quero — Vladic olhou para mim para enfatizar o que afirmava — Apenas isso me importa agora.

É só um plano de Vladic, uma parte de minha mente insistia em dizer. Mas, e se uma pequena porção disso

fosse verdade?

Se Dmitri, pensando mais friamente, tivesse se recusado a agir imediatamente como Vladic certamente pediu e os dois tivessem se desentendido, fazendo com que ele procurasse Slavik e propusesse esse acordo?

Porque traindo o irmão e a Bratva, ou não, Vladic agiu nas costas do irmão. Eu achava impossível que em sua consciência Dmitri permitisse que ele viesse sozinho negociar com Khomiakov.

— Sou um desertor agora. Não posso mais ser aceito em meu povo. Irina e eu não somos mais bem-vindos e nem dignos de confiança — continuou ele — Minha esposa é uma cientista valiosa. E eu tenho informações importantes sobre a Bratva, que seriam interessantes a você, como... negociamos com os ucranianos e que eles não venderão mais uma bala para você.

De tudo que Vladic disse, essa foi a primeira vez que realmente pegou Slavik de surpresa. Sem armamento, nessa guerra ele não seria nada.

— Foi por isso que Irina ficou desprotegida e você conseguiu nos atacar.

Na verdade, eu cometi um belo vacilo, mas não tive escolha, jamais jogaria com a vida do meu pai.

— Você afirma que Milanovic almeja apenas manter seu poder — destacou Slavik ainda desconfiado — Comigo

não é diferente. Por que eu devo acreditar que não mudaria de lado mais uma vez?

— Eu não desejo o que vocês querem. Nunca quis o poder ou teria lutado por ele com o meu irmão, mas você tem algo que me pertence, Slavik — afirmou Vladic com segurança — Podemos chegar a um acordo? Fazer uma aliança que beneficie todos nós.

— E quais seriam suas reivindicações? — indagou Slavik — Porque você tem algumas.

— Primeiro, garantir que Irina estará segura agora e depois dessa guerra — ele encarou Górk, todo desconfiado ao lado de Slavik e abriu um sorriso cheio de provocação para o rival — Não vou aceitar um cargo menor do que já tenho. E tem que enviar o Sr. Novitsky de volta a Moscou.

— Você vem até aqui; dispara um discurso duvidoso para mim e meus homens — Slavik deu dois passos em nossa direção, meu desejo era recuar, mas Vladic nos manteve no lugar — e exige que eu liberte esse velho, e ainda quer que acredite na veracidade de suas palavras?

Oh, meu Deus! Será que o plano de Vladic, assim eu esperava que fosse apenas um plano arriscado, começaria a desmoronar como um castelo de cartas?

Esse não tinha sido o melhor momento para fazer esse pedido, por mais que o que eu mais desejasse fosse ver meu pai longe dessa confusão.

— Você não está conseguindo ver além do seu desprezo pela Bratva — destacou Vladic com toda calma — Depois deles, o seu maior inimigo é o governo. Ainda não pode lutar contra ele. Contra uma população inteira que se revoltasse.

Fazia sentido e grande parte dos meus projetos estava focado nisso, tirar cada vez mais a polícia e o governo do nosso radar.

— Viktor já é um homem velho e doente, e pelo que posso notar, está ferido. Além disso, o desaparecimento dele não seria notado apenas na Bratva, mas todos os seus funcionários, com certeza, a polícia será avisada e os jornais também. O Sr. Novitsky é um homem influente na Rússia. Atrair mais atenção para você pode ser perigoso e colocar tudo o que planejou em risco.

— E o que o leva a crer que esta conversa não chegará aos ouvidos de Dmitri? — destacou Slavik apontando o meu pai em pé, agora acordado, ao lado da cama.

Inteligentemente, ele apenas observava a conversa, afinal, no momento, ferido, não havia nada que ele pudesse fazer, nem por mim e nem por ele.

Ou, talvez, o fato de ver Vladic ao meu lado o deixasse mais seguro. Acreditando ou não que Vladic tinha se tornado um traidor, ele estava aqui, por mim. E para o meu pai o que importava era me deixar segura.

— O que Dmitri precisa saber que já não saiba? Eu fui embora. Larguei tudo por ela. E ele não fará nada com o *Kapitan* porque entende os riscos implicados — Vladic continuou — No momento, está mais preocupado em vencer você. Ele está bem seguro sobre isso.

Mexer com o ego dele, seria o mesmo que colocar uma venda sobre os seus olhos. Agora, Vladic estava indo no caminho certo. Dava para notar a forma que ele reagiu. O ódio mostrando quem Slavik realmente era. Um ser desprezível e ambicioso.

— E ele? — Slavik apontou novamente o meu pai — Deixaria a filha com a gente? Sem questionamentos?

Olhei para o meu pai, desejando que ele entendesse o que estava acontecendo e que não resolvesse bancar o pai herói justamente agora.

— A minha filha está casada, senhor. O lugar dela é com o marido e como decidirem viver daqui por diante é um assunto deles — sua resposta me fez voltar a respirar normalmente.

Enquanto um silêncio perturbador se estendia, com Slavik considerando tudo o que tinha escutado, encarei cada homem à nossa volta. Alguns acreditavam no que Vladic tinha proposto; outros, ainda o encaravam com desconfiança, principalmente Górk, que não só perderia o posto, como teria que passar a seguir às suas ordens.

— Muito bem, Vladic. Eu conheço sua fama como guerreiro — iniciou Slavik — E devo admitir, seria uma excelente aquisição ao meu time. Pelo que sei, não existe melhor lutador na Bratva e mais competente que você.

Dmitri era tão bom quanto Vladic e Ivan chegava bem próximo aos dois, mas isso agora não era relevante.

— Contudo, você terá que provar seu valor de acordo com a nossa tradição — ele abriu um sorriso cínico e eu rapidamente temi onde Slavik pretendia chegar — Na arena. Lutando com os mais valentes e habilidosos soldados. Se vencer cada um...

Estava tão surpresa, aterrorizada, que mal consegui assimilar suas palavras quando ele se virou em direção a Yuri, que se mantinha no mesmo lugar desde que Vladic tinha entrado.

— Até chegar ao meu melhor lutador — a bomba final de Slavik caiu sobre a minha cabeça — Sua lealdade será comprovada.

— Não! — Um protesto angustiado escapou dos meus lábios, agarrando-me mais ao braço de Vladic, puxei-o como se, com isso, pudesse afastá-lo da proposta absurda.

— Este é o momento de você também provar seu valor e fidelidade a mim, Vasiliev? — O divertimento com que Slavik olhava para os dois, só fazia meu ódio por ele crescer — E acho que não preciso lembrá-los, que no final de todas as disputas, apenas um homem sairá com vida.

— Você é um ser desprezível! — gritei, sendo incapaz de segurar minha indignação, e se não fosse Vladic segurando os meus braços, teria avançado contra Slavik.

O que só contribuiria para os seus homens anteciparem nossa morte. Eles eram a maioria aqui.

Tentava me acalmar com Vladic me apertando forte contra seu peito, mas não conseguia. O desespero crescia em mim de forma assustadora.

— Eu aceito — Vladic pronunciou as palavras que eu mais temia ouvir.

— Eu também — confirmou Yuri.

A angústia que senti desde que fui encurralada na sala de meu pai, trazida até aqui, e durante todas as horas que fui mantida como prisioneira, nem se comparava à dor e desespero que começavam a me dominar neste instante.

— Vladusik — eu mal conseguia vê-lo através das lágrimas transbordando dos meus olhos — Não faça isso. Não faça isso, por favor.

Vladic era um guerreiro excelente. E eu o vi em ação no Centro de Treinamento muitas vezes, mas aqui estávamos falando de um duelo real. Embora ele tivesse se recuperado bem, não estava em cem por cento de sua forma física. A perna onde levou o tiro seria uma desvantagem.

— Nina, está tudo bem — ele sussurrou, segurando meu rosto — Você tem que confiar em mim.

Eu tinha medo. Muito medo. Nem mesmo os dias que fiquei no hospital, velando e ansiando por sua recuperação, chegavam ao que eu sentia agora.

— Eu não posso... — não conseguia respirar, não conseguia pensar, somente dor, desespero e vazio ganhavam lugar em minha mente e coração — Não consigo. Se você morrer, eu morro junto.

— Isso não vai acontecer, Nina — murmurou tocando meus lábios, rapidamente — Voltei para você uma vez e farei isso quantas vezes forem necessárias.

Vladic. Arena. Luta.

Eu só conseguia pensar nisso enquanto o pânico me consumia.

CAPÍTULO 43

IVAN TROTSKY

Decisões. Elas estavam sempre diante de você. Escolher o que é certo ou errado dependia do ponto de vista de cada um. Dmitri optava por usar tática e inteligência para chegar a Slavik e vencê-lo. Vladic desejava um ataque sangrento contra o desgraçado, e que fosse de forma rápida e letal.

Entre os dois, eu seguiria cegamente a sugestão de Vladic. Mas eu não podia apenas me guiar pela fera enjaulada e enlouquecida dentro de mim. Antes de ser um homem que almejava vingança a qualquer custo, eu era o *Obshchak* servindo ao *Pakhan*. Meus sentimentos e as minhas crenças nunca deveriam estar acima disso e jamais poderia deixá-los transparecer.

Então, por mais que minha vontade inicial fosse apoiar Vladic e marchar com ele nessa guerra, eu precisava ser frio e encontrar uma forma segura e eficaz de resgatar Irina e o pai dela, destroçar Slavik, tendo, enfim, minha tão sonhada vingança. E eu mesmo faria questão de torturar e extinguir qualquer traço de vida daquele maldito. Por Toni, por Kalina.

Eu devia isso às duas.

— Senhor? — um dos guardas desviou a minha atenção para ele na entrada da sala — Acabou de chegar uma mensagem de Vladic para o *Papa*.

Olhei para o envelope em suas mãos. Por questão de segurança, todas as correspondências precisavam ser analisadas antes de chegar a Dmitri.

— Fizeram os exames?

— Não há nenhuma ameaça química.

Assenti pegando o envelope e fui à procura do *Pakhan*.

— É sua, *Papa* — informei entregando o envelope — Vladic pediu que chegasse às suas mãos.

Observei enquanto ele abria o envelope e começava a leitura rápida das duas folhas em silêncio. Sua expressão, sempre neutra, não me deu qualquer sinal do que poderia conter na missiva.

— Porra! — foi esse breve sinal de insatisfação que rapidamente me colocou em alerta — Ivan? A situação é pior do que imaginávamos. Nosso plano terá que ser revisto.

— Mas, senhor...

— Vladic pode ser um maluco, filho da puta, mas se as informações que ele passou estiverem corretas, ele nos livrou de um massacre sem proporções. Apenas leia.

Apesar de não me sentir satisfeito, segui com a ordem que ele me deu e antes mesmo de concluir, fui obrigado a concordar com Dmitri. Em vinte e quatro horas bancando o

rebelde, Vladic tinha encontrado o que provavelmente eu levaria alguns meses para descobrir, fazendo uma investigação mais discreta.

VLADIC MILANOVIC

Eu tinha jogado todas as fichas na estratégia que tinha montado, ainda na casa de Dmitri após ele sair do meu quarto, e não iria sair perdedor dela, mesmo que algumas coisas tivessem mudado.

No momento, a minha maior preocupação nesse jogo de meias verdades e blefes entre mim e Slavik era Irina. Sua inteligência nunca me desapontava, mas nessa onda de estica e puxa, temia que ela viesse a arrebentar. Mais do que nunca eu precisava que Irina se mantivesse serena e confiasse em mim.

Slavik tinha feito uma jogada desleal, sugerindo que eu provasse minha recém lealdade a ele na arena, provando que a vida dava mesmo muitas voltas. Há um ano eu estive ao lado de Dmitri observando os *Kaptany* traidores lutarem até a morte, agora, eu estaria desempenhando esse papel.

Lutar.

Pela minha vida. Pela Bratva. E por Irina.

— Muito bem. Já que estamos todos de acordo, sua primeira exigência será mantida — disse Slavik, claramente satisfeito por ter chegado ao seu objetivo — Górk se encarregará de que, pela manhã, Novitsky seja enviado para casa.

Com Viktor em uma zona de segurança, ficava muito mais fácil seguir adiante. E pelo que eu notava, ele tinha entendido bem parte do meu plano, pelo menos, o que ficara óbvio.

— Eu teria um grande prazer que o casal continuasse o emocionante reencontro — ele prosseguiu em sua dissimulação irritante — Mas sabemos que um lutador precisa de toda concentração possível e eu espero que você esteja no seu melhor, Milanovic.

O que ele queria era um bom show para os súditos assistirem.

— Por isso, alguns soldados irão escoltá-lo até seus aposentos. Você será avisado brevemente quando os duelos começarem.

Eu não era tolo, sabia que o momento que fosse descoberto seria separado de Irina. Foram minutos angustiantemente curtos que a tive em meus braços, mas que fizeram toda caminhada e todos os riscos corridos até aqui valerem a pena.

— Vladusik — seus olhos úmidos e assustados em mim me faziam querer mandar toda essa loucura para o

inferno e avançar furiosamente em direção a Slavik.

— Eu te amo, Nina — sussurrei, encontrando a testa na sua — Logo, todo esse inferno irá acabar.

E, então, em vez de um código secreto para nos dizer se estávamos bem, adotaríamos um cachorro. E eu a convenceria a não esperar alguns anos para iniciarmos uma família como ela havia sugerido, que começássemos logo a encher a grande mansão de pequenos nerds, realizando o desejo mais esperado de seu pai, e, com toda certeza, o meu.

— Isso é uma promessa — finalizei antes que um grupo de homens viesse até nós.

Não era uma despedida, mas parecia e doía como igual. Mas pela primeira vez desde que toda essa merda foi jogada em nossas cabeças, eu precisava agir com completa frieza. Fingir jogar o jogo de Slavik como ele atuava jogar o meu. O momento de usar a força não era agora.

— Vladusik... — ouvir seu balbuciar aflito e notar seu olhar quebrado quando alcancei a porta, quase acabou comigo.

Mais do que os meus músculos, eu precisava da minha resistência mental. Vencer Slavik ia além de quem tinha mais balas, mais habilidade em um duelo corpo a corpo. Mas de quem movia melhor as peças no tabuleiro.

— Aposto dez rodadas na taverna que Vasiliev esmaga esse cara — ouvi de um dos soldados que me escoltava

pelos corredores do castelo.

Apostas como essas não me surpreendiam, logo a notícia se espalharia como pólvora e centenas delas estariam acontecendo. Pela Tambovskaya, Yuri Vasiliev conseguiria a maioria dos apoios e torcida. Era natural e não me afetava. Embora se fosse preciso, eu lutaria com ele até a morte, não tinha intenção alguma que isso viesse a acontecer.

A caminhada parou em uma porta que dava acesso a uma escada circular. O ambiente era escuro e sombrio. Conforme avançávamos, logo percebi que se tratava de uma prisão.

— Boa estadia, estrangeiro — zombou um dos homens antes de me empurrar para dentro com sua arma.

As provocações seguiram enquanto eles fechavam a cela, mas nenhuma delas chegou perto de me atingir. Havia uma coisa que Slavik tinha razão, eu precisava ter a minha mente focada e não apenas na luta que eles esperavam com tanta animação.

Se Dmitri tiver recebido meu recado como eu esperava, a parte mais importante começava agora.

As poucas coisas que eu carregava ao invadir o castelo foram confiscadas e levadas pelos soldados,

portanto, eu não tinha ideia de quanto tempo me encontrava trancado na cela.

Aproveitei para reorganizar o meu plano, tentar detectar os pontos falhos, buscando saídas eficazes para o sucesso da missão. Também me exercitei e fiz o possível para que minha mente continuasse focada e que o desejo de ter Irina comigo, sabendo que estava tão perto, não enlouquecesse ainda mais a minha mente.

E quando ruído de passos rápidos ecoavam cada vez mais próximo, coloquei-me em posição de alerta.

Vasiliev, eu reconheci rapidamente por causa do tamanho, e seu cão de guarda. A figura com capuz, apenas quando saiu de trás dele e descobriu a cabeça.

— Nina — meus dedos fecharam em torno da grade de ferro.

— Nós não temos muito tempo, Vladusik — informou rapidamente esclarecendo como os dois haviam chegado até a prisão — A erva que foi dado aos seguranças logo perderá o efeito e eles irão acordar.

Mas quando a porta foi aberta, Irina entrou, jogando-se contra mim. O tempo era curto, mas eu precisava destes pequenos segundos tendo-a em meus braços. Sentir o calor de sua pele, o perfume suave dos seus cabelos e a maciez de seus lábios nos meus.

— Eu te amo — ela sussurrou quando nos separamos em busca de ar — Senti sua falta.

Afastei os fios emaranhados de seu rosto com a ponta dos dedos e me permiti contemplar a beleza que sempre tomava meu fôlego.

— Eu te amo mais do que tudo, Nina.

— Está aqui para provar isso — o sorriso embevecido deu lugar a um ar intrigado — O que eu não entendi ainda. Por que está aqui, Vladic? E por que veio sozinho? Você foi contra as ordens do Dmitri? Contra o seu juramento?

— O meu juramento ao *Pakhan* ficou em segundo plano depois que fiz os meus votos a você na igreja, Nina.

— Vladusik.

Seus olhos piscaram com ela tentando controlar as emoções e recebi um beijo apaixonado.

— Não estou completamente sozinho — murmurei.

Encarei o homem parado no corredor. Irina tinha pedido que eu confiasse nele. Ainda não sabia se podia mesmo fazer isso.

— Yuri está do nosso lado, acredite — afirmou ela como se lesse a minha mente.

— Rurik, Voronov e alguns dos nossos homens estão acampados na floresta. Esperando qualquer ordem minha.

— Tigran está aqui?

— Foi ele que me ajudou a localizar você — avisei, tocando a pequena ondulação que ela tinha atrás da orelha.

Mesmo que Irina confiasse cegamente em Vasiliev, eu não faria o mesmo e nem falaria sobre a existência do chip,

ela entenderia bem minha mensagem.

— Estou tentando entender — avisou se afastando alguns passos para sentar na cama minúscula — O seu grande plano era invadir essa fortaleza, resgatar a mim e ao meu pai e nos juntarmos a ele?

— Um deles.

— Um deles?

— Alguns detalhes precisaram ser alterados conforme algumas informações foram chegando até mim. De qualquer forma, eu precisava saber como você estava e, no final, decidir pela melhor opção.

— Eu estava bem, Vladic — ela destacou com o olhar angustiado — Tudo estava sob controle.

Na cabeça dela, iríamos nos encontrar na floresta como um saudoso casal apaixonado. Fazia sentido e até poderia ter dado certo se não lidássemos com uma pessoa tão imprevisível, instável e cruel como Slavik.

— Eu sei disso, *mílaya*. Eu sempre soube que quieta você não iria ficar — e diante de seu olhar espantado, abriu um sorriso — Me conte exatamente o que você planejou.

— Primeiro, usar um dos equipamentos que pedi que Slavik providenciasse para criar seu projeto e entrar em contato com Ivan. Assegurar que eu estava bem, — disse ela — A segunda parte era tentar reunir o máximo de informações possíveis para que vocês invadissem em segurança, pegando-os desprevenidos.

— Enquanto isso, Yuri encontraria uma forma de levar o meu pai ou eu negociaria a saída dele com Slavik, como você acabou fazendo — uma expressão angustiada surgiu em seu rosto — Acha que ele cumpriu com a palavra?

A pergunta tinha sentido. Slavik poderia ter ordenado aos seus homens que executassem Viktorochova durante o caminho, apenas por divertimento, alegando ter ocorrido um acidente.

— Rurik estava atento à saída dele. Neste momento, seu pai já se encontra com os nossos homens.

Nem que para isso eles tivessem que eliminar cada um dos soldados de Slavik.

— Você é a única coisa que me preocupa agora. Então, sua ideia de ganhar tempo se alinha com a minha — busquei suas mãos trêmulas — Tem que se manter em segurança. Vou ser toda a distração que Slavik precisa.

— Acha que ele acreditou em você?

Ela se referia à toda história que contei em relação à minha traição a Bratva, o *Pakhan* e meu irmão.

— Não. Slavik deseja me matar — eu precisava ser sincero, pois, os nossos destinos dependiam disso — Mas, primeiro, ele quer se divertir. Criar um espetáculo, ganhar a simpatia dos que ainda estão inseguros sobre o governo dele. Nós dois...

Indiquei Vasiliev, silencioso, atento à conversa.

— Somos os seus macaquinhos de circo.

— E você diz isso, nessa tranquilidade, Vladic?

Eu não queria assustá-la e nem jogar mais gasolina no pânico que via refletido em seus olhos. Mas a realidade não podia ser ignorada.

— O que você fez e tem feito até o momento que te trouxe para cá?

Ela se mostrou pensativa.

— Me manter viva?

— Exatamente. Dmitri já dever ter recebido meu recado com as atualizações de parte do que consegui averiguar.

— O que você descobriu?

Levantei, me afastando dela e me dirigi a Vasiliev.

— Há quanto tempo vocês vêm armazenando as armas? — indaguei a ele.

Por um momento, diante de seu silêncio irritante, acreditei que ele fugiria da questão, confirmando minhas suspeitas de que ele não era uma pessoa confiável.

— Quando Dmitri assumiu o comando da Bratva, Slavik, de alguma forma, convenceu Alek que precisávamos nos manter preparado.

Isso fazia mais de um ano. Por isso os ucranianos estavam mais do que satisfeitos em fazer negócios com a gente. Eles já tinham armado a Tambovskaya até os dentes.

— E pelo que soube, vocês têm de tudo, certo?

— Metralhadoras, granadas e todo tipo de armamento pesado — respondeu Vasiliev — Carregamento de caixas e caixas, chegando toda semana.

Um som de surpresa escapou de Irina quando ela começou a assimilar a gravidade do que dizíamos.

— Não tenho dúvidas que você seria uma excelente aquisição para Slavik — disse a ela — Mas ele a usou como isca. Ele sabia que chegar a Kyara com toda segurança que Dmitri colocou após o ocorrido com Boris, seria impossível.

Por isso eu tinha feito Irina me prometer que ficaria na residência do *Pakhan*, além de todos os seguranças que coloquei para cuidar dela.

— Ele usou o elo mais fraco. A secretária do seu pai, que o levou até ele. O que acabou atraindo você...

— Consequentemente, você e Dmitri seriam atraídos ao massacre ao nos resgatar.

Encurralados e sendo massacrados antes que nos déssemos conta.

— Sem a peça mais importante na Bratva... — acrescentou Vasilev.

Toda a nossa irmandade iria cair.

— Por que você contou a Slavik sobre os ucranianos? — questionou Irina.

— Uma mentira bem-dita precisa conter algumas verdades, *mílaya*. Além disso, era algo que logo ele iria descobrir.

Eu precisava dar algo a Slavik que, pelo menos, o fizesse ficar em dúvida sobre eu ser um desertor.

— Isso muda muita coisa — destacou Irina.

Subestimamos nosso adversário e esse era um erro que não voltaríamos a cometer.

— Inicialmente, alinhar seu plano com o meu, *mílaya* — encarei Irina, depois, a Vasiliev.

Sempre pedi que Irina confiasse em mim e, neste momento, precisava fazer exatamente isso com ela. Acreditar em sua capacidade de julgamento. Se ele estivesse mesmo do nosso lado, seria uma carta na manga que Slavik nunca imaginaria que pudéssemos ter.

Se o meu lado desconfiado e sempre alerta estivesse certo, comprovando que Vasiliev não passava de um falaz enviado por Khomiakov, eu tinha o plano B e esse nem mesmo Irina ficaria sabendo.

— Os dois precisam ouvir com muita atenção — com um sinal, pedi que eles se aproximassem — Eu vou dizer quando e como devem agir. E o principal, não importa o que aconteça, em hipótese alguma se desviem do plano.

CAPÍTULO 44

IRINA MILANOVIC

Se eu pudesse definir como me sentia, diria que escalando um imenso vulcão que explodiria a qualquer momento, um vulcão chamado Slavik.

— Então, é isso — Vladic finalizou e eu esperava ter entendido cada detalhe em sua estratégia para nos tirar daqui.

Não demonstrei, mas no fundo eu estava apavorada. Enquanto começávamos uma estratégia para vencer nosso maior inimigo, Slavik esteve agindo há bastante tempo, muito antes de ter tirado o irmão do caminho.

— Será que você conseguiria nos dar alguns minutos sozinhos, soldado? — Vladic pediu a Yuri.

Ele ainda estava com o pé atrás, mas se não fosse Yuri, nós não estaríamos juntos neste momento.

Eu sabia que já estávamos nos arriscando demais. Yuri já não era o soldado designado a me vigiar. Nós só conseguimos sair esta noite porque uma jovem com características físicas parecidas com as minhas, entrou em meu quarto com a justificativa de recolher a roupa suja e me entregar vestimentas novas, trocou de lugar comigo e, por

enquanto, fingia ser eu, dormindo em minha cama. Para sair, uma falsa briga chamou atenção do guarda na porta, fazendo se afastar por alguns minutos.

Não havia muitas pessoas que Yuri pudesse confiar no castelo, mas as que também sentiam repulsa por Slavik e respeitavam Vasiliev se arriscaram esta noite e nós não podíamos continuar a colocar suas vidas em risco se fôssemos descobertos.

— Quinze minutos — alertou Yuri.

Ele saiu, silenciosamente, deixando-me sozinha com Vladic.

— *Mílaya* — ele estendeu as mãos para mim e eu me joguei em seus braços.

Desta vez, o beijo foi diferente de quando nos reencontramos, cheio de saudade, aflição e felicidade em estarmos juntos. Este beijo fazia a necessidade que tínhamos um do outro mais pulsante e o desejo, cada vez mais ardente.

— Vladic — murmurei entre os beijos carregados de fome e que me tiravam o ar, deixando-me zonzinha, sem direção, perdida em seus braços.

— Eu sei — lamentou, encostando a testa na minha — É loucura. Tudo isso é loucura. Nós dois não. Nós dois somos a porra da coisa certa.

— A única coisa que manteve lúcida foi isso — apertei-me mais contra ele — Saber que estaríamos juntos de novo.

Então, pensar que você vai...

— Shhh... — seu dedo cobriu minha boca, impedindo que eu proferisse meu maior terror, nesse drama que estávamos vivendo — Nós temos apenas alguns minutos. Não quero que se concentre em nada que não seja nós. Neste momento. Juntos.

Talvez tivéssemos dez minutos ou um pouco mais do que isso até que Yuri retornasse para me buscar, mas eu faria com que eles parecessem eternos.

— Vladusik? — passei a ponta dos dedos em seu rosto marcante.

— Diga, Nina?

Seus olhos intensos e febris estavam cravados nos meus. Eles faziam a chama ardendo em mim por ele crescer ainda mais.

— Me beija — sussurrei com a respiração descompassada.

Como eu esperava, o sorriso devasso surgiu um pouco antes de ver sua boca vir em direção à minha. Duas palavras nos definiam perfeitamente: loucos e apaixonados.

Os lábios de Vladic colaram-se aos meus. Inicialmente um toque gentil, delicado, mas com entusiasmo suficiente para fazer meu sangue correr mais acelerado por minhas veias.

Sua língua infiltrou-se ainda mais fundo em minha boca, cada vez mais exigente e faminta. A cada beijo, grunhidos

impacientes escapavam e minhas mãos correram por seu corpo até que eu encontrasse seu membro rijo.

— Vladic — gemi sem ar quando os lábios deslizaram por meu pescoço.

Fui pressionada contra a grade e ele buscou minhas mãos, apoiando-as nas grades de ferro.

— Fique assim — ele se afastou, agachando-se à minha frente.

Eu queria tocá-lo. Passar minhas mãos e minha língua em cada pedacinho do corpo musculoso que eu amava, mas não havia tempo para tantas carícias e preliminares. Já era insano demais estarmos aqui. Só que não era algo que poderíamos evitar. Contando com a viagem de Vladic à Ucrânia e os dias do meu sequestro, ficamos longe por tempo demais. Existia uma saudade que doía tanto no peito como em nossos corpos.

Os meus seios preencheram suas mãos ao agarrá-los com posse. Ele beliscou um dos mamilos e carícia quase me levou a fechar os olhos, mas eu não conseguia desviar minha atenção dele, enquanto mantinha seu olhar febril em mim. Estremeci agarrando fortemente a grade com meus dedos trêmulos, enquanto Vladic tirava a parte de baixo de minha roupa, com agilidade impressionante.

Não houve aviso, não vieram palavras sacanas, sussurradas com intuito de me provocar. Uma de minhas pernas foi apoiada em seu ombro e no momento seguinte eu

tinha sua boca lambuzando-se com minha intimidade molhada. Eu fui ao céu com apenas esse toque. E o que Vladic fazia com sua língua dentro de mim, fazia meu corpo sacudir.

Se estivéssemos em nosso quarto, na tranquilidade de nossa casa, eu sabia que ele prolongaria as preliminares, deixando-me ainda mais maluca por ele, mas nesta noite o relógio batia contra nós.

— Eu sou completamente maluco por você — confessou, ficando de pé.

Sua grande mão cobriu minha nuca quando ele me puxou para um beijo sôfrego, desesperado e cheio de desejo. Então, fui erguida em um tranco e rapidamente passei minhas pernas em volta de sua cintura. Nem vi o momento que Vladic tinha se livrado da calça e roupa íntima, mas no momento que seu membro potente escorregou para dentro de mim, um sorriso se formou em meus lábios enquanto ele seguia em devorar minha boca.

Minhas costas arranhavam contra as grades de ferro e possivelmente deixariam marcas em minha pele por alguns dias, mas isso não importava. A cada investida profunda de Vladic dentro de mim, eu implorava por mais. Eu queria, não, eu precisava que ele me desse tudo.

— Nina — grunhiu ele entrando com força e antes que um grito de prazer escapasse dos meus lábios, cobriu minha boca com a sua.

Vladic seguiu me fodendo com força e quando não foi possível mais segurar, gozamos juntos. Seus jatos de prazer deixando meu interior ainda mais quente, enquanto eu desfalecia em seus braços.

Eu não estava pronta para quando ele me colocou de volta ao chão, usou a cueca para limpar minhas coxas e intimidade marcada por ele e colocou minha roupa no lugar, faltando uma peça.

— Isso fica comigo — anunciou, amassando a calcinha rendada entre os dedos — Meu amuleto da sorte.

Eu não conseguia imaginar Vladic andando com minha calcinha no bolso por aí, mas essa era a menor das minhas preocupações. Ele iria lutar e isso me deixava assustada pra caramba.

— Eu tenho que ir — balbuciei, não queria que ele notasse a tristeza e preocupação em meus olhos, Vladic precisava estar bem física e psicologicamente para enfrentar seus primeiros oponentes.

— Confie em mim, *mílaya* — sua testa voltou a encostar na minha — Tudo vai ficar bem.

— Eu confio.

Já ouvi dizer que a esperança era a última a morrer, em nosso caso, ela era a primeira a nascer em momentos tão sombrios e aterrorizantes pela frente.

— Eu te amo — confessei antes de seus lábios buscarem os meus pelo que deveria ser a última vez.

Sua boca buscava a minha, a cada passo curto que dava para fora da cela.

Odiava ter que ser eu a passar as correntes na porta e fechar os cadeados. Quando os guardas acordassem, claro que saberiam que algo havia acontecido, mas tudo deveria parecer como antes. Vladic preso e eu mantida trancada no quarto.

Confessamos nosso amor mais uma vez e com as lágrimas escorrendo por meus olhos, caminhei cegamente pelo corredor mal-iluminado.

— Desculpe a demora — balbuciei a Yuri, sentindo meu rosto queimar ao pensar se ele teria imaginado o que estávamos fazendo lá embaixo.

— Temos que ir — avisou gentilmente, não dando importância a qualquer constrangimento que eu pudesse sentir.

Acho que no fundo ele sabia que Vladic e eu precisávamos desse momento juntos. Embora eu não quisesse pensar de forma tão negativa e aterrorizante, poderia ser o último e só de pensar nisso a dor que comprimia meu peito trazia novas lágrimas aos meus olhos. O mundo sem Vladic não seria apenas triste, sentia que eu não seria capaz de suportar. Eu já sofri por ele, já chorei e não conseguia me imaginar passando por toda essa dor novamente.

— Ele vai se sair bem — avisou Yuri quando chegamos a uma sala onde deveria esperar até que o caminho estivesse livre para eu retornar ao quarto.

— Como você pode saber?

Eu não duvidava da capacidade de Vladic como lutador, mas tinha passado por uma cirurgia que o colocava em desvantagem com os demais.

— Ele a ama — ele respondeu simplesmente ao me deixar sozinha.

Um sorriso bobo e apaixonado ainda estava em meus lábios quando a jovem que nos ajudou retornou.

— Já pode retornar, senhorita — disse a jovem, tirando de um lenço embrulhado contra o peito, um dos localizadores portáteis desenvolvidos por mim e Tigran — O Sr. Vasiliev pediu que entregasse isso.

Antes de invadir o meu quarto e ser pego por Slavik, sabiamente Vladic tinha escondido o equipamento em um lugar seguro. Ele não poderia mais entrar em contato com Rurik e Tigran, que permaneciam em alerta na floresta, mas eu poderia e tinha novas instruções para passar a eles.

Não sabia como Yuri fez para novamente afastar o guarda da minha porta, mas seria eternamente grata a ele por tudo o que vinha fazendo por nós.

Como não tinha ideia de quanto restava até fazer a nova inspeção em meu quarto, corri até o banheiro, liguei o chuveiro e acionei o botão que o transformava em um rádio.

— Tigran? — chamei baixinho quando os ruídos indicaram que o contato tinha sido feito.

— *Irina?* — seu chamado saiu um pouco mais exaltado do que deveria — *É você mesmo? Meu Deus! Como você está?*

A primeira imagem que me veio à cabeça foi de Vladic. Para ser mais específica, de nós, com o olhar preso um no outro, sendo devorados pelo prazer, queimando como fogo.

— Hum... — pigarrei limpando a garganta e afastando esses pensamentos — Preciso ser rápida, Tigran. Não tenho muito tempo.

Eu não podia perder um único detalhe das instruções de Vladic, nossas vidas dependiam deles agora.

CAPÍTULO 45

VLADIC MILANOVIC

O dia da batalha finalmente tinha chegado, mas eu não estava preocupado com isso, com os lutadores habilidosos que eu iria enfrentar na arena. A luta de hoje e, principalmente, do dia seguinte seriam apenas uma distração. A batalha real estávamos travando de modo silencioso, bem abaixo dos olhos de Slavik, mas ele era seguro e arrogante demais para perceber.

Ele aguardava o momento que Dmitri fosse atacar, e isso realmente iria acontecer no momento certo, o que ele não sabia era que entre as sombras, infiltrando-se entre os dele, um outro grupo entraria em vigília, aguardando o sinal para invadir.

Yuri conhecia a Tambovskaya melhor do que qualquer soldado de Slavik. Os pontos fracos, os fortes, cada passagem secreta ou apenas esquecida. Ele desenhou o mapa por onde nossos homens iriam entrar. Obviamente que dentro do plano que havia revelado a ele e Irina, existia o plano B, para o caso de uma traição. Mas, pelo menos,

para execução de cinquenta por cento dele, eu precisava confiar na palavra do tambovskayano.

— Soldado? — dois guardas surgiram em frente à minha cela — Chegou a hora.

Um deles carregava minha roupa de batalha que consistia em elmo, proteção de ombros, braços, pernas e um escudo.

Assim que me declarei pronto, a cela foi aberta e fui conduzido para fora da prisão onde um grupo de mais cinco homens nos aguardava. Circular pelo castelo foi razoavelmente tranquilo. As poucas pessoas com quem cruzamos exibiam olhar admirado ou curioso. Fora, o assunto era um pouco diferente. Havia uma multidão eufórica e ansiosa pelo espetáculo em alguns minutos e foram precisos mais guardas para garantir a minha segurança com cada vez mais pessoas tentando se aproximar.

Diferente da nossa arena, em estilo oval, a da Tambovskaya era toda quadrada. No fundo do anfiteatro ficava o camarote, lugar reservado a Slavik, os membros mais importantes na organização e seus convidados especiais. Em frente a eles, no lado esquerdo, estava a arquibancada com seus bancos de madeira, suportando mais pessoas do que deveria suportar, e no lado direito para onde eu estava sendo conduzido, existia uma longa mesa retangular contendo as armas, atrás dela quatro portas

fechadas que eu supunha serem os ambientes reservados aos lutadores para que se concentrassem e se preparassem antes das disputas.

Fui conduzido para a terceira porta. A sala não era maior do que a cela onde estive confinado. Um banco comprido, uma mesa com uma tina de água, tiras para envolver nos pulsos, garrafas de vodcas produzidas na própria vila e alguns outros utensílios que não me importavam, consistiam em tudo que existia aqui dentro.

Um guerreiro menos experiente provavelmente estaria ansioso, deixando-se influenciar pela gritaria estridente que vinha de fora. Embora fosse a primeira vez que precisasse lutar até a morte, esta não era a primeira vez que me encontrava na arena. Fui treinado pelos melhores mestres, enfrentando adversários com os quais me formei sentindo admiração. Por mais que não tenham sido dispostas onde guerreava para manter minha vida, em cada luta agi como tal.

Concentração. Estratégia. Habilidade. Força.

Os passos que me faziam sair vencedor. E isso era mais importante que os meus oponentes.

KYARA MILANOVIC

Um dos momentos mais temidos por mim, e que me fez perder intermináveis horas de sono, tinha chegado. O dia que Dmitri seguiria para a batalha. Não importava ele dizer que não figuraria na comissão de frente, que Ivan estaria mantendo todos os cuidados da segurança dele. E que homens bem treinados dariam a vida pela segurança do *Pakhan*. Ainda assim meu coração doía ao imaginar que era preciso apenas um descuido, um único vacilo e minha alma gêmea, a outra parte de mim, seria arrancada dos meus braços.

— Eu sabia que estaria aqui — ouvi a voz grave de Dmitri e meu olhar foi em direção a ele parado na porta.

Estava no quarto de Yasha, com ela e Kalina. As duas tiravam um cochilo enquanto eu não desgrudara os olhos delas, até Dmitri chegar, uma na cama e outra no berço.

Ele sugeriu fazermos um lindo quarto para Kalina, afinal, a casa era enorme e aposentos não faltavam, mas eu preferi manter as duas juntas. Apesar de ter sido adotada por nós, eu queria que a menina sentisse que a amaríamos como se fosse nossa e que criasse laços afetivos com a irmã. Eu tinha pavor que minha história com Sonya viesse a se repetir. Yasha e Kalina seriam mais do que irmãs; amigas que se importariam uma com a outra. Como Dmitri e Vladic foram antes mesmo de descobrirem a ligação de sangue.

— Aqui é o meu lugar de paz — expliquei me erguendo da poltrona, indo até ele que rapidamente me

puxou para os seus braços.

Ficar com nossas filhas, inocentes e puras, me dava a sensação que no futuro o mundo seria melhor, ao menos para elas. Sem tantas guerras, disputas pelo poder e mortes nos rondando. E eu me referia ao mundo de forma geral, não apenas em nossa organização, porque coisas ruins aconteciam em todas as partes. As guerras podiam ser políticas, religiosas, entre tantas outras, sendo levantadas pelo mundo.

— Se eu pudesse faria diferente, *mílaya* — ele confessou, passando o polegar por meu rosto de forma carinhosa — Não existe lugar no mundo que eu gostaria de estar além daqui. Com você. Com as nossas filhas.

— Mas você tem que lutar — acrescentei por ele, tocando seu rosto com amor — Não porque é o *Pakhan*, mas pelo Vladic. Chegou a sua vez de lutar por ele. E...

Eu amava o Vlad e amava Irina, assim como Yasha e Kalina, os dois eram minha família. E uma coisa que havia aprendido com Dmitri e Vladic também era que um Milanovic protege quem ama. Então, por mais que meu coração estivesse dolorido em vê-lo seguir para essa missão arriscada, sabia que era preciso, que ele fazia o certo.

— Não vou negar que meu coração esteja sangrando — abri um sorriso pálido enquanto as lágrimas caíam pelo meu rosto — Mas estou orgulhosa de você, meu amor. Meu

coração não poderia ter escolhido homem melhor para se apaixonar.

— A sua doçura não me enfraquece, *Kisha* — ele aproximou mais o rosto do meu e seus lábios roçaram a minha boca.

Essa era uma provocação que Vladic fizera nos momentos de descontração e de paz entre nós.

— É o que me deixa mais forte.

Como a força que vinha dele me fazia, apesar de apavorada, continuar firme.

— Promete que volta pra mim? — sussurrei entre seus lábios colados aos meus — Para nós três?

Senti seu sorriso em meus lábios e meu coração encheu de calor.

— Sempre!

Fomos para o nosso quarto. Tínhamos poucos minutos para nos despedirmos, mas eu tinha certeza de que Dmitri faria se tornar inesquecível, como em todas as vezes que estive em seus braços.

IRINA MILANOVIC

A única coisa que me manteve, no início, resistente a ceder as vontades do meu coração e assumir os meus sentimentos por Vladic foi o medo da morte. Eu sempre

soube que ela estaria nos rondando, à espreita do momento certo para atacar. E hoje, cada segundo mais perto dela, o medo que outrora me manteve paralisada, eu lidava agora de forma mais controlada.

É claro que eu temia pela vida de Vladic e imaginar que qualquer mal acontecesse a ele colocava-me louca, mas, também, habitava dentro de mim uma fé gigantesca. Não apenas de que ele venceria cada batalha, mas de que a nossa história estava apenas começando e levaria muitos anos para acabar. Não antes de, pelo menos, vermos nossos primeiros netos chegarem a esse mundo.

Eu tinha medo, sim, mas eu também tinha uma grande fé em Vladic. Ele jurou voltar para mim e nunca quebrou uma promessa.

— Vladinochova — Slavik surgiu assim que a porta foi aberta.

Ele usava uma espécie de túnica escura, bordada em tons dourados, cobrindo a vestimenta de guerra. Bonito e elegante para ocasião, para um homem da importância dele. Pena que a beleza ficava apenas em seu traje, por dentro Slavik era feio e frio como um pântano residido por um *Bolotinik*.

— Você será minha convidada especial — avisou ele — Se sentará ao meu lado durante todo o espetáculo.

Isso era algo que eu já esperava. Ele não me deixaria sozinha tendo uma multidão eufórica ao nosso redor, me

dando oportunidade de escapar. O que ele não poderia imaginar era que quando decidisse fazer isso, seria bem diante de seus olhos.

— Está linda como imaginei — seus olhos apreciativos correram pelo meu corpo e a admiração me fez sentir enjoada — O vestido caiu perfeitamente.

Slavik tinha ordenado que entregassem em meu quarto esta manhã um vestido greco-romano, vermelho, com fios dourados bordados nas barras e mangas, além de predarias costuradas na cintura, busto e nos ombros. Lindo, eu não poderia negar, mas era o motivo que vinha por trás do presente tão valioso que me fazia odiá-lo em meu corpo. Ele queria provocar o ciúme e irritar Vladic, deixando-o desconcentrado da luta.

— Vamos?

Minha vontade real era morder o braço que ele me estendia. Ao invés disso, encaixei-me ao seu lado e tendo seus seguranças à nossa volta, seguimos juntos para a arena.

Eu sabia da minha importância na sociedade, por causa do meu nome, e na Bratva como cientista, mas nunca me senti tão exposta, analisada e admirada enquanto caminhava ao lado do desprezível chefe da Tambovskaya.

— Eles formam um lindo casal — ouvi de uma voz feminina e bajuladora quando nos direcionávamos para uma entrada privativa.

Slavik e eu? Nem que eu morresse e nascesse de novo.

— Ouviu isso, *daragáya* — Slavik me lançou um sorriso divertido — Se seu marido falhar na arena, acho que eu poderia cogitar a ideia. O que acha?

Eu duvidava muito que Slavik levasse a cabo a ameaça. Ele não era o tipo que criava laços. Acho que nem mesmo teria filhos, mesmo com uma amante para não correr o risco de perder o poder, no futuro. O que ele gostava mesmo era de torturar.

— Vladic não vai falhar — afirmei em um tom calmo que fez seu sorriso desaparecer — Ele nunca falha. Deveria ter percebido isso na pesquisa que fez.

Claro que a Tambovskaya tinha informações sobre nós, assim como tínhamos algumas sobre eles. Era natural que os inimigos fizessem isso. O que nós todos confiávamos era que o excesso de segurança de Slavik seria nossa maior arma contra ele. Eu só precisava continuar me mantendo firme e seguir o plano.

Até o caminho do camarote, nada mais foi dito. Havia duas cadeiras no meio, de espaldar alto que se assemelhava a um trono, bastante parecidas com as que vi no grande salão. No lado esquerdo de uma delas, onde Slavik sentaria havia outra cadeira para onde Górk se dirigiu e ao lado da que eu me acomodaria, ficaria um homem

robusto. Abaixo de nós, outras pessoas elegantemente vestidas, e ao redor, soldados faziam a segurança.

— Senhores — Slavik ergueu a mão e sons ensurdecedores vindos da plateia começaram a diminuir. Existia um mestre de cerimônia, mas claro que Slavik não permitiria que ninguém brilhasse mais do que ele — Soldados e jovens prestes a se alistar.

Havia mulheres também na arquibancada, mas Slavik as ignorava completamente. Para ele, fêmeas só serviam para esquentar suas camas e dar prazer por algumas horas.

— Esta noite vocês presenciarão o início do maior espetáculo de suas vidas — continuou ele, porque para Slavik isso tudo não passava de um grande circo armado por ele. — Que as lutas comecem!

Uivos e gritos agitados vieram da plateia, que ficaram ainda mais ensurdecedores quando as quatro portas foram abertas e dentro delas saíram quatro guerreiros. Yuri Vasiliev, um soldado alto que não tinha muitos músculos quanto o homem à sua direita, mas o cabelo estilo moicano e cara fechada e tatuagens no rosto, causavam intimidação. Em seguida vinha Vladic, em questão de músculos, igualava-se a Yuri, ambos tinham um físico impressionante. Já o vi lutando, mas nunca em trajes tão importantes, e Vladic estava mais lindo e com ar intimidador do que nunca.

Se eu fosse apenas mais um membro da Tambovskaya, apenas assistindo às lutas, com toda certeza

este seria o momento que me apaixonaria pelo inimigo.

— Vladusik — balbuciei e parecia que meu chamado o fez buscar a mim.

Aproximei da mureta tentando chegar um pouco mais perto e quando meus dedos fecharam na barra de madeira, com um sorriso de amor direcionado a ele, as mãos de Slavik me puxaram de volta, fazendo-me cair bruscamente na cadeira.

Encarei-o com ódio e seu olhar não foi diferente para mim. Apesar da raiva que sentia de Khomiakov neste momento, eu precisava manter a calma. Não era o vestido sensual e o fato de ser obrigada a permanecer ao lado deste homem odioso que desestabilizaria Vladic, mas sim, qualquer sinal que mostrasse a ele que eu estava sofrendo.

Voltei minha atenção para onde ele estava e observei que ignorando as regras, ele tinha dado alguns passos em direção onde eu me encontrava. Fiz a única coisa que acreditei ser possível para tranquilizá-lo, ergui minha mão com a aliança de casamento e a beijei antes de apertá-la com a mão fechada contra o peito. Era minha forma de dizer que o amava e confiava nele. Vladic respondeu fazendo o mesmo gesto, retornando em seguida para onde os homens aguardavam enfileirados.

Os guardas direcionaram os lutadores até uma mesa comprida para que cada um escolhesse suas armas. Observei Vladic analisar algumas delas até optar por uma

lança de cabo longo. Yuri tinha escolhido um machado e os dois outros homens, espadas afiadas.

A trombeta soou e todos os lutadores foram para o centro. Ao que eu percebia as lutas aconteceriam simultaneamente e não uma dupla de cada vez.

Eu torcia muito por Yuri, mas minha total atenção estava em Vladic. Quando ele se colocou na posição de ataque, preendi o ar em meus pulmões.

Não havia mais escapatória.

Agora era lutar ou morrer.

CAPÍTULO 46

IRINA MILANOVIC

Eu tinha as unhas fincadas na palma das minhas mãos, mas ignorava qualquer machucado que pudesse estar causando em minha pele. Estava completamente focada na luta que eu me sentia como se fizesse parte dela. Como se eu estivesse na arena lutando.

Enquanto Vladic era alto e musculoso, seu oponente era uns quinze centímetros mais baixo, menos músculos, mas tinha braços e pernas velozes. Por duas vezes vi a lâmina de sua espada passar bem próximo ao pescoço de Vladic, o que me fez tocar o meu próprio em uma reação nervosa.

Ele atacava e Vladic se esquivava. Em uma dessas vezes Timur, ouvi Slavik chamá-lo assim, conseguiu fazer um corte no braço de Vladic, em uma parte desprotegida da sua vestimenta.

Levou muitos sustos e vários quase desmaios da minha parte, para perceber que Vladic estava cansando o homem, deixando que ele atacasse como um touro enfurecido. Em um momento que Vladic fez um giro, ficando

de costas para Timur, após uma tentativa de golpe, o lutador aproveitou para erguer a espada e correr cegamente tendo como alvo as costas dele.

Tudo aconteceu em questão de segundos, o homem saltou com a espada erguida e Vladic caiu em um joelho, girou o cabo, deixando a ponta virada para cima e quando o homem caiu, seu corpo foi transpassado pela lança. Seus pés mal tocaram o chão enquanto ele agonizava, perfurado como um porco e sangrando até a morte.

Eu não sabia dizer se estava feliz com a morte de outra pessoa. Talvez quando eu pensasse friamente sobre tudo isso afirmaria que não, mas eu estava feliz que Vladic tinha vencido seu primeiro oponente.

Quando olhei para o outro lado da arena pude avistar Yuri de pé e seu oponente caído, tendo o machado cravado no peito. Os dois, como esperado, tinham vencido essa batalha e teria mais uma, que se ambos vencessem, acabariam por se enfrentar no final.

Ao retornar minha atenção para Vladic, vi que ele tinha arrancado a espada de Timur e corria em direção a onde nós estávamos. Ele ergueu a espada e jogou-a bem em frente onde Slavik estava sentado, como um rei.

Um burburinho começou a correr em meio as pessoas.

— Vladic... — murmurei entre chocada e com medo —
O que você fez?

Esse era um claro sinal de desafio. Vladic chamava Slavik para o ringue. Um desafio que nenhum homem teria coragem de fazer ao *Pakhan*.

Isso não fazia parte do plano. Era Vladic agindo por ele mesmo. E apesar de meu lado racional desejar pegar a espada e abrir a cabeça dele para que não agisse levado pela raiva e desprezo, que eu também sentia por Slavik, por outro lado, a mulher apaixonada sentia um orgulho imensurável desse homem valente.

A voz de Górk se fez ouvida e ele anunciou que as lutas dariam uma pausa, e que o desafio lançado ao *Pakhan* estaria aceito, desde que Milanovic sobrevivesse às batalhas finais.

— Ele cometeu o maior erro da vida dele — murmurou Slavik, enquanto me retirava da cadeira com brutalidade.

Não prestei muita atenção na multidão alucinada. Minha mente tentava entender os últimos minutos e sua gravidade. Pelo tempo que consegui manter meus olhos em Vladic, que também me olhava enquanto era conduzido para fora da arena.

Só fui compreender o terror que isso tudo representava quando entramos no castelo.

— Eu preciso vê-lo! — parei em frente a Slavik — Me deixe vê-lo, por favor.

Seu olhar duro para mim me mostrava que sua fingida paciência desaparecera.

— Por favor, Slavik — eu não acreditava realmente no que iria dizer ou não queria acreditar — Pode ser a última vez que o vejo.

Ele não era um homem com ímpetos de ser misericordioso. Dificilmente alguém na posição dele seria. Mas Slavik amava ser cruel porque isso definia quem ele era.

— Eu faço qualquer coisa que você quiser — a promessa escapou dos meus lábios antes que eu tivesse tempo de racionalizar sobre ela — Por favor. Eu estou implorando.

Engasguei-me com um soluço quando Slavik afundou os dedos em minhas bochechas, e me fez caminhar para trás até que minhas costas batessem contra a parede de pedra.

— Qualquer coisa?

Engoli em seco. Podia compreender muito bem onde sua mente pervertida queria chegar.

— Qualquer coisa depois que as lutas acabarem — tentei dizer enquanto seus dedos, pressionando minha pele me machucavam.

— Muito bem — ele me soltou, mas a forma que me encarou de cima a baixo, tão asquerosa e indecentemente, embrulhou meu estômago tal qual se ele tivesse ousado tocar em mim — Vou deixar que veja seu marido pela última vez.

Ele passou o dedo por meu rosto, que tentei desviar do seu toque, deslizando-o até meu pescoço. — Diga a Milanovic que é um homem morto — o sorriso perverso fez um calafrio correr por minha espinha — Eu mesmo farei isso na arena como ele quis. E que depois disso, farei da mulher dele minha amante. E a foderei tantas vezes que a existência dele não passará de uma memória lívida.

Nem mesmo por meio de um terrível pesadelo eu me tornaria amante de Slavik, nem por vontade ou sendo forçada a isso. Eu preferia mil vezes a morte a deixar esse ser asqueroso me tocar. Mas no momento, não me importavam seus devaneios sem sentido. Eu queria e precisava ver Vladic.

Não fui conduzida até a prisão como imaginei. Eles me levaram de volta ao quarto e disseram que eu deveria aguardar. A primeira coisa que fiz após aguardar alguns minutos angustiantes, foi entrar em contato com Tigran e pedir que ele desse o aviso a Rurik, para que ele se mantivesse em alerta.

Quando um dos soldados entrou em meu quarto, para me buscar, encontrou-me obedientemente na cama, estudando minhas anotações.

— Vamos.

Outro guarda nos esperava na porta e eu os segui em silêncio. Por causa das lutas, o movimento no castelo estava maior, o que era bom para o nosso plano, tornava mais fácil para nossos homens se infiltrarem e se misturarem com os de Slavik, sem gerar tantas perguntas.

Depois que descemos a escada em caracol e chegamos ao corredor escuro, o soldado que me pegou no quarto, segurou firme o meu braço, fazendo-me parar.

— Cinco minutos — ele rosnou antes de me deixar sozinha e retornar em direção à escada.

Primeiro, eu fiquei receosa em prosseguir andando.

Por que eles me deixaram sozinha para ter esse encontro com Vladic? O que eu encontraria ao chegar na cela? Eu chegaria até ela?

Todos esses eram questionamentos que me assustavam, mas independente da resposta que tivesse ao avançar, precisava correr o risco.

Com as pernas trêmulas e tendo o caminho mal-iluminado pelas tochas nas paredes, segui andando apressadamente.

— Vladusik?

Ele estava sentado em um canto da cama, o braço em volta do abdômen e inclinado em direção ao chão.

— Vladic! — chamei mais alto, agarrando as grades de ferro, pressionando meu rosto contra elas.

O breve instante que ele relutou em erguer o rosto fez com que a angústia levasse meu coração a disparar.

— Vladic? — encarei-o assustada — O que fizeram com você?

Seu olho esquerdo estava inchado, havia um corte no supercílio direito e quando se ergueu, uma expressão de dor formou em seu rosto enquanto ele mantinha a mão apoiada em uma das costelas.

— Me deram um recado.

Provavelmente o mesmo que Slavik tinha ordenado a mim, que claramente eu não tinha a intenção de passar a Vladic, e colocar ainda mais lenha na fogueira. Agora eu tinha certeza, mais do que nunca, de que ele não precisava saber o que eu tinha negociado com o *Pakhan* para ter esses breves minutos com ele. Quando voltássemos para casa, talvez.

Ele se aproximou passando as mãos em volta das minhas e grudou nossas testas. Esse era o máximo de contato que conseguiríamos ter.

— Por que você fez isso, Vladic? — desafiar Slavik publicamente não foi uma atitude racional, ele poderia estar morto agora em vez de bastante machucado.

Senti seus dedos fecharem ainda mais em volta dos meus.

— Ele a veste como se fosse uma rainha, a rainha dele — quando abriu os olhos, nos conectando, pude notar a

fúria que o inflamava — E a exhibe para todos aqueles homens nojentos, e você acha mesmo que eu ficaria quieto, Irina?

Não. O meu Vladic não faria isso. Mas o ciúme dele poderia colocar tudo o que conquistamos até agora a perder.

— Era para Slavik estar lutando — destacou Vladic, e nisso precisava concordar com ele.

Em vez disso, Slavik mandou dar uma surra em Vladic, antes da próxima luta, para que ele se apresentasse mais fraco e fosse vencido, se não pelo próximo lutador, mas, quem sabe, por Yuri, e se ainda assim Vladic vencesse os dois, estaria quase sem energia para enfrentá-lo. Além de covarde, Khomiakov era desleal, e infelizmente nesse mundo criminoso que vivíamos, as únicas regras a serem cumpridas eram as que nós mesmo fazíamos. Alguns ainda tinham algum sentido de honra, outros eram como Slavik.

— Como você vai lutar agora? — indaguei angustiada.

Vladic precisava não apenas lutar contra o seu oponente no dia seguinte, ele precisava vencer e chegar a final junto com Yuri, era essencial para o nosso plano que eles entrassem juntos na arena.

— Lutando e vencendo — apesar da tensão que nos encontrávamos, vi um sorriso surgir no canto de seus lábios — Precisa ter mais fé em mim, *mílaya*.

Ou ele previu que algo assim aconteceria e se protegeu da melhor forma que conseguiu encontrar – isso justificava o estado de seu rosto – ou Vladic tinha uma confiança em si mesmo invejável.

— Pode ser um excelente lutador, Milanovic — disse em um tom duro, que achava necessário para fazê-lo raciocinar com sabedoria — Mas não é imortal.

Só percebi que estava chorando quando seus lábios inchados tocaram meu rosto, colhendo as lágrimas.

Não era certo nada do que estava acontecendo. Deveríamos ter voltado da lua de mel mais apaixonados do que nunca, fazendo planos felizes para o futuro.

— Ei, vai ficar tudo bem, Nina, apenas siga com o plano — sua boca buscou a minha e infelizmente as barras de ferro impediam que nosso beijo se aprofundasse — Conseguiu colocar em prática tudo o que a instruí?

— Exigi um laboratório como me pediu naquele dia — sussurrei próximo ao seu ouvido, por mais que parecesse que estivéssemos sozinhos, não poderia arriscar que não houvesse algum guarda entre as sombras — Foi difícil levar tudo para lá, mas, no fim, nós conseguimos.

Uma vez, Yuri precisou agir pessoalmente para desviar a atenção do guarda que substituí a que fazia a minha vigilância, e aquele era mais difícil de enganar com sorrisos, promessas sexuais de uma das prostitutas que serviam os guardas do castelo.

— Eu quero que prometa uma coisa, Irina — iniciou ele e não gostei nada da expressão decidida e atormentada que via em seu rosto — Quando chegar a hora de fugir, você irá correr, não importa o que ou quem deixará para trás.

Algo inusitado em relação a esse sequestro era que eu estava aprendendo a ser uma boa mentirosa. Eu tinha feito essa mesma promessa ao meu pai e repetiria para manter Vladic tranquilo, mas os dois deveriam me conhecer melhor para saber que eu nunca iria partir sem um deles.

Assim como os Milanovic, um Novitsky – e eu era ambos – sempre honrava uma promessa, mas antes da honra vinha o amor que eu tinha por eles.

— Prometo, Vladusik.

Ele me encarou por alguns segundos e balançou a cabeça enquanto sorria, derrotado.

— Eu vou, pelo menos, me iludir com o juramento.

Touché! Ele realmente me conhecia.

Eu queria ter mais do que esses meros momentos, que mal conseguíamos nos tocar, mas ouvimos os passos pesados se aproximando.

— Eu tenho que ir — um nó se formou em minha garganta ao avisar.

Vladic buscou os meus lábios pressionando-os com sua boca.

— O tempo acabou — o soldado retornou exibindo a mesma impaciência de sempre.

A separação estava sendo mais difícil do que da outra vez. Partíamos para o tudo ou nada.

— Vladusic... — murmurei enquanto nossos dedos deslizavam, afastando-nos um do outro — Acabe com ele.

Ele assentiu com a cabeça e a determinação que via em seu olhar renovava as minhas esperanças.

— E não se atreva a morrer.

O sorriso sedutor que me deu quase me fez ignorar o guarda que seguia na frente e voltar correndo para Vladic.

— Não sem antes foder você uma milhão de vezes, Nina — sussurrou ele, a promessa brilhando como chamas em seus olhos — Essa é a minha promessa.

Sorri de volta. Um grande sorriso cobrindo todo meu rosto.

— Esse, sim, é o Vladic por quem me apaixonei — foram minhas últimas palavras antes de desaparecer pelo longo corredor — Acabe com ele.

Ele não era apenas o homem por quem meu coração batia mais forte, mas o que me fazia mais apaixonada a cada dia.

Era o segundo dia de duelo, e quando finalmente colocaríamos nosso plano em ação. Assim, quando encarei a garota no espelho, usando o traje similar ao do dia

anterior, só que desta vez um belo vestido em tons claros, via-me de forma diferente. Não a jovem intimidada, desconfortável e apreensiva que Slavik exibia como uma peça a ser admirada, mas a mulher cheia de coragem, que logo enfrentaria um dos momentos mais difíceis e perigosos de sua vida.

Tudo parecia como antes. Slavik veio me buscar no quarto e com seus soldados sempre atentos a tudo, fomos conduzidos à arena. Não houve discurso desta vez, após todos se acomodarem, as portas foram abertas e os lutadores saíram.

O homem que Vladic enfrentaria possuía quase a mesma altura que ele e músculos. Ele tinha vencido seu oponente anterior, isso queria dizer que era um oponente a quem se deveria ao menos respeitar.

Já o desafiante de Yuri, apesar de também ter ganhado o combate anterior, pelo menos, fisicamente, parecia inferior a ele. Não restaria dúvidas em quem eu jogaria a minha aposta, o mesmo parecia acontecer como todas as pessoas eufóricas gritando por Vasiliev.

A grande desvantagem de Vladic foi a dura e covarde reprimenda que ele tinha recebido na noite anterior, e era isso que mais me preocupava. Mas eu não podia deixar que escorresse como veneno em meu coração. Então, continuei mantendo-me calma enquanto acompanhava os homens se dirigirem à mesa para escolherem suas armas.

De acordo com a programação em folheto que tínhamos recebido no dia anterior, conferi que Nakhan, a quem Vladic iria enfrentar, escolheu o estilo usado por Retiarius, um dos gladiadores mais reconhecidos, utilizando uma rede e um tridente. A rede para imobilizar o oponente e o tridente para atacar.

Vladic optou pelo estilo usado pelos Samnitas, munindo-se de um escudo retangular e uma espada curta chamada gladius.

A sirene tocou e eu cravei minhas unhas na palma da mão como da outra vez. Queria prestar toda a minha atenção na luta iniciando na arena, especificamente na briga de Vladic e Nakhan, mas eu tinha uma importante missão a cumprir. De forma silenciosa e que não levantasse suspeita, precisava encontrar e identificar Rurik, infiltrado entre a multidão, aguardar que ele se dirigisse para o local indicado e, no momento certo, dar o sinal para que ele entrasse em ação.

— Como estão as apostas, Górk? — ouvi Slavik sussurrar ao seu homem de confiança.

Levou quase cerca de quinze minutos para o *Avtoriyet* retornar contendo a informação que para mim e até mesmo a Slavik ficava cada vez mais clara.

— A maioria está sobre Milanovic.

Não tive como evitar o prazer que me dava ver o maxilar de Slavik ficar mais duro e seus olhos chisparem

fúria. Apesar de sua interferência, assim como no dia anterior, Vladic, após alguns minutos deixando o adversário atacar para descobrir seus pontos fracos, começava a demonstrar vantagem em seu oponente. Se ele não estivesse machucado e a perna que tinha feito a cirurgia pós tiro não colocasse um pouco mais de limitação, essa luta teria sido vencida há muito tempo.

A escolha das armas de Nakhan claramente mostrou não ter sido uma das mais inteligentes. Ele sabia empunhar bem o tridente, fazendo bons ataques, mas o mal-uso da rede o levava a perder força e velocidade.

No ponto alto da luta, Vladic conseguiu fazer com que a rede do oponente se enrolasse no escudo com o qual ele se protegia, e escapou por centímetros da lança arremessada sobre ele.

Com Nakhan desarmado, emitindo um olhar de terror e surpresa, assisti quando Vladic, usando a gladius, rasgou o pescoço dele de um lado a outro. Um corte tão profundo e violento que fez a cabeça cair para trás antes que seus joelhos sem vida beijassem o chão.

Foi uma morte sangrenta demais para que eu continuasse olhando e até mesmo a plateia emudeceu, alguns encarando a cena com assombro e outros, eufóricos.

Yuri Vasiliev também tinha vencido seu duelo. Ele tinha cravado a espada no estômago de seu oponente alguns minutos antes de Vladic concluir o dele.

A final que todos queriam e mais da metade das pessoas ovacionava, enquanto os dois finalistas cansados, caminhavam de encontro ao outro.

— Vasiliev contra Milanovic — a voz de Górk levou a plateia a inflamar, os pés batendo contra a madeira frágil que os sustentava de forma frenética — Apenas um deles sairá com vida.

Isso era o que eles pensavam, concluí abrindo um sorriso, assim que identifiquei Rurik em prontidão, aguardando o meu sinal.

CAPÍTULO 47

VLADIC MILANOVIC

A luta demorou mais tempo do que eu tinha planejado, mas tendo que considerar as desvantagens físicas que me encontrava, conseguir cansar e vencer Nakhan foi um feito incrível. Diferente do primeiro dia, pessoas agora berravam meu nome. Parecia que a torcida estava dividida entre mim e Vasiliev.

Eu não me espantava que ele chegasse à final comigo. Tinha que admitir, apesar do jeito caladão, de mais ouvir do que falar, Yuri era um cara esperto e o pouco que consegui notar enquanto nos concentrávamos nos duelos, era um guerreiro excelente e mal aproveitado na Tambovskaya.

Slavik não confiava nele ou temia quem ele era?

O que eu sabia é que se essa disputa que começaríamos a ensaiar para o público fosse real, eu não sairia dela com vida. Yuri estava fisicamente, e parecia mentalmente também, muito melhor. E eu continuava em pé, porque era preciso continuar a manter a atenção de todos em nós.

— Pronto para morrer, Vasiliev? — indaguei, mancando até ele.

A minha perna doía ao ponto de eu desejar pegar a espada de Yuri e arrancá-la. Em algum momento da luta com Nakhan, ele havia acertado um golpe potente exatamente na perna em recuperação. Uma simples coincidência ou a informação de que esse poderia ser o meu ponto fraco foi passado a ele?

Confiava mais na segunda opção. Para quem tinha ordenado os seus soldados a tentar me enfraquecer antes da batalha, passar essa informação privilegiada ao guerreiro que iria me enfrentar não seria nada.

Eu não lutei com os guardas quando invadiram a cela, quando começaram com os chutes, porradas e empurrões. A ideia era poupar minhas energias e proteger o máximo que poderia das costelas, que ficaram bem doloridas, mas não fraturadas, e a perna que foi o alvo maior do ataque deles.

Tive que ser bem convincente, ao me rastejar até a cama, enquanto eles riam ao acreditarem que eu me sentia acabado e humilhado, quando minha vontade real era aniquilar cada um deles.

Mas isso não seria melhor que ver a expressão raivosa de Slavik ao me ver vencer e, principalmente, assistir seu povo gritar o meu nome.

A luta com Vasiliev não seria real, mas por um momento eu desejei que fosse, que eu estivesse em condições melhores de enfrentá-lo, vencê-lo e, no fim, enfrentar Slavik. Homem a homem, e eu gostaria de ver se sua pose de machão continuaria de pé.

Bom, eu quase não conseguia ficar, tamanha a minha exaustão.

— Eu acho — Yuri fez um movimento com a espada vindo ao ataque — Que você fala demais, Milanovic.

A quem nos assistisse, o golpe de Yuri tinha força e agilidade, mas na verdade, ele mal tocara em meu escudo, enquanto eu dissimulava me defender e contra-atacar.

— Quanto tempo acha que vamos ter que continuar com isso? — indaguei quando ficamos muito próximos ao ter as armas enroscadas uma na outra.

Sua resposta foi um rápido olhar atrás de mim, em direção onde Irina se encontrava ao lado de Slavik.

Ele fez um leve movimento assentindo e antes que voltasse a atenção para mim, ouvi a primeira explosão. Foi no lado direito da arquibancada. Como uma escultura de dominós, vi toda a parte próxima à entrada começar a desmoronar.

Como esperávamos, as pessoas rapidamente começaram a entrar em pânico, correndo em direções diferentes, atropelando umas as outras. Outra explosão aconteceu em uma das salas que os lutadores usavam para

se preparar ou recuperar para a próxima luta. A sala que Yuri ocupou durante esses dois dias de luta.

A terceira explosão aconteceu próximo ao camarote onde Slavik se encontrava. E não eram apenas as explosões, mandando tudo pelos ares que mantinham todo mundo em pânico e fugindo como baratas desnorteadas. Uma densa fumaça branca começou a se espalhar pelo lugar, tornando difícil olhar ao redor.

Esta era a segunda etapa do plano, manter os soldados de Slavik às cegas enquanto Ivan, com sua equipe já infiltrada, começava a agir.

— Temos que ir agora, Milanovic!

Assenti e ele veio ao meu auxílio, ajudando-me a correr mais rápido em direção ao grande buraco na arena que ficou na sala que foi pelos ares.

— Irina — disse a ele, olhando em direção a uma das passagens que dava caminho até o camarote — Cadê Irina?

Não dava para ver muito devido a fumaça, mas eu insistia em tentar encontrá-la.

— Vou colocar você para fora — avisou Yuri — E volto para buscá-la.

— Nem morto eu deixarei minha esposa aqui — avisei, livrando-me de seu apoio.

Eu tinha vindo aqui por ela. Enfrentado tudo por ela. Lutado à exaustão por ela. Não havia possibilidade alguma de que saísse daqui sem ter Irina em meus braços.

— Ainda bem que você está vivo, Vladusik — ouvi sua voz bem-humorada e apesar de sentir um grande alívio, ainda não conseguir vê-la me deixava angustiado — Mas você nunca quebra uma promessa.

Como se fosse um sonho ou uma miragem, pouco a pouco fui vendo-a surgir entre a penumbra. Eu odiava que o traje que ela usava tivesse sido escolhido por Slavik, mas não era capaz de ignorar como ela estava perfeita, como se fosse uma deusa vinda dos céus.

— Nina — quando avançou mais rápido em minha direção e se jogou contra mim, a sensação que tive foi de voltar para casa.

Irina era meu lar. A minha fonte de paz e de alegria.

— Eu tenho você de volta — murmurei beijando seus lábios e rosto banhado pelas lágrimas de felicidade e alívio — Nunca mais vou permitir que a afastem de mim.

Uma promessa que estaria sempre no topo da minha lista.

— Precisamos ir — o aviso desta vez veio de uma voz conhecida.

— Tigran?

— Rurik estava ocupado acionando as bombas e Ivan, coordenando a equipe que iria invadir — disse ele, explicando a sua presença ao lado de Irina.

A criação dos projéteis tinha sido dela, enquanto fingia trabalhar incansavelmente no laboratório dando andamento

ao pedido de Slavik. Todos os ingredientes que ela precisou para montar as pequenas bombas, mas com hidrogênio, foram roubados do próprio galpão de Slavik, suficientes para causar um grande transtorno como acontecia.

Por mim, mandaríamos toda essa merda pelos ares, mas havia inocentes, mulheres, crianças e idosos que Irina se recusava a machucar. Ferir todo esse povo nos igualaria a Slavik, e, por enquanto, esta era uma missão de resgate.

— Consegui convencer a todos — continuou Tigran — que eu era melhor opção para fingir ser um guarda e trazer Irina até aqui.

Pelos tiros e gritos de guerra que ouvia por todos os lados, enquanto a confusão intensificava, sua sugestão era válida, cada um dos nossos homens em combate seria importante.

Havia muitas coisas a esclarecer, mas o efeito da fumaça, que genialmente Irina tinha idealizado para nos esconder enquanto agíamos, começava a se dissipar. Bastaria um dos soldados de Slavik avistar nosso grupo e um alvo seria colocado em nossas cabeças.

— E também trouxe isso comigo.

Eram duas pistolas, que ele tirou das botas que usava, entregando uma a mim e outra a Yuri.

— É melhor irmos agora — avisei a todos.

O que mais me importava estava novamente segura em meus braços.

Yuri seria nosso guia. Ele conhecia caminhos e passagem secretas para onde as pessoas em pânico não seguiriam. Assim que conseguíssemos chegar à floresta, outro grupo de soldados estaria nos esperando.

— Eu sabia que você era um traidor nojento — a acusação carregada de desprezo vinha de Górk, o *Avtorieyt* de Slavik que surgiu de uma das passagens do longo corredor por onde seguíamos — Slavik estava certo quando ordenou que eu viesse atrás de você.

Apesar de estarmos armados, Górk havia nos pego de surpresa e ele apontava sua arma para Irina. O desgraçado sabia que ela era o meu ponto fraco e que não tomaria nenhuma atitude precipitada que colocasse sua vida em risco.

Então, Vasiliev fez algo que jamais teria imaginado, ele se moveu rapidamente ficando entre Irina e a arma apontada para ela, enquanto mirava em Górk, também pego de surpresa. Foi uma ação arriscada, o soldado poderia ter reagido pelo imprevisto e ter atirado contra ele.

— Vão — foi a única coisa que disse sem olhar para nós.

Irina se remexeu em meus braços, mas eu a segurei mais firme. Ela não queria deixar Yuri para trás, mas não havia o que fazer. Eu acreditava que apesar de ter se mostrado corajoso e útil à missão, Tigran não tinha

habilidades com as armas, usava uma porque era uma questão de defesa.

— Vamos, *mílaya* — sussurrei a ela, mantendo-a na minha retaguarda enquanto lentamente circulávamos Yuri.

Não tínhamos mais tempo a perder. E sem as instruções de Yuri, conseguir encontrar a saída certa não seria nada fácil. Além disso, os sons de tiros começavam a diminuir e eu não sabia dizer se tínhamos ganhado essa breve batalha, ou se estávamos sendo escorraçados para fora.

— Vladusik — seus olhos cheios de lágrimas buscaram os meus.

Ficou claro que ela tinha pego um carinho por Yuri. Eu era grato por tudo o que ele tinha feito, por ter mantido a palavra em nos ajudar. Mas o que eu poderia fazer, porra?

— Seu fim, Valisilev — provocou Górk, agora, toda atenção concentrada em quem ele considerava um traidor — Seu fim será pior do que a prostituta da Raissa e o bastardo dela.

Não sabia quem era Raissa ou o garoto que Górk se referia, mas ter citado os dois, de forma tão desrespeitosa, não foi algo muito inteligente.

— Irina? — murmurou Yuri, quando estávamos alguns passos longe dele e da mira entre os dois — Cuida do Ulf? E da promessa que me fez?

Ouvi Irina balbuciar entre um soluço, confirmando que sim. Vivo ou morto ela cumpriria o pedido de Yuri.

— Você está muito ferrado, Vasiliev — sentenciou Górk.

Dei mais dois passos cautelosos enquanto observava um sorriso surgir no rosto de Yuri.

— Negativo.

A voz que eu conhecia, que encheu a mim e as duas pessoas ao meu lado de alívio, surgiu atrás do soldado. Assim como a pistola em sua cabeça.

— Você está muito ferrado — concluiu Dmitri.

A minha vontade era seguir até Dmitri e lhe dar um grande abraço de urso. A situação só me permitia agradecer com um sorriso, seu surgimento oportuno.

— Vasiliev, certo? — indagou Dmitri, empurrando Górk para frente, que foi desarmado por um dos seguranças que acompanhava o *Pakhan* — Quer ter o prazer?

Se a pergunta tivesse sido direcionada a mim, eu não titubearia um segundo antes de sacar minha arma e descarregá-la contra cabeça de Górk. No entanto, Vasiliev tinha ideias bastante diferentes. Ele buscou a espada que mantinha na lateral do corpo, a lâmina brilhou no breve momento em que ele a manipulou diante dos nossos olhos e com um movimento rápido, transpassou o abdômen do soldado com ela.

Em dois passos firmes, Yuri estava colado a Górk, girando o cabo da escada, enquanto assistia o rosto dele contorcer e os olhos esbugalharem de dor a cada movimento que ele dava.

— E você, Górk, vai sangrar como o porco que é — ele se agachou junto com o homem que caía agonizante — até a morte.

Desde que o conheci, essa foi uma das frases mais longas que Vasiliev disse. E mostrava bem que ele não era um homem que qualquer um se atreveria a brincar.

— Nós temos que ir — alertei a todos quando tiros cada vez mais altos se aproximavam.

Sentiria um imenso prazer em ver Górk se retorcer enquanto a vida esvaía a cada gota de sangue que perdia, mas o local proposital que Yuri o tinha atingido, daria a ele uma morte lenta e dolorosa.

— Vocês podem seguir em frente — disse Yuri, sua atenção ainda focada em Górk agonizando — Pegar o primeiro túnel à direita, duas saídas à esquerda. Ulf os guiará no restante até a floresta.

Puxei Irina para o meu lado quando nossos soldados seguiram na frente na direção indicada, mas ela estacou no lugar.

— Você tem que vir com a gente, Yuri — ela pediu, esticando a mão até o seu ombro — Slavik vai matá-lo se ficar aqui.

Os olhos dele foram em direção a ela, depois em mim, e por último, focou em Dmitri.

— Ele pode vir com a gente, não é mesmo, Dmitri? — insistiu Irina e me encarou buscando apoio — Vladusik.

Irina sabia que quando me chamava assim me desarmava. Mas mesmo que ela não usasse um truque tão previsível, eu tinha uma dívida com Vasiliev. Teria sido bem mais complicado e levado o dobro do tempo para executar o plano de fuga da Tambovskaya sem a ajuda dele.

— Dmi.

Pelas roupas que usava e apesar dos seguranças em volta dele, não era o *Pakhan*, mas meu irmão agindo e falando por ele.

— Tudo bem — Dmitri deu de ombros — Vou avaliar se é uma má decisão depois que sairmos daqui.

Assim como eu me sentia, Dmitri queria se ver bem longe dessa bomba relógio. Ele desejava voltar logo para Kyara e suas filhas, que o esperavam em casa.

Apesar da aceitação de Dmitri para que nos acompanhasse, Yuri permaneceu no lugar, mostrando-se relutante, o que eu conseguia entender. Mesmo estando em uma situação não muito agradável, tendo um *Pakhan* tão odioso como Slavik, a Tambovskaya era o único lar que ele teve, onde se formou um guerreiro, lugar onde ele tinha uma história, não era fácil deixar tudo para trás, rumo ao

desconhecido com pessoas que você não sabia se podia confiar ou se confiariam em você.

— Por favor, Yuri — o pedido choroso de Irina e seus olhos lacrimejantes em direção a ele o fazia titubear — Vem com a gente. Você ainda tem uma missão a cumprir.

Com essas últimas palavras, Irina pareceu ter despertado algo dentro dele. Yuri se afastou de Górk e iniciou nossa corrida para longe deste inferno.

Chegamos ao ponto que ele tinha mencionado e o cachorro nos esperava, como um dos soldados, aguardando comando.

Passamos por mais dois corredores até uma porta antiga de madeira, assim que passamos por ela encontramos os homens que seguiram na frente.

— Por aqui — avisou Yuri.

Uma passagem secreta no grande muro de pedra surgiu e após atravessá-la, caímos na floresta densa e escura.

Do castelo até um outro grupo de soldados nos esperando com os cavalos, levou mais ou menos vinte minutos de caminhada apressada. Eu não sentia dor, não sentia cansaço, apenas a adrenalina que fazia ajudar Irina a se afastar cada vez mais do lugar que foi nosso tormento.

No acampamento, fomos recebidos por soldados exultantes pelo sucesso da missão. Mas não havia tempo

para comemorações. Eu só me sentiria em paz de volta à Bratva, em nossos lares.

Com Irina, Tigran, Yuri, o imenso cachorro e o soldado que ficaria responsável por dirigir, entramos em um dos *off road* disponíveis. Dmitri e Ivan, que surgiu alguns minutos depois, com uma comitiva de segurança, seguiriam em outro.

— Acabou, Vladusik? — Irina se aconchegou mais a mim com seus olhos brilhando pelas lágrimas de felicidade.

— Essa batalha vencemos, Nina — respondi, buscando seus lábios — Apenas essa batalha.

Porque a guerra estava apenas começando e não tínhamos indícios de que terminaria tão cedo. Nós precisávamos nos armar ainda mais e fechar o cerco contra Slavik. Enquanto isso, ele tentaria se recuperar e preparar para o ataque final.

Por enquanto, eu estava feliz, em paz, se é que eu poderia dizer isso. Como eu tinha jurado, levando Irina para casa. Para a família e todos que a amavam e queriam bem e, principalmente, para a segurança dos meus braços.

IRINA MILANOVIC

A primeira coisa que quis saber ao chegarmos em Moscou foi como e onde estava o meu pai. O soldado que

dirigia não soube informar e, naquele momento, o mais importante era que ele dirigisse como se participasse de uma competição. Quanto mais longe ficávamos da Tambovskaya e dos possíveis soldados de Slavik, vindo ao nosso encalço, mais seguros estaríamos.

Assim que chegamos a um ponto seguro, fui informada por Dmitri que papai encontrava-se no hospital e foi para lá que todos nós seguimos. Um grupo bem peculiar que chamava um pouco de atenção, parecíamos personagens saindo de uma *Comic Con* ou festa à fantasia e acho que a maior parte das pessoas com quem cruzamos acabou chegando a essa conclusão.

Dmitri nos guiou para o andar e quarto onde meu pai estava internado. Havia dois homens de terno parados próximo à porta, mantendo o quarto protegido.

— Dr. Kovsky? — por sorte vi o médico e amigo da família saindo do quarto com uma enfermeira — Como está o meu pai?

Dmitri tinha garantido que ele estava bem e que o motivo de estar ali por alguns dias era para cuidar melhor do reimplante no dedo.

— Irina — seu olhar era aliviado e acho que até teria me abraçado se não fosse Vladic, vestido como um guerreiro atrás de mim — Que bom que está de volta.

Eu ficava feliz que ele se importasse tanto comigo, mas queria respostas sobre as condições do meu pai.

— O papai está bem? — repeti a pergunta.

— Sim, claro — ele respondeu tranquilamente — Convenci Viktor a vir apenas para acelerar seu processo de recuperação. Além disso, ficar aguardando notícias suas, deixava seus batimentos mais acelerados.

— Ele teve outro sinal de infarto?

Eu fiquei espantada e agradecida que no período que também ele foi mantido como refém, o coração não tivesse falhado.

— Estamos controlando isso — avisou ele, deixando-me mais aliviada.

— Posso vê-lo então?

— Claro que sim. Por alguns minutos e de forma que não o deixe emocionalmente cansado — disse ele e encarou Vladic — Não precisa cuidar desses ferimentos?

Eu me xinguei mentalmente por ter me esquecido disso. Vladic era sempre tão firme como uma rocha que deixei de dar a devida importância aos seus machucados.

— Vá com o doutor — pedi quando notei sua intenção em protestar — Vou ver o meu pai, em seguida, podemos ir para casa.

Apesar de vacilante, mas vendo meu olhar irredutível, ele concordou.

— Alguns guardas ficarão ao redor — avisou Dmitri antes que eu entrasse no quarto — Quando quiserem ir, vão

escoltá-los até minha casa. É mais seguro passarem essa noite lá.

Embora meu desejo fosse voltar para nossa própria casa, Dmitri tinha razão. A residência do *Pakhan* tinha se transformado em uma fortaleza impenetrável e eu tinha certeza de que Vladic não sossegaria até fazer o mesmo com a mansão Novitsky. E além disso, eu queria muito ver Kyara, Kalina e Yasha, a querida Darya, enfim, todas as pessoas que eu amava e que eu sabia que se preocuparam comigo.

— Obrigada — observei-o sair apressado e um dos seguranças abriu a porta para mim.

Queria fazer uma surpresa ao meu pai com meu regresso, mas a grande surpreendida fui eu. Inclinação contra a cama dele, correspondendo a um beijo, que faria Vladic e eu parecermos duas criancinhas trocando afagos inocentes no parquinho da escola, estava meu pai e Anastacia, a secretária dele.

— Papai!

Eu não sabia dizer se sua expressão em choque era mesmo por me ver, ou por ter sido pego em uma cena tão íntima.

— Filha? — A confusão mental logo deu espaço para um sorriso emocionado e ele esticou os braços em minha direção — Você voltou, filha.

Corri quase que cegamente, as lágrimas de emoção embaçavam minha vista, mas mesmo assim consegui notar a face envergonhada de Anastacia quando o abracei no outro lado da cama.

— Quando chegou? — ele me afastou um pouco — Por que está vestida assim?

— É uma longa história, pai.

Tentei fazer o melhor resumo possível de tudo o que tinha acontecido desde que ele fora liberado. Quando Vladic retornou mais limpo e com os pontos onde necessário, eu já me encontrava no fim do relato.

Meu pai o parabenizou e, principalmente, agradeceu por ter mantido até o fim a palavra de me resgatar. Eu queria ficar mais um tempo e fazer com que meu pai contasse nos mínimos detalhes seu relacionamento romântico com Anastacia, mas havia sido um longo dia para Vladic. Não fazia muitas horas que ele esteve na arena, literalmente, lutando por nossas vidas.

— Sabia que meu pai está namorando? — indaguei a Vladic quando saímos do quarto.

Um sorriso enorme cobria todo o meu rosto. Já tinha desconfiado no dia que o confrontei, e o beijo que flagrei hoje confirmava isso.

— Sério? — Vladic indagou com um sorriso divertido — Vai ver que não era apenas por causa de netinhos que ele queria apressar nosso casamento.

Ponderei rapidamente sobre isso e fazia sentido.

— E como você se sente sobre isso?

Meu pai nunca tinha levado uma mulher para casa e eu sequer conheci alguma de suas amantes.

— Eu estou contente, *míley* — Meu *otet's* tinha o direito a reconstruir sua vida e encontrar o amor novamente.

— Ele merece ser feliz.

— Como nós seremos, Nina — murmurou ele, buscando os meus lábios para um beijo.

Do hospital até a casa de Dmitri, não deixamos de nos beijar, tocar e sussurrar todo o amor que sentíamos um pelo outro.

— Voltou — ele sussurrou, roçando minha boca com carinho.

Olhei para fora e notei que o carro tinha parado.

— Dmitri pediu que passássemos a noite aqui — eu o relembrei o recado que tinha dado quando ele entrou no quarto do papai.

— Não me refiro à casa, Nina — sua testa encostou na minha e ele segurou meu rosto com delicadeza — Me refiro à cor que você trouxe de volta.

Tigran tinha me contado em um dos poucos momentos que conseguimos conversar que o nome dado à missão de resgate por Vladic foi *Caçada Gris*. A busca incansável por mim e o retomo para casa.

— E você é todo o meu arco-íris, Vladic.

— Nina — balbuciou, tomando-me outra vez para um beijo carregado de sentimento.

Eu era sua Nina e ele o meu, para sempre, Vladusik.

CAPÍTULO 48

IRINA MILANOVIC

Depois que passamos pela porta de entrada e que finalmente nos encontrávamos na segurança da casa do *Pakhan*, foi como se tivéssemos acionado um botão que nos desligasse de todo o mundo exterior.

— *Ya skuchal po tebe* — Vladic sussurrou em meus lábios, enquanto subíamos a escada, tentando, afoitos, tirar o que restava de roupas em nossos corpos.

Apesar das últimas vinte e quatro horas terem sido o maior tempo que estivemos juntos, fosse pelos preciosos momentos em sua cela ou durante sua luta, até o reencontro final, a saudade que sentíamos era a de podermos nos entregar ao nosso amor, sem sentir nenhum risco à nossa volta.

— *Ya lyublyu tebia* — ele me esmagou contra a porta do quarto que tínhamos na casa, e enquanto sua boca afoita buscava meus seios expostos, pelo vestido que ele tinha baixado, confessei meu amor.

Eu passaria todos os dias de nossas vidas de agora em diante declarando o quanto o amava, que era louca por ele e

como me sentia extremante feliz ao seu lado.

A certeza que, não importasse o que acontecesse, nós sempre estaríamos juntos, superando tudo, só me dava a certeza de que meu coração tinha escolhido o homem certo para amar.

— Lembra do que prometi, Nina? — Vladic abandonou a doce tortura que fazia em meus seios e seus olhos em chamas focaram-se em mim — Te foder um milhão de vezes.

As minhas pernas fraquejaram diante da promessa que eu tinha certeza de que ele se empenharia ao máximo para cumprir.

— Podemos começar do zero? — indaguei dando o meu melhor sorriso sexy a ele, pela forma que Vladic gemeu e sua boca furiosa buscou a minha, causou o efeito desejado.

Entramos no quarto às cegas. Vladic me guiava, para falar a verdade. Eu só me deixava levar por ele, por suas carícias e beijos.

Quando o ambiente finalmente ficou iluminado, observei que ele tinha nos conduzido até o banheiro.

— Vou te foder um milhão de vezes, Nina — reafirmou ele tirando as peças que ainda o cobriam, deixando-as cair no chão ao seu lado — Mas, primeiro, preciso tirar toda essa sujeira do corpo.

Eu entendia o que ele queria dizer, Vladic não se referia apenas ao suor devido a batalha, e o sangue de Nakhan manchando em algumas partes do seu corpo, mas que nos

sentíamos sujos por termos ficado em contato com seres tão asquerosos como Slavik e Górk.

Terminei de abaixar meu vestido com pressa e a calcinha se juntou a ele, ao lado do restante de nossas roupas. Eu mandaria queimar cada peça no dia seguinte quando a roupa de cama fosse trocada, não queria nada que me fizesse recordar esses dias terríveis, o que eu tinha cravado nas memórias seriam suficientes.

Vladic entrou no box e após ligar o chuveiro, estendeu a mão para mim. Levei cerca de um segundo para me juntar a ele. A água morna, vindo dos jatos duplos, era como carícias em nossas peles. Limpamos um ao outro com carinho e cada toque que dávamos e recebíamos acendia ainda mais a chama do desejo.

— *Ye-bat!* — Vladic grunhiu quando comecei a envolver seu pau com a minha mão, admirada que a cada movimento ele engrossava mais entre os meus dedos — Porra, Nina.

Ele me pressionou contra a parede do box e afastou minha mão. Sua boca faminta reivindicou a minha, iniciando uma série de beijos que nos fazia perder o ar. Uma de suas mãos cobrindo meus seios, amassando-os, beliscando o mamilo de forma que cada pedacinho meu reagia, enquanto a outra deslizava pela lateral do meu corpo, escorregando por meu ventre e se enfiando entre as minhas pernas.

— Vladusik! — gemi quando seu polegar encontrou meu clitóris e ele iniciou uma carícia que me fez encarar o

teto com os olhos semicerrados.

— Eu te adoro toda, Nina — com a declaração apaixonada, ele abandonou um pouco meus lábios — Cada pedacinho seu me deixa louco.

A língua desceu pelo meu queixo, pescoço, recebi deliciosas lambidas nos seios, chupões e beliscões que fizeram meu interior pulsar, quando os mamilos foram beliscados com seus dentes.

Mas a tortura de Vladic estava apenas começando. Ele tocou minha coxa, alisando-a até chegar à parte inferior do joelho e dobrou minha perna, colocando-a em seu ombro. Então, sua boca carnuda encontrou minha vagina e ele iniciou a segunda parte do tormento sexual que causava em mim.

Foram incontáveis e deliciosas lambidas, chupões que faziam minha voz reverberar chorosa pelo banheiro, enquanto eu impulsionava cada vez mais o quadril em direção a ele, implorando que nunca parasse.

Vladic me transformava em seu brinquedinho favorito. Ele fazia o que queria comigo e só me via pedindo mais. Eu queria ele. Queria tudo. A necessidade era tão forte e intensa que quase chegava a uma dor física.

— Vladic! — meu corpo parecia derreter e quando ele enfiou dois dedos em mim, tocando e provocando o ponto que ardia de prazer, comecei a convulsionar e gozar, com ele

intensificando o orgasmo enquanto chupava meu clitóris — Ah...

Quase escorreguei pelo box, sem forças quando ele voltou a colocar minha perna no chão, mas Vladic me manteve firme e com um agarre forte em minha cintura me fez ficar de costas para ele.

Deu um tapa ardido em minha bunda e uma chupada com vontade em meu pescoço, que mais uma vez me levou a estremecer.

Eu não sabia se conseguiria suportar mais, tanto prazer, mas quando começou a esfregar seu membro duro em minha boceta encharcada, eu só queria que não parasse nunca.

— *Ya hatchú tyebyá*^[23] — declarou ele deslizando para dentro e fora de minhas coxas escorregadias.

— Eu também te quero — confessei, na verdade era mais um pedido desesperado de que me tomasse logo.

Acho que minha confissão foi mais do que ele poderia suportar, ou, também, já estivesse em seu limite. Ele afastou minhas pernas, puxou minha cintura um pouco mais para trás, ergueu minha outra coxa e após uma carícia em meu clitóris inchado, que me fez morder os lábios e revirar os olhos, deslizou para dentro de mim.

Um grito engasgado de prazer saltou pela minha boca entreaberta. E cada centímetro de seu pau longo e grosso, tomando espaço e alargando minha boceta, fazia meu corpo estremecer.

Vladic começou de forma lenta, entrando e saindo de mim, fazendo-me sentir cada vez mais preenchida por ele, levando-me a um estado de prazer e insanidade que nunca tinha sentido antes.

— Ai... — gemidos lamuriosos cantavam por entre meus lábios e meu corpo parecia derreter como cera no fogo.

Sexo entre nós sempre foi muito quente, intenso, romântico, mas geralmente acontecia separados. Parecia que agora eu tinha todas essas sensações juntas e multiplicadas.

— Vladusik — suas investidas passaram a ficar mais profundas e rápidas.

Sentia o prazer se construindo tão forte em mim, que não tinha noção de mais nada à minha volta que não fosse Vladic. E um grito desvairado saiu de minha boca quando ele escorregou os dedos até o meu clitóris, acariciando, fazendo um intenso orgasmo explodir em minha cabeça.

Ainda estremecia ao sentir suas arremetidas finais e com um grunhido de êxtase ao liberar o próprio prazer, Vladic caiu sobre minhas costas.

Meu corpo tremia como se eu tivesse febre. Foi Vladic a desligar o chuveiro, pegar as toalhas e me carregar para o quarto. Estava tão extasiada que nem sabia direito algo tão simples como caminhar.

Ele nos secou, puxou as cobertas e deslizamos juntos para dentro delas.

Sua mão alisava minha cintura até as coxas em uma carícia gostosa.

— Saímos do ponto zero, Nina — lembrou ele, fazendo-me encará-lo com espanto, enquanto sorria de um jeito depravado.

— Vladic! — adverti, também sorrindo, enquanto o abraçava mais forte — Quero estar viva para chegar a um milhão e um.

Queria me manter acordada, mas o cansaço começava a ganhar a guerra contra mim, fazendo-me fechar os olhos.

Ouvi o lindo som de sua risada e senti seus lábios tocarem meus cabelos.

— Descansa, Nina — a carícia em meu rosto só me fez ficar ainda mais sonolenta — Você terá um milhão e um motivos para ficar acordada depois.

Quando despertei, Vladic não estava na cama. Por um momento, isso me causou uma espécie de pânico. Até que ouvi os sons vindo do banheiro e meu coração voltou a se aquietar.

Pulei da cama feliz, ignorei completamente o fato de que estava nua. Encontrei Vladic, também sem uma única peça de roupa cobrindo seu corpo e músculos perfeito. Eu o

empurrei para o lado com o quadril e procurei uma escova de dentes nova no gabinete.

Cada um cuidando de sua higiene matinal, mas sem desgrudar o olhar do outro pelo espelho. Havia promessas em nossos olhares que a cada segundo faziam meu sangue esquentar um pouco mais. Ele fez o bochecho expelindo o antisséptico bucal e ficou às minhas costas, me vendo em ação.

É claro que ele não ficaria apenas observando. Enquanto eu seguia, suas mãos corriam por minhas costas, lentamente. Deslizaram para os meus seios e eu quase me engasguei quando uma delas desceu até minha vagina úmida.

Observar Vladic me acariciando, através do espelho, de como meu rosto mudava e se contorcia a cada toque, dava-nos uma espécie de sintonia diferente.

Erótico. Sensorial. Apaixonado.

— Bom dia — ele murmurou beijando meu pescoço, segundos antes de afastar as minhas pernas e mergulhar para dentro de mim.

Agarrei a borda da pia e um gemido carregado de prazer foi minha resposta ao cumprimento matinal.

Na luz do dia, as marcas roxas ganhando uma tonalidade mais escura em sua pele, os pontos que tinha recebido, ficavam mais aparente. Mas de um jeito muito

louco, essas marcas ficavam sexy em Vladic. Era a prova de como ele era foda pra caramba. O meu herói. O meu tudo.

— Mantenha os olhos abertos, Nina — exigiu ele, segurando meu queixo, fazendo-me olhar para o espelho refletindo nós dois — Quero que se veja gozar. Que me veja gozar.

Era um pedido bem difícil de cumprir, principalmente quando estocava em mim de forma lenta, mas profunda o suficiente para impulsionar meu corpo para frente.

— Vladic — levei meu braço para trás, encaixando minha mão na lateral de seu pescoço.

Eu nunca me senti uma pessoa sexy até conhecer Vladic, mas nos observando no espelho que nos refletia, me via bonita, tão perfeita, como seus olhos admirados, diziam ser.

Ele seguiu, entrando e saindo de mim, nunca completamente, mas retornando com estocadas profundas. Eu quase não conseguia manter os olhos abertos tamanho o prazer, mas me esforçava muito a isso. Era lindo vê-lo preencher as mãos com meus seios e seu quadril impulsionar contra mim.

A cada minuto perdíamos mais a força com o prazer que crescia de forma desenfreada.

— Porra, Nina! — ele gemeu quando os meus gemidos começaram a sair mais frequentes e desesperados.

Então, Vladic me tocou onde sabia que me faria sucumbir e com outra arremetida gozamos juntos. Os olhos cravados no espelho, assistindo a expressão deleitada de prazer que causávamos um no outro durante o orgasmo.

— Vladusik? — chamei sua atenção enquanto ele me secava, após um longo e divertido banho de banheira — Podemos usar a cama desta vez?

Seus lábios formaram um bico sexy sendo pouco a pouco transformado em um sorriso perigoso.

— Possivelmente não vamos sair dela por semanas — conduzindo-me de costas até a cama, sem um único segundo desgrudar sua boca da minha.

A intenção era que ficássemos na cama por pelo menos os próximos cem anos, mas alguns assuntos mereciam a nossa atenção, como rever minha amiga, coisa que não tinha feito ainda; eu também queria saber como estava sendo o primeiro dia de Yuri na Bratva e o que seria feito do destino dele entre nós, como saber o saldo final do ataque à Tambovskaya.

Nós fomos os primeiros a chegar à mesa de café da manhã. Perguntei a Darya sobre seus senhores, ela avisou que logo iriam descer. Também avisou que o novo hóspede –

e citá-lo, deixava-a completamente vermelha – tinha acordado bem cedo. Avisou que ele ignorou o café da manhã, solicitando apenas algo para o cachorro, que ela achava assustador. E que Yuri encontrava-se no escritório do *Pakhan*, aguardando por ele.

Dmitri e Kyara surgiram um pouco depois e somente quando a bolha que os envolvia foi estourada, ao nos notarem observando as carícias que não tinham vergonha alguma em trocar, independente de quem estivesse observando, que ela deu um gritinho, correndo até mim.

— Irina — nos abraçamos e pulamos no lugar feito duas malucas, possivelmente sendo fonte de diversão entre nossos maridos — Não sabe como fico feliz em vê-la. Fiquei tão preocupada.

Eu sabia muito bem, quando ela também foi levada pelos Kamanev, não descansei um segundo até vê-la retornar.

— Senti muito a sua falta, Kyara.

Trocamos mais algumas confidências emocionais e nos juntamos aos homens para o café da manhã. Contei a minha versão, sem as partes dramáticas e até colocando notas divertidas de como tinham sido meus dias na Tambovskaya.

— Você é incrível, Irina — elogiou Kyara — Passamos por algo semelhante, mas foi você a salvar os mocinhos e trazer meu Dmitri vivo para casa.

Fiquei envergonhada com o elogio dela. Não era bem assim, eram situações completamente diferentes. Primeiro, o sequestro dela acabou me dando experiência de como eu deveria ou não agir. Segundo, apesar da promessa nojenta que Slavik me fez fazer para conseguir ver Vladic, ele não tinha nenhuma obsessão amorosa por mim, tudo o que ele queria era nos atormentar, embora eu não duvidasse que ele fosse exigir o combinado, se tivesse saído vencedor e Vladic, morto. Eu não gostava de pensar sobre isso e nem faria no futuro.

— A minha esposa — Vladic buscou minha mão sobre a mesa e beijou a ponta dos meus dedos — é foda pra cacete.

Apesar de derretida por suas palavras, encarei cada um seriamente.

— Por favor, parem com isso. Cada um fez a sua parte muito bem — voltei meu olhar e sorriso para Kyara — Agora, me conta como está a bebezinha mais linda do mundo. E a Kalina?

Falar das filhas era um assunto que Kyara poderia manter por horas a fio. E isso voltou a deixar a refeição mais leve e animada, como qualquer família normal gostava de ter.

— Vladic? — chamou Dmitri ao se levantar da mesa — Você me acompanha?

Era o momento de decidir o futuro de Yuri. Eu queria acompanhar a reunião, mas sabia que esse era um encontro

entre o *Pakhan*, o *Avtoriyet* e o estrangeiro. E também sabia que Vasiliev não ficaria confortável me vendo interceder por ele, algo que certamente aconteceria se eu estivesse presente.

— Dmitri — parei à sua frente antes que ele pudesse sair da sala — Eu sei que você pode ter dúvidas sobre o Yuri, mas ele é uma pessoa do bem. Foi o único guarda gentil comigo desde que cheguei à Tambovskaya...

Senti a mão de Vladic tocar minha cintura e ele me puxou para ele.

— Algum desgraçado tocou em você...

— Não dessa forma, Vladusik — virei rapidamente para ele antes que começasse a surtar — Mas você sabe que eles não tinham palavras gentis e nem muita sensibilidade. Yuri se preocupava até mesmo com o que eu comia, antes mesmo de propor o acordo com ele.

Enquanto explicava a Vladic que ele não tinha com que se preocupar, só tinha sofrido tratamentos bruscos e normais para a situação que me encontrava naquele momento, Kyara foi para o lado de Dmitri.

— As coisas poderiam ter sido muito diferentes sem a ajuda dele.

— Em relação a isso, Irina tem razão — me apoiou Vladic.

— Yuri servia a Alek e ele não aceitou o que Slavik fez ao irmão — contei a Dmitri — E apesar de não ter falado

ainda, acho que ele fez coisas ainda pior. Ele vai precisar da nossa ajuda e dei minha palavra que faríamos isso quando chegasse a hora.

Com certeza tinha a ver com a mulher e a criança que Górk tinha citado antes de morrer.

— Por tudo que já fiz até aqui, pela ajuda que dei para que recuperasse Kyara — eu não queria jogar isso na cara dele porque tinha feito de coração, mas essa era a única vantagem, além de recorrer a Vladic, para negociar a permanência de Yuri com a gente —, peço que o deixe ficar.

Mandar Yuri embora com um tapinha nas costas e um agradecimento seria o mesmo que jogá-lo entre os leões. Ao ficar do nosso lado e nos ajudar, ele deixou claro sua traição ao atual *Pakhan* da Tambovskaya. Ele seria caçado, e quando encontrado, morto da pior forma possível. Eu sabia que ele não ligava e que partiria sem olhar para trás. Parecia que a única preocupação de Yuri era o cachorro, sempre fiel, mas eu me importava muito com os dois.

— O que posso prometer, Irina — iniciou Dmitri encarando-me de forma serena — é levar tudo o que me disse em consideração.

Ele encarou Kyara, que esteve perto de dizer alguma coisa, e saiu.

— Vladic — segurei a ponta de seus dedos antes que se afastasse de mim.

— Acho que agora a decisão está mais com Vasiliev do que com Dmi, *mílaya* — disse ele e após um beijo em minha testa, seguiu Dmitri.

Kyara cruzou o braço no meu e a última imagem que conseguimos avistar foi Dmitri entrando no escritório e Vladic, com um olhar sério, fechar a porta.

— Vai dar tudo certo, Ira — Kyara afagou meu braço com carinho — Vamos ver as meninas?

Apenas assenti e a acompanhei em direção ao segundo andar. Porque, pelo visto, seria uma longa conversa entre os três.

Eu observava Kyara amamentar a filha, tendo Kalina em meu colo, quando algo muito importante me veio à cabeça.

— Nina — mas nem tive chance de compartilhar a aflição com minha amiga, pois Vladic surgiu no quarto exatamente neste momento.

Passei a menina em meu colo gentilmente para Darya e fui ao encontro dele na porta.

— Como foi?

Vladic me puxou para fora. Eu sabia que Kyara desejava atualizações da história, mas ela estava em um momento particular com Yasha e ele respeitava isso.

— Vasiliev vai ficar — avisou ele —, mas terá que fazer o juramento em breve e passar por um novo treinamento.

— Outro? — encarei Vladic, atônita — Você o viu lutar.

Yuri se igualava a Vladic em habilidade e força. Ele não precisava provar nada a ninguém. Além disso, ao nos ajudar, já tinha provado sua lealdade a nós.

— Sei que confia nele — destacou Vladic — Dmitri e eu achamos que também podemos confiar. Mas ele não nasceu na Bratva, Nina. Ele é cria da Tambovskaya. Os *Kapitany*, soldados e todos os membros na organização vão precisar de tempo para se acostumar e aprender a confiar também.

Eu acreditava em Yuri porque ele me parecia o tipo de homem que se guiava pela honra, exatamente como este à minha frente. Mas entendia que nem todos seriam tão abertos quanto eu. E levando em consideração tudo o que aconteceu e que ainda estávamos em guerra, não restava nada além de ser paciente e deixar Yuri provar a todos que ele era uma pessoa de bem.

— Tudo bem — acho que é o melhor que podemos conseguir por ora — Como dizem, tudo acaba bem quando acaba bem.

Era uma boa forma de tentar encarar nosso futuro sendo que dias sombrios ainda nos aguardavam no futuro.

Estávamos na cama. A noite já tinha caído e em algum momento teríamos que sair deste quarto para comer e interagir com as pessoas. Por enquanto estava bom como estávamos.

— Vladusik? — murmurei correndo a ponta dos dedos em seu peito, enquanto fazíamos uma pausa e recuperávamos nossas energias para outra maratona sexual — Acha que estamos chegando no número 4?

Ele pegou minha mão e deu uma leve mordida na ponta do dedo, depois o lambeu, me fazendo rir.

— Está trapaceando, Nina?

Com certeza já tínhamos passado dos dez.

— Eu nunca faria isso, *míley* — dei a ele o meu melhor e falso sorriso inocente — Nunca brincaria com uma coisa *tãooo* séria.

E por falar em coisa séria, recordei o que tinha me deixado apreensiva no quarto de Kyara enquanto a via amamentar Yasha.

— Vladic! — contorci-me em seus braços até conseguir apoiar os meus em seu peito — Eu me dei conta de uma coisa muito importante.

Ao ver as rugas de preocupação ganhando destaque em minha testa, ele se colocou em alerta.

— O que, *daragáya*?

— O anticoncepcional. Não os tomei desde que fui sequestrada.

E, depois, transamos muitas vezes, todas elas sem preservativo, nós os tínhamos abolido desde que Vladic entregou o exame médico a mim e eu avisei que me cuidava em relação à gravidez.

Seus olhos ficaram fixos em mim e inicialmente, enquanto pensava, não emitiu reação.

— Você quer fazer algo sobre isso, Nina? — indagou ele e a forma que encarou meu ventre com tanta esperança mal disfarçada me quebrou.

O combinado, e para castigar um pouco meu pai por suas armações para nos casar, era a gente esperar um pouco, enquanto curtíamos o casamento.

— Que tal a gente deixar que a vida decida pela gente?

— Você tem certeza? — indagou ele, cauteloso.

Muitas mulheres, até mesmo sozinhas, conseguiam conciliar a criação de um filho com o lado profissional, minha carreira nunca foi o motivo de me fazer querer esperar um pouco. E eu tinha Vladic para me apoiar em todos os passos dessa nova e assustadora aventura.

— Absoluta — um grande sorriso se formou em meu rosto — Um mini guerreiro ou uma garotinha nerd?

— Pode ser um garotinho nerd com pinta de sabichão — sugeri ele, afagando meu ventre, com carinho — Ou uma guerreirinha com cara de invocada, como a mãe.

— Ei! — bati em seu peito, fingindo estar zangada, mas estava imensamente feliz com a possibilidade de nossa

família ficar maior — Eu não sou invocada.

Talvez eu fosse, um pouco, mas só quando ele me dava motivos para isso.

— Não importa, querida, o que, ou como vai ser — disse ele me girando na cama, cobrindo meu corpo com o seu — Só sei que um filho nosso irá me deixar feliz pra caralho.

Acho que o único que poderia ganhar de sua empolgação e expectativa era o meu pai, que diariamente lamentava ter que esperar pelo tão sonhado netinho.

— Vou ser um pai do cacete! — ele praticamente gritou no quarto.

De alguma forma, eu entendia a importância disso para Vladic. Por mais que Mikhail tenha cuidado e mantido Vladic por perto, e tê-lo amado à sua maneira, não foi completamente o que ele precisara como filho.

Ele me beijou feliz e voltamos a nos entregar à paixão. Se um bebê já não estivesse em meu ventre, com toda certeza, a missão de Vladic seria continuar tentando. Essa era a parte mais prazerosa e divertida de tudo isso.

— Eu te amo, Vladusik — murmurei, tendo os meus olhos úmidos e emocionados conforme ele me levava ao prazer.

— Eu te amo muito, Nina — o amor que via nos dele, que Vladic me provava com gestos a cada dia, me fazia sentir a pessoa mais afortunada do mundo.

Eu tinha propriedades, dinheiro, joias, mas minha real riqueza estava em meus braços, despejando sua semente em mim e, quem sabe, multiplicando ainda mais nosso amor.

— Nosso amor acima de tudo — declarei, fazendo uma adaptação do nosso juramento à Bratva.

— Você é o meu tudo, Nina.

Ele beijou meus lábios com carinho e eu me senti exatamente o que éramos. Duas peças se encaixando.

Tornando-nos um só.

Epílogo

IRINA MILANOVIC

Eu já estava com seis semanas e essa era a minha primeira ecografia gestacional. A cada etapa, desde o exame comprado em farmácia ao de laboratório, que confirmou minha gravidez, vivíamos com grande empolgação.

Hoje, não seria diferente. O exame tinha sido marcado para a parte da tarde. Meu pai já tinha ligado umas dez vezes pedindo que eu não mergulhasse no trabalho, como sempre fazia, e acabasse esquecendo o horário da consulta. Como se fosse possível com Vladic enviando dezenas de mensagens, questionando se estava me sentindo bem.

Eu estava ótima, nunca me senti tão bem e cheia de energia. Tudo em mim era em dobro, a fome, a empolgação no trabalho e o desejo por sexo. E olha que só estávamos no início.

— Nina?

Encarei o relógio que tinha no computador. É claro que Vladic chegaria mais cedo. Mas precisava ser quase duas horas antes do combinado para me pegar no trabalho?

— Vladic!

Ele ignorou completamente meu olhar repreendedor e fulminou Tigran em sua tentativa de fazer gracinha. Antes que eu pudesse ponderar sobre toda essa situação exagerada, me vi dentro do carro.

— Vladic, a gente só precisa estar lá às cinco horas.

Não tinha batido nem duas horas ainda.

— Pode ter trânsito. Acidente de trânsito. O pneu pode furar — ele começou a pontuar com os dedos, acreditando mesmo que sua explicação tinha lógica — Pode surgir um problema no motor e...

Bom, em relação ao trânsito, se acontecesse um acidente não haveria muito o que pudéssemos fazer, mas sobre o carro, um dos dois que seguiam à nossa frente com um batalhão de seguranças e os três de trás, poderiam ajudar, em último caso, chamaríamos um taxi.

Mas eu decidi não discutir com ele. Kyara tinha me alertado que a situação só iria piorar e que, portanto, eu me acostumasse. Eu nem conseguia imaginar como seria quando minha barriga começasse a crescer, ou chegasse a hora do parto.

— Então, vamos lá — disse a médica indo para o seu lugar ao meu lado, enquanto Vladic se mantinha no outro, segurando a minha mão — Preparados?

— Sim — respondemos juntos.

Ela começou a rolar o aparelho em meu ventre e as imagens começaram a ganhar mais formato na tela.

— Olha só aqui um... — disse a doutora enquanto eu, sem acreditar, fixava o olhar na tela — e bem aqui, o segundo bebê.

— Segundo — balbuciei sentindo meus olhos se encherem de lágrimas.

— São dois bebês? — Vladic apertou um pouco mais minha mão ao perguntar.

Nenhum de nós dois conseguia acreditar no que víamos e nos revezamos entre encarar um ao outro e a tela.

— Isso mesmo.

— E já dá para saber o sexo? — indagou Vladic, ansioso.

— Lá pela décima terceira semana, papai — disse ela e pareceu não resistir à provocação — Se eles ajudarem, é claro.

— Não vou passar pela mesma angústia de Dmitri — avisou ele; o tormento que via em seu rosto fazia-me rir — Nem que precisemos vir todos os dias neste consultório.

— Amor, se não der pelo jeito tradicional, há um exame de sangue que consegue — acariciei seu peito e fiquei impressionada ao ver como seu coração batia forte.

Parecia que quem teria os bebês era ele.

Depois da surpresa inicial, a médica seguiu com o exame e respondeu todas as novas perguntas e dúvidas que surgiram.

— Viktorova, você não vai acreditar — começou Vladic assim que a ligação que ele fez ao meu pai foi atendida — São gêmeos. Caralho, eu vou ser pai de dois bebês.

Se ele não estivesse segurando firme a minha mão, guiando-me pelos corredores da clínica, diria que fui completamente esquecida por ele. Vladic só queria gritar aos quatro ventos que teríamos gêmeos.

— Dmi? Você não vai acreditar, cara — não conseguia entender por que para o irmão ele tinha feito uma ligação de vídeo — São gêmeos, cara! Dois bebês.

Quando entramos no carro e vi parte da cara emburrada de Dmitri, consegui entender. Esses dois idiotas iriam levar para uma competição quem mais colocava Milanovics no mundo.

— Supera, porque nisso eu sou melhor do que você — seguiu ele com a provocação enquanto eu tentava responder uma mensagem de Kyara me parabenizando e me convidando para fugirmos juntas — Dois bebês numa tacada só.

Eu nem me arriscaria interferir nessa provocação dos dois. Eles sempre faziam coisas idiotas de homens. Mas quando Vladic desligou, procurando outro número na agenda, tomei o telefone dele.

— O quê? Preciso avisar o Savin — disse ele com olhar todo inocente — Ao Ivan, Rurik, Tigran, Yuri... Talvez mandar fazer um comunicado.

— Vladusik! — apesar da forma carinhosa, o encarei firme e pulei em seu colo, dobrando meus joelhos e cada lado de sua cintura — Cala a boca e me beija.

— *Ye-bat*, Nina — ele acariciou minha bunda com uma mão e com a outra, agarrou minha nuca me puxando para um beijo.

Ainda tínhamos algumas centenas de vezes que ele tinha que cumprir a promessa de me foder. O problema era a que minha contagem nunca conseguia sair do quatro.

— Quatro e meio, Vladusik — murmurei trêmula quando seu membro duro escorregou para dentro de mim.

— Meio não vale, *mílaya* — a estocada mais funda me fez morder os lábios com força para que o meu grito de prazer fosse ouvido dentro e fora do carro — Vamos ter que começar do zero.

Bom, nós tínhamos que começar de algum lugar.

Eu me encarava no espelho tentando notar alguma mudança em mim com a gravidez, mas ainda era muito cedo para isso.

— Amor, tudo bem?

Vladic parou atrás de mim, colhendo-me em seus braços fortes.

— Eu vou limitar isso, Vladic — graciei com ele — Só vai poder perguntar se estamos bem duas vezes ao dia.

Ele me virou de frente a ele e me encarou com uma expressão endiabrada no rosto. Eu ficava pensando quais traços de Vladic nossos filhos – ainda não acreditava que eram dois – herdariam. Eu, com toda certeza, gostaria de ter esses minis sorrisos.

— Ah, é? Então, para cada pergunta que me negar — disse no mesmo tom brincalhão — Vou tirar dez rodadas de sexo.

— Não. Isso não é justo.

— Minha promessa, meu bem — ele deu batidinhas em minha bunda — Minhas regras.

Eu fiz mentalmente o cálculo entre as quantidades de perguntas que ele faria durante toda a gestação e quantidade de sexo que eu iria perder.

— Retiro o que eu disse, Vladusik — sugeri obediente, arrumando a gravata que ele havia colocado.

Ficar sem tudo aquilo de sexo, mesmo que a possibilidade chegasse quando eu estivesse com oitenta anos. Ah, não, isso era demais.

Nos beijamos da forma apaixonada de sempre e quase esquecemos que tínhamos um compromisso com meu pai essa noite.

— Antes do jantar, eu quero te mostrar uma coisa — disse ele, pegando minha mão, guiando-me para fora do

quarto — Na verdade, te dar.

Estava muito curiosa, mas ele não abriu o bico até chegarmos à biblioteca. Yulia, segurava uma caixa que parecia mexer em suas mãos.

Vladic fez um sinal para que ela se aproximasse e antes que parasse à minha frente, um ganido me deu sinais do que se tratava a surpresa.

— Ah... um filhotinho de husky siberiano — quase entrei dentro da caixa para tirar o bichinho agonizado.

— Adotei essa raça porque assim que o vi, os olhos dele me fizeram lembrar os seus — disse Vladic e a declaração me emocionou ainda mais.

Eu não conseguia decidir se continuava a acarinhar o cachorrinho, ou se pulava nos braços de Vladic, que me encarava com amor. Acabei fazendo um pouco dos dois.

— Já temos os bebês. O cachorro — abri um sorriso gigante para ele enquanto, pesarosamente, devolvia o filhotinho a Yulia para podermos seguir rumo ao jantar — Agora, só falta o gato.

— Mulher, você já tem o gato — respondeu ele, fazendo um olhar muito sexy — Eu sou o gato.

Convencido.

Mas eu não poderia contrariar isso. Chegamos à sala ainda abraçados e não encontrei meu pai sozinho. Anastacia estava com ele, os dois próximos à lareira, ambos segurando

uma taça de vinho e tinham um olhar apaixonado um pelo outro.

Eu tinha acreditado, inicialmente, que o motivo do jantar era para comemorar sobre os gêmeos. Bom, talvez fosse, mas havia uma razão a mais.

— Bom, eu queria dizer — meu pai se levantou da mesa e buscou a mão de Anastacia para que se erguesse com ele — Estou muito feliz em relação aos bebês, querida.

Ele me deu um olhar cheio de amor, que eu correspondi com o meu emocionado. Kyara tinha razão, a gravidez deixava a gente muito emotiva.

— Eu e Ana decidimos nos casar.

Sinceramente? Se ele não desse logo essa notícia, eu que inventaria uma doença superdelicada para obrigá-lo a isso.

Sei que meu pai sempre amaria minha mãe de alguma forma. Mas o amor que eu presenciava ao vê-lo com Ana, parecia algo mais calmo, maduro, bonito de se ver.

Vladic cuidou de estourar a champanhe, eu fui até ela admirar o anel que tinha percebido em seu dedo durante o jantar.

— Eu não tive filhos — ela confessou em um momento que os homens tinham saído para o charuto, embora Vladic não fumasse nada — Fico muito feliz que me aceite, Irina, e se me deixar, ser avó dos seus bebês.

— Eu ficaria muito feliz com isso — respondi chorosa.

E mais uma vez os hormônios de gravidez falavam por mim. Ou eu os usava descaradamente para justificar eu ser uma chorona.

Depois de um tempo e sem nenhum sinal de fumaça, com uma camisa nova, sem gravata, Vladic se juntou a mim no sofá.

Ana e meu pai estavam na janela observando a noite bonita que estava fazendo lá fora e eu, com um sorriso todo bobo, admirava os dois.

O amor era algo tão poderoso que deveria ser como um vírus contagiando todas as pessoas. Talvez o mundo fosse melhor.

— O que está pensando, *mílaya*?

Voltei minha atenção para ele, que me puxou para os seus braços ao se sentar no sofá comigo.

— Em como sou feliz. Agora. Com você. Todos os dias.

Porque felicidade real mesmo, estava nas pequenas coisas e em todas as pessoas que amamos e nos amavam de volta.

Nossa família crescia e com ela, meu amor por todos eles.

— Amo você, Vladusik — ao ver seus lábios se aproximarem dos meus.

Ya lyublyu tebia, ele respondeu entre os meus lábios sorridentes e fazendo o que ele sabia de melhor, que eu esquecesse do mundo além de nós.

Uma espiada no próximo livro
da série

TORMENTO ÍNDIGO

Nos Braços da Máfia

Livro 4

A Irmandade acima de tudo



IVAN TROTSKY

Quando Dmitri avisou que queria uma reunião tendo presente sua esposa e a de Vladic, meu sexto sentido dizia que coisa boa não viria. Eu respeitava muito as Senhoras Milanovic, não apenas por serem as esposas do *Pakhan* e *Avtorieyv*. As duas, em situações diferentes, provaram ser corajosas e duronas.

Mas eu tinha coisas mais importantes para pensar como: devido ao ataque que fizemos à Tambovskaya, tivemos uma perda significativa de homens.

Eu precisava recrutar mais homens para o treinamento de *Vor*. Ainda controlar todos os dias, quando me levantava da cama, o desejo incomensurável de eu mesmo seguir até Slavik e com minhas próprias mãos acabar com a vida dele. Isso quase que me mantinha cego para tudo e somente o meu trabalho e visitas que vazia a Kalina, trazia um pouco de serenidade em mim.

Devido os dois lados terem baixas significativas, as coisas andavam um pouco calmas. Mas não podia esquecer que, apesar de dificultarmos os recebimentos de armas de Slavik, ele ainda estava muito bem abastecido. Esse ainda não era o melhor momento para o ataque. Quando

fizéssemos de novo, dessa vez, seria para eliminar Khomiakov de uma vez por todas.

— Por isso o CTF é importante — finalizava Irina com paixão — Mulheres podem lutar e mulheres podem se defender.

Havia sido esvaziado, limpo e disponibilizado a elas um galpão para que utilizassem para esse fim. Fiquei sabendo, através de alguns soldados de minha equipe, que os homens não estavam felizes com essa notícia e que tinham proibido suas filhas ou mulheres de se candidatar. Portanto, o lugar seguia vazio desde sua inauguração há duas semanas.

Não dei atenção a nenhum dos boatos e conversas porque minha cabeça já estava cheia o suficiente com outras coisas. E também não achava que ali era lugar para mulheres. Irina e Kyara foram casos bem isolados e que causaram confusão demais.

— Com todo respeito, Sra. Milanovic — como essa era uma reunião de trabalho, não poderia me dirigir a ela de outra forma — Ainda estamos diante de uma guerra. Nenhum *Kapitan*, *Vor* ou mero soldado vai permitir que suas mulheres se coloquem em risco por causa de uma disputa entre gêneros.

— Disputa entre gêneros? — Irina me encarou com fúria.

Putá merda. Eu tinha me expressado muito mal.

— Calma, amor — Vladic colocou a mão em sua frente de forma protetora e me encarou com raiva — Ivan, um dia já pensei como você. Então, eu vi essa garota criar um chip fodido pra caralho. Criar um programa que vai nos permitir roubar e apagar informações do governo, para nos proteger. Porra! Até uma bomba ela fez. Eu garanto que se um dia precisar que alguém me resgate, confiaria em Irina.

A declaração dele a fez soluçar e pular nos braços dele. Parte por todo esse negócio que Vladic se queixava quando os dois discutiam, sobre hormônios de grávida, e parte porque até para mim que achava toda essa história de centro de treinamento feminino uma grande perda de tempo e recursos, podia perceber que a declaração foi muito boa.

— Eu só não entendo por que eu tenho que me envolver nessa história — Olhei para Vasiliev e seu cachorro em silêncio no outro canto da sala.

As coisas não andavam muito bem para ele na Bratva, grande parte não conseguia aceitar um forasteiro entre nós, mesmo sendo um lutador excelente, como ele já tinha provado em algumas disputas no ringue.

— Por que não o Yuri? — Apontei para ele que não manifestou nenhuma expressão à minha sugestão — Quem sabe o projeto dando certo, as pessoas mudam a forma de o olharem?

— Você é o chefe de segurança, Ivan. Depois de mim e Vladic, é em quem mais elas confiam e sentem segurança

— declarou Dmitri — E não preciso dizer que essa é uma ordem do *Pakhan*.

Eu tinha um espírito rebelde que a minha profissão ajudava a controlar. Neste caso, eu não tinha mais nada que dizer. A palavra do *Papa* era lei.

— Como quiser, *Papa* — respondi entredentes — Irei até o CTF imediatamente e estudarei uma forma de incentivar os *Kapitany*.

O que eu queria?

Recrutar homens suficientes e o mais rápido possível e esmagar Slavik.

O que teria que fazer?

Passar um tempo entretendo garotinhas que queriam brincar de soldado.

Zhizn 'ebet meya! A vida estava mais uma vez fodendo comigo.

Cheguei ao galpão, que eu deveria admitir estava muito bem equipado, não devendo nada aos dos homens, sendo apenas um pouco menor, não sabendo dizer se tinha respondido que fosse com um aceno de cabeça todas as pessoas que me cumprimentaram.

Eu amava o meu trabalho e foram raras a vezes que fiz algo que não queria. Mas gostando ou não, eu sempre

fazia com perfeição o que me era ordenado.

Pois bem, engoliria as jovens que se atrevessem a se candidatar, isso se alguém recebesse autorização a participar, e não suavizaria em nada em relação aos treinamentos. Seria tão exigente como era com os meus soldados. Iríamos ver quantas delas seriam capazes de ir até o final e se formar.

— Olá — estava preso nesses pensamentos até que divertidos quando uma voz suave me tirou dessas divagações — É aqui o centro de treinamento para mulheres?

Virei em direção à voz, pronto para fazer a possível garotinha, querendo brincar de soldado, sair correndo assustada com apenas a força do meu olhar duro.

Grande equívoco, parecia que o surpreendido seria eu.

Putá que pariu!

Agradecimentos

Escrever o livro de Vladic foi um desafio para mim e devo confessar que também foi uma grande surpresa. Eu não imaginava que sentiria tanto amor por esse personagem e que viveria grandes emoções com ele. Finalizo o livro, sentindo-me apaixonada e não posso deixar de expressar minha gratidão por algumas pessoas, que me ajudaram ou apoiaram, durante processo de escrita.

À Adriana Melo, Ana Rascado, Marcia Leão, Josi, Dani e Claudia, que ajudaram a betar o livro. Vocês foram fundamentais para que o livro do Vladic ficasse perfeito, apontando erros e me dando dicas importantes.

À Vânia Nunes que fez a revisão final e viajou comigo na construção da história.

Agradeço também a autora Lisa Cross. Você é minha *Girl Power!* Obrigada por todo apoio e incentivo. Só desejo coisas lindas para você.

À Erica Macedo, minha anja-carrasca, amo você e nossas confusões.

Sirlene Dias, Rosiane Conrado, Yasmin Chaves, Stefanie Ferreira, Ava Nunes, Faby Ferreira, vocês representam todas as leitoras amadas, que sempre apoiam cada trabalho meu. Recebam todo o meu amor e carinho por vocês.

Não posso esquecer das minhas Bezerretes no Whatsapp, Grupo no Facebook e Instagram.. Eu sou muito grata pelo carinho e apoio que recebo todos os dias.

Agradeço também os blogs parceiros, que sempre estão ajudando a espalhar os meus livros pelo mundo. As minhas amadas leitoras no Wattpad e pelas mais de 200 mil leituras do livro lá.

Obrigada à Deus, por me dar forças, saúde e esse dom, que espero melhorar a cada livro.

Até a próxima história.

Bratstvo prezhdе vsego!

[1] Ya ub' yu tebia: Vou matar você.

[2] Hfn0.38C0.51: uma combinação de háfnio, nitrogênio e carbono, em quantidades certas, poderia resistir aproximadamente 4.126 graus Celsius. Essa temperatura corresponde a dois terços da temperatura da superfície do sol.

[3] O Valknut simboliza o poder da vida sobre a morte. Isso porque ele toma parte no culto dos mortos, sendo o símbolo de Odin, o deus que conduz as almas para a vida eterna. Encontrado por arqueólogos em ruínas que remontam à época dos vikings - séculos VIII a XI.

[4] Ti krassívaia: Você é linda.

[5] Nina: Uma curiosidade sobre os russos, é comum apelidos de tratamento, seja em família ou amigos. Nas relações de trabalho, usa-se os dois primeiros nomes e completo apenas em situações jurídicas. O apelido varia de acordo com o grau de intimidade e relacionamento afetivo.

[6] Kiska: gatinha.

[7] Króchka: Migalha de pão, palavra carinhosa que se usa para mulher no sentido de pequena.

[8] Brat: irmão.

[9] Sestrá: irmã.

[10] Ya skuchal po tebe: senti sua falta

[11] Doch: Filha

[12] Ya lyublya tebia: Eu te amo.

[13] Vot eto pizdets: *Que droga!*

[14] Da: Sim.

[15] Magnum 500 S&W **MAGNUM** é um calibre da família dos . 50 (12.7mm) desenvolvido pela empresa Cor-Bon em parceria com a renomada fabricante americana de armas Smith & Wesson. Desde seu princípio este calibre foi pensado para ser usado na arma curta **mais** poderosa de todas.

[16] Vot eto pizdets: Que droga!

[17] Ya skuchal po tebe: senti sua falta

[18] Zhizn 'ebet meya: A vida está fodendo comigo.

[19] Blini: um tipo de massa de panqueca

[20] Ona krassívaia: ela é linda.

[21] Bratstvo prezhdé vsego: A Irmandade acima de tudo.

[22] Amish: É. um grupo religioso cristão anabatista baseado nos Estados Unidos e Canadá. São conhecidos por seus costumes ultraconservadores, como o uso restrito de equipamentos eletrônicos, inclusive telefones e automóveis. Quando se fala dos amish hoje, quase sempre se refere aos amish da antiga ordem.

[23] Ya hatchú tyebyá: Eu te quero.